

TIARAJU PABLO D'ANDREA

A FORMAÇÃO DAS  
**SUJEITAS**  
E DOS **SUJEITOS**  
PERIFÉRICOS

Cultura e política  
na **periferia** de São Paulo



**DANDARA**  
EDITORA

TIARAJU PABLO D'ANDREA

A FORMAÇÃO DAS  
**SUJEITAS**  
EDOS **SUJEITOS**  
PERIFÉRICOS

Cultura e política  
na periferia de São Paulo

**DANDARA**  
EDITORA

## **Ficha Técnica**

Direção Editorial | **Joselicio Junior**

Preparação de texto e revisão | **Eveline da Silva**

Projeto gráfico, diagramação e arte de capa | **Estúdio Flicts**

Direção de Logística | **Joselicio Freitas dos Santos**

Comunicação digital e redes | **Thiago Eugenio da Silva**

## **Editora Dandara**

[www.dandaraeditora.com.br](http://www.dandaraeditora.com.br)

**Fundação Rosa Luxemburgo - Brasil e Paraguai**

Diretor | **Torge Löding**

Coordenador de projetos | **Jorge Pereira Filho**

## **Conselho Editorial**

Adriana Eiko Matsumoto - Unifesp

Carla Liane Nascimento dos Santos - UNEB

Cristiane Luíza Sabino de Souza - UFSC

Dennis de Oliveira - USP

Ellen Souza - Unifesp

Fabio Nogueira de Oliveira - UNEB

Flávia Rios - UFF | Handerson

Joseph - UFRGS

Ivan Maia de Mello - UFBA

Luiz Fernando de França - UFOPA

Marcio Farias - Celacc (ECA-USP)

Rosane Borges - USP

Tiaraju Pablo D'Andrea - Unifesp

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

D'Andrea, Tiaraju Pablo

A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos : cultura e política na periferia de São Paulo / Tiaraju Pablo D'Andrea. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Dandara, 2022.

ISBN 978-65-88586-19-8

1. Ciências sociais 2. Favelas 3. Favelas - São Paulo (SP) - História 4. Periferias urbanas 5. São Paulo (Cidade) - Condições sociais  
I. Título.

22-121429

CDD - 307.3364098161

**Índices para catálogo sistemático:**

1. São Paulo : Cidade : Favelas : Sociologia  
307.3364098161

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



“Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é de responsabilidade exclusiva do autor e não representa necessariamente a posição da FRL”

**Esta obra possui a licença Creative Commons de Atribuição  
+ Uso não comercial + Não a obras derivadas (BY-NC-ND)**

# Sumário

Prefácio Dennis de Oliveira	9
Cena 1. <i>“Raízes”</i>	14
Cena 2. <i>“Memórias de um rapaz comum”</i>	24
Cena 3. <i>“Escutando o sujeito periférico”</i>	32
Introdução:	
Contar a própria história, entender a sociedade e mudar o mundo	39
Capítulo 1.	
Breve história do termo/conceito periferia: mutações e disputas	65
A preponderância acadêmica	66
A preponderância periférica	76
A preponderância da indústria do entretenimento	83
Capítulo 2.	
1993: Neoliberalismo, Violência e Pobreza	89
Capítulo 3.	
Processos sociais ocorridos nas periferias a partir da década de 1990 visando diminuir a violência	103
Soluções formuladas externamente a periferia: as ongs e as políticas públicas	104
Soluções formuladas internamente a periferia: evangélicos, PCC e coletivos culturais	111
Evangélicos, PCC e Coletivos Culturais enquanto expressões da necessidade de uma ética regulatória	115
Capítulo 4.	
Os Racionais MC's: a melhor expressão de um tempo histórico	121
A obra dos Racionais MC's e a relação com os tempos históricos: as distintas fases	123
Análise das temáticas presentes na obra dos Racionais MC's	139
Racionais 30 anos	153
Cena 4. <i>“Um show dos Racionais”</i>	154

<b>Capítulo 5.</b>	
<b>Os Coletivos Culturais das Periferia</b>	<b>157</b>
Por que a periferia foi fazer arte?	162
Três teses gerais	172
Os coletivos culturais das periferias na encruzilhada: larô yê	176
<b>Capítulo 6.</b>	
<b>Periferia como compreensão alargada e contemporânea de classe trabalhadora</b>	<b>183</b>
Trabalhador(a) e periférico(a)	183
Periferia enquanto denúncia, pacificação e união	190
Periferia enquanto classe trabalhadora	196
<b>Capítulo 7.</b>	
<b>O conceito de sujeitas e sujeitos periféricos</b>	<b>203</b>
Sujeitas e sujeitos periféricos como um bordado formados por vários pontos: contribuições para a definição dos conceitos vivência, habitus, experiência, subjetividade, identidade e consciência periférica	204
<b>Cena 5. “periférico é periférico em qualquer lugar”</b>	<b>206</b>
O conceito de sujeitas e sujeitos periféricos	224
<b>Posfácio.</b>	
<b>Dilemas das periferias contemporâneas e os desafios para o novo ciclo histórico</b>	<b>245</b>
<b>Cena 6. “A periferia real”</b>	<b>245</b>
Cinco crises como condições de produção da tragédia da pandemia	247
A atualidade de três agentes sociais: PCC, evangélicos e coletivos culturais	248
O papel da ideologia dominante no contexto da crise	250
Desafios para o novo ciclo histórico	251
O entrelaçamento de Classe, Gênero e Raça no Território	251
Três tarefas	255
A construção do futuro a partir das periferias por meio da tríade vivência, teoria e projeto	263
Síntese do livro	265
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>267</b>

Este livro está dedicado

À minha avó  
Margarida,  
de Jahu,  
operária e  
dona de casa.

e

À minha avó  
Angela,  
de Turdera,  
operária e  
dona de casa.

Mulheres de antanho.

Mulheres de luta.

A todos os jovens das quebradas que  
tiveram seus sonhos interrompidos.

*“Dois de Novembro era finados  
Eu parei em frente ao São Luis do outro lado  
E durante uma meia hora olhei um por um  
E o que todas as Senhoras tinham em comum:  
a roupa humilde, a pele escura,  
o rosto abatido pela vida dura  
Colocando flores sobre a sepultura  
Podia ser a minha mãe:  
Que loucura!”*

Racionais MC's

*“O dia vinha surgindo quando eu deixei o leito.  
A Vera despertou e cantou.  
E convidou-me para cantar.  
Cantamos”*

Carolina Maria de Jesus

*“O sangue da favela  
É sangue sem-terra”*

Unidos da Lona Preta

*“Eu acredito é na rapaziada  
Que segue em frente e segura o rojão  
Eu ponho fé é na fé da moçada  
Que não foge da fera e enfrenta o leão  
Eu vou à luta com essa juventude  
Que não corre da raia a troco de nada  
Eu vou no bloco dessa mocidade  
Que não tá na saudade e constrói  
A manhã desejada”*

Gonzaguinha

Nóis não dormiu porque não deu...





# Falando do lado de cá do muro

A primeira vez que falei pessoalmente com Tiaraju D'Andrea foi quando eu o convidei para ser entrevistado no programa Farofa Crítica que apresento e é disseminado no youtube. Na hora de apresentá-lo, disse que ele era professor, pesquisador e sambista, ao que ele corrigiu: primeiro, sou sambista, porque o samba nasceu primeiro. Desde então, nossos encontros foram combinando trocas intelectuais e acadêmicas com rodas de samba, criando mais que uma afinidade de pensamentos, um afeto de pertencimentos, ainda que estejamos distantes territorialmente, o que não nos impediu de chorarmos juntos, cada um em seu canto, a partida precoce do nosso amigo comum (mais dele que meu), o Sidnei Paixão, vítima da Covid, no início de 2021.

Começo assim o prefácio deste livro, honrado pelo convite do Tiaraju e da Editora Dandara, porque a ideia apresentada na obra me encanta e responde a muitos dilemas: pensar a periferia como *locus* definidor das relações de classe e raça no Brasil, particularmente nos tempos de fragmentação do

trabalho. Em tempos idos, a formação das periferias foi incorporada com o crescimento da classe proletária, esmagadoramente formada por migrantes da região Nordeste do Brasil vindos para cá estimulados pelas vagas nas indústrias. Porém, a mudança nos paradigmas de produção industrial e a própria desindustrialização operada pelos governantes neoliberais nos anos 1990 fragmentou de tal forma o lugar do trabalho que esta classe proletária já não constrói sua identidade na sua vivência produtiva.

Os mais apressados já começaram a preconizar “o fim da luta de classes”, que as teorias marxianas foram superadas e que entramos na era dos “movimentos micrológicos” ou “identitários”. Mas ao observar que esta era da “troca do emprego pelo trabalho” e do “empreendedorismo” fortalece ainda mais as clivagens sociais visíveis na fragmentação das metrópoles, fica difícil engolir essa farsa. Trabalhadoras domésticas, entregadores de aplicativos, seja em motocicletas ou bicicletas, vendedores ambulantes, pessoal que faz bico de qualquer coisa para sobreviver, cada um no seu corre mas todos se encontrando na periferia.

E é nesse lugar que as contradições sociais mais se expressam, com a ausência de qualquer infraestrutura mínima que uma cidade deve oferecer aos seus cidadãos. O pensador brasileiro Milton Santos fala que o capital estabelece fluxos próprios hierarquizando espaços com a distribuição desigual de recursos disponíveis. Tal distribuição desigual não é aleatória, mas produto do tipo de fluxo necessário para a reprodução do capital. Assim, a resistência do povo da periferia contra a precariedade dos espaços periféricos é uma contraposição a esta dinâmica imposta ao capital – em última instância, é um embate contra o capital dentro das condições objetivas que temos nos dias de hoje.

Tiaraju fala logo na introdução que “o livro discorre também sobre como o conceito *periferia*, compreendido como *classe* e como *totalidade particular*, foi uma necessidade histórica engendrada fundamentalmente pela denúncia de um genocídio em curso”. Mais adiante, afirma que a sua pesquisa, enquanto era realizada, incomodava a academia porque trazia a periferia para o campo do protagonismo na produção cultural sinalizando para uma perspectiva de potência enquanto que a esmagadora maioria das pesquisas acadêmicas sobre periferia trata só do fenômeno da violência e das carências (não que elas não existam, mas nem de longe dão conta da totalidade complexa que é este lugar).

Mas a potência periférica de que se depreende desse texto nada tem a ver com a apropriação capitalista da periferia ou o que eu e Fabiana Amaral, minha colega pesquisadora do Celacc (Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação) da USP chamamos de “empresariamento da pobreza”. Não se trata dos olhares direcionados pelas fundações de instituições bancárias no financiamento de atividades nas periferias, mas de pensar esta totalidade complexa no prisma da luta de classes. Ainda Tiaraju:

A tese também provocava quando pautava as mutações da classe quando estava fora de moda falar de classe. Em paralelo, falar de *sujeitos periféricos* era abordar uma geração que começava a entrar nas universidades e a incomodar os espaços de poder instituídos.

A provocação de mão dupla supera a dicotomia entre uma visão ortodoxa no campo da esquerda de ainda pensar as dinâmicas de classe dentro do capitalismo fordista e, dentro deste capitalismo fordista, a partir de uma visão eurocêntrica;

e uma visão que está mais para um liberalismo progressista, de limitar estas ações periféricas meramente a luta por reconhecimento e visibilidade.

É fato que um dos traços mais significativos desta emergência periférica é a sua manifestação cultural e artística. Mas não se trata apenas de uma nova expressão estética e formal, e sim de uma *práxis* política. Se mergulharmos nos traços singulares da formação das rebeldias do trabalho no Brasil, situando as suas origens na chamada quilombagem, como Clóvis Moura classificava as rebeliões da senzala, a ruptura com a lógica da objetificação que é inerente a uma relação de trabalho escravagista era realizada pela recuperação das tradições culturais dos africanos. Fazendo um salto para os dias atuais, quando um dia conversava com um menino de uma posse de rap na zona leste de São Paulo, ele me confidenciou que fazia tudo aquilo porque o “humanizava”. Ou ainda o depoimento de uma das mulheres responsáveis pela costura das fantasias da escola de samba Vai-Vai, no bairro do Bixiga, em São Paulo: “ah, sem o Vai-Vai, a vida ficaria muito sem graça”.

Não há explicação que justifique uma família morar em um bairro onde não há asfalto, iluminação pública, que o posto de saúde não tenha profissionais para atendimento, que a escola pública esteja deteriorada e sem espaço de lazer para as crianças e jovens, que a polícia invada domicílios sem mandados judiciais e pratique execuções ilegais. A legislação brasileira estabelece direitos para todos, mas parece que quem mora na quebrada está fora disto. Como na primeira Constituição brasileira de 1823 em que negros escravizados não eram considerados cidadãos brasileiros.

Sujeitos e sujeitas periféricas são a síntese da resistência coletiva a esta forma singular de opressão mantida como

condição para que o capitalismo se realize plenamente na *terra brasilis*. Rappers, sambistas, ativistas de movimentos populares, homens pretos e mulheres pretas ou “quase pretos e pretas de tão pobres” protagonizam a cena política da luta de classes. E como a música veio antes, como o próprio Tiaraju disse, Tita Reis já tinha percebido isso na canção *Sujeito Periférico*, com o devido crédito (e homenagem) feito pelo autor deste livro. As partituras acadêmicas estão nesta obra. Não precisa ser nenhum musicista para lê-las. Basta ter o coração, a mente e a vontade de entender o Brasil e querer transformá-lo.

Dennis de Oliveira  
Professor associado da Escola de  
Comunicações e Artes da USP

Abril de 2022

# Raízes

*"Meu avô materno nasceu em 1914 na cidade de Mata Grande, interior de Alagoas. Era descendente de preto com índio e essa herança estava estampada em seus traços físicos. Ele me contava que em sua infância teve que fugir várias vezes do bando de Lampião. Migrou para o estado de São Paulo na década de 1940. Foi trabalhar em fazendas no interior. Na cidade de Jahú conheceu minha avó materna, com quem se casou. Ela era branca e pobre, descendente de portugueses que foram trabalhar em lavouras naquela região, oriundos de Pernambuco. Tendo perdido sua mãe muito cedo, minha avó foi criada pela madrastra e pelo pai. Posteriormente conheci um núcleo de parentes seus. Viviam em um bairro pobre do município de Barueri. Da família do meu avô a única notícia que temos é que quase todos seus irmãos migraram para Maceió. Esse ramo da família nós nunca conhecemos.*

*Bastante pobres, minha avó e meu avô se mudaram de Jahú para São Paulo mais ou menos em 1945. Lá compraram um terreno na Vila Brasilândia, bairro que nessa época deveria ter aspectos semirurais. Em 1947 venderam o terreno na Brasilândia e compraram um terreno no Jardim São Carlos, bairro localizado no atual subdistrito da Vila Jacuí, zona leste. Ao que parece, minhas duas tias mais velhas nasceram nesse local. Pouco tempo depois mudaram-se para um terreno na parte alta da Vila União, bairro do atual distrito da Ponte Rasa, localizado a meio caminho entre*

*a Penha, São Miguel, Ermelino Matarazzo e Itaquera. É lá que nasce minha mãe, em 1952, sendo a quarta filha do casal. Um ano depois nasceria o seu irmão mais novo. Do nordeste brasileiro ao interior do estado, e do interior do estado para diversos loteamentos nas periferias da cidade grande, minha família era a expressão precisa dos processos de migração e urbanização da metrópole.*

*A família da minha mãe era uma das mais pobres do bairro. Moravam os sete em uma casa simples de dois cômodos inacabados e um quintal. As cinco crianças perambulavam por casas alheias, trilhas ladeadas de mato e ruas de terra sem energia elétrica, estigmatizadas pela aparência e pela condição social. Na década de 1960 meu avô comprou um terreno na parte baixa da Vila União, onde antes havia um brejo. Com muitas dificuldades, aos poucos foi construindo uma casa. Foi nessa casa que passei a maior parte da minha vida, como relatarei posteriormente. Em meados da década de 1960, e ainda muito jovens, todas as quatro filhas e o filho do casal foram trabalhar fora de casa. Naqueles idos dos 1960, sair da Vila União só era possível por meio de uma caminhada de quatro quilômetros até o Jardim Nordeste, bairro de onde saíam os ônibus para o centro de São Paulo. Outra opção, um pouco mais longínqua, era ir a pé até a estação Artur Alvim da linha de trem suburbana, e de lá ir até o Brás. Fazer esse trajeto era ir para “a cidade”.*

*Na precoce inserção no mundo do trabalho por parte daquelas jovens havia a tentativa de superação dos dramas da pobreza. No entanto, embutida nessa decisão, estava a necessidade de fuga de um outro drama, causa e consequência do primeiro: o alcoolismo de meu avô. Seu Zé eletricista era do tipo que quando bebia chegava em casa brigando e xingando. As filhas choravam enquanto seu Zé vociferava. Da sua fúria resultaram duas esquizofrenias.*



*A terceira tia, a mais linda do bairro, foi duramente reprimida por ter um namorado. Começou a apresentar os sintomas mais ou menos com vinte anos, em idos de 1969. A outra esquizofrenia foi a da minha avó, que aparece em uma série de fotos de família com o olho roxo. O tratamento para ambas foi em longos períodos no Hospital Psiquiátrico do Juquery, em Franco da Rocha, local onde a condição das duas piorou.*

*Meu avô, migrante nordestino, formador de periferias e de famílias, operário, carregou nas suas costas o peso do desenraizamento, da exploração nas indústrias e dos processos de urbanização. Não suportou e foi homem que virou suco de cachaça na cidade grande. Minha tia e minha avó completaram o quadro. Construir a periferia leste foi pobreza e loucura.*

*Meu pai nasceu na Argentina e chegou ao Brasil em 1977, fugindo da ditadura sangrenta que assolava aquele país. Morou de pensão em pensão no centro de São Paulo até alugar uma casinha no Parque Guarani, zona leste. A família de meu pai foi a típica família operária. Minha avó trabalhou em fábricas na Argentina nas décadas de 1930 e 1940. Se fez socialista porque, segundo ela, era a única corrente política que defendia as mulheres. Meu avô paterno trabalhou na manutenção de estradas de ferro em um tempo em que a Argentina era uma potência econômica mundial. Pobre, porém não miserável, minha família paterna usufruiu daquilo que se poderia chamar um certo estado de bem-estar social vigente naquele país. Tinham casa própria, emprego, comiam bem, tiveram acesso a boas escolas públicas e a uma sólida formação intelectual, mesmo morando em um bairro popular de um município vizinho a Buenos Aires.*

*Devido aos processos políticos e sociais daquele país entre as décadas de 1960 e 1970, minhas duas tias e meu pai se engajaram politicamente. Posteriormente, os três se exilariam. O casal*

*operário chorava a distância das duas filhas e do filho, cada um em um ponto do mundo. Entre desaparecimentos, exílios e perseguições, todas as gerações seguintes da família foram afetadas pelos panos rasgados que jamais voltariam a se costurar.*

*Eu nasci em 1980, fruto de duas famílias destroçadas: uma pela pobreza estrutural e outra por uma política genocida. Minha infância foi errante. Até os dezesseis anos de idade morei em onze casas distintas: nove delas na zona leste. Em muitos períodos eu fui a criança de quem outras mulheres cuidavam enquanto minha mãe trabalhava fora. Por vezes, esse papel foi cumprido por tias. Outras vezes por Dona Darci da favela da Vila União, que esfriava o leite jogando-o de um copo para o outro e nos dava banho de bacia com água fria no banheiro de paredes sem reboco. Eu era uma criança acuada e assustada por saber-se uma intrusa em casas alheias, sem poder fazer barulho ou abrir a geladeira. A falta de casa para nós foi sempre um trauma. Por alguns períodos, eu, meu irmão e minha irmã morávamos cada um na casa de algum parente. Minha mãe trabalhava fora e fazia um périplo para visitar os três filhos. Quando a situação melhorava um pouco, minha mãe conseguia alugar uma casa. A precariedade e o tamanho pequeno dos lares que habitei na infância me faziam sempre ter vergonha deles. Eu nunca levava os colegas da escola para brincar nas casas em que morei. As constantes mudanças fizeram eu ganhar o apelido de “cigano”. Eu vivia tomado pela vergonha de minha condição.*

*Em 1984, minha mãe alugou uma casa de dois cômodos na Vila União. Lá moramos por quatro anos e essa foi a casa da minha infância. Aquele foi um dos poucos períodos em que os três irmãos puderam morar juntos. Na casa só tinha uma cama, e nela dormia a minha irmã. Minha mãe, meu irmão e eu dormíamos em um colchão no chão. Minha mãe fazia os afazeres*

*domésticos, nos cuidava e educava e ainda trabalhava como enfermeira no Hospital Planalto, em Itaquera, cuidando das feridas sangrantes da zona leste. Seu regime de trabalho era 12 por 36, e por isso ela dormia em casa noite sim e noite não. Para nós, crianças, as noites em que minha mãe dormia em casa eram uma festa. Nas noites em que ela ia trabalhar sua ausência era notável, com minha irmã, um pouco mais velha, cuidando de nós dois que éramos mais novos. A pobreza era grande e havia um esforço familiar para esticar o dinheiro até o final do mês. Para nós, não havia alegria maior que ver a casa cheia de compras no dia do pagamento.*

*Não bastasse a condição de mulher, mãe e trabalhadora, minha mãe também era militante política. Sua atuação ocorria fundamentalmente nas Comunidades Eclesiais de Base. Lembro-me com detalhes das diversas lutas e atividades que estas comunidades levavam a cabo, desde mobilizações por moradia a protestos por transportes públicos, passando por reivindicações por saúde, por projetos de educação popular ou organização de festas e quermesses. O movimento popular pulsava nos bairros.*

*Meu irmão e eu fomos levados pela minha mãe para muitas reuniões de preparação e avaliação das diversas atividades. Desse modo, com oito anos eu já tinha participado de encontros na igreja do Ermelino; de reuniões na igreja de Guaianases; de cursos no CEMI, dentro da igreja do centro de São Miguel Paulista e, fundamentalmente, na igreja do Burgo Paulista, a mais próxima de nossa casa. Todas essas atividades foram nos formando e nos forjando. As relações com a espacialidade da zona leste iam aos poucos construindo nosso senso de localização. A imersão nas múltiplas atividades e as relações sociais ali engendradas costumavam nossa subjetividade de crítica e vítima de um sistema opressor.*

*Todo esse ascenso do movimento de massa nos anos 1980, do*

*qual fui co-partícipe, deu as bases para o crescimento do Partido dos Trabalhadores. Naquela época, uma grande parcela do movimento popular se engajou nas eleições de 1986 para governador do estado, nas de 1988 para a prefeitura de São Paulo e nas de 1989 para presidente. E para além das eleições, havia a construção cotidiana de um instrumento político capaz de aglutinar toda a força social que pressionava pelo fim da ditadura e pela redemocratização do país, processo no qual a crença no Estado teve um papel fundamental.*

*Após terem morado pouco tempo juntos, meu pai e minha mãe se separaram em 1982. Meu pai foi morar em um cortiço no bairro do Cambuci, onde ficou até 1988. Depois alugou uma casinha no Alto do Ipiranga, onde ficou até 1992. A vida com meu pai era o oposto complementar à vida com minha mãe. Todos os finais de semana eu passava com ele, e ele sempre me levou para passear muito pelo centro da cidade. Em outros momentos andávamos de trem, diversão simples e barata. Todo esse perambular por distintas paragens da cidade de São Paulo e do seu entorno se realizava em minha cabeça infantil como momentos de aventura, prazer e tensão. A distensão se dava nos domingos à noite, quando ele me levava de volta para a zona leste, à casa de minha mãe. No meu bairro, me sentia protegido. Tinha a sensação de que o andar da vida tinha voltado à normalidade. Eram minhas ruas, minhas pessoas e um sol periférico que se punha lentamente. Às sextas-feiras à noite meu pai vinha me buscar, e o ciclo recomeçava.*

*Essa experiência de dentro e de fora era potencializada nas férias. Durante cinco anos seguidos da minha infância, todo mês de dezembro íamos pra Argentina visitar a família e o país. Outra língua, outras pessoas, outra cultura. Findas as férias, me deixava ele no meu lugar de repouso: a paragem periférica. Durante toda a minha vida adolescente e adulta esse ciclo voltaria a se repetir.*

*Andei o mundo, mas paz de verdade eu só sinto quando estou na Vila União.*

*Naquele momento da infância, a dualidade espacial e experiencial logo se transformou em cisão subjetiva. Com oito anos, eu me destacava por ser um dos mais inteligentes da sala de aula e morria de vergonha por ser um dos mais pobres. Eu falava espanhol e tinha um tênis furado. Já tinha visitado o estrangeiro, mas morava em ruas de terra.*

*Aquela Vila União da década de 1980 era predominantemente nordestina. Baianos, pernambucanos, alagoanos, cearenses, sergipanos, potiguares, paraibanos, piauienses e maranhenses se faziam notar pelo sotaque, pela quantidade de casas do norte existentes no bairro, pelo forró. A onda migratória iniciada fortemente a partir da década de 1940 não tinha arrefecido nos anos 1980. Os nordestinos eram muitos e continuavam chegando, expulsos pela miséria do latifúndio e atraídos pelo sonho de melhores condições de vida na São Paulo que se industrializava e cujas periferias se expandiam. Meu avô era apenas um dentre milhões. No seio deste vasto amálgama, classificados como nordestinos, havia negros, indígenas e brancos marcados fundamentalmente pela experiência do desterro e da pobreza.*

*Havia também na vila um número grande de famílias negras assentadas antes da chegada dos migrantes nordestinos. Na maioria das vezes as famílias eram oriundas de outros estados, como Paraná e Minas Gerais ou mesmo do interior de São Paulo. Em quase todos os casos estas famílias eram evidentemente mais pobres. Notava-se pela condição de suas moradias, pela roupa utilizada e por diversos estigmas que envolviam suas relações sociais e suas vivências escolares. Em paralelo a uma série de práticas que hoje entendemos como concernentes ao racismo estrutural, a influência cultural de origem africana era forte no*

*bairro e se fazia visível nas inúmeras rodas de samba, nos blocos carnavalescos, na umbanda, na culinária, nas práticas de cuidado e na própria linguagem, dentre outras expressões. Nascido e criado em uma periferia, minha condição de branco pobre e não proprietário foi absolutamente marcada pela presença negra em meu bairro, fator que constituía uma cultura e formava propensões, gostos e subjetividades. Havia também uma pequena porção de imigrantes ali. Algumas famílias japonesas plantavam e vendiam hortifrutis em um espaço chamado de chácara, onde eu ia comprar alface ou cebolinha a pedido de minha mãe. E havia ainda uma extensa família de libaneses que tinha fugido da guerra e no bairro viraram pequenos comerciantes.*

*É difícil apreender um fenômeno social tão vasto e com tantas relações internas naquilo que conceituamos periferia. Quando fecho os olhos para poder visualizar minha memória, observo uma caleidoscópica paisagem polvilhada por ruas de terras, crianças correndo na frente da escola, donas de casa fazendo compras na feira, casas mal construídas, irmãos protegendo irmãos nas desavenças, pipas no céu, a rapaziada fumando maconha e batucando na beira do campo de várzea, evangélicos elegantemente vestidos com roupa social surrada, meninas conversando na frente dos portões, reuniões na associação de moradores, viaturas policiais à espreita, televisões e rádios padronizando gostos e dizendo sutilmente como deveríamos ser. As relações familiares internamente eram marcadas por quebras, hierarquias e machismos cavernícolas. As relações sociais expressavam solidariedade e individualismo. Conservadorismo e revolta. Ceticismo e esperança. Amargura e alegria. O lugar era onde tudo acontecia.*

*Nas manhãs, pequenas multidões se dirigiam aos pontos de ônibus das avenidas que perpassavam o bairro. Eram operários, empregadas domésticas, pedreiros, vendedoras de lojas, funcionárias*

*públicas, ambulantes do trem, porteiros, office-boys, e um sem fim de inserções precárias no mercado de trabalho, apinhando-se no transporte público como sardinhas, fazendo São Paulo existir em troca de uma miséria de salário. Com raríssimas exceções, e em que pesem as pequenas diferenças de renda, éramos a classe trabalhadora em movimento, com ou sem consciência. Organizar a classe trabalhadora nunca foi tarefa fácil. Foi assim em todos os momentos históricos e em todas as partes do mundo.*

*No ano de 1989 toda a força social acumulada em quase duas décadas de mobilizações contra a ditadura e por melhorias sociais nos bairros, canalizada por movimentos populares e expressa fundamentalmente na construção do PT, confluuiu na candidatura de Luis Inácio Lula da Silva para presidente. Eram as primeiras eleições diretas no país depois de muitas décadas. Respirávamos o ar da liberdade e da esperança em uma periferia regada a sol e samba. Para os limites da democracia burguesa erigida por meio de pactos e arranjos, o programa político proposto pelo candidato e seu partido era ousado. A burguesia brasileira se organizou. Lula foi derrotado nas eleições e aquele 1989 foi o começo do fim de um projeto. Nós choramos a derrota. A minha infância ingênua ainda não sabia que os sonhos não cabem em urnas. Minha geração não poderia prever o que viria depois."*





# Memórias de um rapaz comum

*"Janeiro de 1994. Eu tinha treze anos. Vivia numa casa de aluguel no bairro do Burgo Paulista, distrito da Ponte Rasa, zona leste de São Paulo. Eu, meu irmão mais velho e minha mãe dividíamos uma casa simples, porém confortável. Não éramos os mais pobres, isso era óbvio. Na nossa cabeça, pobre mesmo era quem morava na favela, e se existia algo democrático nesta zona leste, era o fato de todo bairro ter uma favela perto. Ou então, pobre era quem morava "nos fundão da zona leste": Guaianases, Cidade Tiradentes, Itaim Paulista. Não éramos nós. Por outro lado, também não chegávamos nem a ser pequena burguesia ou classe média. Essa condição começava na Vila Matilde ou no Tatuapé. Nessa idade, sem jamais ter lido Bourdieu, nós, moleques crescidos na periferia, sabíamos muito bem as correlações entre posição geográfica e condição social. Rico, em nosso mapa mental, era outro mundo. Isso era coisa de quem morava nos Jardins ou no Morumbi, bairro que só visitávamos quando íamos assistir jogos de futebol no estádio. Hoje, pensando bem, mediado pela distância temporal, assistir a um jogo de futebol naquele tempo era uma verdadeira epopeia urbana. Tinha que ter muita disposição ou irresponsabilidade para sair da zona leste, pegar cinco conduções e chegar ao estádio do Morumbi. No meio do caminho: a torcida rival, a polícia, a*

*cidade a ser enfrentada. Uma verdadeira aventura. Naqueles anos 1990 tudo era meio explosivo. Refletindo posteriormente sobre aquelas escolhas, comecei a sacar algumas coisas. Ter entrado com 13 anos em uma torcida organizada, começar a frequentar escolas de samba e me admirar com a força do nascente movimento hip-hop estava relacionado ao sumiço do PT, das CEBs e com o enfraquecimento dos movimento sociais populares da periferia, tão fortes e atuantes nos 1980. Passei os primeiros dez anos da minha vida acompanhando minha família em reuniões políticas. Já na década de 1990 o que estava dado para nós era o futebol, o samba, o rap. Algo tinha mudado, mas demorou para cair a ficha. Ao fim e ao cabo, eu também era fruto da minha geração e do meu espaço social e geográfico. Um rapaz comum.*

*O bairro periférico onde eu morava oferecia alguns serviços urbanos. Nos 1980, ainda havia várias ruas de terra pelo bairro, mas nos 1990 já não. Todas haviam sido asfaltadas quando Luiza Erundina esteve à frente da prefeitura municipal. Tínhamos uma linha de ônibus que levava ao metrô Artur Alvim. Essa estação foi inaugurada em 1988, ano em que chegou o metrô nas redondezas. Nas proximidades também tínhamos uma avenida bem movimentada com possibilidades de transporte ao centro e a outras estações de metrô. De ônibus, chegávamos na Praça da Sé em uma hora e quinze minutos. Se optássemos pelo percurso de ônibus e metrô, a viagem durava cerca de uma hora. Hoje, o tempo gasto até o centro continua sendo o mesmo. Naquela época, tínhamos um posto de saúde a dois quarteirões, fruto das históricas lutas populares dos 1970 e 1980 e das quais minha mãe havia sido uma das protagonistas. Havia também uma igreja católica bem próximo de casa, onde se reuniram até 1989 os núcleos do PT e os grupos ligados às CEBs. Havia farto comércio popular e o número de equipamentos educacionais não dava*

*conta da demanda da região, ainda que existissem. Éramos de um bairro da periferia consolidada, se quisermos utilizar um conceito sociológico. A maioria das famílias da região era composta por trabalhadores assalariados, sobretudo funcionários públicos e do setor de serviços. Naquele começo de 1994, o neoliberalismo começava a entrar forte nas periferias. O desemprego crescente fazia aumentar a informalidade. Já existiam os catadores de material reciclável e outras formas de se virar para viver, espécies de saídas de emergência calcadas na necessidade, se quisermos utilizar o título de um livro sobre o assunto.*

*Os sonhos da grande maioria era possuir uma casa própria, um carro na garagem, uma ou outra comodidade. A violência se colocava enquanto tema de debate pelos vizinhos, e havia sempre o desejo de que os governantes cumprissem suas obrigações. Os jovens um pouco mais velhos queriam ter motocicletas e ostentar roupas de marca. Tudo se fazia por um tênis caro. Impressionar as garotas era necessário. Ir fazer compras no Shopping Penha era o passeio dos proto-boyzinhos desse bairro periférico. Dançar house estava na moda. Mas para além daqueles que almejavam se distinguir do meio, imitando ou almejando um estilo para além de sua verdadeira condição social, havia também a rapaziada do futebol de várzea, a turma do samba, as donas de casa, os tiozinhos trabalhadores e respeitados, e a bandidagem. Cada um no seu corre. A droga já rolava, mas seu uso era sempre implícito e escondido, e não escancarado como agora. Naquele tempo, andar de noite não era uma boa, pois sempre chegavam notícias de assassinatos e tiroteios aqui e ali. Acho engraçada essa percepção refletida do passado que me faz asseverar não ter vivido em um ambiente violento, apesar de que, certa vez, numa conta com meu irmão mais velho, contabilizamos pelo menos vinte conhecidos mortos por assassinato entre 1990 e 2005. O*

*fato é que havíamos naturalizado a violência que nos circundava de modo a pouco percebê-la. Pelo sim, pelo não, era notória a existência de bairros mais violentos do que aquele em que eu morava. Quem mora na periferia sabe onde as coisas acontecem e, quase sempre, sabe quem é quem.*

*Assim sendo, e como já se escreveu: era uma situação comum. A mais comum deste país. Bem colocados demais pra ser público-alvo de ONGs e mal colocados demais pra conseguir ter um carro na garagem.*

*Naquela casa do Burgo Paulista (nome mais paradoxal que esse só Paraisópolis ou favela do Jardim Maravilha, na Cidade Tiradentes...), vivemos de junho de 1993 a julho de 1996. Só nos mudamos de lá porque em um dado momento nos cansamos de atrasar o aluguel. Minha mãe, funcionária pública, tinha sofrido um notável rebaixamento no salário após a chegada de Paulo Maluf à prefeitura municipal. Ecos pessoais do neoliberalismo. Sem possibilidades de pagar qualquer aluguel, voltamos a morar na casa de meu avô, localizada em um bairro vizinho, que além de ampla era própria, questão que fazia toda a diferença. Saída de emergência. No entanto, por mais que alguma dificuldade financeira assediasse, ficaram em mim as melhores lembranças daquela casa em que vivi dos 13 aos 16. Nesse tempo assentaram-se algumas curiosidades que viriam a pautar as buscas futuras.*

*Passsei aquele 1993 fuçando esse elemento tão presente e inescapável de nossa cultura: o samba. Tinha eu 13 anos de idade... parafraseando o poeta Paulinho da Viola. Com algum dinheiro guardado dos trabalhos que fazia para meu pai, comecei a frequentar o centro comercial do bairro da Penha para comprar discos de sambas-enredos de carnavais passados. Era uma sequência retroativa: primeiro o de 1993, depois de 1992, 1991, e assim sucessivamente, até esses objetos musicais se tornarem mais raros*

quanto mais antigo fosse o ano de lançamento. Vale lembrar que havia dois discos por ano: o do Rio e o de São Paulo, e era a escassez de dinheiro quem ditava o ritmo dessas aquisições. Essa corrida pelos discos de samba-enredo, quase algo de colecionador para alguém tão jovem, era ocasionada por uma empatia que não se explica. Comecei a ficar fascinado pelo ritmo das baterias, pelas diferenças entre elas. Fixava-me nas letras dos sambas-enredos, nas melodias, nas temáticas abordadas pelas escolas de samba. Comecei a virar especialista de detalhes insólitos, como os relacionados aos anos em que os puxadores famosos tinham trocado de escola de samba ou aqueles relacionados aos compositores. Essa espécie de fixação que se instalava em mim foi fundamental para minha sociabilidade juvenil que, de maneira paradoxal, não se deu com a turma do shopping, não ocorreu ao redor da turma fã de motocicletas ou bicicletas, não se deu com a molecada que curtia gêneros dançantes como o house ou a música eletrônica, tão em moda na época, e nem aconteceu com a turma do hip-hop. Minha sociabilidade se deu em blocos carnavalescos do bairro, em um primeiro momento, e em escolas de samba, posteriormente.

Voltando um pouco mais no tempo, lembro-me que entre 1986 e 1988 minha irmã acolheu rodas de samba em uma casa de dois cômodos em que vivíamos, em um bairro de nome Vila União. Lembro-me que esses sambistas, alguns dos quais vizinhos, se divertiam ensaiando passos de break, então na moda, gênero que viria a ser o embrião dançante do rap.

No começo dos anos 1990, minha irmã seguia gostando de samba e formando meu gosto musical. Por várias horas do dia, ela escutava a rádio Transcontinental, a FM mais escutada em São Paulo na época, e que se especializava em executar sambas e o recém denominado pagode. Por vezes escutávamos os hits do pop internacional pelas rádios Cidade e Transamérica. Nunca

se tocou um rap em casa. Lembro-me que meu primeiro contato com o gênero ocorreu na escola pública onde estudava, na qual alguns jovens cantavam os versos “meu nome é Thaíde / me atire uma pedra que eu lhe atiro uma granada”. Já tinha escutado “A lagartixa na parede”, um grande sucesso de fim dos 1980. Dos Racionais havia escutado “Pânico na Zona Sul” e “Mulheres Vulgares”, apesar de não saber que quem cantava esses raps era um grupo de nome Racionais MC’s. No entanto, o primeiro rap que aprendi, e nem sei como, listava nomes de mulheres, começando pelos versos “Rute, Carolina...”. De maneira difusa e inexplicável conhecia esses raps, mas não saberia dizer mais nada sobre eles. Ainda me pergunto como tomei contato com os dois na passagem dos 1980 para os 1990. Não sei se por meio da rádio, da rádio de casas vizinhas, pelos colegas da escola, na rua, ou sei lá onde... Só sei dizer que em algum momento houve a apreensão sensível de um fenômeno musical que, de fato, não passava pela minha casa.

Lembro de um amigo meu que me falava de rap e sabia vários de memória. Cantava enquanto partilhávamos o caminho da escola. Eu achava as letras engraçadas e tinha curiosidade em saber mais daquele tipo de música que, ao que parecia, alguma parcela da molecada estava escutando. Era o ano de 1991. São essas as memórias mais antigas que eu, moleque da periferia da zona leste, tenho do rap.

No final de 1993, ano em que comecei minha busca pessoal pelo samba-enredo, fui com meu pai passar férias na Argentina e visitar nossa família lá residente. Ao retornar ao Brasil, em janeiro de 1994, três hits pra mim desconhecidos inundavam insuportavelmente as rádios FMs daquele quente verão: Jorge Benjor e o seu pegajoso “Alô alô, W Brasil”; Gabriel O Pensador e o “Lôra Burra” e um rap cujo refrão dizia “Vamos Passear no

---

1 O nome do rap em questão é “Nomes de meninas”, de autoria do rapper Pepeu.

*Parque”. Eram os Racionais MC’s, que de tão tocados e repetidos por alguns conhecidos do bairro me fizeram decorar a letra do “Fim de Semana no Parque”. Simultaneamente, “Um Homem na Estrada” também se tornou sucesso. Interessante notar que até as rádios voltadas para outros públicos, como a Transamérica, tocavam esses raps. Pessoalmente, me surpreendi com suas letras. Eu, periférico, filho de dona de casa liderança comunitária da zona leste, tinha sido impregnado na infância pela gramática interpretativa da realidade da base militante do PT e pelo viés do sofrimento e da crença nos pobres ditado pela Teologia da Libertação. Aqueles raps estavam dizendo outra coisa do mesmo objeto: a pobreza, a violência, a crítica social, o sofrimento dos pobres, enfim, a periferia. Era um novo jeito de falar de uma realidade da qual todos ali fazíamos parte, mas que nunca havia sido enunciada e explicada daquela maneira. Havia algo de revelação naqueles versos. Aquele jovem de 13 anos que gostava de samba e olhava o rap como algo constitutivo de sua realidade social nunca poderia imaginar o impacto que aquelas letras teriam em toda uma geração. Era janeiro de 1994.”*





# Escutando o "Sujeito Periférico"

*"Eram meados de 2011. Os últimos 15 anos da minha vida tinham passado como um turbilhão: pessoas, canções, projetos, trabalhos, estudos, encontros, despedidas, viagens, lugares, enfim... Tudo o que a vida pode apresentar a qualquer pessoa dos 15 aos 30. Com certeza, período nada trivial da existência de qualquer ser humano... No meu caso e no da minha geração, nos tocou ser jovens e entrar na idade adulta no período que vai de 1995 a 2010, na periferia de São Paulo, no sempre conturbado contexto histórico brasileiro. Não, não houve trivialidades.*

*Entre 1995 e 2000 fui um assíduo frequentador de quadras de escolas de samba. Cantei, compus, toquei na bateria... Anos intensos, agitados como uma batucada. Aprendi os segredos e a malemolência da estrutura organizacional que sustenta a maior festa popular do país. Fui feliz. Mais pelo samba, pelo ritmo e pelos amigos do que propriamente pelos rumos que os desfiles tinham tomado. Saí da escola de samba, mas me prometendo voltar. Ali pelos vinte anos, era bom pensar em fazer uma faculdade. A vida cobrava. Eu, oriundo de escola pública, não consegui entrar na USP. Me faltaram dois pontinhos no famigerado vestibular. Lá fui eu fazer ciências sociais como bolsista da ESP (Escola de Sociologia e Política). Dois anos depois, por fim, entro na USP, por meio de uma prova de transferência. Assim como o samba, minha vida*

*acadêmica começava cheia de improvisos e atalhos. Por tempos carreguei uma espécie de carimbo que me acusava ser um “transferido”. Havia dificuldades para validar disciplinas já cursadas na faculdade anterior e para toda e qualquer burocracia havia essa questão, que acabou atrasando minha formação.*

*Os intermináveis deslocamentos Itaquera-USP Butantã mobilizaram milhares de horas em transporte público durante graduação e pós-graduação. A cidade, como sempre, era pra ser vencida, atravessada. Muitos textos e livros foram lidos nesse trajeto. Foi praticamente uma formação no busão. As idas e vindas pelos territórios da cidade logo se transformaram em idas e vindas simbólicas e subjetivas. Na universidade aprendi uma série de teorias e metodologias de pesquisa sobre as classes populares e os pobres em geral. Tal cabedal apreendido não me possibilitou observar o mundo externo da maneira objetiva como pregavam os manuais das ciências sociais. Paradoxalmente, não fez mais do que me empurrar a um necessário e inescapável processo de flexibilidade sobre tudo o que eu tinha vivido em carne própria: a mobilização política dos 1980; a miséria e a raiva de uma geração nos 1990. As promessas e os fracassos dos 2000.*

*Nos primeiros anos de graduação, me sentia e me faziam sentir uma estranha figura periférica na USP. Também era estranho ser uspiano naquele bairro popular da zona leste de São Paulo onde havia nascido e crescido. Nesses dois pontos opostos do mundo, uma trajetória carregada de sobreposições de pontos de vistas, assimilação de entendimentos distintos sobre a sociedade e justificativas recorrentemente instadas por parceiros de bairro e colegas da universidade sobre as minhas próprias escolhas. Tomar pelo lado engraçado da questão deixou tudo mais leve, mas não pôde ocultar nunca como uma mera trajetória pessoal nada mais era do que a expressão de uma tragédia social, na*

*qual as relações se marcam pela distinção e pela desigualdade.*

*No entanto, tal sensação de estranheza com relação a qualquer pertencimento não era algo tão novo pra mim. De certo modo, todos os locais aos quais mirei minha visão foram olhados com certa estranheza. Meu pai é argentino. Desde criança me levou para passar férias nesse país, com cuja história e cultura tenho profundo contato e onde tenho familiares e amigos. Falar bem espanhol e ter feito inúmeras viagens internacionais com apenas dez anos de idade me fazia um diferente no ponto de mundo onde nasci e me criei. No entanto, ser periférico na USP foi mais difícil do que ser um filho de argentino na quebrada. A toda hora minha condição social era lembrada. Eu era aquele que “não morava, se escondia”, como diziam os colegas da universidade. Eu era aquele que habitava para os lados de “Indiaquera” ou “Itacuera”, como ouvi certa vez. Eu era aquele que não podia ficar para o bate-papo e para a cerveja pós-aula porque tinha que pegar o ônibus até o metrô Anhangabaú em uma época que nem Linha Amarela havia. De lá até a estação Artur Alvim e da estação Artur Alvim ao bairro por meio de uma lotação. Na quebrada, entre meia-noite e meia e uma hora da manhã, lá ia eu abrir o portão de casa, com uma mochila pesada de sonhos, medos e textos xerocados, acenando para os manos nas esquinas. A luz acesa da sala indicava a espera da mãe aflita, preocupada com o filho que não chegava.*

*No correr dos 2000, trabalhei em institutos de pesquisa e intervenção como o CEM (Centro de Estudos da Metrópole), o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e a Usina (Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado). Também participei de inúmeros grupos de estudo dentro e fora da universidade. Fiz um mestrado em sociologia urbana. Muita leitura e muita pesquisa. Um aprendizado vasto, grandioso. Mas sentia falta da música. Resolvi fazer um doutorado no qual pudesse*

*unir discussões urbanas com inquietações artísticas.*

*No ano de 2008, fui convidado a contribuir na reorganização da Unidos da Lona Preta, escola de samba de um movimento social. A experiência no mundo das escolas de samba auxiliou na tentativa de construção de um carnaval não mercantilizado e não financeirizado. A Unidos da Lona Preta é uma experiência riquíssima do ponto de vista político e artístico, tendo influenciado o surgimento de várias outras batucadas. Como desdobramento dessa experiência, fui convidado em 2010 a ser mestre de batucada do Bloco Unidos da Madrugada, pertencente ao coletivo Dolores Bocaberta Mecatrônica de Artes. Exerci esta função até o ano de 2014.*

*No ano de 2013 fui convidado para contribuir na organização da Batucada Popular Carlos Marighella, pertencente ao Levante Popular da Juventude, onde fui mestre da batucada até o carnaval de 2016. Certamente, a experiência como mestre nessas três organizações daria um livro à parte no que tange a tudo o que se refere ao trabalho realizado coletivamente. Para além da intensa vivência musical, contribuí na elaboração dos pressupostos artísticos e políticos dessas três batucadas. Cabe também lembrar que no ano de 2007 lancei meu primeiro CD: o “Capacetes Coloridos”, trilha sonora do documentário homônimo. Em 2015, lancei meu segundo trabalho autoral, o “Latinoamerisamba”, reunindo sambas e outros sons de várias etapas de minha vida.*

*Como se nota, sempre fui do “mundo do samba”, mas nunca fui do “mundo do rap”. Explicar isso se faz importante, uma vez que o samba esteve desde sempre na elaboração intelectual e sensitiva do pesquisador, enquanto que o rap é um fenômeno que este “viu” acontecer, de fora, mas evidentemente apoiando e “curtindo” essa expressão artística. O fato de nunca ter pertencido ao mundo do rap auxiliou no aguçamento da percepção da potência desse fenô-*

*meno para minha geração assim como evitou sobredimensionar a cena hip hop.*

*Era meados de 2011. Entre andanças e correrias, entre rodas de samba e relações com movimentos de moradia e coletivos da periferia, cruzava a todo instante com artistas populares. Um deles foi Tita Reis, músico, militante e morador de Guaianases. Havia conhecido Tita em idos de 2002 em rodas de violão por diversos cantos da zona leste. Pelas voltas da vida que gira, voltamos a nos reencontrar. Eu, pesquisador em ação, buscava conceituar aquilo que muitos da nossa geração já haviam percebido: em um certo momento, lá pelos 1990, começou a haver um orgulho de ser periférico. Tita, músico e poeta em ação, apresentava aos amigos canções de sua autoria. Uma delas, espécie de autobiografia, se chamava “Sujeito Periférico”. Pensei comigo: - É isso! O mano tinha matado a charada. Só mesmo uma expressão artística podia nomear da melhor maneira um fenômeno – o orgulho periférico – também criado por artistas. De maneira impertinente, passei a utilizar o nome da canção como conceito sociológico que explicava algo para o que eu não conseguia dar nome. Tita Reis, além de falar de si mesmo, falou implicitamente da sua geração, desse nós coletivo que atua, padece, sonha e constrói. Com a liberação por empréstimo do nome da canção, este acabou virando o título da tese defendida em 2013 e deste livro.*

*A Tita Reis todos os créditos e todos os aplausos, por favor. Eram meados de 2011...”*

## **Sujeito Periférico**

*(Tita Reis/Renato Gama/Luciano Carvalho)*

Sujeito periférico  
À noite em vinhos e cigarros  
Entre folhas e canetas  
Traça planos e projetos  
Poemas e canções  
Amores ilusões

De manhã acorda cedo, é real  
Trem lotado, passageiros sonolentos  
Compartilham o mesmo sentimento.

Sujeito periférico  
À noite corpos fustigados  
Entre ombros e soluços  
Força os cílios contra o teto  
Poentes sem paixões  
Sem grana, sobra o riso

De manhã acorda cedo, é real  
Trem lotado, passageiros sonolentos  
Compartilham o mesmo sentimento.



# Contar a própria história, entender a sociedade e mudar o mundo

O período histórico compreendido por este livro começa com um genocídio e termina com outro.

A década de 1990 foi marcada por uma ação da burguesia brasileira executada por forças policiais que tinha por objetivo eliminar parte da classe trabalhadora brasileira em um contexto de reestruturação produtiva. Essa população habitava periferias urbanas, morros e favelas e era negra em sua maioria.

O período histórico no qual este livro finaliza seu recorte, os primeiros anos da década de 2020, foi marcado por uma pandemia que dizimou mais de meio milhão de brasileiros quando o país era governado pela extrema direita.

Quanto mais contemporâneo o processo, mais difícil discurrir sobre ele. No entanto, como a história anda em espiral, a ênfase na década de 1990 talvez nos ajude a compreender a atualidade, que ficou tão parecida com aquele momento.

Por respeito à minha mãe, por respeito à minha infância, por respeito às mulheres e homens que vi fazerem ferver a zona leste, ainda quero publicar um trabalho específico



sobre a geração da década de 1980, respeitando seus olhares, seus dilemas, seus pontos de vista, sem anacronismos, sem impor, a partir de olhares de agora, o que foi o passado. Não devemos imputar ao movimento popular da década de 1980 questões que não lhe pertenciam.

A intenção deste livro é contar uma história da desagregação da classe trabalhadora brasileira, paulatinamente derrotada pelo neoliberalismo a partir dos anos 1990. No entanto, ele conta também como a classe se reorganizou e produziu lutas, principalmente em lugares sociais e geográficos intitulados periferias urbanas.

É a partir desse fio condutor que o livro trata da matança de jovens e da necessidade de pacificação. É a partir desse fio também que o livro busca compreender a crise organizativa dos trabalhadores e das formas clássicas de representação em movimentos sociais e partidos políticos, conjugados com um contexto de aumento da pobreza e da violência.

Diante desse cenário, o livro busca contar um processo social de tentativa de reversão de estigmas e de fundamentação de um orgulho, alertando para que ele não se transforme em uma armadilha. Nesse ponto se procura dar ênfase à produção cultural e artística das periferias e ao Movimento Cultural que o circunda, dando protagonismo a tal movimento, mas também apontando seus limites políticos e históricos.

O livro discorre também sobre como o conceito *periferia*, compreendido como *classe* e como *totalidade particular*, foi uma necessidade histórica engendrada fundamentalmente pela denúncia de um genocídio em curso.

É a partir dessas premissas que *sujeitas e sujeitos periféricos* são conceitos históricos, que buscam descrever o contexto de uma virada analítica, de quando a periferia começa a contar sua

própria história, definindo a si mesma e definindo o mundo a partir de características que lhe são intrínsecas. No entanto, contar a própria história é insuficiente. O objetivo principal deve ser mudar a história, no sentido mais amplo, para então mudar a própria história.

### **Consonâncias e dissonâncias de uma tese**

Este livro está baseado na tese de doutorado do autor, intitulada “A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo”. A tese foi defendida no dia 05 de abril de 2013, no Departamento de Sociologia da USP, tendo como orientadora a Professora Vera da Silva Telles.

As inquietações que deram origem à tese surgiram há muito tempo. São questões que começaram a se colocar desde as primeiras vivências urbanas do autor e que foram se complexificando gradativamente. Eu, morador da periferia, sociólogo e músico amador, sempre circulei muito por São Paulo, observando, indagando e propondo. A tese foi o somatório de tudo isso: uma intensa vivência urbana, uma trajetória acadêmica em processo e uma vertente musical inescapável.

Das muitas inquietações, uma das principais questões se relacionava com uma luta das periferias para reverter estigmas e preconceitos que recaíam sobre suas localidades e sobre seus moradores, sempre com fama de perigosos e violentos. Nessa luta, a arte e a cultura tiveram um papel fundamental não só para mudar a representação, mas, fundamentalmente, para mudar a realidade concreta. No espaço interno da universidade, a tese soou como uma provocação, ao tratar da arte e da cultura produzida nas periferias em um momento em que nove de cada dez teses sobre periferia tratavam de violência. A tese também provocava quando pautava as mutações da

classe quando estava fora de moda falar de classe. Em paralelo, falar de *sujeitas e sujeitos periféricos* era abordar uma geração que começava a entrar nas universidades e a incomodar os espaços de poder instituídos.

Logo após a defesa da tese, busquei apresentar os resultados em várias quebradas. Sentia a necessidade de dialogar e devolver para a sociedade aquilo que tinha sido produzido com dinheiro público e com os impostos de todos os cidadãos: um doutorado em uma universidade pública. Também me gerava ojeriza a ideia de a tese virar uma peça de museu em uma biblioteca da universidade, sem vinculação nenhuma com o tempo histórico e largada à crítica roedora dos ratos.

O percurso de apresentação da tese foi loko. Várias quebradas e vários debates. Na Sexta Socialista de Guaianases, organizada por Renato Almeida, foram necessárias duas madrugadas inteiras, porque uma só não deu conta. No domingo 01/09/2013, fizemos um debate no Sacolão das Artes, no Parque Santo Antônio, então sede da Brava Companhia. Foi uma felicidade enorme ver aquelas ideias serem bem aceitas na zona sul, terra dos Racionais. Foi nesse dia que ouvi de uma das pessoas presentes no público a seguinte frase: “é a primeira tese que me emociona”.

O percurso continuou firme: Centro Cultural da Penha; Força Ativa, em Cidade Tiradentes; Dolores, na Cidade Patriarca; CEU Inácio Monteiro; casa do Sandro Oliveira e casa do Junior Pacheco, ambas na Cohab II, Itaquera; UniDiversidade de Saberes, no Quilombaque, em Perus; favela da Fumaça, na Pedreira; Casa de Cultura de São Mateus, dentre outras quebradas. O apoio que obtive nessas andanças me incentivava a seguir adiante. É importante ressaltar que nunca cobrei um real para realizar esses debates.

Em um dado momento, os debates que envolviam a tese desaguaram no caudaloso rio das mobilizações pela aprovação da Lei de Fomento à Cultura da Periferia, um movimento que tanta luta fez e que tanta gente juntou, principalmente entre 2013 e 2016. Pessoas importantes nesse processo, como o saudoso Mestre José Soró, Elaine Mineiro e Fernando Ferrari, dentre outras, já algumas vezes declararam publicamente que a tese ajudou a embasar a concepção teórica da Lei.

Certamente, a utilidade pública do trabalho intelectual é o que me deixa mais feliz. Traz alegria saber que caminhamos ruas e vielas falando de uma tese na qual as pessoas se reconheciam. Dá satisfação saber que essa tese contribuiu na formulação de uma Lei que já financiou centenas de coletivos nas quebradas e que, nos momentos difíceis por que passa o país, muita gente está comendo por causa dos recursos oriundos dessa Lei.

Os resultados da tese também foram apresentados em formações para movimentos sociais como MST, MTST, MTD, Levante Popular da Juventude e diversos movimentos de moradia. Também foram apresentados no Sesc Sorocaba, no Sesc Interlagos e no Curso anual do NPC, no Rio de Janeiro, dentre outros locais. Em âmbito acadêmico, a tese foi apresentada em seminários e congressos na FFLCH; na FAU; na PUC; na UFF, em Niterói; no Seminário das Quartas, organizado pelo Professor Paulo Arantes, e posteriormente em países como Angola e França. Também foram concedidas várias entrevistas sobre a tese pra diversos meios de comunicação. De fato, eu já não me lembro de todos os locais onde fui debatê-la.

No ano de 2016, o texto foi premiado com uma menção honrosa (espécie de segundo lugar) no conceituado Prêmio de Musicologia da Casa de las Américas, em Havana, Cuba.

Ouvi três comentários de membros do júri que me chamaram a atenção: não é uma tese de musicologia *strictu sensu*, mas é uma tese cujo forte é justamente mostrar o entrelaçamento entre arte e sociedade. O segundo comentário relatava que a história musical presente na tese prenunciava uma ruptura no Brasil. O terceiro comentário discorria sobre a potência da música como formadora de pensamentos e emoções em um país como o Brasil. Em um dos debates em sampa, cheguei a ouvir que era uma tese na área de ciência política.

Em 02 de junho de 2022, o portal da USP indicava 13.064 visitas e 11.257 downloads da tese, isso sem falar no pdf que passou a circular em computadores e celulares, como me alertou Brenda da Silva, e que não somam nessa conta. Em sua banca de graduação na Unicamp, Aquiles Silva me contou: “sua tese virou modinha” e me relatou leituras e grupos de estudos ao redor dela. Aos poucos eu percebia que a tese tinha reverberado e muita gente moradora das periferias se apropriava das ideias ali presentes.

No entanto, por mais que o trabalho tenha sido um evidente sucesso, somente nove anos depois de defendida a tese eu consigo publicá-la. Houve um contraste entre o apelo da tese nas periferias e o incômodo que causou em algumas estruturas universitárias e políticas, demonstrando uma evidente homologia entre o que estava escrito na tese sobre as dificuldades de formação acadêmica e de organização política dos *sujeitos periféricos* e todo o penoso percurso de publicação da tese em livro. Duas editoras progressistas fecharam as portas ao mesmo tempo em que agências financiadoras colocavam exigências impossíveis de serem cumpridas. Programas de pós-graduação nos deixaram de fora por critérios duvidosos. No mesmo compasso, famosos(as) intelectuais do urbano

se apropriavam do conceito *sujeitas e sujeitos periféricos* e o divulgavam sem citar a autoria. Apropriações de um lado. Invisibilizações e silenciamentos do outro. Parecia até uma ação articulada.

Depois de um longo percurso, fui acolhido pela Editora Dandara, cuja missão voltada à divulgação da intelectualidade marxista negra e da intelectualidade periférica se conjugava com o projeto político colocado em meus escritos. Entre acolhimentos e rejeições, pude comprovar algo que minha história de vida de branco pobre já havia demonstrado: socialmente estou mais perto dos negros pobres (que se identificam com meus escritos) do que da classe média branca que, por minhas evidentes diferenças, me penalizou e possivelmente seguirá me penalizando.

Outro fator contribuiu para a demora na publicação deste livro: minha vida nunca foi a de um intelectual acadêmico padrão. Nunca tive tempo sobrando para ficar somente em um escritório lendo e escrevendo. Sempre tive dificuldades materiais que me obrigaram a correr atrás da sobrevivência, atrasando a vida acadêmica. É o pagamento do aluguel, é cuidar do familiar doente, é o tempo gasto em deslocamentos pela cidade, é lavar louça e fazer a própria comida porque não quero reproduzir uma relação semi-escravocrata com empregados domésticos. Em paralelo a isso, me somei em todas as lutas do meu povo no último período. O tempo gasto na reprodução da vida e nos processos coletivos foi o tempo que faltou para cuidar da trajetória acadêmica com mais ênfase. Esse tempo que sobra para quem tem a vida resolvida é o que posteriormente faz a diferença nos currículos em termos de publicações. Para conseguir escrever e publicar com mais assiduidade, tive que abrir mão de inúmeros finais de semana e de vida pessoal. O que relato aqui não é uma particularidade

minha, é a realidade de muitas pessoas de origem pobre que possuem dificuldades de estar nas universidades.

No ano de 2018 ingressei como professor da Universidade Federal de São Paulo em um tempo no qual se aprofundou os ataques contra a educação no Brasil. Tenho a imensa alegria de trabalhar no Campus Zona Leste, fruto da luta histórica de movimentos populares da região. No entanto, nos vimos absorvidos pela quantidade de energia que demanda um Campus em vias de implantação e com tamanhas precariedades. Nossa vida de professor foi muito menos pesquisar e dar aulas e muito mais começar um projeto de Campus quase que do zero em uma conjuntura histórica em que tudo jogava contra nós.

No entanto, o que segue nos movendo são os ventos da justiça e da equidade, e que uma educação pública, gratuita e de qualidade seja ofertada como um direito à população pobre moradora das periferias. Que a universidade se amplie cada vez mais e que ela seja cada vez mais ocupada pela classe trabalhadora brasileira.

### **A história de um conceito**

A primeira vez que ouvi a expressão *sujeito periférico* foi na canção “Sujeito periférico” do cantor e compositor popular Tita Reis. A canção foi composta entre 2004 e 2005. Em 2011, Tita me apresentou a canção. Na época militávamos juntos no movimento cultural. Naquele momento eu estava terminando meu doutorado e uma das minhas preocupações era entender um processo de consciência de pertencimento ao lugar motivado fundamentalmente por atividades culturais. Na época, utilizava provisoriamente o termo *ser periférico*. Com o correr do tempo e das elaborações, achei a expressão

“sujeito periférico” bem mais apropriada ao que eu queria dizer na tese. Tive uma longa conversa com Tita Reis e expliquei minha intenção de usar o nome da canção como conceito sociológico. Tita aprovou e comecei uma formulação. No decorrer da escrita, *sujeito periférico* foi ganhando corpo e algumas conotações distintas daquele termo *ser periférico*, a quem acabei dando um uso secundário. Quando faltavam quinze dias para a entrega da tese eu ainda não tinha um título. A primeira opção era “fazer-se periférico”, mas esse sentido poderia dar a impressão de “passar-se por algo”. Não era essa a minha intenção. Preferi então dar relevância ao conceito *sujeito periférico*, e ele virou título da tese.

Como já comentado, após a defesa passei um bom tempo apresentando a tese em coletivos culturais das quebradas e movimentos sociais. Foi nesse período, entre 2013 e 2014, que o conceito se disseminou. Tomado como bandeira ou grito de guerra, fundamentalmente na luta pela aprovação da Lei de Fomento à Cultura da Periferia, *sujeitos periféricos* obteve uma conotação política mais abrangente do que sua definição teórica, e esses usos políticos têm servido para distintas finalidades. De fato, por meio de um processo sobre o qual o autor não tem controle, a potência da oralidade se descolou do rigor acadêmico. O capítulo 7 deste livro tem por objetivo conceituar e definir com melhor precisão *sujeitas e sujeitos periféricos*.

Com o passar do tempo, o conceito *sujeitas periféricas* passou a ser utilizado. Lembro quando uma aluna da Unifesp, a Márcia Terra, disse na reunião de aprovação do curso de geografia na reitoria da Unifesp, em frente a uma multidão de pessoas, que se sentia uma *sujeita periférica*. Ela queria dizer algo político para além daquilo que estava escrito na tese. Lembro também quando Aurélio Rodrigues, militante do movimento



LGBTQIA+ e do Movimento Cultural das Periferias, atuante na Pedreira e na Cidade Ademar, relatou em uma reunião na Câmara Municipal que se sentia uma *sujeita periférica*. Algo ali estava querendo ser dito.

Minha preocupação não são os usos correntes do conceito. Existem coisas que, uma vez estando no mundo, não mais controlamos. Realmente problemático é um tipo de uso acadêmico de *sujeitas e sujeitos periféricos*. Vi muitos artigos sendo publicados sem citar a fonte original e nem o debate que o circunda. Vi também artigos acadêmicos falando de *sujeitas e sujeitos periféricos* e citando autores estrangeiros como formuladores da ideia. Vale a lembrança, *sujeitas e sujeitos periféricos* é um conceito sociológico, tem uma formulação que o embasa, deve vir em itálico e deve ser citada sua fonte.

### **Sobre o título da tese e do livro**

O título da tese “A Formação dos *Sujeitos Periféricos*: Cultura e Política na Periferia de São Paulo” utilizou a categoria *formação* em termos thompsonianos, ou seja, naquela acepção que indica que a *classe* se forma por meio de suas experiências coletivas compartilhadas e por meio de antagonismos comuns. Desse modo, *formação* no título quis dar conta de um processo histórico de média duração ocorrido a partir da década de 1990.

Com a tese defendida e com suas ideias na rua, houve pelo menos outras três compreensões para o título. Uma delas entendia a *formação dos sujeitos periféricos* pelo caráter individual da formação, a partir de influências externas, e que está presente naquilo que conceituamos como *subjetividades periféricas*, explicada no capítulo 7.

Uma terceira acepção compreendeu a *formação dos sujeitos periféricos* no mesmo sentido dado a “formação política”.

Houve ainda uma quarta compreensão, entendendo o título do livro como o percurso de formação na universidade de jovens moradores das periferias. Tendo começado minha graduação na era FHC e terminado a mesma na era Lula, em uma universidade pública, percebi como a tese havia sido muito lida por jovens beneficiados pelo FIES, eles mesmos *sujeitos periféricos*.

Em relação à tese, o título do livro acrescenta o conceito *sujeitas periféricas*, dado o uso corrente do conceito por mulheres e militantes do movimento LGBTQIA+. O livro discorre sobre essa apropriação no capítulo 7.

### **Uma tese transformada em livro**

A tese “A Formação dos *Sujeitos Periféricos*: Cultura e Política na Periferia de São Paulo” foi defendida às vésperas das Jornadas de Junho de 2013. De lá para cá o Brasil mudou bastante, e isso se reflete no livro. Algumas premissas embasaram as modificações realizadas em relação ao texto original da tese: manter os principais argumentos, aprofundando-os teoricamente; acrescentar passagens visando a melhorar os argumentos; suprimir passagens que podem ser apresentadas como materiais autônomos; suprimir passagens datadas; atualizar alguns debates. Outra questão importante se refere ao número de páginas. A necessidade de diminuição delas para publicação teve por desdobramento a necessária supressão de alguns itens. Ou seja, por um lado tive que diminuir o texto, e por outro atualizá-lo. Em grandes traços, o livro está mais conciso, mais coeso e mais profundo em relação ao material apresentado na tese. Sobre a questão, cabe discorrer sobre o material presente neste livro.

O prefácio escrito por Dennis de Oliveira não estavam na tese, assim como a cena 1, “Raízes”. As cenas 2 e 3, “Memórias

de um rapaz comum” e “Escutando o sujeito periférico”, são praticamente as mesmas.

Esta introdução também não estava na tese (a introdução presente na tese, que era muito grande, foi dividida e algumas passagens subsidiaram esta introdução e os capítulos 2 e 3 deste livro. Algumas passagens foram retiradas).

O capítulo 1 deste livro, “Breve história do termo/conceito *periferia*: mutações e disputas”, recebeu apenas pequenos acréscimos em relação ao capítulo 1 da tese.

Os capítulos 2 e 3, “1993: Neoliberalismo, Violência e Pobreza” e “Processos sociais ocorridos nas periferias a partir da década de 1990 visando diminuir a violência”, foram atualizados. Também se aproveitou neles passagens da introdução da tese.

O capítulo 4, “Os Racionais MC’s: a melhor expressão de um tempo histórico”, merece uma história à parte. Era o capítulo 3 da tese e tinha 74 páginas. O texto original da tese foi ampliado para 90 páginas e melhorado com a intenção de virar um livro sobre os Racionais. O projeto do livro sobre a obra do grupo não avançou. Desse modo, o capítulo 4 deste livro é uma versão reduzida do livro sobre os Racionais que não foi publicado. Foram escolhidas as passagens que melhor se relacionam com o argumento geral deste livro. Cabe lembrar que mantenho em pé o projeto de publicar um livro que trate somente dos Racionais.

O capítulo 5, “os Coletivos Culturais das Periferias” é uma versão reduzida do capítulo 5 da tese, com o acréscimo de um texto atualizando o debate.

O capítulo 6, “*Periferia* como compreensão alargada e contemporânea de classe trabalhadora”, mantém passagens do capítulo 4 da tese, acrescenta textos e avança em algumas discussões.

O Capítulo 7, “o conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos*” avança teoricamente no que estava proposto no capítulo 4

da tese, sendo quase inteiramente inédito.

O posfácio deste livro, “Dilemas das periferias contemporâneas e os desafios para o novo ciclo histórico” é inédito, e tem por objetivo atualizar o debate para o contexto histórico atual, substituindo as Considerações Finais da tese de 2013.

Uma parte do capítulo 5 da tese foi retirada. Nela se fazia uma discussão musicológica e se apresentava um material etnográfico nos itens “O Movimento Cultural de Guaianases”, “O teatro”, “O samba” e “O rap”. Esses itens farão parte de publicações vindouras sobre produção cultural das periferias. No percurso de revisita ao texto da tese e de escrita do livro também foram produzidos novos materiais sobre *segregação socioespacial* e sobre o conceito de *epistemologia periférica*<sup>2</sup>.

### **Procedimentos de pesquisa**

A pesquisa que redundou neste livro parte de uma *vivência* transformada em *experiência*, como se conceitua no capítulo 7. A partir dessa vivência intensa se busca produzir uma teoria que explique a *vivência*, mas que também dê conta de explicar o mundo e a totalidade a partir da *vivência*.

Nessa busca, vários foram os procedimentos utilizados pela pesquisa:

#### **a) Bibliografia;**

Foi consultada a bibliografia pertinente aos temas envolvidos.

#### **b) Entrevistas;**

Também foram realizadas entrevistas com moradores e

---

<sup>2</sup> O conceito de *epistemologia periférica* foi tratado de maneira incipiente no artigo “Contribuições para a definição dos conceitos periferia e *sujeitas e sujeitos periféricos*” (D’Andrea, 2020a). Pretendo trabalhar especificamente sobre esse conceito em publicação vindoura, ampliando-o e definindo-o com mais precisão.

moradoras das periferias de São Paulo. Entrevistas em profundidade foram feitas com indivíduos selecionados. Nesses casos, se explorou, sobretudo, a trajetória individual, sua vinculação com a produção artística, com a política e como analisavam alguns processos sociais em curso. Quando existe alguma referência a tais entrevistas, as entrevistadas e os entrevistados são citados.

Em paralelo, a pesquisa recolheu uma infinidade de relatos e conversas informais nas mais variadas situações em que o autor esteve presente. Essas situações sempre apresentaram frases que explicavam ou descreviam questões trabalhadas no livro. Essas frases muitas vezes foram incorporadas com a preocupação de citar o contexto social e a origem do formulador da frase, mas não necessariamente revelando seu nome.

### **c) Observação participante;**

A participação ativa em diversas situações devido à posição do pesquisador no campo foi um fértil manancial de informações. Dessa forma, atividades musicais e teatrais, manifestações, reuniões, eventos variados, dentre outras formas de diálogo com as sujeitas e os sujeitos problematizados neste livro se transformaram em momentos de intenso acúmulo de informações sobre os fatos vivenciados pelo autor e recriados analiticamente pela pesquisa.

### **d) Etnografia;**

A descrição etnográfica de agentes e situações sociais foi utilizada em larga escala nesta pesquisa, sobretudo nos momentos que exigiam menor intervenção por parte do pesquisador. A descrição dos cenários, de eventos e de situações foi indispensável para muitas das análises propostas por este estudo. Em muitos desses eventos foram abordadas

questões discutidas por este livro. Em diversos momentos, não houve diálogo algum entre o autor e o formulador de frase exposta neste trabalho. No entanto, o autor anotou e problematizou frases e falas que exemplificavam situações ou processos que se encaixavam nos objetivos da pesquisa. Quando possível, são citados nominalmente os autores ou autoras de tais frases. Quando não foi possível essa identificação, buscou-se ao menos pontuar o coletivo que o enunciador representava ou alguma identificação com a qual fosse possível situar socialmente tal enunciador.

#### **e) Escuta musical;**

O autor escutou e analisou diversas obras musicais, que serão citadas ao longo deste livro.

#### **f) Análise de letras de música;**

Foi elaborado um banco de dados com as composições dos Racionais MC's. Todas essas composições foram analisadas, catalogadas e classificadas. O resultado da análise é apresentado, sobretudo, no capítulo 4.

#### **g) As cenas;**

No transcorrer do livro, são apresentadas algumas *cenas*. Elas foram extraídas do mundo social e retratam situações vivenciadas pelo autor ou relatam acontecimentos que se relacionam com os objetivos da pesquisa. Mais do que explicar ou exemplificar, tais cenas apresentam questões. Disso decorre que pode haver a impressão de que elas estão descoladas do texto. Contudo, o objetivo delas é expor questões trabalhadas por este livro e presenciadas no mundo social. Amparando-se na linguagem teatral, tais cenas funcionam como esquetes dentro da totalidade do texto. Como se obser-

vará, nas situações apresentadas nessas cenas se produziram muitas das reflexões contidas neste texto.

## **Entre marxismo e antropologia**

As duas principais matrizes teóricas que me orientaram no percurso de escrita da tese e do livro são o marxismo e a antropologia. O marxismo me orienta desde a infância. Foi essa matriz teórica que em meus primeiros cursos de formação na igreja católica me ajudou a compreender a pobreza da minha família. Posteriormente, na universidade e em organizações políticas, pude compreender melhor o edifício analítico e teórico do marxismo que, a meu ver, ainda é a mais sólida interpretação das sociedades contemporâneas.

No entanto, minha formação tem muito de antropologia também. Passei muitos anos da minha formação intelectual fazendo pesquisas nessa área. Nesse percurso, aprendi na antropologia muitas técnicas de trabalho de campo, aprendi a fazer etnografia, a dar voz ao entrevistado e a importância da escuta e das subjetividades, dentre outras lições.

Sintetizar marxismo e antropologia não é fácil. Ainda que cada um desses campos possua internamente dezenas de correntes teóricas, grosso modo são perspectivas que se posicionam quase de maneira antagônicas, com críticas e desconfianças mútuas. O debate é longo. Longuíssimo. Beber dessas duas fontes produziu em mim sinapses e ideias. Me ajudou a ver o que penso serem avanços e limites de cada um desses campos. Creio que todo este livro tem muito de marxismo e muito de antropologia.

Contudo, beber dessas duas fontes fez com que meu trabalho fosse criticado por representantes dos dois polos. À guisa de exemplo, contarei um caso curioso.

Logo após a defesa da tese, ainda em 2013, fiz uma apresentação para um grupo hegemônico por marxistas da USP Butantã. Naquele debate, minha tese foi acusada de não se debruçar sobre a classe trabalhadora e de ser identitarista. Achei interessante a acusação ter partido de alguém que possivelmente não tivesse tido tantas relações diretas com o trabalho em sua vida.

Meses depois, como de praxe, escrevi um artigo sintetizando a tese. Enviei-o para uma revista importante da área. No entanto, o artigo não foi aprovado. Segundo o parecer, eu deveria fazer o debate das *identidades*, que não aparecia em meu texto.

Para uns, a tese só falava de *identidades*. Para outros, a tese não falava de *identidades*. Sentia um tom acusatório de ambos os polos. E as acusações diziam mais sobre o estado das polêmicas nas ciências sociais do que propriamente sobre a minha tese. No entanto, antes de me filiar a uma corrente ou a outra, eu preferi olhar a aparente contradição de outro modo. A quebrada tinha gostado do que estava escrito. Quem estava incomodada com meus escritos era a classe média pensante, tanto em sua versão marxista como em sua versão antropológica. Cabe discorrer brevemente sobre cada uma delas.

É fato que nas últimas décadas a antropologia tem construído um arcabouço teórico-metodológico que proporcionou avanços incontestáveis para as ciências sociais. Pesquisas antropológicas realizadas por corajosas antropólogas e antropólogos militantes têm fortalecido o pensamento e a ação de grupos historicamente oprimidos e contribuído para diversos movimentos sociais. No entanto, no âmbito urbano, muitas vezes a população moradora das periferias foi transformada no *outro* buscado pelo *eu-pesquisador*, quase sempre de classe



média. Nesses processos, uma série de equívocos foram cometidos: elitismos, intromissão em assuntos confidenciais das quebradas, fetiche pelas periferias, falta de devolutiva das pesquisas realizadas, pouco interesse em contribuir na melhoria das condições de vida, dentre outros problemas verificados em trabalhos de campo<sup>3</sup>. Aos poucos, essas práticas foram cansando as quebradas, que passaram a desconfiar da universidade como um todo. Quando alguém de fora fala ou escreve sobre as periferias, deve saber que está falando de nossas memórias e de nossas histórias, de nossas famílias e de nossos afetos, questões muito caras e importantes pra nós. Por isso o pedido de cuidado. Por isso o pedido de respeito.

Também havia uma narrativa hegemônica em certos ambientes universitários de que o marxismo era algo ultrapassado, materialista (no pior sentido do termo) e político (no pior sentido do termo). Essa crítica era menos um problema da antropologia e mais de um setor social que operava nesses ambientes. Cabe dizer também que é mentira a narrativa de que o materialismo histórico é hegemônico em nossas universidades. Há tempos o marxismo apanha do imperialismo, dos liberais, dos pós-modernos<sup>4</sup> e, infelizmente, até de certas cabeças pensantes das quebradas.

No outro polo, o marxismo de classe média tampouco ajudava. Ao menos na época em que formei, o marxismo universitário tinha muitas dificuldades para falar de periferia ou fazer

---

3 Sobre a questão, ver o trabalho de Kaio Gameleira da Silva, Rafael Pompeu da Silva e Érica Peçanha, intitulado “Recomendações para projetos acadêmicos em periferias e favelas: considerações a partir do censo realizado pelo IEA-USP”, 2021.

4 Nas poucas vezes que este livro utiliza o termo pós-moderno, está se referindo a um arcabouço teórico-conceitual internamente diverso, mas que tem como premissas comuns o combate as intituladas grandes narrativas; a minimização ou invalidação da importância da análise social centrada nas classes sociais; uma tendência ao individualismo metodológico, dentre outras características.

uma pesquisa sobre periferia. Para fazer uma tese marxista, era exigido um debate teórico muitas vezes abstrato, ainda que existam muitos livros de filiação marxista que ajudam bastante a compreender os problemas prementes das quebradas.

Com essa barreira construída por um marxismo de classe média, para fazer pesquisa sobre a quebrada na universidade, o jovem periférico necessariamente tinha que cair nos braços de um pós-modernismo sociológico ou antropológico que também não ajudava as periferias a superarem as suas dificuldades.

De fato, pra pensar alguns processos profundos de transformação social no Brasil, algumas questões terão que ser melhor resolvidas. Uma delas é a captura dos termos *esquerda* e *classe trabalhadora* por parte da classe média pensante. Essa apropriação causa uma confusão semântica que tem atrapalhado muito as lutas da nossa geração. Muita gente das quebradas se afasta da *esquerda* porque a compreende como sendo a bandeira política da classe média ilustrada. Cabe lembrar com ênfase: esquerda também é composta (talvez principalmente) de classe trabalhadora e de periferias que comungam de um projeto de humanidade.

### **Por um marxismo favelado**

Seguindo os passos de Helena Silvestre, que lançou o termo, o que propomos aqui é a interpretação do mundo por meio do marxismo favelado. Esta interpretação coloca em primeiro plano a experiência vivida da classe trabalhadora em dado momento histórico, com suas contradições, dificuldades, erros, acertos, saberes e práticas organizativas. Aqui, a classe trabalhadora em movimento é compreendida em sua constituição complexa e heterogênea, dando especial ênfase aos locais onde essa classe se produz e se reproduz: as favelas e

as periferias urbanas. Não se pode apartar um povo de seu território. Historicamente, no Brasil, muitas lutas e muita organização ocorreram nos espaços de produção e reprodução da vida – quilombos, aldeias e bairros –, em uma genealogia que se estende e não se dissocia do chão da fábrica.

Essa experiência territorial da classe é compreendida por um histórico genocídio perpetrado pela burguesia por meio de agentes estatais e para estatais; por uma sociabilidade marcada pela precariedade e pela invenção; por táticas e estratégias organizativas e de resistência; pela despossessão dos meios de produção e da propriedade. Nessa concepção alargada, a classe trabalhadora seria composta negras e negros, indígenas, brancos pobres, trabalhadoras e trabalhadores precarizados e informais, desempregados, sem terras, sem tetos, dentre outros setores.

Na formulação do marxismo favelado, não cabe a pergunta se o principal é raça ou é classe. Discutir classe social no Brasil é necessariamente colocar preponderância no debate racial. Assim como o debate racial no Brasil não pode ser realizado dissociado de um debate sobre o lugar ocupado pela imensa maioria de negras e negros na estrutura produtiva. Nas últimas décadas, os principais intelectuais orgânicos das quebradas são negras e negros. Por meio de suas palavras e de suas ações, os Racionais MC's se tornaram um dos principais formuladores da classe trabalhadora, capazes de conscientizar negros e brancos pobres. O grupo foi o exemplo mais bem sucedido de como uma experiência racial e urbana da classe poderia conscientizar a classe trabalhadora como um todo.

O marxismo favelado não dissocia cultura de economia. Metodologicamente, busca na dialética as interações entre as subjetividades e as objetividades. Entre o macro e o micro.

Entre a experiência vivida e a produção da teoria. O marxismo favelado incorpora as criações e as crenças mais belas do povo brasileiro. É um marxismo que não nega cosmogonias e visualiza na fé uma possibilidade de construção de luta e de vida. Como escreveu Helena Silvestre:

E se eu, declarando-me marxista – materialismo histórico e dialético – acolhendo a teoria do valor, a teoria do fetiche, da guerra entre classes e a (i)lógica de autocontradição do capital, pudesse também abraçar sabedorias antigas, cosmologias edificadas pelos povos das florestas e pelos povos dos desertos, pelos indígenas e pelo povo negro? (SILVESTRE, 2019: 112).

Essa é a nossa busca, tendo como cenário as práticas sociais, econômicas, culturais e políticas das periferias urbanas e das favelas. Tendo como horizonte a luta anticapitalista, antipatriarcal e antirracista.

### **Por fim, a luta também é pra não mais necessitar de mediadores**

Quando a classe trabalhadora moradora das periferias não deixa que seu conhecimento seja apropriado e não se deixa ser apagada da história, suas iniciativas passam a ser atacadas. Algumas vezes pela direita, outras vezes por setores progressistas de classe média. Ambos setores, historicamente beneficiados pela estrutura social, querem destruir qualquer iniciativa que ameace seu protagonismo e suas posições. Já vi uma série de experiências de organização política da classe trabalhadora serem fragilizadas e destruídas por agentes de outras classes sociais.

No entanto, no que tange a classe média progressista, não se pode jogar fora a água com o bebê junto. Há que se fazer uma análise mais ampla da sociedade e a partir disso ter a nitidez de

que podemos ter problemas com esse setor social, mas essa não é a questão fundamental. A classe trabalhadora moradora das periferias pode fazer alianças táticas e estratégicas com esses setores visando se organizar e se defender de inimigos comuns representados pelo pensamento reacionário e conservador. Também é possível o compartilhamento de projetos de sociedade, compreendendo que o espectro político de esquerda engloba diversos setores sociais, inclusive, e talvez principalmente, a periferia como classe trabalhadora organizada.

Entre alianças e rupturas, é possível que a maior mudança que este livro tenta captar e expressar se refere ao processo histórico em que as periferias lutam para não precisarem mais de mediadores de classe média conservadora ou progressista. Desse modo, seus próprios agentes querem contar suas histórias; acessar espaços sociais e, fundamentalmente, formular um projeto de sociedade, operando politicamente para isso. Como toda mudança social, esse processo provoca uma quebra em estruturas instituídas de mediações que historicamente cercaram, controlaram e sufocaram a periferia. A periferia quer falar por si mesma.

E falar por si mesma é muito mais do que fazer uma disputa por espaços e postos na sociedade capitalista. Falar por si mesma é formular um projeto de sociedade que contemple toda população sob as premissas da justiça social e que parta daquelas e daqueles que mais sofrem com as diversas opressões instituídas. Ao olhar a totalidade da sociedade, de baixo pra cima, e ao vincular suas experiências com a compreensão teórica de como funciona a sociedade, serão esses os setores com maior capacidade de formulação de um projeto transformador.

O que se pretende é construir uma análise da sociedade que parta das periferias. É a periferia analisando e compreendendo

a si própria e no mesmo movimento olhando a totalidade da sociedade, analisando, compreendendo e propondo um novo projeto de futuro.

---

A história da periferia nos últimos trinta anos não é nenhuma história gloriosa, é simplesmente a sua história. Este livro não pretende ser nem pessimista nem otimista com as soluções encontradas e/ou implementadas nas periferias e pelas periferias para superação de seus dilemas. Não é verdade que tudo tenha dado em nada. Muita coisa foi feita pelas moradoras e os moradores dos bairros populares nas últimas décadas e, se algo de suas vidas melhorou, em grande parte foi por causa de sua ação. No entanto, essas soluções não romperam com a dominação exercida por outros setores sociais sobre essa população.

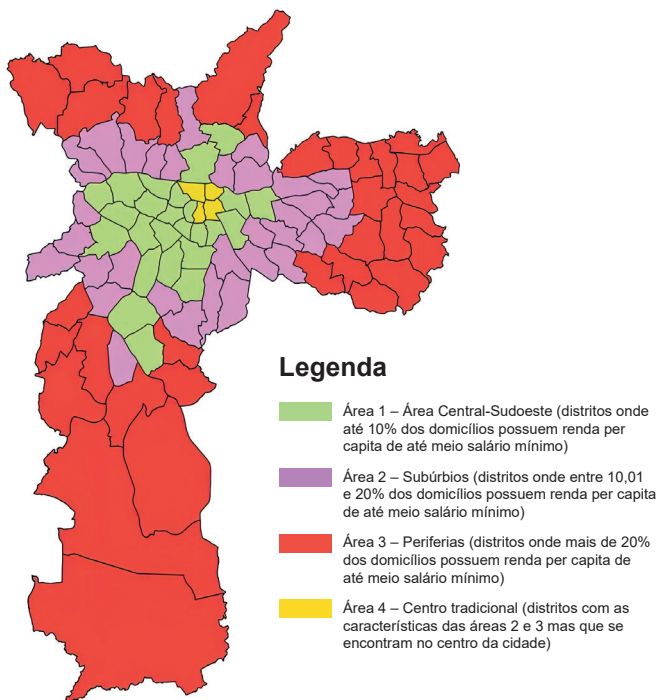
Por fim, as soluções encontradas por uma população em busca da própria sobrevivência ou pela melhoria de sua condição de vida podem não ter sido as melhores. No entanto, a realidade concreta é a única possibilidade de ponto de partida para a construção de uma outra realidade concreta.

Espero que este livro ajude. Ele foi escrito por alguém que passa a vida se cobrando pra cantar direito e pra que seus escritos contribuam nas lutas de emancipação da classe trabalhadora brasileira.

Só o povo salva o povo.

Periferia leste de São Paulo, 11 de junho de 2022.

## Mapa do município de São Paulo com definição de quatro padrões territoriais<sup>5</sup>



5 O mapa apresentado foi elaborado por Aluizio Marino e está baseado na divisão do município de São Paulo realizada pelo Movimento Cultural das Periferias quando das mobilizações pela aprovação da Lei de Fomento à Cultura das Periferias. A conceituação das quatro grandes áreas nas quais está dividido o município e que se apresenta na legenda do mapa foi realizada por Tiaraju D'Andrea. Um argumento aprofundado sobre a referida divisão e conceituação se encontra no artigo do autor intitulado "Contribuições para a definição dos conceitos *periferia e sujeitas e sujeitos periféricos*", publicado na *Revista Novos Estudos Cebrap*, número 116, jan-abr, 2020. No artigo também são apresentados outros dois padrões territoriais não aprofundados neste livro: os enclaves de pobreza (favelas e cortiços localizados na área central-sudoeste e no centro tradicional) e os enclaves de riqueza (condomínios fechados localizados nas periferias).







# Breve história do termo/conceito *Periferia*: mutações e disputas

O intuito deste capítulo é refletir sobre as mutações e as disputas em torno do termo/conceito *periferia* entre campos do conhecimento: a produção acadêmica, que deteve a *preponderância*<sup>6</sup> sobre a explicação do termo; a produção artística da periferia, que passa a formular novos significados, buscando conceituar o termo e deter a *preponderância* a partir da década de 1990, e; a indústria do entretenimento, que se apodera das interpretações em meados dos anos 2000. O que se pretende

---

6 Neste livro, a palavra *preponderância* foi transformada em conceito, cujo significado reside na explicação contida no verbete *preponderar* do Dicionário Aurélio: “ser mais pesado, ter mais peso; ter mais influência ou importância; predominar, prevalecer”. Isto posto, corrobora-se aqui para a afirmação de que os três campos discursivos analisados – a academia, as produções culturais das periferias e a indústria do entretenimento – discorreram sobre o termo *periferia*, atribuindo-lhe um ou mais significados. No entanto, em alguns momentos históricos, houve a *preponderância* de uma interpretação sobre as outras, ou seja, alguma delas teve mais peso, maior abrangência, maior influência sobre o todo da sociedade, maior potência explicativa do fenômeno. Isso não quer dizer, e vale aqui ressaltar, que os outros campos do conhecimento não seguissem produzindo interpretações sobre o fenômeno *periferia*. Muitas vezes uma interpretação é mais completa e mais representativa do real, no sentido de explicar o fenômeno, mesmo não sendo a *preponderante*.

aqui é problematizar a coexistência de três visões que lutam, coexistem, se imbricam, inter-relacionam e retroalimentam, mas que mantêm traços autônomos relacionados ao seu fazer, aos seus objetivos e à sua posição na estrutura social. Tal datação é uma referência. Muitas vezes, as *preponderâncias* demoram tempo para se ratificarem, coexistindo em algum período de tempo com outras *preponderâncias* que aos poucos vão perdendo força.

### **A preponderância acadêmica**

A definição do termo *periferia* foi sendo construída na medida em que o próprio fenômeno passava a existir socialmente. Até mais ou menos a década de 1940, o centro de São Paulo e seus arredores constituíam aquilo que se denominava *cidade*. Para além dessa mancha urbana localizavam-se núcleos urbanos espalhados dentro da fronteira territorial do município. Ditos núcleos mantinham vida própria e um ambiente semirrural.

Com a explosão demográfica da cidade de São Paulo a partir da década de 1940, todos esses arrabaldes começaram a ser ocupados<sup>7</sup>, tendo como referência o centro da cidade e a mancha urbana circundante a ela. Nesse processo de imprecisa marcação temporal, se fazia importante, enquanto processo social, aquilo que aos poucos viria a ser denominado *periferia*.

Cabe ressaltar que esta explosão populacional ocorrida nos arredores do centro de São Paulo era produto de um tempo histórico e se inseria em importantes debates intelectuais sobre o modelo econômico brasileiro e latino-americano. As altas taxas de crescimento demográfico ocorridas nas principais cidades latino-americanas, mormente entre as décadas de 1940 e 1970,

---

<sup>7</sup> Segundo Nabil Bonduki (1998), o crescimento dos bairros populares em São Paulo se deu a partir do tripé autoconstrução, loteamento irregular e casa própria.

colocaram na pauta de discussão pública a chamada *questão urbana*. Desse modo, desdobrando as discussões relativas à *migração* e *industrialização*, o problema da *urbanização* passava a ser uma questão social premente, e, em decorrência disso, um tema candente para as ciências sociais. Devido à repressão política estendida à maior parte dos países latino-americanos entre os anos de 1960 e 1980, foram reprimidas e/ou silenciadas as reivindicações populares relacionadas às carências infraestruturais dos bairros pobres. O condicionamento ao fazer político desta população (assim como o condicionamento às formas até então tradicionais do fazer político, sobretudo em partidos e sindicatos) e a sua dificuldade de se fazer visível publicamente, teve como uma decorrência quase que a restrição da referida discussão ao campo acadêmico. Especificamente no caso brasileiro, o campo acadêmico gozava de uma abertura maior para a formulação da crítica se comparado a outros setores como os partidos políticos, os sindicatos, os movimentos sociais e o campo artístico, já que, apesar da repressão e da vigilância, conseguia desenvolver e publicar pesquisas que tratavam a *periferia* por meio de um cunho crítico e denunciando como a pobreza nesses locais era decorrência de um sistema político e econômico. No caso paulistano, entre as décadas de 1960 e 1980, fazer pesquisas de campo na periferia, discorrer sobre ela, estudar as causas da produção desse fenômeno, denunciar suas mazelas ou descrever modos de vida aí presentes tornavam-se atividades altamente críticas à sociedade como um todo e de alto teor militante. De certa maneira, e não isenta de tensões, a posição social salvaguardou o campo acadêmico para que este se tornasse o pioneiro na tentativa de uma formulação crítica e de uma explicação sobre o fenômeno urbano e social denominado *periferia*.

No caso de São Paulo, cidade onde o termo *periferia* foi utilizado com maior profundidade e escala, muitas escolas intelectuais disputaram sua utilização no âmbito acadêmico. Desse modo, este texto fará uma breve discussão sobre a utilização do termo *periferia* em três grupos: os *marxistas*, divididos em dois grupos, como se observará na sequência<sup>8</sup>, e os *antropólogos*.

Cabe ressaltar que, em que pesem as marcadas diferenças entre tais perspectivas no que tange a metodologias, teorias, conceitos, posições políticas e resultados, os escritos dos três grupos se interpenetraram e se influenciaram mutuamente. Este texto esboçará uma análise das três correntes por meio da apresentação e discussão de importantes nomes e publicações referentes a cada uma delas. Como eixo condutor do argumento, será enfatizada a produção acadêmica de um dos principais intelectuais que se dedicou ao tema: o cientista político Lúcio Kowarick, cuja obra, com o transcorrer do tempo, incorporou interpretações das três correntes.

Os primeiros intelectuais latino-americanos que buscaram fundamentar aquilo que seria uma espécie de *teoria da urbanização na periferia do capitalismo* o fizeram relacionando a urbanização a processos como a *dependência econômica*, o *subdesenvolvimento* e o *imperialismo*. Seguindo essa senda, os intelectuais brasileiros pioneiros em uma reflexão sobre a *questão* se apoiaram, mormente, na obra do francês Manuel Castells (1973; 1983). Assim sendo, construíram uma teoria sobre o urbano na qual a produção deste era um *reflexo* da produção econômica, ou seja, não havia na obra de tais autores uma teorização sobre as formas próprias assumi-

---

<sup>8</sup> Para uma análise da produção marxista sobre *o urbano* em São Paulo, ver Pedro Arantes (2009).

das pela produção capitalista especificamente por meio do ambiente urbano. Pode-se resumir o seu ponto de vista da seguinte maneira:

- a) a cidade (sobretudo os bairros populares) é o local da reprodução da força de trabalho. Sendo assim, os autores enfatizam o *consumo* da cidade, e não sua produção.
- b) na cidade, o conflito central não se dá no eixo de luta entre capital e trabalho, mas entre movimentos sociais urbanos e Estado.

No Brasil, um dos autores pioneiros na formulação de uma teoria sobre o urbano, entendendo-o como uma reprodução em nível espacial das contradições entre capital e trabalho, foi Lúcio Kowarick. Cabe observar a seguinte passagem do autor: “a distribuição espacial da população no quadro deste crescimento caótico reflete a condição social dos habitantes da cidade, espelhando ao nível do espaço a segregação imperante no âmbito das relações econômicas” (KOWARICK, 1979: 34).

Outros autores e obras que utilizaram a noção próxima do *espelhamento*, aqui sugerida por Lúcio Kowarick, foram Francisco de Oliveira, em *Crítica à razão dualista*, publicado em 1972, e Paul Singer, em *Economia Política da Urbanização*, publicado em 1973. Para essa corrente interpretativa, a *periferia* da cidade seria um bolsão de reprodução da força de trabalho, onde a classe trabalhadora se reproduzia enquanto tal e em condições críticas. Pode-se verificar com evidência a afirmação acima na seguinte passagem de Lúcio Kowarick: “(...) a periferia como forma de reproduzir nas cidades a força de trabalho é consequência direta do tipo de desenvolvimento econômico que se processou na sociedade brasileira nas últimas décadas” (KOWARICK, 1979: 42-44).

Em artigo em que analisa essa corrente da produção in-

telectual, o urbanista Pedro Arantes afirma que, pelo fato de não haver ainda um campo teórico constituído e com categorias próprias sobre o *urbano*, os dilemas foram solucionadas por uma escolha política cuja intenção era privilegiar “o entendimento da cidade pelo lado do consumo coletivo, da reprodução da classe trabalhadora, da cultura de massas e da ação do Estado” (ARANTES, 2009: 126). Preocupados em caracterizar a emergência de um novo sujeito político (o cidadão organizado em movimentos territoriais e urbanos), estas pesquisas estavam “comprometidas em orientar a ação institucional ou das organizações da sociedade civil – em suma, pesquisas na superação prática do atraso e da desigualdade” (ARANTES, 2009: 126).

O principal livro publicado por essa corrente foi *São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza*<sup>9</sup>, resultado de um estudo realizado pelo CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) para a Pontifícia Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo. A publicação foi um divisor de águas nos estudos sobre urbanização e pobreza, tornando-se referência inescapável para os estudos vindouros sobre o assunto. A importância desse livro foi acentuada devido àquele momento histórico no qual a participação política estava vetada. Naqueles anos, a discussão das precárias condições de vida nas periferias da cidade tinha um forte sentido crítico e de denúncia das condições opressivas da época e, sobretudo, da natureza profundamente excludente dos processos econômicos então em curso, expressos nas desigualdades sociais e urbanas que o livro tratava de expor. Por outro lado, o fato de ser uma pes-

---

9 Os autores que publicaram textos no livro *São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza* foram Lúcio Kowarick, Vinicius Caldeira Brant, Cândido Procópio de Camargo, Fernando Henrique Cardoso, Frederico Mazzucchelli, José Álvaro Moisés, Maria Hermínia Tavares de Almeida e Paul Singer.

quiza promovida pela Igreja Católica não era irrelevante para entender a importância e a ressonância que o livro ganhou naqueles anos. Importante, senão único, esteio e amparo à resistência ao regime militar na época, a Igreja ocupava um lugar político de primeira ordem também nas periferias da cidade. Importante lembrar que foram nesses anos, meados da década de 1970, que as comunidades eclesiais de base, surgidas no início dessa década, começaram a se proliferar nas periferias, constituindo-se em peça fundamental das articulações políticas que iriam dar sustentação aos então emergentes movimentos sociais e também ao operariado cuja organização política no âmbito das fábricas estava vetada.

Fruto da força política da Teologia da Libertação<sup>10</sup>, as comunidades eclesiais de base foram espaços de sociabilidade, liturgia e discussão política. Enraizadas nos bairros populares de São Paulo, ditas comunidades foram locais de encontro de uma população acuada que por meio da prática religiosa e política, formulou a resistência à ditadura militar, denunciando as condições de vida e a pobreza.

Este breve apontamento sobre a presença da esquerda católica nas periferias e sua importância na luta contra a ditadura militar no Brasil serve para colocar a questão de como um setor da academia estabeleceu alianças com outros agentes sociais, neste caso a Igreja Católica em sua face progressista, e como esse fato foi essencial na consolidação da legitimidade desse setor no que tange à representação sobre a *periferia*. Essas alianças foram possíveis porque a preocupação desses agentes era a de apontar os sujeitos políticos portadores da força necessária para mudar os rumos da política e denunciar a miséria vivida pela

---

10 O fortalecimento da Teologia da Libertação ocorreu após a realização dos Concílios de Puebla, em 1968, e Medellín, em 1979. Nesses encontros, foi ratificada a opção pelos pobres, por parte da Igreja Católica.



população naquele momento. De certa maneira, a academia se refugia na Igreja para poder exercer sua crítica intelectual. De fato, o livro *São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza* foi uma publicação que marcou época no entendimento do fenômeno social expresso pelo crescimento da *periferia* de São Paulo.

Outro livro que marcaria o debate sobre os processos de urbanização em curso na cidade de São Paulo foi *A produção da casa (e da cidade) no Brasil industrial*, publicado com textos escritos entre 1975 e 1979. Organizado pela urbanista Ermínia Maricato<sup>11</sup>, essa publicação expressou um salto qualitativo em sua geração, ao anunciar formas propriamente urbanas de produção do capital.

A grande virada que a reflexão de tais autores fez com relação à geração pioneira das interpretações marxistas sobre o urbano foi haver observado a edificação da cidade não como “palco” da reprodução do capital e da força de trabalho, mas como uma “forma específica” de produção do capital. Essa produção ocorreria por meio de fenômenos aparentemente corriqueiros como a falta de planejamento, os vazios urbanos, os loteamentos irregulares, os terrenos baratos sem infraestrutura etc. Todos estes expedientes fazem parte da dinâmica de extração de renda da terra tanto por parte dos agentes especulativos como por parte do capital construtivo, só para citar dois exemplos. Esse argumento se expõe também em um famoso artigo de Lúcio Kowarick publicado em 1979 e chamado “A lógica da desordem”. O texto fazia parte de uma importante publicação do autor denominada *A Espoliação Urbana*, e que também foi fundamental nos estudos urbanos.

Na proposição “lógica da desordem”, o autor denomina “lógica”

---

<sup>11</sup> Além da organizadora, os autores que publicaram textos nesse livro foram Paul Singer, Gabriel Bolaffi, Rodrigo Lefèvre, Raquel Rolnik, Nabil Bonduki e Gerson Ferracini.

expedientes colocados em prática nos processos de urbanização que teriam seu fundamento na acumulação e na especulação. A lógica da acumulação é a extração de lucro. A lógica da especulação é a extração de renda da terra, entendendo a terra como capital. No entanto, essas duas lógicas fundem-se na desordem. Dita desordem seria o resultado da ação empreendedora de uma série de agentes dispostos a auferir renda e lucro de tal (des)configuração urbana. Como não há uma ação organizada por parte destes, mas sim uma série de empreendimentos privados sem planejamento urbano, a resultante teria sido o caos e a desordem.

Décadas depois da publicação de *A Espoliação Urbana*, Lúcio Kowarick compilou uma série de artigos nos quais abordava os mesmos temas do livro de 1979. Publicado no ano 2000, o livro *Escritos Urbanos* reúne artigos das décadas de 1980 e 1990. Ainda que os argumentos centrais do livro de 1979 estivessem mantidos, os textos de *Escritos Urbanos* qualificam algumas posições anteriores no que tange aos processos ocorridos nas periferias.

Já na introdução de *Escritos Urbanos*, Kowarick aponta que seu trabalho: “ao se desamarrear sem se desprender das âncoras estruturais, passa a enfatizar a problemática da subjetividade social” (KOWARICK, 2000: 14). De certo, a subjetividade social a que se refere Kowarick se relaciona à incorporação por parte do autor de temas e conceitos provindos da obra do historiador inglês E. P. Thompson, que influenciou toda uma geração de intelectuais dedicados aos estudos urbanos. Um dos livros mais importantes dessa geração foi *Quando novos personagens entraram em cena*, de Éder Sader, publicado em 1988. Outros autores importantes no estudo dos movimentos sociais urbanos nesse momento da produção foram Vera da Silva Telles, Silvio Caccia Bava e Maria Célia Paoli.

Também nesses anos, a antropologia urbana passou a fazer parte do debate sobre a *questão urbana*, propondo enfoques distintos daqueles influenciados pela tradição marxista. Sua preocupação era o de discutir os modos de vida, as práticas e o imaginário social das populações moradoras de bairros populares. Um dos pressupostos do trabalho antropológico naquele momento propunha um “mergulho no real” ao invés de estudos macroestruturais e globalizantes. No lugar da explicação abstrata e totalizante, a ênfase nos “microprocessos”.

No momento mesmo em que a antropologia se firmava como disciplina indispensável para o entendimento do urbano, Eunice Durham, em 1986, discorreu desta maneira sobre o fenômeno dos estudos antropológicos:

[...] o sucesso recente da antropologia está certamente vinculada ao fato de que, hoje, essas minorias desprivilegiadas emergem como novos atores políticos, organizam movimentos e exigem uma participação na vida nacional da qual estiveram secularmente excluídos. [...] em virtude mesmo do que parece ser uma nova dinâmica da sociedade brasileira, os esquemas globalizadores com os quais a sociologia e a ciência política produziram, no passado, uma interpretação coerente da sociedade nacional, têm-se revelado singularmente inadequados. Nota-se hoje, claramente, nessas disciplinas, uma crise explicativa que está provocando uma revisão crítica muito profunda tanto dos seus pressupostos teóricos e metodológicos, quanto da própria concepção da sociedade brasileira que construíram no passado. Neste sentido, o trabalho altamente descritivo da antropologia, sua capacidade de detectar perspectivas divergentes e interpretações alternativas, apresenta um material provocativo para repensar a realidade social (DURHAM, 1986b: 18-19).

No entanto, nesse mesmo texto, Durham já observava os limites teórico-metodológicos da antropologia, verificados na grande quantidade de estudos microssociais pouco generalizáveis, na tendência a entender a periferia como um mundo à parte e na sobreposição entre explicações *nativas* e explicações antropológicas. Sobre essas dificuldades, afirmou Durham:

[...] sair desse impasse significa dissolver essa visão colada à realidade imediata e à experiência vivida das populações com as quais trabalhamos, não nos contentando com a descrição da forma pela qual os fenômenos se apresentam mas investigando o modo pelo qual são produzidos. Não se trata obviamente de exigir que cada pesquisa empírica construa o quadro completo ou a teoria acabada da sociedade brasileira. Mas é necessário que em algum lugar da reflexão antropológica esses problemas comecem a ser investigados (DURHAM, 1986b: 33).

Como se pôde observar nas citações de Durham, o trabalho antropológico tentava, com avanços e limitações, tirar a ênfase dos condicionamentos macroestruturais nos processos de formação das periferias urbanas. Uma boa síntese dos novos caminhos desbravados foi escrita por Heitor Frúgoli, para quem os autores filiados à antropologia:

[...] tomaram as áreas periféricas como local de pesquisa, buscando compreender detidamente redes de parentesco e vizinhança, modos de vida, estratégias de sobrevivência, formas de sociabilidade e representações políticas, com ênfase em dimensões cotidianas e em representações simbólicas, muito pouco contempladas nas perspectivas 'macroestruturais'. Tratava-se de um outro tipo de olhar sobre a periferia [...] (FRÚGOLI, 2005: 141).

Desses novos caminhos abertos pela antropologia derivaram novas definições sobre o termo *periferia*. Porém, talvez o mais importante no debate aberto pelos antropólogos foi a ênfase na diversidade de fenômenos existentes. Essa é a questão que se enuncia e se formula nas definições da periferia como espaços de representações, práticas e interações sociais moldando formas de vida e *experiências* vividas. Como, afirmou Durham: “periferia é fenômeno uniforme e diverso” (DURHAM, 1986a).

Em suma, se as ciências sociais fundaram um campo profícuo e vasto de discussão sobre o fenômeno urbano, cada uma das disciplinas que a compõem se comprometia com a superação dos limites teórico-metodológicos que possuíam, à guisa de aperfeiçoar suas pesquisas. No entanto, com o decorrer do tempo e o fortalecimento de outros atores sociais, os enunciados sobre o que seria *periferia* passaram a se multiplicar. Concomitante às interpretações das ciências sociais, coletivos culturais das periferias passaram a se firmar como outro campo discursivo que iria lançar outras referências e outras figurações da cidade e das periferias. No correr dos anos 1990, esse campo de atuação e de enunciação iria ganhar uma importância cada vez maior, na própria medida em que conquistava visibilidade e passava a se impor como referência para uma reinvenção do discurso crítico sobre a cidade e, especificamente, sobre a condição periférica. O discurso acadêmico iria perder o monopólio do discurso legítimo e também do discurso crítico sobre *periferia*.

### **A preponderância periférica**

Entre o momento em que a interpretação acadêmica sobre o fenômeno *periferia* era preponderante, e o momento da *preponderância* usufruída pela produção artística das periferias, existe histórica e conceitualmente um elo representado pelos

movimentos populares das décadas de 1970 e 1980. Sobre o assunto, assim discorreu o antropólogo José Guilherme Magnani: “os acadêmicos usavam o conceito de *periferia*, principalmente os marxistas, depois os movimentos sociais da periferia pegaram o conceito”.<sup>12</sup>

No entanto, parece que a questão é um pouco mais complexa. Nos anos 1970, a Igreja Católica empreendeu uma ação social e catequizadora denominada *Operação Periferia*. Na metade daquela década, fundamentalmente na zona sul, surgiu uma organização de mulheres que se autodenominava *Clube de Mães da Periferia*, com atuação importante nos bairros. Em seu início, as mulheres dos Clubes de Mães da Periferia foram incentivadas por senhoras da burguesia paulistana, tendo esses clubes um caráter assistencialista. Com o tempo, as mulheres moradoras das periferias se rebelaram e passaram a se auto-organizar, sendo posteriormente protagonistas de lutas Contra a Carestia e contra o Custo de Vida, mobilizações sumamente importantes contra a ditadura na década de 1970<sup>13</sup>.

No entanto, em hipótese a ser melhor aprofundada, esse uso dado e utilizado para *periferia* na década de 1970 ainda estava marcado pelo assistencialismo da Igreja Católica e da burguesia paulistana, em que pese a rebeldia posterior das mulheres dos Clubes de Mães, já apontando para uma reversão dos usos e significados. O trabalho de Paula Salles (2020) nos ajuda nessa questão, referendando a hipótese de que, nos 1970, *periferia* era um termo vindo de fora pra dentro e com sérias reticências para seu uso por parte de moradoras e moradores de bairros populares. Estudando arquivos e

---

12 Frase proferida no Seminário Estéticas da Periferia/maio de 2011.

13 Sobre os Clubes de Mães e o Movimento Contra a Carestia, sugere-se a leitura dos trabalhos de Monteiro (2017) e Azevedo e Barletta (2011).

documentos da época, a autora nota que: “a referência aos pobres e necessitados e à população da periferia vai sendo paulatinamente substituída por expressões como bases, classes populares e classe trabalhadora” (SALLES, 2020: 55). Ou seja, quanto mais os movimentos populares se organizavam na passagem dos 1970 para os 1980, mais buscavam termos que representassem suas lutas. A autora também retrata uma ressemantização do termo *popular* no período, que passa a ser utilizado e politizado, diferentemente de *periferia*, cuja tendência era ser paulatinamente descartado pelos movimentos populares. Nesse período, o Movimento Punk também se afirmava como sendo da *periferia*. Cabe lembrar também que na década de 1980 Benedita da Silva organizou no Rio de Janeiro um encontro de Mulheres de Favelas e Periferias. No entanto, o que se quer salientar é que, mesmo que conhecido, *periferia* ainda não possuía a abrangência que passaria a possuir depois, além de concorrer com outras terminologias com maior peso histórico.

Segundo uma moradora de um bairro popular da zona leste de São Paulo, liderança comunitária na década de 1980 e uma das principais articuladoras das CEBs e do PT na região, o termo *periferia* não possuía alcance na época. Ao ser indagada sobre se os movimentos populares da década de 1980 utilizavam o termo *periferia*, a resposta foi taxativa:

Não. A gente lá pelos 1980 não falava de *periferia*. A gente falava muito *povo*, falava muito *trabalhador* e *classe trabalhadora*. A gente sabia que a pobreza era por causa dos patrões, por causa dos ricos, mas a gente não falava *periferia*. O que fazia a diferença pra gente eram os cursos de formação. A gente fazia muito curso, isso ajudava no entendimento de como a sociedade funcionava. Isso não tem mais hoje. A gente se sentia muito forte porque estava sempre unido. Sentíamos

que tínhamos força. E era tudo na luta, tinha uma pureza, ninguém ganhava pra militar. Mas a gente se identificava enquanto povo, enquanto trabalhador. Não tinha uma coisa de ficar falando de *favela* o tempo todo, e nem *periferia* (DALVA DA SILVA, entrevista concedida ao autor, 2012).

Um antigo morador da periferia vai em direção parecida ao afirmar que “nos 1980 a gente não queria falar de *periferia* porque tínhamos vergonha. *Periferia* era uma palavra que tinha um estigma muito forte” (Morador de Itaquera, entrevista concedida ao autor, 2019).

É possível extrair e discutir variados elementos dos excertos acima apresentados. Isso será realizado no decorrer do livro. Por enquanto, cabe destacar que os depoimentos são relevantes. Nota-se que José Guilherme Magnani possui uma opinião parecida. Segundo o antropólogo: “Quando estudei periferia não se usava o termo na época”<sup>14</sup>. Possivelmente, o autor esteja fazendo referência aos primeiros anos da década de 1980. Esta frase sua, mais próxima à opinião da liderança comunitária, não contradiz a outra, acima citada, que aponta que os movimentos populares passaram a fazer uso do termo *periferia*.

A ideia que se defende neste livro é a de que o termo *periferia* foi primeiramente utilizado pela academia. Com o passar do tempo e com a troca de informações entre intelectuais, movimentos populares e moradores das periferias, estes passaram a montar um quadro explicativo sobre as desigualdades territoriais e urbanas que continha uma série de termos e conceituações, do qual *periferia* era apenas um deles, sendo mais ou menos utilizado. Desse modo, ressalta-se que o termo teve importância para a produção acadêmica que se dedicou aos estudos urbanos, foi utilizado em maior ou menor escala

---

14 Frase proferida no *Seminário Estéticas da Periferia*/maio de 2011.



por moradores das periferias e movimentos sociais populares e foi apropriado posteriormente por jovens da periferia que potencializaram a utilização desse termo, transformando-o em conceito, já com outros sentidos e figurações e em um período histórico posterior.

Desse modo, houve uma ampliação do leque de sujeitos sociais que passaram a utilizar terminologias e explicações do que seria de fato a *periferia*, ampliando um círculo antes restrito à academia. No contato entre distintos sujeitos sociais, a academia estudava os movimentos tentando conceituar sua prática política, muitas vezes debruçada sobre conquistas de melhorias urbanas. Logo, a partir da década de 1980, o entendimento da *questão urbana* já não poderia ocorrer sem o entendimento dos posicionamentos políticos da população organizada dos bairros populares e em movimentos sociais. Em paralelo, a pressão sobre o poder público realizada pelos movimentos sociais passou a utilizar todo um arcabouço teórico construído pela academia. Contudo, nesta zona de empréstimos semânticos e sobreposições analíticas, somente os movimentos sociais populares podiam fazer uso político da condição de *morador* de bairros populares. É nesse momento que ocorre de maneira embrionária a utilização do termo *periferia* como uma crítica aprofundada à sociedade, como uma subjetividade compartilhada e como reconhecimento mútuo de uma condição urbana.

A partir da década de 1990 há um refluxo das formas tradicionais de fazer política. Na falta de um referencial oriundo de partidos políticos e de movimentos sociais, a juventude passa a se agrupar ao redor de núcleos centrados na produção artística como forma de sociabilidade. Nessa dinâmica histórica, o movimento cultural foi um dos que melhor catalisaram

as impossibilidades da política, passando a fazer política por meio de atividades culturais e artísticas, consolidando *periferia* como um modo compartilhado de estar no mundo, um posicionamento político e um discurso ressemantizador sobre o que venha a ser *periferia*.

De fato, a *preponderância* sobre a utilização do termo *periferia* começou a mudar de mãos quando uma série de artistas e produtores culturais oriundos dos bairros populares começou a pautar publicamente como esse fenômeno deveria ser contado e abordado. Eram escritores, cineastas, artistas plásticos, músicos, cantores e compositores. Todos estes artistas foram rompendo o cerco da invisibilidade e colocando seus produtos culturais na cena artística paulistana e brasileira, propiciando assim uma maior circulação de suas ideias e de seu ponto de vista sobre o mundo. O cerne da *preponderância* do discurso deste movimento cultural foi, sem dúvida, o fato de falarem da *periferia* sendo *moradores da periferia*. O falar “de dentro” foi utilizado como recurso para relativizar outros postos de observação. Posteriormente, com a entrada de jovens das periferias nas universidades, esse ponto de vista se potencializou também na esfera universitária.

O início desse “terremoto”<sup>15</sup> foram as canções de um grupo de rap de nome Racionais MC’s. Formado em 1988 por jovens dos bairros populares de São Paulo, o grupo discorreu sobre o que era ser negro e pobre com uma crueza nunca antes vista. O posicionamento era radical, criticando os “playboys”, a classe política, a polícia e o racismo vigente na sociedade. Conhecidos no mundo do rap, esses artistas passaram a fazer a diferença para o todo da sociedade a partir de 1993, quando

---

15 A afirmação de que os Racionais MC’s foi um “terremoto” social foi feita por outro artista fundamental do rap brasileiro, o brasiliense Gog, em evento realizado em São Paulo em maio de 2011.

estouraram nas rádios. Como exemplo explícito da mudança de perspectiva (ou da luta por essa mudança) do olhar sobre a periferia – nota-se que logo no primeiro verso do primeiro rap gravado pelos Racionais surge essa temática. Trata-se da faixa “Pânico na Zona Sul”, gravada em 1988, regravada em 1990 e entoada ao longo dessa década como *hit* periférico. Como sentença repetida inúmeras vezes e em vários contextos, afirma o referido verso:

“só quem é de lá sabe o que acontece”

Ainda que pesem outros argumentos que serão mais bem desenvolvidos no decorrer do livro, a potência da mensagem dos Racionais só pode ser entendida pela peculiaridade do contexto histórico em que foi enunciada. Eis a década de 1990, quando as ilusões da igualdade social foram substituídas pelo avanço neoliberal. Eram tempos de recessão e desemprego. Repressão e assassinatos nas periferias.

Para a finalidade deste capítulo, cabe reter que é nesse cenário de desagregação social que os Racionais se tornaram famosos, dando visibilidade para a *periferia* ao denunciar o que nela faltava, utilizando do mesmo expediente discursivo que os movimentos sociais urbanos e populares da década de 1980. Pois foi justamente a partir da denúncia da falta, e da narração da cidade enquanto caos, em uma certa semelhança com a “lógica da desordem” pontuada por Kowarick (1979), que os Racionais contribuíram para que a própria periferia possuísse a fala preponderante do que seria *periferia*. Vale lembrar, contudo, que o discurso da “falta” empreendido pelo grupo possuía um viés altamente crítico e enfatizava os elementos *pobreza e violência*. No entanto, apesar da acentuação no discurso da “falta”, o grupo, o movimento cultural que o

circunda e os universitários periféricos jamais deixaram de mencionar o que “existe” na periferia, bem como a potencialidade de sua população.

Isso posto, cabe notar como a exclusividade do discurso acadêmico começou a perder espaço para a pluralização de pontos de vista. Pela característica da enunciação dos coletivos culturais, cujo enunciado ocorre mormente pela produção artística, este ponto de vista alcançou uma abrangência social maior, passando a ter mais desdobramentos sociais que a enunciação acadêmica. No entanto, internamente ao campo artístico, dois grupos disputaram e obtiveram a *preponderância* discursiva em dado momento histórico: os coletivos culturais e a indústria do entretenimento, sendo o segundo influenciado pela estética do primeiro.

### **A preponderância da indústria do entretenimento**

O ano de 2002 foi especialmente emblemático. Segundo o historiador Lincoln Secco, esse ano “coincide com o *aggiornamento* completo do PT” (SECCO, 2011: 25), ou seja, é o ano em que o partido se adequa totalmente às circunstâncias que o circundam. Nesse ano Lula vence as eleições presidenciais e o Brasil ganha a Copa do Mundo de futebol, ao som do samba *Deixa a vida me levar*, cantado por Zeca Pagodinho. Um clima de euforia tomava conta do país.

É nesse ano também que o discurso *preponderante* sobre o que seja a *periferia* muda novamente de mãos com o lançamento do filme *Cidade de Deus*. Após esse, uma série de outros filmes seguiram a mesma linha, assim como seriados, novelas e programas de televisão. Estávamos na era em que *favela*, *pobreza* e *periferia* tinham virado moda. De certo modo, todos esses termos, assim como parte de suas popu-

lações, tinham sido capturados e reapresentados ao mundo por versões mais dóceis. O mercado incidiu, buscando fazer da periferia um produto vendável, assim como buscou fazer de seus moradores agentes protagonistas do capitalismo, e não meros empregados. O *lulismo* também contribuiu para a docilização do conceito, ao classificar essa população como *nova classe média*, ainda que não sejam desprezíveis as políticas públicas desse governo voltadas a essa população. No contexto aberto a partir do ano de 2002, coube aos coletivos culturais e aos demais movimentos sociais das periferias defender o caráter crítico do conceito *periferia* contra versões pasteurizadas e docilizadas do mesmo, representadas pela indústria do entretenimento, atrelada ao mercado e com potentes meios de circulação. A versão de *periferia* formulada por essa indústria ultrapassa em abrangência e influência na sociedade a perspectiva emitida pelos coletivos culturais das periferias. É como se a *preponderância* ocorrida na década de 1990 e protagonizada pelos moradores das periferias tivesse sido um hiato entre dois momentos: um antes, expresso pela academia, e um depois, expresso pelos produtos midiáticos. O que une esse antes e esse depois é o fato de que ambos representam explicações sobre a periferia formuladas por agentes sociais externos a ela. O que nos interessa neste livro é o interregno, ou como se desdobrou o caráter crítico do conceito *periferia* anos depois de seu surgimento, e como essa vertente crítica, formulada pela própria periferia, foi construída assim como ajudou a construir *sujeitas e sujeitos periféricos*, mesmo que concomitantemente a ela houvesse outras versões.

O principal objetivo deste capítulo foi o de tentar demonstrar a existência de vários discursos e enunciações do que seja *periferia*, pontuando a *preponderância* histórica de três campos

discursivos: a academia, os coletivos culturais das periferias e a indústria do entretenimento, entendendo que houve um *deslocamento cognitivo* quando os coletivos culturais das periferias passaram a deter a *preponderância* com relação ao que seja *periferia*, dado que essa *preponderância* sai do campo científico e entra no campo artístico. No entanto, cabe ressaltar que a dita *preponderância* muda de campo discursivo quando passa dos coletivos culturais das periferias para a indústria do entretenimento, expressando uma disputa interna ao campo artístico. Cabe ressaltar que a *preponderância* da indústria do entretenimento recoloca a explicação mais potente em um campo externo a periferia, assim como ocorria no momento histórico em que *preponderavam* as explicações acadêmicas.

Apesar do fato de que cada campo do conhecimento deteve a *preponderância* em cada tempo histórico, isso não equivale a dizer que os outros campos não enunciavam discursos mesmo nos momentos em que não eram *preponderantes*. Este argumento vale fundamentalmente após a década de 1990, quando o termo *periferia* se publiciza. De fato, após esse momento histórico se pode afirmar que o caminho do termo *periferia* se divide em três.

Por um lado, a academia passa a abandonar o termo quase no mesmo momento histórico em que passa a perder a *preponderância* da explicação. Esse processo foi observado pelo antropólogo José Guilherme Magnani, que certa vez afirmou: “quando *periferia* já não valia sociologicamente ela foi utilizada de maneira política pelos nativos”<sup>16</sup>. Para a academia o termo

---

16 Frase proferida em palestra realizada no seminário *Estéticas da Periferia*, em maio de 2011.

*periferia* foi perdendo seu poder explicativo<sup>17</sup>.

Por sua vez, a Indústria do Entretenimento usou e abusou de uma estética da pobreza, fundamentalmente entre os anos 2002 e 2013. Foram inúmeras as novelas, séries de TV e filmes que enfatizaram uma certa estética da pobreza. *Periferia* e *favela* haviam se transformado em um produto de grande aceitação e bastante vendável no mercado de bens simbólicos. Esta moda passou, seja pela saturação do tema seja pelos ventos reacionários que passaram a soprar em nosso país.

Por fim, um terceiro caminho foi trilhado por moradoras e moradores das periferias, que se apropriaram do termo e o transformaram em conceito. Com o passar do tempo, estas moradoras e moradores, em um primeiro momento por meio da produção artística; em um segundo momento por meio de formulações na universidade, e, em um terceiro momento pela disputa política institucional, seguiram ressemantizando o conceito. O caminho trilhado a partir de agora por este livro é este, o da construção de sentidos e significados para o conceito *periferia* entrelaçada com ações práticas e políticas vinculadas a determinados contextos históricos, culturais e sociais.

---

17 Nota-se um trabalho incessante de relativizar a existência das periferias por parte de setores da academia que estudam o urbano. Em publicação vindoura pretendemos responder a fragilidade dos argumentos utilizados, fundamentados muito mais em posições políticas e em disputas de espaço acadêmicos do que em análises sociais, espaciais e urbanas da distribuição do poder e da riqueza.







# 1993: Neoliberalismo, Violência e pobreza

“Então vai, em 90 a cena ficou violenta”.

Edi Rock

O princípio da formulação de um conceito próprio de *periferia* formulada por moradoras e moradores das próprias periferias começou a ocorrer na década de 1990. Foi nessa década que os Racionais MC's explodiram para o mundo, assim como o potente movimento hip-hop que o circundou. Foi nessa década também que de maneira embrionária se formavam os coletivos de produção cultural que vieram se capilarizar por todas as periferias na década seguinte. No entanto, para compreender devidamente a ocorrência desses fenômenos, faz-se necessário contextualizar a década de 1990.

Para fins analíticos, este capítulo fará um recorte atendo-se especificamente ao ano de 1993. Para este livro, esse ano condensa as características objetivas e subjetivas fundamentais do primeiro quinquênio da referida década. Espécie de fundo de poço ou abismo social, síntese de falta de perspectivas e do

desespero, tal situação gerou vários fenômenos sociais formulados pela população dos bairros populares e outros formulados exteriormente aos espaços periféricos, visando a superação histórica daquelas condições.

No capítulo 3 serão apresentados alguns fenômenos sociais que antes da década de 1990 ou não existiam ou não tinham a importância que passaram a ter nessa década e após ela. Mesmo que não discutidos com profundidade, esses fenômenos serão apresentados. Ter consciência da existência deles ajuda a compreender relações sociais e jogos de poder nas periferias nas últimas décadas. Cabe ressaltar também que o somatório desses fenômenos, ao perpassar cada um dos indivíduos e das coletividades em suas *vivências* práticas, acabou formando *subjetividades*. Compreender a formação das *sujeitas* e dos *sujeitos periféricos* passa por compreender a década de 1990, conjuntura histórica permeada de contradições que contribuíram para a formação de uma geração.

### **A diminuição da presença do PT e das CEBs nas periferias**

O ano de 1989 foi particularmente importante no Brasil, dado que representou o começo do fim de uma era de protagonismo para as classes populares baseada em organizações coletivas clássicas como os movimentos sociais, os partidos políticos de esquerda e os sindicatos. É nesse ano que começa a denominada *curva de descenso das massas* que perpassa toda a década de 1990 e adentra os 2000. No que tange especificamente aos bairros populares, podem-se elencar três fatores que foram decisivos para o refluxo dos movimentos sociais, populares e das organizações comunitárias que neles atuavam: a queda do Muro de Berlim e a crise do ideário socialista em escala mundial; a

derrota de Lula para Collor de Melo na eleição presidencial de 1989, e; o fim do trabalho de base e o fechamento dos diretórios regionais por parte do PT.

Segundo o historiador Lincoln Secco, em seu livro *História do PT*, o desaparecimento dos núcleos de base foi ocorrendo de forma paulatina, selando a profissionalização da militância internamente ao partido. Por sua parte, esta profissionalização teve como decorrência direta a burocratização da organização. Concomitantemente, a derrota de Luis Inácio Lula da Silva para Fernando Collor de Mello nas eleições de 1989, após uma campanha radicalizada à esquerda, fez com que o PT, também paulatinamente, iniciasse um processo visando o pragmatismo eleitoral. Esse processo teve por consequência o aumento da abrangência de seu arco de alianças, inclusive com partidos de centro e de direita, e a perda da profundidade de outrora, caracterizada pela sua relação com a base.

Outro fator de perda de referencial político nas periferias se deu com a diminuição da presença de agentes ligados ao catolicismo de esquerda. A capilaridade que a Teologia da Libertação havia conquistado nos bairros populares foi decisiva nas mobilizações contra a carestia e por melhorias urbanas, nos finais dos anos 1970. Também teve vital importância em movimentos como o das Diretas Já e na fundação do próprio PT, no âmbito institucional. A Teologia da Libertação incidiu também de maneira fundamental na formação de movimentos sociais como o MST e movimentos urbanos e populares. Em muitos casos, núcleos do PT foram formados dentro de igrejas católicas nas periferias urbanas, assim como núcleos do MST tiveram seu início em igrejas católicas localizadas em zonas rurais do país.

Tal presença do catolicismo de esquerda na política nacional nunca ocorreu sem tensão no que tange ao âmbito interno

da igreja católica. Assim sendo, um ponto de inflexão decisivo nessas disputas ocorreu em 1989, quando sob ordens do Papa João Paulo II foi realizada uma redefinição territorial das hierarquias da igreja católica na cidade de São Paulo. Um dos principais objetivos dessa redefinição era o de transferir padres progressistas que haviam realizado sólidos trabalhos de politização em regiões pobres, tendo o apoio dessas populações<sup>18</sup>. Essas mudanças afetaram diretamente todo o baixo clero e, por conseguinte, toda a organização popular erigida por meio das CEBs nos bairros populares de São Paulo.

O desaparecimento da movimentação política engendrada pelo PT nas periferias e o fim das discussões fomentadas pelas CEBS foram fatores fundamentais para a falta de representatividade política que passou a assolar os bairros populares à época. A perda destes referenciais é sentida até hoje, e nunca mais as periferias urbanas voltaram a fervilhar politicamente com a mesma intensidade como ocorreu nos anos 1980, em grande parte devido à ação desses dois agentes. É bem verdade que outras formas do fazer político estão em curso. Esta é uma das principais teses defendidas por este livro. Todavia, estas novas formas ainda não alcançaram a intensidade vivenciada naqueles anos.

Se, por um lado, o PT e as CEBs desapareciam dos bairros populares no começo dos anos 1990, Paulo Maluf assumia como prefeito de São Paulo em um mandato que durou entre 1993 e 1996. Nesse período, sua gestão foi marcada por remoções de favelas; privatização de serviços públicos, como o programa PAS na área da saúde; vertiginoso decréscimo na qualidade

---

<sup>18</sup> Consultando minhas memórias, recordo perfeitamente quando, em 1989, foram transferidos os dois padres militantes que fomentavam a movimentação política no bairro popular em que passei a minha infância. Um foi transferido para o bairro da Brasilândia, o outro para a cidade de Manaus!

dos serviços em áreas como educação<sup>19</sup> e transportes públicos; políticas populistas como o Projeto Cingapura; evidentes desigualdades na alocação de recursos municipais entre bairros periféricos e bairros burgueses, do qual se sobressaem os gastos com avenidas e viadutos na área central-sudoeste e; por fim, escândalos de corrupção.<sup>20</sup>

No âmbito nacional, o país adentrava 1993 com a posse do presidente Itamar Franco, substituindo Fernando Collor de Mello, que assinou sua renúncia nos últimos dias do ano de 1992, após um processo de *impeachment*. De certa maneira, o *impeachment* de Collor diminuía a confiança da população nas estruturas democráticas que se construíram no pós-ditadura e cujo otimismo havia atingido o ápice na constituição de 1988 e nas eleições de 1989. Segundo Lincoln Secco, o ascenso organizacional das massas foi um ciclo que durou de 1984 até 1992, nas passeatas pelo *impeachment de Collor*. Segundo o autor, no entanto, essas passeatas já representavam o começo do descenso.

Com um prefeito de direita que fazia retroceder avanços conquistados a duras penas, somadas à deposição de um presidente por causa de escândalos de corrupção, ficava mais difícil para a população em geral se reconhecer na política institucional. Como se não bastasse, já não mais existiam os núcleos do PT e das CEBs nas periferias. Assim começava 1993.

---

19 Outra vez as lembranças: durante a gestão Luíza Erundina (1989-1992), os alunos das escolas municipais (como eu) recebiam materiais escolares da prefeitura; se comia bacalhau nas refeições oferecidas nos intervalos das aulas e os professores tinham cursos de capacitação com o educador Paulo Freire. Na gestão de Paulo Maluf (1993-1996), as famílias eram obrigadas a adquirir os materiais escolares; os professores faltavam muito mais, devido ao achatamento dos salários, e o bacalhau fora substituído pela salsicha ruim.

20 1993: um pai e um filho esperam um ônibus numa periferia de São Paulo. O ônibus demora a passar. Se a qualidade do transporte público nunca foi boa, notava-se que havia sofrido uma piora naquele período. O pai impaciente reclama. Discorre sobre a demora e sentencia para o filho: – Isso é o neoliberalismo! Foi a primeira vez que escutei a palavra, e sem muito refletir sobre o assunto, já tinha uma impressão do que se tratava.

## Privatizações e desemprego

No âmbito econômico, o país cada vez mais se ressentia das medidas neoliberais colocadas em prática já nos primeiros anos da década de 1990. O processo de privatizações de empresas públicas fazia decair uma série de serviços públicos em todo país. Essas transações favoreceram setores empresariais privados nacionais e internacionais e foram realizadas por meio de extensas irregularidades já comprovadas, mas nunca investigadas (RIBEIRO JR, 2011).

Também como decorrência da onda neoliberal, os empregos formais diminuíram. Com isso aumentou a informalidade e o desemprego passou para a ordem do dia das classes populares. O fim do paradigma fordista (ou varguista, se baseado exclusivamente no caso brasileiro) que por gerações orientou condutas, trajetórias e perspectivas individuais e familiares começava a fazer água e não havia outro horizonte que substituísse a possibilidade de ascensão social pelo mundo do trabalho. Essa ruptura foi determinante para toda uma geração.

Se por um lado grande parte da mão de obra se viu excluída do trabalho formal, para os que ficaram a realidade não era tão animadora. Os salários passaram a cair em todos os setores. Segundo o economista Márcio Pochmann, entre 1995 e 2004, a renda do trabalho perdeu 9% do seu peso relativo na renda nacional, ao passo que a renda da propriedade cresceu 12,3 % no mesmo período (POCHMANN, 2012: 9). Em paralelo com o aumento do desemprego e o rebaixamento dos salários, o poder de pressão dos trabalhadores organizados também passa a diminuir. Dessa forma, cai o número de trabalhadores sindicalizados e diminui o número de greves, que por sua vez passam a ter um caráter mais defensivo e por manutenção de direitos do que um caráter ofensivo, ou por aquisição de novos direitos (SECCO, 2011: 178).

Se é fato que as medidas neoliberais pioravam as condições de vida de trabalhadores e moradores de bairros populares, é bem verdade também que alguns setores sociais enriqueceram, sobretudo agentes ligados ao setor financeiro. A partir dessas medidas, o capital passou a ser mais volátil, e a economia brasileira ainda mais dependente da ciranda financeira internacional. Muitos produtos importados chegaram ao país, já livres de restrições. A burguesia paulistana saudava tais modificações e comemorava a chegada de um novo estilo de vida propiciado pelos novos rumos econômicos. Foi nessa época que proliferaram os condomínios fechados e o consumo de luxo. Também era propagandeado como sinal de progresso o aumento do número de automóveis nas ruas, assim como o fato de São Paulo ter se transformado na cidade com uma das maiores frotas de helicópteros do mundo. Cabe ressaltar ainda que nesse momento a cidade deixa de ser eminentemente industrial devido ao aumento do setor de serviços. No que tange à queda do número proporcional dos trabalhadores da indústria, Haroldo Torres (2005) afirmou que “os empregados na indústria passaram de 36% da população ocupada em 1985 para 19% em 2001, segundo dados da PED”. Nas favelas de São Paulo o índice era ainda menor do que na população como um todo. Segundo pesquisa realizada na favela de Paraisópolis em 2004, apenas 2% da população empregada da favela trabalhava no ramo da indústria<sup>21</sup>.

Todas essas mudanças de cunho econômico, político e social vieram acompanhadas de um intenso aparato de propaganda dos valores neoliberais. Dessa forma, um discurso

---

21 A pesquisa em questão denominou-se “Desenvolvimento regional e desigualdades socioprodutivas: tendências recentes, redefinições conceituais e desdobramentos em termos de políticas públicas” foi financiada pela Finep e realizada por meio do convênio Cebap/IPEA.



de prosperidade se impunha por sobre toda a sociedade. Tal discurso reverberava em muitos estratos sociais pregando o empreendedorismo no plano econômico. Impulsionados pela possibilidade de aquisição de produtos importados, o consumismo e a ostentação se colocaram como balizadores das relações sociais. Condutas individualistas eram estimuladas e tudo aquilo que denotasse ser comum ou público era criticado em nome das vantagens do *privado*. A partir desse discurso, passam a ser justificados os condomínios fechados, a privatização da gestão urbana e a substituição dos serviços públicos pelos serviços privados, por meio do desmonte do Estado, dentre outras medidas.

Como síntese deste período, pode-se afirmar que à falta de representatividade política e ao descrédito nas instituições somaram-se os baixos salários e o desemprego em massa, que por sua vez se mesclaram ao individualismo utilitarista cada vez mais em voga e à privatização da vida e dos espaços públicos. Por sua vez, estas novidades, ao se incrustarem em bases assentadas em nossa sociedade e cuja origem são a escravidão e o autoritarismo, fizeram da década de 1990 um caldeirão explosivo no plano social.

## **O genocídio**

Os primeiros anos da década de 1990 foram marcados por uma violência generalizada do Estado contra setores populares e marginalizados da sociedade.

Em 02 de outubro de 1992, uma intervenção da Polícia Militar de São Paulo, liderada pelo Coronel Ubiratan Guimarães, na Casa de Detenção de São Paulo, resultou na morte de 111 detentos<sup>22</sup>. O episódio, conhecido como Massacre do

---

22 O número oficial de mortos é contestado por familiares de detentos e organismos de Direitos Humanos, que afirmam ser maior o número de vítimas do massacre.

Carandiru, foi a mais violenta ação estatal no já violento sistema prisional brasileiro, sendo um marco indiscutível da história social do país, dada a repercussão nacional e internacional que obteve. De fato, as condições carcerárias não se modificaram muito após o massacre. Por outro lado, tal episódio evidenciou como nenhum outro a violência estatal contra populações marginalizadas. Tempos depois do Massacre do Carandiru, o Brasil acordava chocado com mais um massacre. Na madrugada de 23 de julho de 1993, oito crianças e adolescentes (dos quais apenas dois com mais de dezoito anos) foram assassinadas em frente à Igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro. Os assassinos eram policiais e ex-policiais que abriram fogo contra mais ou menos setenta crianças e adolescentes em situação de rua que dormiam nos arredores da igreja.

Mal havia passado um mês do assassinato de crianças e adolescentes no centro do Rio de Janeiro e outro massacre impacta o país, dessa vez no bairro de Vigário Geral, na zona norte dessa cidade. Ocorrida no dia 29 de agosto de 1993, a Chacina de Vigário Geral, como ficou conhecido o episódio, culminou na morte de 21 moradores do bairro, sendo que a maior parte deles não tinha qualquer ligação com atividades ilícitas. Essa chacina foi perpetrada por um grupo de extermínio composto por policiais e ex-policiais militares, e teria ocorrido como vingança pela morte de quatro policiais no dia anterior, na praça central do bairro. Os três massacres são feridas abertas na memória social da população pobre brasileira, espécies de cicatrizes não fechadas, recalques não resolvidos por completo. E como se sabe, todo recalque se expressa, de uma maneira ou de outra.

Para além dos três massacres ocorridos em tão pouco tempo, outros eventos expressavam o grau de tensão acumulada na

sociedade brasileira no período em questão. Em 18 de outubro de 1992, um domingo de sol, uma série de brigas e roubos ocorridos nas praias cariocas são veiculados nos jornais de grande circulação e pela mídia televisiva. Tal episódio, intitulado como Arrastão, punha a nu a fragilidade da segurança pública nos bairros burgueses do Rio de Janeiro. A reverberação do episódio foi enorme e resultou em grandes debates públicos ao redor de questões como segurança, repressão, desigualdade social e *segregação socioespacial*. Atrelado a esse episódio, começou a se tornar público à época a violência que ocorria nos bailes funks dos subúrbios cariocas, motivado pela rivalidade entre gangues. Muitos acusaram essas gangues de serem as protagonistas da violência ocorrida na praia. De qualquer modo, ambas as questões: a insegurança nos bairros burgueses e a violência dos bailes funks passavam a ocupar o imaginário social.

Outro tema recorrente era a disputa entre facções pelos pontos de venda de drogas no Rio de Janeiro e os confrontos entre estas e a polícia. À época, o termo *comunidade* ainda não tinha a conotação de hoje, e falar de *morro*, muito mais do que falar de samba, era falar de *violência*. Localidades como Rocinha, Borel, Alemão, Dona Marta, Salgueiro, Vidigal, Manguinhos, Jacarezinho, Andaraí, Acari, dentre outros começavam a ser nomeados e a fazer parte de uma certa geografia nacional do perigo. Já na segunda metade da década de 1980 os noticiários televisivos pautavam com cada vez mais frequência a violência urbana no Rio de Janeiro, dando especial ênfase aos conflitos nos morros e favelas. É em julho de 1994 que o desajustado equilíbrio existente na guerra entre as facções se acentua, quando o traficante Uê assassina o traficante Orlando Jogador em uma emboscada

e funda a facção A.D.A. (Amigos dos Amigos). Até então, ambos pertenciam ao Comando Vermelho. No entanto, a partir do episódio e da suposta traição que ele representava, se aprofundaram ainda mais os ódios, as vinganças pessoais e os conflitos por pontos de venda de drogas.

Em outro âmbito, o futebol também expressava as tensões patentes do momento<sup>23</sup>. Nunca como entre os anos 1990 e 1995, a violência entre torcidas de futebol resultou em tantas mortes, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Foi nessa época que as chamadas torcidas organizadas passaram à pauta pública, acusadas de serem muito mais uma congregação de vândalos e arruaceiros do que um núcleo de sociabilidade<sup>24</sup>. Vale lembrar que foi em janeiro de 1992 que ocorreu a primeira morte em estádio, numa partida entre São Paulo e Corinthians. Esse número se elevou rapidamente.

Até este ponto, o texto esboçou uma breve descrição do contexto econômico, político e social do ano de 1993, com o evidente legado de acontecimentos também ocorridos no ano de 1992. Nesses anos, o país no geral, e São Paulo especificamente, enredavam-se em um contexto no qual se mesclavam neoliberalismo, privatizações, desemprego recorde, malufismo, remoções, favelização, crescimento demográfico das periferias, perda de referências em partidos políticos e movimentos sociais e crescimento das torcidas organizadas e do movimento hip-hop enquanto referências da juventude

---

23 Neste âmbito, cabe lembrar o acidente ocorrido no estádio do Maracanã em junho de 1992 na final do Campeonato Brasileiro disputada entre Flamengo e Botafogo, resultando em sete vítimas fatais.

24 Nessa época, cresce o fenômeno das torcidas organizadas e a adesão de jovens a estas organizações. Para este livro, o crescimento das organizadas e do movimento hip-hop, na época e sobretudo em São Paulo, está totalmente vinculado à diminuição da presença de agentes sociais como partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais nas periferias urbanas.

das periferias. Em paralelo e em decorrência dessas rápidas mudanças ocorridas nos planos político, econômico e social, a violência permeava as relações sociais e se expressava por massacres e taxas de homicídios recordes até então. Um clima de tensão pairava por todos os segmentos sociais aumentando o potencial conflitivo daquela conjuntura.

Nesses anos, a violência também aumentou, e muito. De acordo com Vera Telles, em trabalho no qual analisa a relação entre dinâmica urbana e violência, a taxa de homicídios na cidade de São Paulo manteve uma tendência de crescimento desde o começo da década de 1980 até 1993, com pequenas variações. A partir de 1994, a curva que mede a taxa de homicídios sobe de forma abrupta, tendo seu pico entre os anos de 1997 e 1999<sup>25</sup>. A partir desse ponto, começa a baixar de maneira tênue, até cair de maneira mais acentuada a partir de 2004. Entre 1996 e 1999 houve um incremento de 18% na taxa de homicídios na cidade de São Paulo. Segundo a autora:

Em algumas regiões da periferia paulista, esses indicadores eram ainda mais altos, assustadores: em 1999, no Jardim Ângela eram 93,6 homicídios por 100.000 habitantes. M' Boi Mirim: 91,5. Jardim São Luiz 89,3. Brasilândia: 88,1. Cidade Tiradentes: 84,6. Grajaú: 87,2. Guaianases: 78,7. Capão Redondo: 67,2. Em termos absolutos, algumas centenas de mortes violentas por ano em cada distrito. Alguns milhares, no conjunto da cidade de São Paulo. (TELLES, 2012: 240; 241).

Seguindo as pistas fornecidas por Vera Telles, nesses anos houve uma especial mistura dos chamados motivos fúteis e dramas da vida cotidiana, rivalidades entre gangues de bairro

---

25 Fonte: PRO-AIM, SIM – Sistema de Informação sobre Mortalidade, Município de São Paulo. Para um aprofundamento da discussão sobre a variação das taxas de homicídio na cidade de São Paulo, ver Telles (2012).

e desacertos nas atividades ilícitas, disputas por territórios e a generalização do varejo da droga nos bairros periféricos, além da ação policial.

Nessa época, o bairro do Jardim Ângela foi considerado o mais violento do mundo e, juntamente aos bairros Jardim São Luís e Capão Redondo, conformou o que se denominou “triângulo da morte”. Configurava-se um cenário de total esgarçamento do tecido social, com baixos índices de confiabilidade nas redes sociais de vizinhança. O individualismo imperava entre os pobres, o medo era sistemático, a tensão era um imperativo e sobreviver, fundamentalmente entre jovens, uma arte.<sup>26</sup>

Em grandes traços, este era o contexto social, político e econômico dos bairros periféricos de São Paulo na década de 1990. Uma mescla de desesperança, raiva, fracasso, resignação, pobreza, sangue, insegurança. Enfim, desespero. A civilização havia chegado ao limite e se equilibrava na beira de um abismo, impondo as perguntas mais básicas da espécie: a comida ou a fome, a vida ou a morte. Não havia outra saída a não ser tentar buscar a esperança no mais básico dos instintos, aquele cujo objetivo é o de perpetuar a espécie. O capítulo seguinte tratará de distintos processos sociais surgidos para diminuir a violência ou os efeitos dela nas periferias.

---

<sup>26</sup> Para uma análise aprofundada e ampla das condições socioeconômicas do bairro do Capão Redondo na década de 1990, ver Carril (2006).



# Processos sociais ocorridos a partir da década de 1990 visando diminuir a violência

Dado o contexto de neoliberalismo, violência e pobreza nas periferias de São Paulo na década de 1990, lutar pela própria sobrevivência foi a questão catalisadora que fez girar uma engrenagem produtora de fatos e circunstâncias que afetaram a vida social, sob o primado de soluções práticas para um contexto de morte. É nesse registro que se pode entender o surgimento dos coletivos culturais nas periferias. Mas é também aí que se deve buscar as ressonâncias e interações entre esses coletivos e os outros registros pelos quais é possível cifrar ou decifrar esses imperativos da vida – muitas vezes, os limites frágeis entre a vida e a morte – que marcaram as periferias nesses anos: de um lado, a aceitação ou mesmo aderência à organização criminoso que leva o nome de Primeiro Comando da Capital, o PCC e suas capilaridades nos bairros periféricos; de outro, o crescimento das igrejas evangélicas nas periferias, que se configuraram tanto como respostas a um contexto de violência como realizadoras de um trabalho político que os partidos deixaram de fazer. Em suma, três



respostas produzidas organicamente e internamente pela população periférica a um contexto de violência: o PCC, as igrejas evangélicas e os coletivos culturais. Dos três fenômenos, este livro se dedica a compreender melhor a atuação dos coletivos. Além dos fenômenos produzidos internamente aos bairros periféricos, alguns outros fenômenos foram engendrados externamente a eles. Na sequência se discorrerá brevemente sobre a presença de ONGs e sobre as políticas públicas nas periferias nos últimos anos, e como a presença desses dois agentes se relaciona com a intenção de diminuir a violência imperante na década de 1990.

### **Soluções formuladas externamente a periferia: as ongs e as políticas públicas**

#### *As organizações não governamentais*

Um importante impulso para a formação de organizações não governamentais se deu na década de 1970, quando uma série de agentes sociais buscou denunciar a violência estatal levada a cabo pelas ditaduras militares na América Latina. A partir de uma forte presença na área dos Direitos Humanos, estas organizações passaram a atuar em distintos âmbitos, da assistência social ao empreendedorismo.

Defendidas por diretrizes do Banco Mundial, que impulsionaram a capacidade organizativa das comunidades, inúmeras ONGs aportaram em favelas e periferias do mundo todo. No caso brasileiro, quase sempre o recurso foi público, na mesma medida em que a formulação política dessas instituições era feita por empresas privadas.

Na década de 1990, a cidade de São Paulo possuía os ingredientes necessários para a proliferação desse tipo de organização: aumento da pobreza e da violência nos territórios

pauperizados; diminuição da ação estatal e incentivo à presença de empresas na gestão do social.

Ainda que estivessem presentes em muitas periferias, a presença de ONGs nas favelas da região sudoeste foi quantitativamente maior, dada a proximidade dessas favelas com os bairros burgueses de São Paulo (ALMEIDA & D'ANDREA, 2004; ALMEIDA & D'ANDREA, 2005; ALMEIDA, D'ANDREA & DE LUCCA, 2008; D'ANDREA, 2012).

Para alguns, essas ONGs empoderaram jovens, capacitaram moradores para o mercado de trabalho e diminuíram a violência. Para outros, neutralizaram a capacidade organizativa da população mais pobre, dependentes destas ONGs devido ao contexto de miséria social no qual estavam inseridos. Sobre a dualidade da atuação destas organizações, vale a leitura do texto “Esquerda e Direita no Espelho das ONGs”, de Paulo Arantes (2004). Sobre a atuação das ONGs nos territórios pauperizados, sugere-se também a leitura dos trabalhos de Ribeiro (2007); Magalhães Jr (2006); Barletta (2004) e Ferreira (2003). No que tange à atuação dessas instituições no âmbito cultural, sugere-se os trabalhos de Livia Tommasi (2011); Cibele Rizek (2011, 2016); Érica Peçanha (2011), dentre outros.

## **As Políticas Públicas**

Em diversas obras, o cientista político Eduardo Marques tem postulado o argumento de que a presença estatal nas periferias aumentou nas últimas décadas (MARQUES & TORRES, 2005; KOWARICK & MARQUES, 2011; MARQUES, 2015). Segundo o autor, é notável a implementação de equipamentos e serviços de infraestrutura nesses territórios. No entanto, o aumento da presença estatal estaria redundando em um outro tipo de desigualdade, que seria relacionada à qualidade do serviço,

pior nas periferias se comparada com os serviços públicos oferecidos em bairros burgueses. A presença estatal poderia ser medida em ritmos de aceleração e desaceleração. Governos de esquerda tenderam a produzir mais políticas públicas para as populações mais pobres. Governos de direita ou neoliberais tenderam a reforçar a presença privada.

Em pesquisa realizada no bairro de Cidade Tiradentes, o autor deste livro chegou a conclusões próximas as de Eduardo Marques. Naquela pesquisa, tipificou-se a ação estatal nas periferias por meio das lógicas do *descontínuo* e do *incompleto*. *Descontínuo* porque nas periferias as intervenções são de políticas de governo, e não políticas de Estado. Quando há troca de gestão, interrompe-se a política pública levada a cabo pela gestão anterior, mesmo que esta política tenha sido virtuosa. *Incompleta* porque geralmente as periferias são tidas como “laboratórios de políticas públicas”. Em nome da ousadia e da inovação, a população periférica acaba sendo o público-alvo de testes.

Outra lógica notada nessa pesquisa é a de que, em se tratando de Cidade Tiradentes, há dois tipos de conflitos inerentes ao poder público. Um se refere às distintas secretárias de uma mesma gestão. O outro se dá entre as distintas esferas: municipal, estadual e federal. A falta de diálogo e coerência redundam em sobreposição de intervenções estatais em alguns âmbitos e ausência de intervenções estatais em outros (D’ANDREA, 2005; ALMEIDA, D’ANDREA & DE LUCCA, 2008). Apesar das evidentes peculiaridades do bairro, as dinâmicas observadas em Cidade Tiradentes também podem ser observadas em outros territórios populares.

Uma das peculiaridades das intervenções estatais das distintas esferas tem sido a priorização da implementação de

grandes obras. Estas obras dão a sensação de modernidade e de superação do atraso que sempre acometeu as periferias, incidindo no sentimento de inferioridade de sua população. Nesse âmbito, é notável a mudança na paisagem dos territórios periféricos. Em trinta anos, foram implementadas estações de metrô; avenidas foram construídas, outras foram pavimentadas; grandes terminais de ônibus foram inaugurados; conjuntos habitacionais foram edificados em todas as regiões. Em menor escala, hospitais, creches e escolas, das quais se sobressaem a iniciativa dos CEUs (Centro Educacional Unificado), também foram construídos.

Cabe, no entanto, realizar algumas considerações sobre esse modelo de urbanização das periferias. Em primeiro plano, há que se levar em consideração as distintas articulações entre poder público e iniciativa privada. Um dos âmbitos dessas articulações diz respeito ao montante gasto em cimento, ferro, pedra, dentre outros materiais voltados para a construção civil e que enriqueceram as empresas que comercializam esse tipo de material. Para essas empresas, quanto mais obras nas periferias, maior o lucro. Outra consideração diz respeito aos ciclos de valorização das periferias com a implementação dessas obras, cuja resultante é a expulsão da população mais pobre e a reatualização contínua dos processos de *segregação socioespacial*. Cabe ressaltar também que estas grandes obras levadas a cabo pelo poder público não se equiparam, em termos de volumes de recursos, ao que é destinado aos bairros habitados pela burguesia. O Estado segue operando prioritariamente para as camadas de alta renda.

Por fim, a priorização do modelo das grandes obras oculta o problema da manutenção cotidiana dos serviços. Após as bombásticas inaugurações, as grandes obras impactantes na

paisagem ocultam o problema da contínua precarização dos serviços. A periferia segue sendo a região onde faltam médicos nos hospitais e remédios nos postos de saúde. A periferia segue sendo o território onde os professores faltam mais e as escolas não têm manutenção predial. É nas periferias que os ônibus demoram mais para passar e onde o transporte público é mais lotado. É nos distritos periféricos que os recursos demoram mais para chegar e há uma descontinuidade na implementação das políticas.

No que tange às políticas para a área de cultura nas periferias, é notável o aumento dos financiamentos para esse tipo de atividade nas gestões de Marta Suplicy (2001-2004) e Fernando Haddad (2013-2016). Programas públicos como o VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) foram muito importantes na proliferação de atividades artísticas nas quebradas. Autores como Renato Almeida afirmam que sem a política pública na área da cultura engendrada em âmbito municipal, aliada às políticas do Ministério da Cultura nos governos de Lula e Dilma, principalmente no que tange aos pontos de cultura, não teria havido a referida movimentação artística (ALMEIDA, 2011).

Vale ressaltar também políticas públicas implementadas a partir de mobilizações de artistas e coletivos culturais das periferias. A mais notável delas foi a Lei de Fomento à Cultura da Periferia, uma lei de iniciativa popular formulada e escrita por esses agentes. Após uma série de embates nas entranhas do poder municipal, por fim a lei foi aprovada e é fonte de recursos para esses coletivos. Sobre a história da Lei de Fomento à Cultura da Periferia sugere-se a leitura dos trabalhos de Silvia Raimundo (2017) e Marcello de Jesus (2017).

Com as mudanças políticas ocorridas no Brasil nos últimos

anos, diminuiram os recursos destinados à produção artística das periferias. Esse encolhimento do apoio incidiu diretamente nessa produção, obrigando seus agentes a buscarem outras fontes de financiamento ou, no limite, pararem suas atividades. Todas as mudanças ocorridas nas periferias nos últimos trinta anos no que tange à presença estatal se relaciona com o contexto de violência dos 1990 e com a denúncia dessa violência por parte dos mais desassistidos. Como já observado, dizer *periferia* naquela década era operar um grito de denúncia, do qual uma das respostas foi o entendimento de que se fazia necessário intervir com políticas públicas para minorar a precariedade e incluir os *excluídos*, se usado um termo bastante em voga na época.

Enfim, não se pode falar em combate à violência por meio de políticas públicas sem falar da política de segurança pública. Historicamente, a polícia militar de São Paulo é uma das mais violentas do Brasil, tendo funcionado como defensora da burguesia na contenção do ímpeto revoltoso de trabalhadores e pobres em geral. São Paulo, sendo a capital da reprodução do capital no Brasil, não permitiria que distúrbios travassem a produção. Logo, o aparato repressor é uma das peças dessa engrenagem.

Com o fim oficial da ditadura militar no Brasil, em 1985, a estrutura aperfeiçoada para a perseguição de inimigos do regime seguiu montada. No Brasil, o inimigo é interno, e as classes populares, fundamentalmente pobres e negros moradores das periferias, passaram a ser os alvos principais. Por uma série de fatores, dentre os quais se destacam a capilarização do tráfico de drogas e de armas e a reordenação interna do aparato repressor, na década de 1980 explode a violência urbana no Brasil. Na cidade de São Paulo, os índices

de homicídio cresceram de maneira contínua até chegar aos seus maiores índices entre os anos de 1997 e 1999<sup>27</sup>. A partir de 2004 passa a decair gradativamente<sup>28</sup>. Hoje, os índices de homicídio na cidade São Paulo são um dos menores se comparados com os índices de outras capitais. Muito se debateu sobre as causas dessa diminuição. Alguns a atribuem aos bons índices econômicos dos anos Lula; outra corrente afirma que a pacificação decorreu da intervenção do PCC nas periferias; por fim, o discurso governamental afirma que a polícia passou a agir com mais inteligência e eficácia.

Independente da influência dos três fatores, é fato que a polícia militar passou a operar no campo da batalha das ideias. Percebedora de que a crítica à sua atuação ganhava diversos setores da sociedade (crítica esta operada pelo movimento hip-hop, por diversos organismos de Direitos Humanos, por movimentos sociais, dentre outros agentes), a polícia começou uma reversão desse discurso por meio de programas na mídia (Cidade Alerta, Polícia 24 horas), filmes (Tropa de Elite 1, 2 e 3) e pela enunciação de intelectuais seus que passaram a fazer sua defesa publicamente. Coadunado com essa operação de inteligência, esprou-se na sociedade (primeiro na classe média, e depois nas classes populares) o discurso do medo e a necessidade de segurança. O aprofundamento desse discurso (primeiro via televisão e depois via redes sociais) destruiu sociabilidades mais livres e construiu sujeitos mais temerosos. Um dos desdobramentos principais

---

27 Fonte: PRO-AIM, SIM – Sistema de Informação sobre Mortalidade, Município de São Paulo.

28 Vale lembrar que o que passa a decair são os índices de homicídio. A repressão contra movimentos sociais e populações organizadas politicamente seguiu feroz. Quando das diversas manifestações ocorridas no ano de 2013, todo o aparato repressor foi colocado em marcha. A escalada repressiva daquele período foi menos estudada e pautada publicamente do que sua concreta intervenção no rumo dos acontecimentos.

desse discurso foi a construção de um candidato a presidente do Brasil que ganhou a eleição representando os setores mais autoritários da sociedade e assentando seu programa de governo com base no imaginário do medo espreado em grande parte da população. O discurso da repressão ganhou mentes e corações.

## **Soluções formuladas internamente a periferia: os evangélicos, o PCC e os coletivos culturais**

### **Os evangélicos**

Um fenômeno importante das periferias paulistanas nas últimas décadas foi o crescimento do número de adeptos a igrejas evangélicas. As causas desse crescimento são várias, entre as quais vale citar: o forte apelo proselitista das igrejas evangélicas; a necessidade de uma ética regulatória que orientasse as relações entre os indivíduos, fundamentalmente nos bairros periféricos; a possibilidade de um ordenamento na conduta individual; os ganhos materiais e simbólicos advindos da pertença a uma comunidade; a conexão entre o discurso de algumas igrejas evangélicas e o discurso de prosperidade em voga em vários setores sociais; a possibilidade de sobrevivência ofertada pela pertença à comunidade evangélica em contextos violentos; o crescimento do pensamento reacionário na sociedade, do qual parte do pensamento evangélico é produtor e produto; o acolhimento e o afeto proporcionado por essas entidades, dentre outros fatores. Ainda que não esteja vinculado diretamente ao *orgulho* de ser periférico ou morar na periferia, este crescimento relaciona-se de maneira direta com a busca por uma ética regulatória em contextos violentos, além de ser um tema presente no imaginário popular. O crescimento deste segmento foi determinante para



o resultado das eleições presidenciais de 2018, e merece ser compreendido mais a fundo. No entanto, o crescimento evangélico não será um tema tratado por este livro, ainda que se discorra sobre ele em algumas partes do texto.

## O PCC

Em função da necessidade de construir marcos regulatórios que permitissem balizar a vida em sociedade em um contexto altamente violento, os moradores dos bairros populares sempre buscaram construir dispositivos que permitissem operar, como diz Vera Telles (2012), a gestão da ordem local. Mais recentemente, sobretudo a partir dos anos 2000, o Primeiro Comando da Capital (PCC) se firmou como agente e operador dessa ordem por via de normas e condutas reguladas que passaram a se generalizar nos bairros periféricos. Organização formada nos presídios de São Paulo, o PCC passou a atuar também nos bairros periféricos, mediando conflitos, monopolizando uma série de atividades ilícitas e se contrapondo, por vezes de maneira violenta, ao poder estatal representado pelas forças policiais. De certo modo, e isso teria que ser estudado mais a fundo, o PCC exalta em suas posturas o *orgulho* de ser periférico, ao mesmo tempo em que é um fenômeno decorrente desse *orgulho*. Várias vezes evocado no imaginário popular, há uma elaboração endógena dos sentidos da presença do PCC nos bairros populares. O PCC não será um tema tratado por este livro, ainda que se discorra sobre ele em algumas partes do texto. Sobre o assunto existe uma consolidada bibliografia, dos quais se destacam os trabalhos de Rafael Godói (2017; 2009); Vera Telles (2012); Daniel Hirata (2010); Karina Biondi (2018; 2010); Karina Biondi & Adalton Marques (2010); Gabriel Feltran (2018; 2011), Drauzio Varella (2017, 2012, 1999).

## Coletivos Culturais das Periferias

A partir da década de 1990, uma série de coletivos culturais surgiu nos bairros periféricos de São Paulo. Cinco foram os principais motivadores para esse fenômeno: a possibilidade de fazer política em um contexto de descenso dos movimentos sociais e dos partidos políticos; a luta por pacificação; a possibilidade de organizar atividades no bairro, rompendo com a *segregação socioespacial*; a necessidade de sobrevivência material, da qual a produção artística se revelou como uma possibilidade e; a arte como humanização. Por sua ação e discursividade, esses coletivos exaltam o *orgulho periférico* do mesmo modo que são fenômenos decorrentes desse *orgulho*.

De certo, a produção artística realizada por moradores de bairros populares foi um elemento definitivo na formulação de um novo significado para o conceito *periferia*, que passou a incluir em seu bojo os elementos *cultura* e *potência*, concomitantes a significados antes apenas restritos a *pobreza* e *violência*. Esta produção artística revelou a potência criativa desse morador na mesma medida em que auxiliou na construção do *orgulho periférico*. É fato que essa produção artística também foi motivada por financiamentos estatais e por ações ligadas ao empreendedorismo social que tenderam a fazer da arte uma espécie de analgésico social. Também é fato que a arte foi e é muitas vezes produzida nas periferias visando à indústria cultural e ao *status* advindo da condição de artista. Sobre estas e outras questões já existe uma consolidada bibliografia expressa, por exemplo, pelos trabalhos de Silvia Raimundo (2017), Marcello de Jesus (2017), Livia Lima da Silva (2016), Aline Chamone (2016), Renato Almeida (2011; 2009), Harika Maia (2014); Érika Peçanha (2011; 2006), Livia Tommasi (2011), Livia Tommasi & Dafne Velazco (2011), Cibele Rizek

(2011; 2016), Ana Paula do Val (2012), Alexandre Pereira (2010); George Yúdice (2006), Paulo Arantes (2004), dentre outros.

No entanto, para além das variadas dimensões que um fenómeno como este (a explosão de atividades artísticas nas periferias) pode conter, é importante reter para a finalidade deste livro o carácter emancipador que a arte proporciona ao ser humano em sua completude. No caso do morador da periferia, a produção artística auxiliou no deslocamento do indivíduo da posição de *estigma* à posição de *orgulho*. Nesse caso, *estigma* e *orgulho* condicionados pela posição de *periférico*. Essa produção também difundiu educação e valores de solidariedade para a população das periferias.

O epicentro desse processo foi o movimento hip-hop. Já no final da década de 1990 se consolidavam as produções de autores da chamada *literatura marginal* ou *periférica*. É nessa época também que se espraiam as comunidades do samba. A partir dessa movimentação cultural e artística nas periferias, programas públicos com o VAI (Valorização de Iniciativas Artísticas) incentivaram iniciativas que já existiam e produziram outras. No bojo desse processo histórico, variadas expressões começam a se consolidar, como cineclubes audiovisuais, grupos de teatro, grupos de dança, maracatus, jongos, dentre outras. A partir de mais ou menos 2010 duas novas expressões emergem com muita força: os saraus e slams de poesia e as coletivas feministas, fundamentalmente negras, que também passam a fazer da arte e da cultura uma de suas principais formas de posicionamento. Das muitas publicações que debatem o feminismo negro e periférico, sugere-se aqui o manifesto do Nós, Mulheres das Periferias (2014), a dissertação de mestrado de Ana Correa (2015), artigo de Jonas Medeiros (2019), o livro de Eliete Barbosa (2019), a

dissertação de Brenda Barbosa (2019) e os textos do Núcleo Teatral Filhas da Dita, dentre outras publicações. O capítulo 5 abordará de maneira mais aprofundada os coletivos culturais.

### **Evangélicos, PCC e Coletivos Culturais enquanto expressões da necessidade de uma ética regulatória**

Um dos desdobramentos da busca levada à cabo pela população periférica de novos parâmetros de sociabilidade que viessem a superar o contexto marcadamente violento da década de 1990, foi a tentativa de instituição de uma ética regulatória que normatizasse a vida nas periferias. Dessa forma, novas condutas e atitudes passaram a ser incentivadas por agrupamentos cuja gramática moral nem sempre se conciliam, como é o caso de padrões de conduta defendidos pelo PCC, pelos evangélicos e por padrões de sociabilidade oferecidos por coletivos produtores de arte. No entanto, foram esses agrupamentos os que mais influenciaram a população periférica nos últimos trinta anos no que tange à formulação de padrões e códigos de sociabilidade regidos pelo imperativo de conter a violência nas interações sociais.

No caso do grupo de rap Racionais MC's, estes levaram até as últimas consequências a utilização de posicionamentos ético-normativos em uma produção artística. São opiniões, conselhos e imperativos de qual a melhor forma de agir, qual o comportamento adequado em meio aos riscos da sociedade como um todo, e fundamentalmente, diante das incertezas da *periferia*.

Vale ressaltar que, a partir do momento que esse discurso ético-normativo orienta práticas e condutas na vida real, por assim dizer, deixa de ser apenas objeto de análise estética para ser passível de análise sociológica e política. É isso que se tentou fazer na pesquisa que redundou neste livro: partir da produção artística enquanto síntese da dialética entre artista e contexto e

desdobrá-la nas consequências sociais dessa produção artística para além do campo artístico.

Alguns autores notaram essa tentativa de elaboração de um ideário normativo na periferia de São Paulo. Ideário esse que tinha no rap um de seus principais canais de emissão. A psicanalista Maria Rita Kehl (2008) denominou esta busca por uma regulação nas relações sociais por parte do grupo como *esforço civilizatório*. Por sua vez, Daniel Hirata (2011) verifica na obra do grupo ressonâncias de um termo amplamente utilizado nas ruas e nas trajetórias bandidas: o *proceder*. O termo foi amplamente pesquisado por Adalton Marques (2009), que buscou dar inteligibilidade e estatura a ele, e entendendo-o como um vocábulo que indica uma ação constitutiva da busca por posturas e condutas regulatórias.

A relação de continuidade entre uma dada *gramática moral* expressa em algumas letras de rap e a população carcerária é algo a ser estudado mais a fundo. Contudo, cabe lembrar que as letras de samba durante todo o século XX discorreram sobre o crime e a marginalidade, expressando tal fenômeno basicamente do ponto de vista da *dialética da malandragem*, mas não só.

A partir da década de 1980, o denominado *encarceramento em massa* (DAVIS, 2016; WACQUANT, 2008; WACQUANT, 2001) passa a ser um fenômeno mundial, colocando a questão no centro de importantes debates sociológicos (GARLAND, 1999; MILLER & ROSE, 2008). Nos Estados Unidos, o rap passa a ser o porta-voz das populações mais afetadas pela onda punitiva, ou seja, negros e pobres. No Brasil, começa a ocorrer o mesmo fenômeno de aumento da população carcerária e, do mesmo modo, o movimento hip-hop, mais especificamente em sua vertente musical, o rap, denuncia e dá visibilidade ao drama dessa população. De certo modo, existem “afinidades eletivas”

entre o discurso ético-normativo presente no rap em geral e o ordenamento social, também ético-normativo, proposto e induzido pelo PCC nas periferias da cidade de São Paulo. Essa questão valeria uma pesquisa à parte e detalhada, mas é recorrente na obra dos Racionais MC's menções à necessidade de pacificação social, à busca de uma normatividade que regule um contexto de violência e à vida da população carcerária.

Sobre a questão, vale citar uma interessante passagem de uma entrevista dada por Edi Rock, componente do grupo Racionais MC's, para a Revista Caros Amigos. Quando indagado se o PCC havia conseguido diminuir o número de homicídios na periferia, assim respondeu o *rapper*:

Isso é uma grande realidade que não devemos ou podemos negar. O poder paralelo tem uma ação que o Estado não consegue, é como o Brown falou, é uma brecha que o Estado dá e deixou na periferia, aí o crime entrou. A gente entende essa ordem como uma bandeira branca: vamos viver aqui, não vamos nos matar, não pode roubar a casa dos outros. É como se fosse um conceito de respeito, uma palavra de ordem. Isso não foi o Estado que fez, foi o próprio povo. Hoje, com essa lei interna, muita gente deixou de morrer. Hoje é muito mais palavra e respeito do que uma insígnia. Tem um conceito, um respeito, uma organização, mesmo sendo paralela, foi natural, era preciso se organizar de alguma forma. Eu tenho convicções que o rap ajudou muito, e quem criou essas leis sempre ouviu rap, a gente fez parte dessa bandeira branca na quebrada. (EDI ROCK, Entrevista concedida a Revista Caros Amigos, 2012).

Em outro âmbito, é notório como o cerne do discurso do rap opera por meio da palavra como emissor privilegiado de uma mensagem. Também se nota que esse gênero possui em sua estrutura discursiva três elementos onipresentes: narrativas

trágicas; discursos normativos e apelos salvacionistas. Esses elementos de conteúdo e forma também são o cerne do discurso evangélico. De um lado, a força da palavra. Do outro, a salvação pelos ensinamentos. De fato, rap e evangélicos compartilham zonas simbólicas. Para a assimilação do discurso evangélico por parte do rap foi um passo rápido. Para além da superposição simbólica entre ambas as posturas, o próprio crescimento evangélico nas periferias fez com que qualquer análise sobre as periferias tivesse que levar em consideração a presença evangélica. Não por coincidência, os raps dos Racionais passaram a citar cada vez mais os evangélicos ou apropriaram-se de discursos evangélicos.

Segundo dados do Censo de 2010, do IBGE, os evangélicos representavam 22,2 % da população do país, um aumento considerável se comparado com os dados do Censo de 2000, quando representavam 15,4 %. Segundo os dados de 2010, 63,7% dos que se declaram evangélicos pentecostais estavam na faixa dos que recebiam até 1 salário mínimo<sup>29</sup>. Essa tendência da presença dos evangélicos, sobretudo os de orientação pentecostal, entre os mais pobres, já havia sido demonstrada por Ronaldo de Almeida ao analisar os dados desagregados de orientação religiosa por faixa de renda (ALMEIDA, 2009: 36). Os dados só confirmam um fenômeno notório para quem acompanha trajetórias individuais e o cotidiano das periferias em uma dimensão histórica.

É fato que o discurso ético-normativo proposto pelos evangélicos passou a ter mais reverberação em contextos dramáticos como o da cidade de São Paulo em meados da década de 1990. Fazer parte de uma comunidade, como no caso das igrejas, e com um certo salvo conduto que o pertencimento

---

29 Informação extraída do site [www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br), acessado em 27/12/2012.

ao pentecostalismo oferece. Muitas vezes esse pertencimento significou a possibilidade da vida em um contexto de morte certa. Crescendo nas periferias, arregimentando um público antes católico ou umbandista, e servindo de refúgio material e simbólico para parcelas da população vítimas preferenciais de violência, o crescimento evangélico também se fez presente propalando um discurso reacionário e apoiando candidatos, sobretudo, de centro-direita, mas não só. Para tanto, vale citar uma passagem do livro sobre o PT escrito pelo historiador Lincoln Secco:

No ano de 2010, uma ampla base social petista de baixa renda ou emergente estava mais próxima de igrejas evangélicas neopentecostais enquanto a CNBB e muitos católicos progressistas se distanciavam do partido (SECCO, 2011: 28)

Em síntese, fenômenos como os coletivos culturais das periferias, o PCC ou o crescimento evangélico expressaram em suas posturas e em seu arcabouço discursivo uma necessidade de regulação de um ambiente estruturado pela desconfiança e pelo esgarçamento do tecido social. O rap também propôs regras de conduta em seu discurso. Esse entrelaçamento entre um processo social de busca de regulação, a narrativa desse processo, e como dita narrativa potencializa por sua vez o referido processo deve ser discutido em outras pesquisas. Este livro se limita a afirmar que o discurso do rap soube ler e cantar a necessidade de uma ética regulatória nas periferias.





# Os Racionais MC's: a melhor expressão de um tempo histórico

A obra do grupo de rap Racionais MC's foi a mais impactante e influente obra artística produzida no Brasil entre as últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI. Verdadeira expressão do drama das periferias, os raps do grupo tornaram-se a trilha sonora legitimada por essa população para registrar suas misérias, seus dilemas, desesperos e sonhos. Dentre várias possíveis narrativas, foi a que teve maior reverberação. Para este livro, a abordagem sobre as periferias feita pelo grupo auxiliou na construção de uma ética regulatória das relações entre a população periférica; auxiliou na construção de um significado para o conceito *periferia*; contribuiu para a construção histórica de *sujeitas e sujeitos periféricos*; contribuiu para a formulação de uma crítica radical ao racismo; formulou uma crítica original e contundente a repressão estatal, e; produziu de uma *visibilidade* inédita da periferia da cidade com relação ao mundo, dentre outros desdobramentos.

Parte-se da premissa de que os Racionais MC's elaboraram uma fala própria, um colocar-se no mundo e para o mundo, sempre

absorvendo um legado de mobilizações das classes populares dos anos 1980 e um contexto social e político específico do começo da década de 1990. É fato que após o surgimento do grupo e do impacto do discurso por eles elaborados, nunca mais a visão sobre a *periferia* foi a mesma. Esse discurso foi eficaz e conseguiu modificar o ponto de vista de cientistas sociais<sup>30</sup>, de agentes do poder público e de produtores artísticos sobre a *periferia*<sup>31</sup>. Ou seja, para qualquer formulação sobre o assunto após o momento em que os Racionais MC's entraram na cena pública, foi necessário ter ciência de que o posicionamento do grupo existia. O impacto da obra se deve também ao fato dela ser enunciada em três dimensões diferentes: é uma produção artística, por motivos evidentes; é uma análise que confere inteligibilidade às vivências do mundo social, e; é uma pauta política, uma vez que se transformou também em uma *formuladora de práticas sociais* reproduzidas por grande número de jovens das periferias. No que tange às proposições sociais e políticas existentes na obra dos Racionais MC's, cabe ressaltar que a mesma é contraditória internamente. No entanto, também contraditória e confusa é a realidade das periferias. Um dos maiores trunfos dos Racionais enquanto obra artística é o de fazer uma leitura sensível dessa realidade, se entrelaçando com ela. Logo, essa obra artística absorve as contradições presentes no mundo real e vivido, assim

---

30 Depois da ratificação de que viver na periferia era motivo de *orgulho* e requeria um certo *modus operandi*, nunca mais a pesquisa de campo em sociologia ou antropologia foi a mesma.

31 A maneira de narrar as periferias e favelas de São Paulo pelos Racionais MC's e por outros grupos de rap passou a influenciar outros setores da produção artística brasileira. Desse modo, uma série de filmes e documentários passou a retratar essa temática, principalmente entre os anos 2002 e 2015, transportando para as telas e de maneira imagética aquilo que se apresentava na narrativa rap. O grande número de filmes e seriados com essa temática e o fato deles se diferenciarem no estilo de outras produções fez nascer um novo gênero cinematográfico, denominado *favela situation*.

como tenta, e em boa medida consegue, conferir inteligibilidade a essa realidade confusa. O desafio que uma produção artística dessa ordem coloca do ponto de vista de sua interpretação diz respeito ao entendimento de como os elementos externos – sociais e históricos – são incorporados e cifrados na gramática interna da poesia e da música e as possíveis homologias entre o externo e o interno.

Todavia, se é bem verdade que os Racionais MC's foram um elemento catalisador que propiciou a movimentação de uma engrenagem baseada no *orgulho* de ser periférico e na formação de *sujeitas e sujeitos periféricos* e cujos desdobramentos sociais e políticos são os temas deste livro, cabe ressaltar que o grupo nunca esteve só. Sua existência foi acompanhada de um movimento artístico e cultural imenso, e cuja reverberação artística e política ainda não é possível mensurar. No entanto, os Racionais *sintetizam* todo este movimento artístico, possuindo, internamente, em sua obra, e externamente, em sua postura pública, os principais elementos que permitem uma análise da realidade social e do movimento artístico que circundam o grupo e que são mais amplos que ele. Logo, a trajetória do grupo se transformou em uma grande metáfora que foi a vida nas periferias nos últimos trinta anos. Mais que formadores de opinião, foram os principais expoentes de uma nova forma de enxergar os territórios da pobreza no Brasil, e por extensão, o próprio Brasil.

### **A obra dos Racionais MC's e a relação com os tempos históricos: as distintas fases**

O grupo Racionais MC's é formado por quatro integrantes. Todos eles são negros e nasceram ao redor de 1970, em bairros pobres da cidade de São Paulo. Dois deles, Edi Rock e Kl Jay, são oriundos de bairros da zona norte. Na zona sul

nasceram os outros dois: Ice Blue e Mano Brown. A infância dos componentes dos Racionais foi vivenciada nas ruas de terra dos bairros periféricos, onde se mesclavam rodas de samba, futebol de várzea, pobreza e uma violência estatal e paraestatal cada vez maior a partir da década de 1970. Todos esses fenômenos, somados à explosão demográfica dos bairros periféricos e à segregação social e racial da população negra, marcaram profundamente a experiência de infância e adolescência dos integrantes do grupo. É nessa época também que se forja nesses artistas uma sensibilidade musical cujas influências incluíram a *black music*, o soul, o funk, o blues, o samba e a obra de artistas como Gilberto Gil, Tim Maia e Jorge Ben Jor, como já exposto.

Esses jovens passam a frequentar as rodas da São Bento e da Praça Roosevelt. Em princípio, faziam parte de dois grupos distintos que posteriormente se uniram. No ano de 1989 gravaram no disco de Coletânea *Consciência Black*, primeiro disco do selo Zimbabwe, cujo objetivo era gravar artistas negros e desconhecidos. Já batizados com o nome de Racionais MC's, o grupo grava a faixa "Pânico na zona sul". Nesse disco, Edi Rock e Kl Jay gravam "Tempos Difíceis". As duas faixas seriam regravadas pelo grupo em seu álbum oficial de estreia: *Holocausto Urbano*, de 1990.

Pode-se afirmar que, até o lançamento do álbum *Raio-X Brasil* (1993), o grupo era conhecido e reconhecido na cena rap paulistana, algo independente e marginal. Com o lançamento desse álbum, o grupo passa a ser famoso para toda a periferia, mesmo se o morador não participasse da cena hip-hop. De símbolo importante de um gênero musical, o grupo passava a se apresentar como expressão de toda uma situação social, sendo conhecido e reconhecido como tal. 1993 foi o ano chave

nessa inflexão ocorrida na trajetória do grupo. Cabe ressaltar que, para este livro, é com o lançamento do álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) que o grupo passa a um patamar de reconhecimento e de visibilização para o todo da sociedade. Já o CD lançado em 2002, *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia* marca a afirmação do grupo no cenário musical nacional.

A partir deste ponto, o texto fará uma breve apresentação dos álbuns lançados pelos Racionais, pontuando correlação de cada um desses álbuns com o tempo histórico em que foram lançados. Cada álbum do grupo retrata o momento do país e das periferias.

Para fins analíticos, o texto separará a obra do grupo em quatro grandes fases. A primeira delas começa com a coletânea *Consciência Black* (1989) e se estende até o CD *Escolha Seu Caminho* (1992). A segunda fase contempla os CDs *Raio-X Brasil* (1993), *Sobrevivendo no Inferno* (1997) e *Ao vivo* (2001). A terceira fase refere-se aos CDs *Nada como um dia após o outro dia* (2002) e *1000 trutas, 1000 tretas* (2006). A quarta fase inclui o CD *Racionais MC's 25* (2014) e o CD *Cores e Valores* (2014) e uma série de raps lançados de maneira alternativa, fundamentalmente via internet. Segue na sequência uma breve discussão da obra em cada uma dessas fases.

### **Primeira fase (1989-1992)<sup>32</sup>**

Como dizia meu irmão: “nos 1980 a bala comia na zona leste”. Por mais que os índices de homicídio nos 1990 tenham sido os maiores da história de São Paulo, não se pode esquecer que nos 1980 os Esquadrões da Morte ainda rondavam esses territórios, em paralelo à presença do tráfico de drogas. A crise

---

32 A primeira fase contempla os álbuns *Coletânea Consciência Black vol. 1* (1989), *Holocausto Urbano* (1990) e *Escolha seu caminho* (1992).

econômica assolava os mais pobres, no mesmo momento em havia uma euforia devido as promessas de redemocratização.

É nesse final da década de 1980 que os Racionais estreiam musicalmente. O grupo estava informado pelas trajetórias de vida de cada um, calçadas nas ruas de terra das periferias da década 1970, nas influências musicais e no contexto macropolítico dos 1980. Politicamente, o grupo estava muito influenciado por Malcom-X, pelos Black Panthers e por grupos de rap como Public Enemy.

Desse modo, essa primeira fase é marcada fundamentalmente por críticas ao racismo; por denúncias a violência policial e por mensagens de autoafirmação para a população negra. Nesse momento, as letras são extremamente críticas e ácidas. As mensagens são diretas denunciando o racismo, o orgulho de ser negro e a possibilidade da violência contra a violência do opressor. “Pânico na Zona Sul”<sup>33</sup>, primeiro sucesso do grupo, denuncia a violência policial, assim como outras letras. “Hey Boy” demarca as fronteiras entre o mundo dos manos e dos boys, questão presente em vários raps posteriores e aprofundada em “Da Ponte pra Cá” (2002).

O álbum *Escolha Seu Caminho* (1992) tem apenas dois raps. Cada um deles faz uma proposta ao negro brasileiro: ser um “Negro Limitado” ou ter “Voz Ativa”. O álbum mostra duas possibilidades e faz um convite para a um dos caminhos. Nessa época também são várias as menções críticas ao consumo e ao capitalismo, como pode ser notado nos versos: “*a burguesia conhecida como classe nobre/ tem nojo e odeia a todos nós/ negros pobres/ por outro lado adoram nossa pobreza/ pois*

---

33 Por uma questão de espaço, optou-se por não transcrever todas as letras citadas. Sugere-se com ênfase a escuta de cada um dos raps aqui mencionados para um melhor entendimento da mensagem emitida, assim como buscar as letras referidas em sítios da internet.

*é dela que é feita sua maldita riqueza*”, presente no rap “Beco sem saída” (1990); e “*nosso dinheiro eles nunca discriminam*”, na letra de “Voz Ativa” (1992).

Também nessa época, os Racionais não faziam concessões à mídia. Essa recusa operada nesse

momento ajudou na construção do mito Racionais. Muitos fãs remetem-se a essa fase como a melhor do grupo, ressaltando seu caráter de crítica social, de valorização do negro e de combate ao racismo.

### **Segunda Fase (1993 - 2001)<sup>34</sup>**

Os primeiros anos da década de 1990 são marcados pela implementação do neoliberalismo. O desmonte das políticas públicas ocorrido em paralelo com a reestruturação produtiva produziu um cenário catastrófico. As periferias viram crescer de maneira assombrosa a pobreza e a violência. Não havia crença no futuro e a frustração abalava a juventude. No entanto, em paralelo a esse cenário, o neoliberalismo operava bem sua engrenagem ideológica vendendo um discurso que parabenizava a privatização da vida por meio dos shoppings e condomínios fechados e saudava o consumismo.

Eis que naquele momento histórico o discurso dos Racionais serviu como um machado de realidade nos edifícios da ilusão neoliberal. É nesse momento que o grupo aprofunda descrições sobre a periferia, marcando sob o signo do coletivismo e da potência, mas fundamentalmente denunciando os dois pilares sobre os quais se erigiu o termo *periferia* naquele momento: *pobreza e violência*. Desse modo, afirmar *periferia*

---

34 São três os álbuns considerados da segunda fase: Raio-X Brasil (1993), Coletânea Racionais (1994)<sup>1</sup> e Sobrevivendo do Inferno (1997). Com relação ao CD Sobrevivendo no Inferno, sugere-se a leitura do livro homônimo, lançado em 2018, e que contém todas as letras do CD.



naquele começo dos 1990 era fazer uma denúncia. Era visibilizar uma realidade ocultada pelo discurso hegemônico. Era trazer à superfície a realidade que se tentava esconder.

Naquele momento a obra dos Racionais realizou uma dupla ruptura: de um lado apresentava em tom de denúncia a *pobreza* e a *violência* da sociedade que recaía sobre um território específico: a periferia. Esta apresentação da realidade em forma de denúncia também era uma forma de denunciar o discurso hegemônico neoliberal, que afirmava o fim da história e o fim das classes sociais. Dizer *periferia* naquele momento era afirmar que o racismo existia, que as classes sociais existiam, que a pobreza existia, que a morte existia, mesmo que o discurso hegemônico vencedor quisesse ocultar.

A segunda ruptura realizada pela apresentação da realidade por meio do termo *periferia* em forma de denúncia se deu com relação ao pensamento progressista hegemônico que acreditava que as contradições da sociedade seriam apresentadas por meio do mundo do trabalho. Não foi isso o que aconteceu, e os Racionais são artífices principais dessa apresentação de denúncia das desigualdades sociais por meio de um léxico territorial e urbano, do qual *periferia* foi a principal expressão<sup>35</sup>.

A partir dessa dupla ruptura, pode-se realizar uma série de inferências históricas. A primeira delas é afirmar que pobreza, racismo e desigualdades sociais seguiam existindo, em contraposição ao discurso hegemônico. A segunda dela é que o cabedal lexical construído pelo pensamento progressista nas décadas anteriores, principalmente por sindicatos e partidos, e centrado no mundo do trabalho, estava em crise.

A terceira inferência que se pode extrair é a de que, naquele momento, se fortalecia uma categoria política de representação

---

35 No capítulo 6 deste livro se tratará da relação entre os termos *periférico* e *trabalhador*.

intitulada *periferia* cuja principal característica era a apresentação da realidade dos territórios, tomados por violência e pobreza; por características próprias de convívio e sociabilidade; por uma dada *vivência* urbana, no qual se destacam a *experiência da segregação socioespacial*; por um forte componente étnico-racial; por uma memória coletiva de exploração no mundo do trabalho, dentre outras características.

Segundo Mano Brown, em um momento da trajetória do grupo, os Racionais optaram por falar para a periferia como um todo, não atendo-se somente à questão racial<sup>36</sup>. Walter Garcia (2013) afirma que essa passagem é também a do “tom professoral e recriminador” da primeira fase para uma perspectiva mais compreensiva com relação aos dilemas dos moradores das periferias. Charleston Lopes (2015) e Acauam Oliveira (2018) corroboram esse argumento.

Se na primeira fase é evidente a influência do movimento negro norteamericano, nessa segunda fase fica mais evidente na obra do grupo a apresentação de uma periferia que se equilibrava entre o legado coletivista e o otimismo dos movimentos populares dos anos 1980 com os destroços do neoliberalismo da década de 1990.

No CD *Raio-X Brasil*, de 1993, dois raps alcançam enorme veiculação, entrando para a história da música brasileira: “Fim de Semana no Parque” e “Homem na Estrada”. O primeiro é uma narrativa do que é viver na periferia. Um caleidoscópio poético onde se mesclam descrições de igualitarismo, da violência e da pobreza. Esse rap é um grito contra a desigualdade social ao mesmo tempo em que anuncia a periferia como local possível de superação do individualismo da sociedade.

---

36 Na época do lançamento do álbum *Raio-X do Brasil*, em 1993, a jornalista Juliana Resende fez uma reportagem sobre o grupo cujo título foi: “Racionais MC’s vão além da negritude”, apontando essa virada presente na obra e salientada por Mano Brown.

Ao apresentar o nome de várias quebradas de São Paulo, esse rap foi um momento crucial para a visibilização da periferia e para a versão totalizante e unificadora do termo. O outro sucesso, “Homem na Estrada”, retrata a vida de um ex-presidiário até ser morto pela polícia, sintetizando a questão carcerária no Brasil<sup>37</sup>.

Se o CD de 1993 aponta a virada totalizante e abarcadora do grupo, denunciando a violência e a pobreza da periferia, mas com alguma possibilidade de superação dos dilemas, o CD *Sobrevivendo no Inferno*, de 1997, apresenta a periferia como terra arrasada. Com o decorrer da década de 1990, o neoliberalismo se aprofundava. De 1996 a 1999, os índices de homicídio na cidade de São Paulo alcançaram níveis alarmantes. Como leitura sensível da realidade, as temáticas da violência e da criminalidade ganham, nesse álbum uma atenção nunca antes vista na obra dos Racionais. A virada estilística que se anunciava no álbum de 1993 se aprofunda no álbum de 1997. De fato, os jovens frustrados e com medo daquele 1997 necessitavam mais uma palavra amiga e de acolhimento do que os sermões da primeira fase.

É nesse álbum que começam as narrativas religiosas como clamor de um tempo de morte e opressão. E também é nele que surgem as primeiras letras com reflexões com relação à própria trajetória, à obra e ao espaço social ocupado pelos artistas. Das 12 faixas, seis fazem parte de três pares temáticos compartilhados pelos principais compositores do grupo: Edi Rock e Mano Brown. Os raps “Tô ouvindo alguém me chamar” (Mano Brown) e “Rapaz comum” (Edi Rock) são relatos de pessoas baleadas que fazem um repasse da própria vida no momento em que estão agonizando. “Diário de um detento” (Mano Brown/Jocenir) é um relato do Massacre do Carandiru. A letra desse rap foi escrita

---

37 Sobre dramas da população carcerária no Brasil, sugere-se a leitura de Godói (2017).

por um ex-detento de nome Jocenir e avaliada pela comunidade carcerária antes de ser gravada. Esse rap faz dupla com “Periferia é periferia (em qualquer lugar)” (Edi Rock), na qual se faz um panorama da vida nas periferias do Brasil, retratando seus aspectos de pobreza, violência e relações pessoais destroçadas. “Diário de um detento” virou hino contra os maus tratos à população carcerária no Brasil. “Periferia é periferia (em qualquer lugar)” virou lema nacional da unidade periférica. Cabe ressaltar que a frase é do *rapper* brasileiro GOG, citado musicalmente nessa faixa. Por fim, existem dois raps que retratam a violência exacerbada nas periferias e o desencanto do momento: “Mágico de Óz” (Edi Rock) e “Fórmula mágica da paz” (Mano Brown). Interessante notar que as palavras *mágico* e *mágica* nos títulos é coerente com as letras, nas quais a saída para a violência só se daria em outro plano que não o da realidade vivida, ou seja, somente por fantasia ou por mágica. O álbum de 1997 é o mais desesperador. O mais desesperançado. O mais sem saída. Expressa as dores das periferias naquele momento difícil. É uma das obras artísticas brasileiras mais brilhantes no que tange a relação com o contexto histórico em que foi produzida.

Mesmo tendo se tornado um álbum clássico, talvez um emblema da obra dos Racionais, esse não é o trabalho mais apreciado pelo próprio grupo. Em entrevista, Mano Brown afirmou considerar o álbum muito pesado, tanto nas temáticas quanto na musicalidade<sup>38</sup>. Por sua vez, Edi Rock afirmou que, mesmo após vinte anos do lançamento do álbum, o mesmo seguia atual, pois a violência seguia operando nas periferias<sup>39</sup>.

---

38 Entrevista concedida pelo grupo ao repórter André Caramante, no Red Bull Music Academy Festival São Paulo, em 05 de junho de 2017.

39 Entrevista concedida por Edi Rock a TV UOL, em 2018. A entrevista está disponível no You Tube.

### Terceira fase (2002-2008)<sup>40</sup>

Lançado em 2002, o álbum *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia* é contemporâneo do filme *Cidade de Deus*, obra artística que abriu toda um caminho para uma indústria cinematográfica baseada na estética do rap. Com o otimismo da vitória do Brasil na Copa do Mundo daquele ano mesclada com a vitória de Lula nas eleições, um novo período se abria no país. Os destroços da década de 1990 pareciam estar sendo colados. O sangue derramado aos poucos estancava.

O álbum apresentou uma série de novidades. Segundo Mano Brown, o grupo ficou parado durante dois anos entre o lançamento do CD *Sobrevivendo no Inferno*, em 1997, e o lançamento do CD *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia*, em 2002. Segundo o rapper: “Nós demos um tempo. Nós precisávamos reaprender a fazer rap”. Mano Brown afirmou ter se cansado de batidas arrastadas, talvez a melhor maneira de dar conta do conteúdo pesado de *Sobrevivendo no Inferno*<sup>41</sup>.

Uma das novidades do álbum de 2002 foi o aprofundamento da reflexividade com relação à trajetória e à posição do grupo no mundo e na sociedade. De certa maneira, a análise passou das condições externas, ou de uma descrição crítica do mundo, para uma análise interna, ou da própria posição em relação a esse mundo. Há também um tom de decepção com os pares periféricos.

Algumas das evidências desse suposto é, por exemplo, o surgimento do Zé Povinho, também um morador da periferia, mas

---

40 Fazem parte desta fase os álbuns *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia* (2002) e *1000 Trutas, 1000 Tretas* (2006).

41 Informações extraídas de entrevista concedida pelo grupo ao repórter André Caramante, no Red Bull Music Academy Festival São Paulo, em 05 de junho de 2017.

cuja marca distintiva é a inveja, a falta de *proceder*<sup>42</sup>, a delação, dentre outros atributos pejorativos. Na primeira fase dos Racionais, era possível observar uma crítica aos moradores da periferia que não tinham *consciência* ou *se vendiam ao sistema*. Na segunda fase parece haver uma certa condescendência com esses moradores, além de uma exaltação a periferia como local de igualitarismo e solidariedade, como observado em passagens como “*na periferia a alegria é igual*”<sup>43</sup> ou na defesa incondicional da quebrada contida em raps como “Fórmula Mágica da Paz” (1997). Em contraposição, no álbum de 2002, surgem frases como “*periferia/corpos vazios e sem ética/lotam os pagodes rumo à cadeira elétrica/eu sei e você sabe o que é frustração/máquina de fazer vilão*”<sup>44</sup>. Partindo da afirmação de que uma parcela da população periférica não mereceria a redenção, seja ela política ou religiosa, a obra do grupo parece indicar o Zé Povinho de 2002 como a continuação do “Negro Limitado” de 1992 ou do negro julgado pelo “Juri Racional”, de 1993.

Esta questão merece atenção na obra dos Racionais: se por um lado há uma marcada divisão entre manos e boys, negros e brancos, ricos e pobres, a obra do grupo aponta que do lado de cá da Ponte também existem problemas, sejam eles causados pelos Zé Povinhos, pelos Vermes, pelos Negros Limitados, e até pelas mulheres. De acordo com Maria Rita Kehl (2008), a vertente machista da obra dos Racionais se daria pelo fato das mulheres representarem um perigo para a solidariedade entre os homens, os manos, a frátria. Baseando-se no argumento da psicanalista, podemos notar que Zé Povinhos, Vermes e Negros

---

42 Em seu trabalho, Daniel Hirata (2011) dá estatuto e significado a *proceder*, termo presente na obra dos Racionais como espécie de conduta reguladora das relações sociais nas periferias.

43 Rap “Fim de semana no parque”, de 1993.

44 Rap “Jesus chorou”, de 2002.

Limitados de certa maneira também representam perigo, pois ameaçam quebrar a solidariedade interna da periferia.

Se como já citado, na obra dos Racionais sempre houve estas personagens, na obra de 2002 elas aparecem de maneira mais evidente. Se antes havia a esperança de o Negro Limitado se conscientizar ou a condescendência “com quem fuma ou quem cheira”<sup>45</sup>, no álbum de 2002 há uma evidente decepção com certa parcela da periferia. A partir disso, os Racionais operam uma dupla recusa. Por um lado, recusam os *boys*, antagônicos de sempre. Mas a obra do grupo passa a recusar Zé Povinhos e Vermes com mais ênfase.

Essa dupla recusa se expressa de maneira explícita em dois dos principais raps desse álbum: “Negro Drama” (Edi Rock/Mano Brown) e “Jesus Chorou” (Mano Brown). “Negro Drama” é uma metáfora da história do negro no Brasil. Na exposição da letra, observa-se a própria trajetória individual contra tudo e contra todos, as dificuldades para alcançar a fama; a desconfiança de muitos e as barreiras impostas pelos bacanas. É um canto de revanche contra a burguesia, afinal, “*eu era a carne/agora eu sou a própria navalha*” e “*seu filho quer ser preto/ah! que ironia*”. Por sua vez, “Jesus chorou” é o outro lado da mesma moeda, expressando a raiva e a frustração com os próprios pares, mas que traem os pressupostos e os valores do convívio periférico, desestimulando o próprio grupo a seguir em frente, posto que sente que “*quase tudo ao seu redor/melhor/se corrompeu*”<sup>46</sup>. Em paralelo a essa dupla recusa, e operando como duas faces da mesma moeda, os raps “Jesus Chorou” e “Negro Drama” possuem como tema subjacente os dilemas da ascensão social colocados para os integrantes do grupo. “Jesus Chorou” seria uma espécie

---

45 Verso do rap “Capítulo 4, versículo 3”, de 1997.

46 Rap “Jesus chorou”, de 2002.

de justificativa para a quebrada com relação à própria ascensão. Justificativa esta permeada de frustração com os pares, que não saberiam reconhecer as dificuldades enfrentadas pelo grupo. “Negro Drama” seria uma resposta desafiadora a uma burguesia que sempre teve preconceito contra negros e pobres, e para quem os integrantes do grupo não deveriam nenhuma satisfação. É um rap de desforra.

Nesse álbum, a ascensão social torna-se uma questão a ser trabalhada quase que psicologicamente pelos *rappers*. Ganhar dinheiro representava de certa maneira um afastamento de suas origens. Havia uma evidente tensão com relação a esse aspecto nas letras do grupo nesse momento, expressando também a própria posição social que os integrantes passavam a ocupar. De certo modo, os Racionais anteciparam a temática da ascensão social dos pobres, que viria a ser uma das principais questões debatida e proposta pelo governo Lula em seus dois mandatos. Nesse álbum, também se aprofundam as relações de tensão com o consumo, o consumismo e a ostentação de marcas, mas pendendo quase sempre para uma justificativa dessa ostentação e uma forma de expressão de poder com relação aos Vermes e aos *boys*.

Se as duas letras citadas optaram pela reflexividade analítica com relação à própria trajetória, dois raps compostos por Edi Rock expressam em suas letras a epopeia de bandidos que cansaram de uma vida submissa e passaram ao crime como forma de obter *status* e poder. São os casos dos raps “Na fé firmão” e “Crime vai e vem”. A periferia passava da baixa estima à potência.

#### **Quarta Fase (2009 - atual)<sup>47</sup>**

Entre 2002 e 2014 os Racionais não lançaram CDs inéditos. Sobre esse espaço temporal, assim discorreu assim KL Jay: “hoje

---

47 Fazem parte desta fase os álbuns *Racionais 25* (2014) e *Cores & Valores* (2014).



todo mundo lança música na internet. O mundo mudou. Nós mudamos também”<sup>48</sup>. Sobre o mesmo tema, afirmou Mano Brown: “tem muita música dos Racionais na rua. O disco hoje é um detalhe”<sup>49</sup>. Na mesma entrevista, e se atendo às vantagens da internet, assim discorreu Ice Blue, outro integrante do grupo: “a internet quebrou o monopólio da produção e da distribuição. Foi aí que o rap começou a ter um pouco mais de voz”<sup>50</sup>. Nesta fase, o grupo passa a dar mais entrevistas para a imprensa, mas segue negando os grandes veículos de comunicação<sup>51</sup>. Por outro lado, explicita-se o caráter politizado do grupo com a faixa “Mil faces de um homem leal – Marighella”, veiculado com muito sucesso.

Cabe lembrar também que nessa fase os integrantes dos Racionais lançam trabalhos solos. No ano de 2012, Edi Rock lançou o álbum *Contra Nós Ninguém Será*, uma superprodução com 23 faixas, que contam com a participação de inúmeros parceiros do *rapper*<sup>52</sup>. No ano de 2019, Edi Rock lançou seu segundo álbum solo, intitulado *Origens*. Por sua vez, Mano Brown lançou em

---

48 Informação extraída do sítio [www.soma.am](http://www.soma.am), acessado em 31/12/2012.

49 Fala de Mano Brown em entrevista concedida ao programa VMB, MTV. 20/08/2012.

50 Fala de Ice Blue em entrevista concedida ao programa VMB, MTV. 20/08/2012.

51 Sobre a questão, assim discorreu o *rapper* Gog, no seminário Estética de Periferia, em 2011: “O Racionais é só não vou e isso virou mídia para os Racionais. A primeira geração (do rap) foi prejudicada por isso. Os Racionais foram empurrados pela segunda geração a dizer sim”. Em entrevista concedida a TV PT, Edi Rock discorreu sobre o mesmo assunto. Ao ser indagado pela entrevistadora se: – *Vocês abririam mão, daquela coisa, por exemplo, de dar uma entrevista para um grande veículo de comunicação?* Edi Rock foi rápido e taxativo na resposta: – *Menos pra Globo*. No entanto, tempos depois, o cantor foi o primeiro integrante dos Racionais MC’s a aparecer em um programa da Rede Globo de Televisão. Cercado de polêmicas, o episódio ocorreu no dia 19/10/2013. Para mais informações, sugere-se a leitura do artigo “O novo caminho de Edi Rock”, de Walter Garcia (2013).

52 A faixa mais tocada deste CD é “Thats my way”. Por muito tempo esta faixa foi interpretada em shows dos Racionais MC’s. O clipe desta faixa conta com a participação do cantor Seu Jorge, e foi indicada ao prêmio de melhor clipe do ano de 2012. Acabou perdendo para “Mil faces de um homem leal – Marighella”, do próprio Racionais.

2016 o álbum *Boogie Naípe*, no qual prioriza canções de amor e em ritmo de soul que, segundo ele, são suas raízes. Em 2018, o DJ KL Jay lançou *KL Jay na Batida Volume 2, no Quarto Sozinho*, com participação de 33 rappers parceiros seus.

É nesse contexto, quando os músicos buscavam maior liberdade para seus trabalhos, seja dentro ou fora dos Racionais MC's, que o grupo lançou o seu único álbum inédito desta quarta fase: *Cores & Valores*. Neste álbum seguem as letras de caráter hedonista, como visualizado no álbum de 2002. Ostentação segue expressando potência. Por outro lado, já não estão presentes as clássicas narrativas periféricas<sup>53</sup>.

É interessante notar que em nenhum momento aparece a palavra *periferia* nas quinze faixas do CD, mesmo que algumas letras tracem retratos de ambientes periféricos. É fato que nas letras aparecem nomes de bairros da zona sul da cidade, assim como cita-se *favela* em algumas passagens. É verdade também que na parte interna do encarte do CD posam para uma foto ao redor de trinta manos com os uniformes preto e laranja da Vila Fundão. Mas, no geral, parece que o movimento da obra do grupo, se analisada em uma perspectiva macro-histórica, foi a de ir relativizando as explicações totalizantes. De todo modo, mesmo com estas mudanças ocorridas com o passar do tempo, a imagem do grupo seguiu colada à periferia.

O nome do CD, *Cores & Valores*, pode ser entendido em uma dupla chave relacionada ao racismo. Por um lado, a palavra *valores* pode denotar questões relacionadas à ética e à moral. Por outro, pode significar preço, custo ou montante. E é nessa

---

53 Ao que parece, existe uma intencionalidade político-social para o fim das letras que faziam descrições da periferia. Segundo Mano Brown, argumentando sobre a incorporação de outros temas para suas composições: “Não vou mais traçar retrato de lugar nenhum pra ninguém. Muito menos para os ricos. Eu não vou mais mapear a minha quebrada para os caras. Não vou lavar roupa suja para eles ouvirem” (MANO BROWN. Entrevista concedida a Revista Rolling Stone. p. 83. Dez/2009).

ambiguidade da palavra *valor* que o grupo opera, talvez denunciado uma sociedade que só dá valor a quem possui montantes (como nos versos “*você vale o que tem*”<sup>54</sup> ou “*em São Paulo Deus é uma nota de cem*”<sup>55</sup>) ou apreciando os que não sucumbiram a uma degradação ética, como presente no verso “*Me degradar pra agradar vocês? nunca!*”<sup>56</sup>.

Musicalmente, o CD *Cores & Valores* é o mais bem elaborado. As batidas variam em intensidade e timbre e muitas vezes soam *high-techs*, com empréstimos da música *techno*. As faixas são curtas, variando de um a dois minutos. A mensagem é direta e rápida, mas a tendência a fragmentação narrativa já presente em outros CDs se aprofunda.

Cabe lembrar que esse CD foi lançado em 2014, ano de uma conturbada eleição presidencial e após a ressaca dos protestos de 2013. No meio do turbilhão desse momento histórico, a impressão que ficou é a de que os Racionais MC’s preferiram não dar nenhum grande conselho à população periférica e pobre. Talvez por receio de apoiar uma esquerda cuja imagem estava já bem desgastada. Talvez por tentar encontrar a medida certa do discurso para os seus pares periféricos, perdidos entre programas sociais, empreendedorismo, crescimento evangélico e da extrema-direita. Na dúvida, o grupo preferiu não arriscar, talvez tão confusos e em compasso de espera como parte da esquerda e da população periférica. No mesmo ano de 2014, o grupo lançou uma coletânea intitulada *Racionais MC’s 25*, com nove faixas de álbuns anteriores e com a inédita “Mente de Vilão”.

Após esta breve apresentação das fases históricas, a partir

---

54 Verso do rap “1 por amor, 2 por dinheiro” (2002).

55 Verso do rap “Vida Loka parte II” (2002).

56 Verso do rap “Cores & Valores” (2014).

deste ponto a obra será analisada de maneira transversal, aglutinando as diversas letras do grupo por temáticas e percorrendo sobre cada uma delas.

### **Análise das temáticas presentes na obra dos Racionais MC's<sup>57</sup>**

A partir deste ponto do texto se fará uma análise transversal da obra dos Racionais, abordando temáticas principais tratadas pelo grupo. Estas temáticas auxiliaram na criação de um imaginário das e sobre as periferias nas últimas décadas. Do retrato fiel das dores ao incentivo das potencialidades, a narrativa engendrada pelos Racionais balizou a forma de pensar e o fazer político de uma geração moradora dos espaços periféricos.<sup>58</sup>

Após uma escuta analítica, atenta e extensa, a obra dos Racionais foi dividida em nove temáticas principais. Este livro tratará de cinco dessas temáticas e apresentará raps expoentes de cada uma delas.

---

57 Após a análise de 68 letras do grupo, a obra foi dividida em nove temáticas principais: denúncia contra o racismo/consciência e afirmação do negro; narrativas da vida na periferia/narrativas do cotidiano da periferia; narrativas da vida no crime/trajetórias bandidas; reflexividade/olhar sobre a própria trajetória pessoal e/ou artística; relação homem/mulher; convite à ação/fortalecimento subjetivo/orgulho da própria condição; crítica à burguesia/crítica à sociedade/crítica aos boys; saudação aos pares, e; narrativas do futebol. Por uma questão de espaço, este livro tratará das cinco primeiras temáticas.

58 Segue a quantidade de raps analisados por cada um dos álbuns, totalizando 68 letras: *Consciência Black* (2 raps); *Holocausto Urbano* (4 raps); *Escolha Seu Caminho* (2 raps); *Raio-X do Brasil* (8 raps); *Sobrevivendo no Inferno* (12 raps); *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia* (21 raps); *Cores & Valores* (15 raps); Faixas avulsas na internet (4 raps). Raps que aparecem em dois álbuns foram contabilizados apenas uma vez. Três álbuns não tiveram nenhuma faixa analisada: *Coletânea Racionais*, por ser uma coletânea de álbuns anteriores e não possuindo faixas inéditas; *Ao Vivo e 1000 Trutas, 1000 Tretas*, que são álbuns gravados em shows, onde se interpretavam faixas já gravadas em outros álbuns.

## Denúncia contra o racismo/consciência e afirmação do negro<sup>59</sup>

A luta antirracista é o principal pilar da obra dos Racionais. Essa temática permeia a obra do grupo inclusive em raps em que, à primeira vista, a temática parece ser outra. Desse modo, em todas as temáticas dos Racionais abordadas neste livro a luta antirracista está presente. Nas letras da primeira fase, a luta do negro brasileiro aparece de maneira mais evidente. Influenciados pelo Movimento Black Power e pelos Black Panthers estadunidenses, e pelo movimento negro brasileiro, o grupo vocalizou potentes mensagens de autoafirmação da população negra. O *orgulho* da população negra foi um dos principais ingredientes que compôs, tempos depois, o *orgulho* da população periférica, derivando na construção de *sujeitas e sujeitos periféricos*. Por meio da luta do negro, denunciava-se a docilidade, a tendência ao consenso, o discurso da democracia racial, dentre outros argumentos presentes na conformação de discursos hegemônicos sobre nossa sociedade. O rap “Voz ativa” (1992) explicita essa mensagem de autoafirmação. “Negro limitado” (1992) critica o negro que nada faz pela sua gente. Esse rap aponta que a saída está na cultura, na educação, no

---

59 Cabe ressaltar que na história da música popular brasileira alguns cantores ressaltaram a luta do negro brasileiro, e fizeram dessa temática uma questão marcante de suas obras. Duas referências na questão são Martinho de Vila e Jorge Ben Jor que, como sabemos, muito influenciou a obra dos Racionais. Outra matriz formuladora de um discurso pioneiro sobre a temática negra foi o samba-enredo. Martinho da Vila afirmou certa vez que aprendeu quem era Zumbi dos Palmares ao ouvir o samba-enredo da Acadêmicos do Salgueiro para o carnaval de 1960, cujo título era *Quilombo dos Palmares*. Essa escola de samba teve como uma de suas características principais apresentar temas afros em uma época em que pouco ou nada se cantava sobre a questão. O enredo de 1960 é tido pela historiografia como o primeiro da história do carnaval a tratar da temática afro-brasileira. No entanto, consultando informações sobre o carnaval paulista, me deparei com a informação de que já no ano de 1956 a escola de samba Nenê de Vila Matilde havia tratado de um tema afro-brasileiro, levando para a avenida o enredo *Casa Grande & Senzala*. Possivelmente, a maior visibilidade do carnaval carioca tenha feito com a historiografia levasse em conta o samba do Salgueiro e não o da Nenê, mais antigo.

livro e na escola. “Negro Drama” (2002) aponta dramas sociais e subjetivos da população negra no Brasil, mesmo depois de ter conquistado espaços na sociedade.

### **Narrativas da vida na periferia/descrições do cotidiano da periferia;**

Na obra dos Racionais, as periferias são retratadas por meio de personagens, situações, vivências, eventos e descrições. Até o álbum de 2002, essa temática estava explícita. No álbum lançado em 2014, *Cores & Valores*, a palavra *periferia* não é enunciada e diminui a sua presença enquanto temática. No entanto, de maneira subjacente ela segue ali. No geral, a obra do grupo realizou uma exaustiva pintura do que seja a vida nas periferias, indicando locais permeados de miséria, violência, desconfiança e medo, mas também locais com personalidade própria, com uma população inteligente e capaz de superar seus desafios e dilemas pessoais e coletivos. Das muitas letras que possuem *periferia* como temática principal, se extrairão três para análise, pela representatividade que tiveram nos momentos em que foram escritas: “Fim de Semana no Parque” (1993); “Fórmula Mágica da Paz” (1997) e; “Da Ponte pra cá” (2002).

O rap “Fim de semana no Parque” (1993) marcou a explosão dos Racionais nas periferias de São Paulo. Ele se caracteriza por ser uma denúncia feroz contra a desigualdade social, contrapondo o modo de vida dos pobres com o da burguesia. Tendo como pano de fundo a violência e a solidariedade nas relações de vizinhança, sugere que a população periférica possui a possibilidade de propor e empreender saídas coletivas. É um clássico do rap nacional e da música brasileira<sup>60</sup>.

---

60 Sobre este rap, sugere-se a leitura do artigo “Fim de Semana no Parque: Vinte Anos” (D’ANDREA, 2013).

“Fórmula Mágica da Paz” (1997) é um dos mais belos raps compostos pelos Racionais MC’s. A letra começa lembrando a própria infância do autor (Mano Brown) e discute a relação de amor e ódio com o próprio bairro em um cenário de violência e dor. Narra de forma dramática as impossibilidades do autor com relação à morte violenta de seus amigos e aponta em dois momentos da letra que o rap é um caminho contra a violência. Também é um dos primeiros raps a fazer uma análise reflexiva sobre a própria condição de artista e não apenas um olhar para o externo. É um grito desesperado e um clamor pelo fim da violência. Dentre inúmeros versos de rara beleza, destacam-se os que se seguem, como uma das narrativas mais terríveis e belas dos séculos de opressão e violência aos negros e às classes populares no Brasil: *“Dois de Novembro era finados/eu parei em frente ao São Luis do outro lado/e durante uma meia hora olhei um por um/e o que todas as senhoras tinham em comum/a roupa humilde, a pele escura/o rosto abatido pela vida dura/colocando flores sobre a sepultura podia ser minha mãe, que loucura!”*

Faz-se interessante notar como nos raps “Fim de Semana no Parque” e “Fórmula Mágica da Paz” os retratos realizados são em forma de cenas. Cada letra dessa não é composta de apenas uma história, mas de várias cenas que em conjunto formam uma totalidade. Vale lembrar que essa maneira de contar uma história por meio de cenas que vão se sucedendo é a mesma de clássicos da literatura universal como *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel Hernández e *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, nos quais os protagonistas passam por situações que não necessariamente têm conexões entre si, mas que em seu conjunto ganham um sentido. Em muitas das vezes, essas cenas são obstáculos que os protagonistas devem transpor.

No que tange à forma, “Da Ponte pra Cá” (2002) apresenta novidades, assim como suas clássicas contemporâneas lançadas em 2002, “Jesus Chorou” e “Negro Drama”. Nelas, as cenas ficaram mais curtas, sendo retratadas às vezes em grupos de quatro versos. Por vezes, várias ideias soltas são lançadas, cada uma ocupando um ou dois versos apenas. Aos poucos, como já apontado, as narrativas foram ficando caleidoscópicas.

O rap “Da Ponte pra Cá” aponta as diferenças entre a forma de se viver *do lado de lá* e *do lado de cá* da ponte, afirmando a necessidade de possuir alguns atributos para viver no lado periférico, questão esta já presente em raps como “Hey Boy” (1990). “Da Ponte pra Cá” é uma exaltação à vida *rapper*. Por várias vezes, este *rapper* ameaça de maneira violenta inimigos ou possíveis ameaçadores, em uma espécie de figura discursiva bastante presente nas letras do grupo: aquela na qual o estilo de vida de um criminoso é retratado como sendo o estilo de vida de um *rapper*. A letra também é recheada de ironias com relação aos boys e ao Zé Povinho, a dupla ruptura de antagonismos realizada pelos *manos*, como já discutido. O título desse rap também marcou época, ao expor a fratura social relacionada à *segregação socioespacial*.

Das demais letras aqui consideradas *narrativas da periferia*, vale ainda fazer algumas considerações. “Em Qual Mentira Vou Acreditar” (1997) abusa do humor e da ironia. “Mágico de Óz” (1997) forma par com “Fórmula mágica da paz” (1997). Composta por Edi Rock, “Mágico de Óz” retrata a periferia pelo viés da violência, clamando pelo seu fim e ratificando a impossibilidade de saídas para os dilemas da população periférica que marcaram as letras de 1997. Nesse caso, a violência é vista pelos olhos de uma criança abandonada, que encontra nas drogas um refúgio para a violência policial,



para a indiferença da sociedade e para a tragédia pessoal que vive. Na senda dos raps de 1997 está “Capítulo 4, Versículo 3” (1997), um dos mais fortes e ameaçadores do grupo. Neste rap também se utiliza a metáfora do *rapper* enquanto criminoso.

O rap “Vida Loka Parte I” (2002) não utiliza os flashes descritivos dos raps de 2002, mas volta às descrições como nos primeiros raps da década de 1990. Este rap tem uma experiência pessoal de Mano Brown como tema. Já em “Vida Loka Parte II” (2002) descreve-se a união e as aquisições dos *parceiros*, pequeno grupo que conseguiu a vitória por meio do rap. Novamente surge forte a ostentação de marcas enquanto prestígio social e a crítica aos Zé Povinho. Não é um discurso inflamado, mas novamente surge a narrativa desesperada da condição de violência e pobreza do morador da periferia. O arranjo apela para um tom intimista como quem conta uma história ao pé do ouvido. É um rap melancólico e um dos mais dramáticos de toda a obra do grupo. “Crime vai e vem” (2002) e “Expresso da meia-noite” (2002), enfatizam a violência e o uso e o tráfico de drogas. “Eu te disse, eu te disse” (2014), sugere um acerto de contas como desdobramento de um assédio sobre uma mulher comprometida.

### **Narrativas da vida no crime/trajetórias bandidas;**

A história de um ex-presidiário é o centro da narrativa de “Homem na Estrada” (1993), um dos clássicos do rap nacional. O arranjo em tom menor repetido à insistência, somado a figuras imagéticas na letra que induzem a um incômodo sensitivo como em “*cheiro horrível de esgoto no quintal/calor insuportável/28 graus*”, convidam o ouvinte a sensações de mal estar e cansaço. Há uma inequívoca sinergia entre forma, conteúdo e o que ambas querem deixar entrever. “Tô

ouvindo alguém me chamar” (1997) e “Rapaz comum” (1997) utilizam o eu-lírico em primeira pessoa para que baleados quase-mortos contem suas próprias trajetórias no mundo do crime. Por sua vez, “Diário de um detento” (1997) é a história musicada do Massacre do Carandiru, ocorrido em 1992. O rap é uma parceria entre Mano Brown e Jocenir, detento da Casa de Detenção que vivenciou o massacre. Graças ao clipe desse rap, o grupo venceu o prêmio concedido pelo canal de televisão especializado MTV na categoria *melhor clipe do ano* de 1997. Esse prêmio foi um dos principais momentos da aceitação e posterior escuta da obra do grupo por parte de setores médios da sociedade.

Em “Eu sou 157” (2002) utiliza-se o eu-lírico de um bandido, que conta suas relações com o tráfico de drogas e com a polícia, e a desconfiança dos vizinhos pobres. O refrão que diz “*hoje eu sou ladrão/artigo um cinco sete/as cachorras me amam/os playboy se derrete/ hoje eu sou ladrão/artigo um cinco sete/a polícia bola um plano/sou herói dos pivete*” é pegajoso, quase hit. Por mais que a letra seja trágica no final, com a morte do protagonista numa tentativa de assalto, fica difícil não assimilar essa escuta como um elogio à vida bandida.

“Na fé firmão” (2002) transcorre em uma tênue linha entre o que é narrativa *rapper* e o que é narrativa bandida. Após várias escutas, conclui-se que aqui novamente se utiliza o recurso de falar da vida de *rapper* utilizando-se de situações e gramáticas de trajetórias criminosas, ainda que exista uma forte citação do bandido que se cansou de ser trabalhador e passou a roubar para possuir poder. Em “Coração barrabaz” e “Eu te proponho”, de 2014, a narrativa bandida se entremeia a um relacionamento amoroso.

O rap “Mente de vilão” (2009), foi gravado por Mano Brown

junto a Banda Black Rio. Este rap não faz parte da discografia oficial do grupo, por isso não entra na conta dos raps analisados. No entanto, vale discorrer brevemente sobre ele. Dado a conhecer via internet no segundo quinquênio dos anos 2000, resume bem por meio de flashes narrativos a potência do pobre periférico na contemporaneidade, ao ameaçar por meio da violência, fazer elogios ao ato de cantar rap e demonstrar poder por meio do consumo.

Muitas vezes a obra dos Racionais MC's, e dos grupos de rap em geral, ficou associada a serem meras narrativas do crime e elogio aos bandidos. A questão é polêmica. Alessandro Buzo (2012) relata um encontro promovido por Mano Brown juntamente a *rappers* do Brasil inteiro com o intuito de chamar a atenção de todos sobre as letras. Segundo Mano Brown, os fãs de rap estavam interpretando de maneira equivocada muitas das letras, observando um elogio à vida bandida. Brown relatou a seus colegas que o rap não deveria servir para incentivar a entrada de jovens no crime. Mesmo que esta não fosse a intenção dos raps, era assim que estava sendo interpretado, e os letristas deveriam ter mais atenção, segundo Mano Brown.

De todo modo, este trabalho afirma que a recorrência de letras com trajetórias bandidas trouxe à luz pública uma realidade pouco contada e cantada. Na tradição musical brasileira, o samba ocupou esse espaço, discorrendo sobre malandragem e bandidagem. No entanto, foi somente com a obra do sambista Bezerra da Silva (1927-2005) que essa temática ganhou relevância, profundidade e protagonismo. Em muitos momentos, os integrantes dos Racionais citaram Bezerra da Silva como uma referência. Cabe ressaltar, no entanto, que a obra dos Racionais apresenta uma intensidade e uma dramaticidade

com relação ao tema nunca vista na obra de Bezerra da Silva<sup>61</sup>.

As trajetórias bandidas dos Racionais, com citação da violência entre pares serviu também para a tentativa de apaziguar e pacificar a convivência entre os moradores das periferias. Isto é um fato. Em outro âmbito, as reiteradas denúncias do grupo ajudaram a consolidar uma crítica pública e abrangente à atuação policial nas periferias de São Paulo. Também a mensagem de largo alcance social emitida auxiliou na discussão pública sobre as más condições da população carcerária, questão reiteradamente enfatizada pelo grupo.

### **Reflexividade/olhar sobre a própria trajetória pessoal e/ou artística;**

O tema da reflexividade, ou da análise da própria trajetória pessoal e artística, é uma temática bastante abordada pelo grupo. Faz-se interessante notar que nos primeiros álbuns o tema aparece de maneira tênue, como no caso de “Fórmula Mágica da Paz” (1997). No entanto, a partir de *Nada Como um Dia Após o Outro Dia* (2002), a temática vira recorrente, alçando-se como a principal da obra do grupo e substituindo outras temáticas até então prevaletentes. Autores como Bruno Zeni (2004) e Maria Rita Kehl (2008) comentam esse ponto de inflexão na trajetória do grupo.

Sobre essa temática, dois raps são exemplares: “Negro Drama” (2002) e “Jesus Chorou” (2002), clássicos da obra do grupo. O primeiro retrata a condição do negro no Brasil. A exploração e a humilhação histórica. A escravidão e a pobreza. Logo, retrata como o negro saiu dessa condição para dar a volta por cima e conquistar espaços na sociedade. Entreme-

---

61 Sobre malandragem e marginalidade no samba e na obra dos Racionais MC's, ver a dissertação de mestrado de Raquel Sciré (2019).

ando e exemplificando a narração, apresenta-se a própria história pessoal dos rappers, da pobreza e da vergonha até chegar à fama, ao dinheiro e ao poder: *“tin tin um brinde pra mim/sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias”*. Por sua vez, *“Jesus Chorou”* expressa decepção e frustração derivadas da incompreensão dos próprios pretos e pobres com relação à obra do grupo. Também decepciona a atitude mesquinha de alguns periféricos, a ponto do compositor, Mano Brown, se sentir traído, perseguido e crer de maneira confusa que estão tramando o seu assassinato. Os dois raps em questão são belíssimas obras de arte, e cada um deles é uma resposta à um determinado setor social: *“Negro Drama”* é dedicada aos boys e *“Jesus Chorou”* ao Zé Povinho.

De fato, esses dois raps são a melhor expressão de uma angústia que o grupo vivia naquele momento (2002) e que se expressa em variadas letras. Essa angústia derivava fundamentalmente das melhorias materiais vivenciadas pelo grupo e das acusações de boys e Zés Povinhos da vida real. Ascender socialmente era se afastar da classe social e da raça que haviam defendido desde seu surgimento no mundo artístico. Como lidar com o fato de muitos dos periféricos acreditarem que o grupo estava traíndo sua origem e, logo, os pares? Como continuar cantando a miséria e criticando o sistema se eles mesmos não eram mais miseráveis? Não à toa várias passagens afirmam o pertencimento ao mundo da favela, mesmo já não sendo moradores da mesma. Em uma passagem, canta Edi Rock: *“o dinheiro tira o homem da miséria/mas não pode arrancar de dentro dele a favela”*. Em outra passagem, assim recita Mano Brown: *“você sai da favela/mas a favela nunca sai de você”*. Uma frase ouvida pelo autor em um evento, proferida por um fã do grupo, dizia o seguinte: “os Racionais não

precisam ficar justificando nada”.

No que tange à realidade social que se costura com a obra dos Racionais, cabe destacar que a problemática da ascensão social se transformou em dilema e panaceia de toda uma geração de jovens moradores das periferias nos anos 2000, fundamentalmente com o advento do *lulismo*. Mesmo sendo anterior ao processo, os raps citados acabaram servindo como trilha sonora de questões subjetivas colocadas a toda uma geração. Ascender socialmente ou não? Como? Com qual justificativa? Mostrar para o boy que o jovem negro e periférico é capaz de ganhar dinheiro e ostentar? Ganhar dinheiro mantendo os valores familiares e comunitários que compõem o arcabouço simbólico periférico? Demonstrar que toda conquista ocorreu pelo suor e pelo trabalho? Todo pobre periférico que teve acesso a alguma renda nos anos 2000, após muito suor, trabalho e programas sociais é meio *Negro Drama*?<sup>62</sup>.

No que tange aos raps com narrativas da trajetória pessoal, pode-se subdividir este grupo em dois subgrupos. Um subgrupo enfatizaria a trajetória pessoal e a vida artística. Neste subgrupo se enquadrariam os raps “Negro Drama” (2002), “Jesus Chorou” (2002), “O Mal e o Bem” (2014) ou “Quanto Vale o Show” (2014). São narrativas onde permeiam o autoexemplo de que é possível dar a volta por cima mesmo

---

62 Exemplos da força simbólica e subjetiva desse rap: em programa de televisão da TV Bandeirantes que contava a história do jogador Elias, ex-Corinthians, este pediu “Negro Drama” para representar sua trajetória. Em outra ocasião, Ronaldo Fenômeno pediu a canção para o programa Fantástico da TV Globo, com a intenção de comemorar os três gols feitos em partida realizada no dia 08 de julho de 2009. Em outro contexto, um blog do site Yahoo, ao analisar os problemas profissionais e pessoais do jogador Adriano, utilizou a canção “Negro Drama” como metáfora. (Site Yahoo. Acessado 5 de novembro de 2012). De fato, “Negro Drama” é um rap de desforra, apropriado por toda uma geração de negras e negros periféricos que tiveram acesso à universidade, que se fortaleceram politicamente ou que tiveram sucesso em sua carreira profissional.

tendo passado por inúmeras dificuldades na vida. Um outro subgrupo enfatizaria a posse e ostentação de riqueza como resultante das vitórias na própria trajetória. Essas seriam o caso de “Vida Loka Parte II” (2002), “1 por amor 2 por dinheiro” (2002), e de uma série de faixas do CD *Cores & Valores* (2014) que enfatizam essa questão, como é o caso de “Cores & Valores”, “Somos o que Somos”, “C & V Preto e Amarelo”, “Eu compro” e “Você me deve”.

Polêmicas à parte, cabe aqui uma consideração: o fato de os Racionais e toda uma geração de *rappers* terem cantado de maneira recorrente que o rap os salvou, foi de fundamental importância para todo um setor social que escolheu a arte como forma de escapar das possibilidades oferecidas por atividades ilícitas, por um lado, e por outro lado evitar o mundo do trabalho degradante e explorador. Fazer arte nas periferias foi uma decisão parametrizada por essa dupla recusa e incentivada por uma gramática simbólica que perpassou toda uma geração. De certo modo, a obra dos Racionais antecipa a explosão artística das periferias ocorrida nos anos 2000.

### **Relação homem/mulher;**

Sempre do ponto de vista do homem, as letras do grupo que abordam especificamente a relação homem-mulher tratam a figura feminina de maneira pejorativa. Essa postura fez o grupo ser alvo de inúmeras críticas, fundamentalmente do movimento feminista. Raps como “Estilo cachorro” foram banidos das apresentações ao vivo.

Os integrantes do grupo se formaram como seres humanos entre as décadas de 1970 e 1980, em uma sociedade e em uma periferia absurdamente machistas. Seja como descrição do ambiente, seja como expositora da forma de pensar dos

componentes do grupo, a obra dos Racionais expressou esse machismo imperante. Em muitas entrevistas Mano Brown reconhece que errou em algumas letras e chegou a pedir perdão. Ele também afirma que todos somos machistas e que é difícil desprender-se desses valores<sup>63</sup>. Nos shows realizados pelo grupo no ano de 2019 em comemoração aos seus 30 anos de carreira, seus integrantes realizaram veementes autocríticas com relação ao seu passado machista. Cabe ressaltar uma série de postagens realizadas por mulheres no facebook retratando essa questão e saudando o grupo.

Certa vez, ouvi uma ressalva feita por uma militante do movimento feminista, afirmando que toda a música brasileira é machista, da música baiana ao funk, passando pela Bossa Nova. Os Racionais somente não teriam vergonha de demonstrar o machismo da sociedade. Cabe notar também que, a partir das inúmeras críticas ao machismo do grupo, comecei a prestar mais atenção nas mulheres fãs dos Racionais e por que elas defendiam e gostavam de um grupo mesmo sabendo de suas letras machistas. Percebi que a maioria dessas mulheres eram negras, e que a luta antirracista dos Racionais fazia muito sentido pra elas. Nesse caso, a problemática racial vinha antes que as questões de gênero.

Se muito se falou no papel do produtor Milton Sales na formação dos Racionais MC's. Ainda, há que se visibilizar e reivindicar o papel de Eliane Dias na existência do grupo. Mulher negra da periferia, Eliane Dias é advogada e produtora dos Racionais MC's. Cabe destacar também a importância de Dona Ana, mãe de Mano Brown, mulher negra de periferia

---

63 Sugere-se ver a entrevista em vídeo concedida ao jornal *Le Monde Diplomatique*, publicada em 27 de fevereiro de 2018 e disponível no You Tube. Sobre o tema Mano Brown também discorreu em entrevista concedida a *Revista Trip*, publicada em 08 de dezembro de 2016.



que com muito suor criou o filho no local mais violento e no tempo histórico mais violento. Vale também lembrar a importância de uma série de mulheres que cercam o grupo e das milhões de mulheres que constroem cotidianamente a periferia. Que um dia todas essas histórias virem livros.

### **Racionais 30 anos**

É difícil discorrer sobre o alcance e o significado da obra dos Racionais MC's. Talvez ainda sejam necessárias algumas décadas para termos a real dimensão do impacto dessa obra artística, da qual uma das características principais foi seu entrelaçamento com a sociedade que a circundou geograficamente e temporalmente.

Uma das maiores contribuições do grupo foi a missão empreendida de contribuir para a pacificação dos territórios populares assolados pela violência na década de 1990. Também foram fundamentais para a consolidação de um movimento cultural nas periferias que auxiliou na construção de um novo significado para o conceito *periferia*. Ao contar sua história, e contribuir para que a periferia contasse sua própria história, o grupo auxiliou na formação de *sujeitas* e *sujeitos periféricos*.

A obra do grupo também auxiliou no alçar de novos patamares da luta antirracista, denunciando o racismo e a violência policial ao mesmo tempo em que convidou o negro brasileiro à luta, à compreensão de sua história e a fortalecer sua autoestima. No futuro, veremos que quem refundou o pensamento progressista no Brasil não foi junho de 2013, mas o pensamento que se organiza a partir das periferias e do qual os Racionais foram um dos principais artífices.

No âmbito artístico, os Racionais propuseram formas independentes de produção, apontando a ruptura que a internet

propiciaria. No que tange à estética, as mensagens diretas e a enunciação de uma realidade ocultada fizeram da obra do grupo ser uma quebra com toda a tradição musical brasileira. De certo modo, a estética proposta pelo grupo e pelo rap em geral influenciou toda uma geração cinematográfica brasileira que passou a tematizar favelas e periferias.

Os Racionais MC's enunciaram o discurso mais adequado de compreensão da realidade em dado momento histórico, por isso se transformaram na *narrativa legitimada da periferia*, legitimada pela própria periferia, posto que conseguiram elaborar a melhor enunciação sobre sua história.

Por fim, cabe ressaltar com ênfase que os Racionais abriram caminhos para muita gente que veio depois, inclusive o autor deste livro.

# Um show do Racionais

*"12 de outubro de 2019, dia das crianças. Sou um dos milhares de fãs que se espremem para ver o último show da turnê nacional Racionais 30 anos. O clima é de festa, de euforia, de homenagem. No palco, o grupo segue com sua vitalidade. Pareciam jovens de 20 anos. A banda que acompanha o grupo impulsiona a beleza e a força da obra. Os Racionais fazem um repasse histórico de sua trajetória, rap a rap, álbum a álbum. Começam com "Pânico na zona sul" (1989), tremenda virada epistemológica: "só quem é de lá sabe o que acontece". Me pergunto sobre a qualidade dos vínculos que fizeram quatro pessoas andar tanto tempo juntas. Imagino as tretas, as inseguranças, os debates, as dificuldades que devem ter passado na caminhada. As primeiras lágrimas descem ao som de "Fim de Semana no Parque" (1993). Me lembrei daquele moleque de 12 anos que escutou esse rap numa rua de terra na zona leste e começou a pensar sobre sua condição. Da lágrima à reflexão, fiquei pensando sobre a força da obra artística, sobre o fortalecimento que essas letras deram pra vida de tantas pessoas, na capacidade de fazer toda uma geração elaborar uma explicação sobre si. Na hora de "Negro Drama" (2002) o canto saiu raivoso. Que foda este país. Uma burguesia racista se apropriando das riquezas e matando pretos e pobres há quinhentos anos, e a gente*

*semeando amor e um tantinho de ódio também, produzindo o dia que a canoa vai virar.*

*Os dois últimos raps cantados saem do repasse histórico do show. O grupo fecha com “Fórmula Mágica da Paz” (1997) e “Vida Loka Parte II” (2002). Bela síntese: a esperança de paz prometida por um dos raps (o meu preferido de toda a obra) e o conforto aos pobres reivindicado pelo outro.*

*O show termina. A plateia está em êxtase. O momento é único, histórico. Mulheres são homenageadas. Penso na contradição que somos, nos constantes repasses que devemos fazer com relação à nossa conduta, e como isso deve ter sido pesado para os Racionais, sempre vidraça, sempre expostos. Me lembrei das várias vezes que repensei a obra dos Racionais, mas que naquele momento isso não importava. Eu fechava com a sinceridade intensa de um grupo de homens negros que ajudaram a me formar, a formar a minha geração e que, a partir dali, não havia dúvidas que teriam a caminhada escrita em letras de ouro.”*



# Os Coletivos Culturais das Periferias

“mas então o que pode a arte para despertar a humanidade do pesadelo em que se debate ao longo de toda a sua pré-história? Enquanto bem cultural, tesouro artístico, reserva ética ou coisa que o valha, absolutamente nada. São troféus de guerra. Porém, enquanto simples forma organizadora da imaginação (para início de conversa), única atividade mental livre do jugo pré-histórico da autoconservação enquanto fim em si mesmo, continua sendo, hoje como sempre, a única chance de acordar. Para a política, é obvio” (ARANTES, 2004: 235).

Nas últimas décadas, o imaginário sobre favelas e periferias se modificou no Brasil. De uma certa tristeza e condescendência expressa pelo barracão pendurado no morro, passou-se a um imaginário de potência. Talvez a música tenha sido o principal veiculador dessa imagem por meio de uma constelação de cantoras e cantores que alcançaram a fama e milhões de seguidores mesmo tendo saído de condições adversas. Neste âmbito, é possível citar os casos de Anitta, Ludmilla, MC Kevin, Mc Mirella, Kevin O Chris,

Emicida, Criolo, Djonga, Péricles, Belo, dentre outros. Com maior ou menor inserção na indústria cultural e variando na postura crítica, esses artistas colocaram na pauta temas como pobreza, racismo, ascensão social. Talvez tenham sido os maiores expoentes daquilo que a sociedade compreende como *cultura periférica*, não como modo de vida, mas como produção artística.

Na narrativa engendrada por estes artistas consagrados, a potência das periferias, que pode facilmente deslizar para uma docilização do conceito, convive com uma versão crítica. Esta dualidade tem acompanhado os significados de *periferia* nos últimos anos.

Desse modo, o presente capítulo é exploratório, e pretende discutir uma versão um pouco menos gloriosa e visível da chamada *cultura periférica*, entendida enquanto produção artística. Trata-se da saga dos coletivos culturais das periferias nos últimos trinta anos. O primeiro objetivo é tentar entender quais foram as motivações que se desdobraram na verificada explosão artística das periferias de São Paulo, fundamentalmente entre os anos 1990 e 2020. O segundo objetivo é apresentar dilemas colocados no contexto fascista e neoliberal da atualidade.

A partir da segunda metade da década de 1990, houve um crescimento exponencial do número de coletivos que passaram a realizar e promover atividades artísticas nas periferias. São saraus, cineclubes, posses de hip-hop, comunidades do samba, grupos teatrais, slams, coletivas feministas, clubes de leitura, literatura marginal, dentre outras manifestações.

Antes de propriamente começar uma discussão sobre a explosão artística das periferias ou sobre os significados de *cultura periférica*, cabe lembrar que a ideia de *cultura*, ou

uma certa *ideologia* da cultura, foi propalada à esquerda, à direita e ao centro do espectro político, fundamentalmente após a queda do Muro de Berlim.

De um lado, para combater o economicismo atribuído às afirmações do campo socialista, o discurso da direita começou a apontar que os problemas econômicos eram questões secundárias, e que se deveria enfatizar a diferença e as características idiossincráticas das sociedades. Como afirma o livro de Francis Fukuyama (1996) “a saída está na Cultura”. Seguindo essa linha, não é de se estranhar que o pensamento reacionário no Brasil nos últimos anos tenha dado especial ênfase as disputas no chamado campo dos costumes e da cultura.

Por outro lado, partidos e movimentos situados à esquerda no espectro político, passaram a repensar seu fazer após a derrocada do campo socialista. Dessa maneira, para derrubar o burocratismo e as formas petrificadas de ação política, a ênfase na arte poderia dar um novo alento à militância. Cabe lembrar também que os discursos e as palavras de ordem aos poucos foram saindo de moda, processo este que teve nas Jornadas de Junho de 2013 sua principal expressão. Em seu lugar, por serem linguagens menos autoritárias e mais acessíveis à população em geral, enfatizavam-se os jograis, as expressões por meio da canção, do teatro, e de várias outras manifestações artísticas. Diversas organizações de esquerda passaram então a fomentar coletivos com esse tipo de produção.

Em paralelo à ênfase dada à cultura pela direita e pela esquerda, atividades artísticas também começaram a ser incentivadas e promovidas por programas sociais geridos pelo poder público, por organizações não governamentais e por



projetos sociais de empresas privadas, sobretudo nas periferias.

Cultura virou saída e resposta para tudo.

É consenso entre os moradores das quebradas, para diversos produtores culturais, para a intelectualidade e para políticos que nas últimas três décadas aproximadamente houve um aumento da quantidade de atividades artísticas nas periferias de São Paulo. No entanto, e para evitar mal entendidos, vale aqui desde já realçar uma questão: desde que existe *periferia urbana* em São Paulo existe uma fértil produção artística e cultural. E essa produção existiu bem antes que existisse o movimento hip-hop.

Bem antes dos anos 1990, muito forró, baião e sertanejo percorriam as periferias norte, sul, leste e oeste de São Paulo. Muita roda de samba foi feita em quintais e bares de bairros populares. Grandes batucadas foram feitas em favelas e arredores. Muito rock foi gestado nos subúrbios. Muitos bailes de associações de moradores foram embalados por grupos pratas da casa que tocavam Elvis Presley, The Beatles, boleros mexicanos, tangos, sambas-canções, Roberto Carlos e sucessos da Jovem Guarda. Muitos movimentos sociais de bairros populares cantaram em prol da militância popular e em favor dos mártires do povo. Isso só para apresentar exemplos musicais. O teatro, a dança, a pintura, o circo, e mais uma série de expressões artísticas sempre se fizeram presentes nas periferias. Enfim, a história é longa, longuíssima.

Com uma lucidez ímpar, Edi Rock, do grupo Racionais MC's, fundamenta esse argumento. E há que se ressaltar que este *rapper* é um dos maiores impulsionadores da visibilidade que a arte produzida nas periferias passou a obter e é um dos maiores beneficiados dessa visibilidade. No

entanto, Edi Rock não se deixa enganar e, com humildade, afirmou: “a produção de cultura na periferia sempre existiu. Só que hoje ela está mais visível”<sup>64</sup>. Por sua vez, Eleilson, coordenador da ONG Ação Educativa e um dos principais articuladores da explosão artística das periferias, afirmou certa vez que: “a cultura da periferia emergiu na década de 1990 com o hip-hop. A partir disso ela ganhou políticas públicas. Ganhou editais”<sup>65</sup>.

É interessante notar em sua fala a afirmação de que essa produção ficou diferente a partir dos 1990. Em paralelo com o protagonismo do movimento hip-hop ao alavancar este movimento, aumentou também a quantidade de coletivos e atividades artísticas nas periferias; aumentaram os financiamentos públicos, semipúblicos e privados para essa produção e, em decorrência disso, aumentou a visibilidade pública dessa produção.

Para este livro, foram cinco os principais motivadores do aumento do número desses coletivos: a produção artística como forma de pacificar um contexto violento; a produção artística como forma de sobrevivência econômica; a produção artística como forma de participação política; a produção artística como forma de valorizar o bairro e; a produção artística como emancipação humana.

Essas e outras questões serão discutidas a fim de problematizar a questão que permeia e fundamenta este capítulo: quais as implicações sociais do uso político de uma noção espacial por parte de produtores artísticos?

---

64 Frase proferida em entrevista concedida ao programa de televisão *Metrópolis*, da TV Cultura, 05/05/2011.

65 Frase proferida em entrevista concedida ao programa de televisão *Metrópolis*, da TV Cultura, 05/05/2011.

## **Por que a periferia foi fazer arte?**

*Ou por que entre os anos 1990 e 2020 aumentou consideravelmente a produção artística na periferia?*

### **Cinco grandes motivadores e dezoito sub-motivadores**

*Motivador 1 - Produção artística como pacificação;*

**Sub-motivador I.I – Fomentar o encontro, a utilização dos espaços comuns, a arte e a cultura;**

A década de 1990 foi um contexto violento. Para superar o medo e a desconfiança generalizada, uma das ações empreendidas pela população periférica foi a produção artística. A pacificação por meio dessa ênfase nas artes teve alguns motivos. A própria população das periferias passou a fomentar cada vez mais encontros que tinham a cultura e a arte como objetivo e mote. O ato de sair de casa e ocupar os espaços públicos das periferias foram formas de vencer o medo e ocupar um espaço muitas vezes tomado pela violência e pelo uso de drogas. Esses eventos também facilitavam o encontro e a convivência, estabelecendo relações sociais e aumentando o nível de confiança entre a própria população periférica. Por outro lado, em um contexto violento e onde eram cada vez mais extensas as redes de sociabilidade voltadas às atividades ilícitas, tentar produzir arte e cultura era uma forma de escapar delas e dar outro direcionamento à vida.

Não se pode esquecer também como, a partir da década de 1990, uma série de programas do poder público, de ONGs e de instituições privadas passaram a atuar em favelas e periferias promovendo cursos em diversos setores artísticos, capacitando jovens e financiando-os. Muitas vezes, essas instituições aportaram nesses bairros populares com ma-

quinários e alta tecnologia que de outra forma os moradores das periferias dificilmente teriam acesso.

*Motivador 2 - Produção artística como sobrevivência material;*

**Sub-motivador 2.1 – Cursos de capacitação e editais e incentivando a produção artística como forma de profissionalização.**

Como já esboçado no item anterior, aumentou consideravelmente a presença de ONGs, do poder público e da iniciativa privada como fomentadores da produção artística em periferias e favelas nos últimos 30 anos, ainda que nos últimos anos tenha havido decréscimo desses financiamentos. Muitas dessas atividades tinham por objetivo incentivar e capacitar os moradores das periferias, fundamentalmente os jovens, a produzir atividades artísticas em todos os ramos possíveis da cadeia produtiva da economia da cultura. Dessa forma, unindo a vontade pessoal com condições sociais propícias, muitos moradores observaram na produção da arte e da cultura uma forma de se manter materialmente. Cabe ressaltar que, de todos esses moradores que entraram na economia da cultura, são bem poucos os que realmente conseguem se manter financeiramente por meio dessas atividades. Geralmente os projetos são de duração limitada e os recursos não possuem somas vultosas. Nos últimos anos, com os diversos cortes realizados, muitos artistas das quebradas estão buscando formas de sobreviver fora do âmbito artístico.

Em paralelo, há toda uma discussão que problematiza a atuação das ONGs e de entidades ligadas ao setor privado no ramo da cultura nas periferias de São Paulo (TOMMASI, 2018, 2011; RIZEK, 2011; PEÇANHA, 2011; D' ANDREA, 2008; RIBEIRO, 2007; MAGALHÃES, 2006).

### Sub-motivador 2.2 – As produções independentes;

Outra forma de produção artística enquanto busca por sobrevivência material é uma série de produções feitas com recursos próprios. Esses são os casos típicos de CDs e livros feitos por conta própria e vendidos de mão em mão em atividades públicas<sup>66</sup>. A internet também se fez uma importante ferramenta no que tange à divulgação desses trabalhos. Cabe ressaltar novamente que são poucos os que conseguiram estabilidade financeira por meio dessas atividades.

### Sub-motivador 2.3 – Produção artística como alternativa ao mundo do trabalho;

A *experiência* histórica dos moradores das periferias tem provado que o mundo do trabalho capitalista tal como ele está organizado não é uma *experiência* satisfatória. Na imensa maioria dos casos, ganha-se de maneira insuficiente para trabalhar muito, em más condições e enriquecendo os patrões. A partir dessa percepção, muitos moradores das periferias visualizaram na produção artística uma forma de auferir renda e se manter financeiramente, seja por meio de editais e de patrocínios, seja por meio de produções independentes.

### Sub-motivador 2.4 – Produção artística como alternativa às atividades ilícitas;

Uma das possibilidades colocada para os moradores das periferias, fundamentalmente para a juventude, é a parti-

---

66 O autor deste livro também é músico. No ano de 2015 gravou o CD “Latinoamerisamba”. Não tendo financiamento, pagou do próprio bolso todo o custo de produção do CD. Tendo realizado poucos espetáculos, não conseguiu reembolsar os custos de produção. As faixas estão disponíveis em diversas plataformas de streaming, possuindo poucos, porém honestos e fiéis seguidores.

cipação em atividades ilícitas como forma de obtenção de renda. No entanto, esta escolha envolve um grande risco e uma certa condenação social. A produção artística também foi uma forma de evitar esta possibilidade no leque de escolhas colocadas para uma geração.

### *Motivador 3 - Produção artística como participação política;*

O aumento da participação em atividades artísticas também é uma decorrência das impossibilidades das formas clássicas do *fazer* político. Obviamente, este postulado abre todo um amplo leque de questões sobre o caráter filosófico do que seria, de fato, *fazer política*. Afinal, coletivos culturais que discutem, formulam seus ideais e ideias, lutam por recursos públicos e modificam as relações sociais, sobretudo em seu ambiente mais próximo, não estão fazendo política? Para tanto, há que se levar em consideração alguns processos que ocorreram nas últimas décadas, dentre os quais se destacam a crise de representatividade dos partidos políticos e a diminuição da participação popular em seus quadros nos últimos anos; a crise dos movimentos sociais urbanos e rurais e seu consequente esvaziamento e a crise organizativa dos sindicatos. A diminuição da participação juvenil e popular nesses três campos (partidos políticos, movimentos sociais e sindicatos) teria se desdobrado em um aumento da produção artística? Seria a produção artística uma outra (nova?) forma de fazer política? Estão os moradores das periferias inventando o novo que em breve será hegemônico politicamente ou estão acantonados em um campo de produção do conhecimento e práticas desde sempre secundarizado, dado que sua força é menor e auxiliar, ou seja, a arte? Estariam dados os limites e as impossibilidades da política, de forma

que a visibilidade da produção artística falseia a participação política negada? Muitas questões...<sup>67</sup>

Se apresentará na sequência do texto alguns sub-motivadores que levaram os moradores das periferias a fazer arte e sua relação com a política.

### Sub-motivador 3.1 – A descrença no mundo da política: “político é tudo igual”<sup>68</sup>

Neste sub-motivador, a participação política estaria vetada devido à estruturação da democracia burguesa da qual nossos partidos políticos são vítimas, cúmplices e produtores. Esta democracia não estaria dando voz às demandas populares. Não observando possibilidades de participação real por meio da política tradicional, muitos moradores das periferias procuraram se expressar politicamente por meio da arte.

Neste argumento, o aumento do número de coletivos seria uma forma de fazer política por meio da arte e da cultura e seria um desdobramento da crise de participação política vivida atualmente e da descrença na política institucional.

### Sub-motivador 3.2 – O fim de ciclo: “o PT acabou”

Após o fechamento dos núcleos de base do PT e a diminuição dos referenciais políticos expressos por este partido, as bases se viram distanciadas das instâncias de decisão. Aos poucos, este setor da população sentiu-se à deriva no que se refere à participação política. Não observando nenhuma organização

---

67 Cabe lembrar que nas eleições municipais de 2020 uma série de participantes de coletivos culturais lançaram candidaturas para o legislativo municipal, fazendo política dentro da institucionalidade.

68 A descrença nas eleições e na política institucional é generalizada nas periferias, vide a quantidade de abstenções, votos em brancos e nulos nas eleições de 2016, 2018 e 2020. Este assunto foi abordado de maneira aprofundada no livro *40 ideias de periferia: história, conjuntura e pós-pandemia* (D'ANDREA, 2020).

que canalizasse suas demandas, passaram a se organizar em coletivos culturais.

Há também nesta escolha certo desencanto com o Partido dos Trabalhadores e a afirmação de que a produção artística é capaz de formular uma crítica que o PT há tempos não é capaz. Esta escolha também se embasaria em um cansaço nas formas políticas tradicionais.

### Sub-motivador 3,3 – Em busca de novas formas para a política: “ninguém aguenta mais discursos e palavras de ordem”

Para este argumento, a explosão de atividades artísticas nas periferias teria sido induzida e estimulada por partidos e movimentos sociais de esquerda que perceberam que as *antigas formas de fazer política*, baseadas em reuniões, discursos e palavras de ordem, já não mais faziam eco. Os trabalhos de base, protestos e atos eram cansativos e monótonos. Percebendo a reprodução de um certo *fazer militante* que já estava superado, buscaram trazer a produção artística para dentro das organizações políticas e incentivaram a criação de coletivos de produção de arte que por meio da arte fizessem política.

Muitas vezes trataram de, com o incentivo à produção artística, subverter as formas duras de fazer política. Discutem, a partir de novas práticas, o dirigismo e o verticalismo presentes em algumas organizações, não necessariamente superando-os. Nessas organizações, quase sempre as atividades artísticas são organizadas de maneira instrumental e quase sempre se observa a arte como um apoio à luta política. Constata-se também que a periferia fervilha por meio da produção artística e que fomentar também essa produção é um modo de trazer pessoas para a discussão política.

Por outro lado, o impulso a novas formas de *fazer política*



foi estimulado por ex-militantes que saíram de organizações políticas por criticarem alguns de seus métodos. Descontentes, foram fazer cultura e política, e afirmam que a arte possui uma radicalidade que a política tradicional já não possui<sup>69</sup>.

#### **Sub-motivador 3.4 – Arte como forma de luta antiopressão;**

Para este sub-motivador, a arte e a cultura teriam sido formas onde se pôde expressar de maneira mais livre as lutas antirracistas, antipatriarcais, anti-lgbtfofia, anticapitalistas, pela causa indígena, em defesa da ecologia, dentre inúmeras outras mobilizações antiopressões existentes em nossa sociedade.

#### **Sub-motivador 3.5 – A impossibilidade das conquistas;**

Para este sub-motivador, fazer arte ocorreria pela própria impossibilidade prática da militância. Participando de movimentos sociais e se organizando politicamente não se consegue nenhuma conquista. Tudo ocorreria pela via institucional ou por formas ilícitas desenvolvidas dentro de um sistema econômico capitalista e mafioso. Para além disso, há uma forte repressão social no Brasil que desestimularia a militância. Da sensação de cansaço, busca-se na arte uma forma de engajamento indolor.

#### **Sub-motivador 3.6 - Arte como refúgio;**

Neste sub-motivador, a motivação para a produção artística seria a de refugiar-se em coletivos culturais em momentos históricos difíceis, como o atual, nos quais há crise de paradigmas e falta de perspectivas políticas. O importante seria acumular

---

69 Um exemplo típico do caso descrito é o de José Soró, sindicalista em outras décadas e grande articulador da cena cultural das periferias, fundamentalmente na região noroeste. Mestre Soró partiu pra aruanda em 30 de outubro de 2019, deixando um legado inesquecível de lutas e ensinamentos.

forças, esperar passar o momento mais difícil politicamente e estar preparado para o novo período. Neste caso, o refúgio na arte seria importante, pois a arte abre a imaginação e pensa formas distintas de fazer política.

*Motivador 4 – Produção artística como valorização do local;*

**Sub-motivador 4.1 – Fazer arte no bairro como forma de evitar a segregação sócioespacial (disputa espacial);**

Para este sub-motivador, produzir arte no bairro seria uma forma de produzir e consumir arte sem depender do deslocamento até os bairros de maior renda onde se concentram a maioria dos equipamentos culturais da cidade. Por um lado, fazer arte no local valoriza a produção do bairro e aglutina a vizinhança. Por outro lado, muitas vezes não ir aos bairros onde se concentram os equipamentos não é uma questão de escolha. Simplesmente o morador da periferia não possui recursos para o deslocamento.

**Sub-motivador 4.2 – Fazer arte no bairro estimulando a arte popular, revertendo processos de estigmas e preconceitos contra os mais pobres;**

Para este sub-motivador, o incentivo a cultura se daria pela necessidade de valorização da cultura tradicional, popular ou oriunda de populações historicamente perseguidas e estigmatizadas. Algumas das manifestações revalorizadas, ressaltadas neste **item**, são o jongo, o coco, o maracatu, a ciranda, o carnaval popular, dentre outras.

**Sub-motivador 4.3 - Fazer arte no bairro como forma de organização da vizinhança e melhoria das condições de vida e de habitabilidade no local;**

Este sub-motivador se intersecciona com alguns outros, incluindo em seu escopo todo tipo de ação realizada com o intuito de divertir, organizar, conscientizar ou unir o bairro por meio de atividades culturais;

*Motivador 5 - Produção artística como emancipação humana;*

Um quinto motivador da explosão de coletivos culturais nas periferias seria algo mais filosófico e que percorre toda a história humana, mas que em momentos de crise da civilização teriam mais impacto. Seguem na sequência algumas sub-motivações incluídas dentro de uma motivação maior que seria a de produzir arte dentro de uma perspectiva de emancipação humana.

#### **Sub-motivador 5.1 – O niilismo;**

Neste caso, a produção artística é uma saída subjetiva realizada por indivíduos, jovens ou não, que não acreditam no mundo do trabalho; que se veem impedidos de estudar; que não acreditam nos produtos comerciais incentivados pela mídia e pela publicidade; que não se sentem representados pelas práticas políticas atuais e/ou não visualizam possibilidades de avanços na atual estrutura social; que estão desiludidos com o estágio atual das relações humanas. Em síntese, nesta sub-motivação mesclam-se cansaço, desestímulo, desesperança e descrença generalizada em tudo. A única possibilidade emancipatória, ou a única possibilidade de seguir possuindo objetivos na vida, seria por meio da arte.

#### **Sub-motivador 5.2 – A catástrofe iminente;**

Para este argumento, a catástrofe civilizatória iminente não deixaria outra possibilidade a não ser expressar-se por meio da

arte, dando vazão à inspiração e às emoções e aproveitando o máximo o que a existência humana nos oferece dentro do curto espaço de tempo que ainda nos resta neste planeta.

### Sub-motivador 5.3 – O mal-estar na civilização;

A forma como a sociedade está organizada é permeada de repressões e alienações do ser humano consigo mesmo. O desdobramento dessa forma de organização social seria o denominado *mal-estar na civilização*. Para superar esse incômodo, a arte seria uma excelente forma de sublimação.

### Sub-motivador 5.4 – Fazer arte é bom;

Para este sub-motivador, a função humanizadora da arte seria retomada pelos coletivos periféricos, mas já estaria colocada na própria existência dos indivíduos, estando estes vivenciando ou não momentos históricos com alguma dramaticidade. Neste ponto, não se faria arte em *resposta* a alguma coisa, mas se faria arte porque é bom cantar, tocar um instrumento musical, fazer teatro, pintar, dançar etc. Apesar de não ser um motivador próprio desta geração, a escolha por fazer arte por si só não poderia deixar de constar na busca de explicações para o crescimento dos coletivos culturais nas periferias de São Paulo nos últimos trinta anos.

Isto posto, tendo sido apontadas 18 sub-motivações dentro de um leque de cinco grandes motivadores para o crescimento do número de atividades artísticas nas periferias, serão apresentados três grandes fenômenos que ocorrem nas periferias paulistanas nas últimas décadas e que se entrelaçam com as dezoito sub-motivações apresentadas. Os três fenômenos amplos que serão apresentados aqui como teses gerais são: a *tese do “é nós por nós”*; a *tese tecnológica* e a *tese da gestão da pobreza*.

## Três teses gerais

### A Tese do “é nós por nós”;

A tese do *é nós por nós* baseia-se em um discurso e em uma prática que passou a reverberar de maneira intensa nas periferias de São Paulo nos últimos 30 anos. O principal elemento desse discurso prega que os moradores das periferias não dependam de ninguém e de nenhum agente externo para resolver os seus distintos problemas. Este discurso e esta prática são respostas a vários agentes.

Em primeiro plano, uma evidente resposta crítica ao poder público, que segundo os moradores de bairros populares, sempre deixou os mais pobres relegados à própria sorte, não suprimindo a periferia de serviços básicos. Ainda como paradoxo, uma das poucas presenças estatais na periferia seria aquela representada pela polícia, que longe de garantir a paz, só faria aumentar os ciclos de violência. Ou seja, na resposta periférica, resolver a questão da violência só cabe ao *nós* da população que vive nesses locais. Também não se pode esperar nada do poder público no que tange à resolução de questões como saúde, educação, moradia, transporte, geração de renda, áreas de lazer, segurança etc. Enfim, sem visualizar a ajuda de nenhum agente externo, a população da periferia resolveu: *é nós por nós*.

Uma segunda resposta seria a estruturação da sociedade em bases capitalistas, da qual algumas de suas maiores expressões — como o mundo da publicidade, empresarial ou a burguesia em geral — teriam esquecido e historicamente estigmatizado os mais pobres. Na dificuldade de acesso às benesses ofertadas pela esfera do consumo e pelo glamour do mundo empresarial e da burguesia, representados também pelo estilo de vida e padrões de renda, a saída seria reencontrar-se nas próprias formas

e *experiências* de vida organizadas nas periferias e valorizá-las. Também, a partir da própria auto-organização, se buscariam soluções para seus problemas práticos cotidianos. Também se buscaria fundar empreendimentos cujo caráter seria vender para a população periférica. Este é o caso de marcas de roupas, editoras de livro, dentre outros, criados por moradores das periferias e voltados para atender essa população. Enfim, é *nóis por nóis*.

Uma terceira resposta teria sido dada aos partidos políticos da esquerda hegemônica, muitas vezes com uma prática de disputa de poder que teria relegado à população periférica o papel de *base* ou executora de tarefas formuladas por direções partidárias que na maioria das vezes não pertenciam aos extratos populares da sociedade. Somado a isso, revelava-se também um desconforto com relação a uma postura histórica de alguns partidos de esquerda de acusar a população mais pobre de *alienada* ou *sem consciência*. Nesse âmbito, esse discurso que começou a perpassar a população periférica também apontava sua crítica contra os políticos populistas de direita que só vão aos bairros populares em época de eleição para fazer promessas e pedir votos. Em resposta a essas práticas de políticos de esquerda e de direita, a população começou a formular seu programa político próprio e suas respostas práticas às dificuldades que se colocavam. Enfim, é *nóis por nóis*.

Contudo, cabe ressaltar com ênfase que o discurso do *é nóis por nóis* soube unir em um dado tempo histórico uma sensação de abandono por parte da população periférica (que se sentia abandonada pelo Estado, pelo *establishment* e pelos partidos políticos) com as teses justamente propaladas pelo neoliberalismo, que incentivavam o *faça você mesmo*, o *seja-patrão-de-si-mesmo*, o *trabalho por conta própria*, o *empreendedorismo periférico*, dentre

outras modalidades de auferir renda concatenadas com uma época de crise da sociedade salarial e de diminuição da presença estatal. Também estavam em crise movimentos de trabalhadores que pautavam saídas coletivas. Quando o discurso do *é nós por nós* arregimenta mentes e corações nas periferias, ainda obtém como respostas saídas coletivas, porém mais organizadas por grupos com certa afinidade ou proximidade territorial do que por trabalhadores ou movimentos sociais organizados. Estes grupos organizados que *fazem a correria* procurando adquirir renda no compasso do que era proposto pela onda neoliberal, estão muito próximos daquilo que foi longamente cantado pelos Racionais e definidos neste livro como sendo “*o-grupo-de-eleit-os-que-deu-certo-produzindo-cultura*”. Em síntese, o discurso de autonomia pregado nas periferias e expresso no *é nós por nós* é complexo e deriva de distintas influências e processos sociais. No entanto, este discurso e esta prática impulsionaram muita gente a produzir arte sendo um motivador de práticas econômicas e políticas.

### **A Tese “tecnológica”;**

Outro fenômeno amplo que também se entrelaça e impulsiona a explosão artística nas periferias a partir da década de 1990 se refere ao avanço da tecnologia aliado à maior possibilidade de acesso a essa tecnologia por parte da população mais pobre. Essa confluência de fatores permitiu maior produção e circulação de obras artísticas, com a decorrente quebra de invisibilidade da produção artística provinda de bairros periféricos.

Como já colocado, muitas iniciativas de ONGs, de entidades privadas e do poder público, assim como por parte de coletivos organizados, tiveram por objetivo fornecer à população periférica acesso a uma série de tecnologias que facilitavam a

produção artística. Esse é o caso de ilhas de edição de vídeos com equipamentos de alta tecnologia; estúdios de gravações musicais; instrumentos musicais; filmadoras; computadores de última geração, celulares etc. Todo esse aparato foi de certo modo apropriado pelos moradores das periferias que passaram a manuseá-los e a utilizá-los ao seu interesse. Em paralelo a essa oferta e apropriação de novas tecnologias, o advento da internet foi definidor para a circulação de muito material produzido por coletivos culturais. Rompida a invisibilidade via internet, muitas barreiras foram quebradas. No entanto, este livro está longe de acreditar que as oportunidades estejam distribuídas de maneira igualitária na sociedade.

### ***A Tese da “gestão da pobreza”;***

Um terceiro fenômeno transversal às cinco motivações e que teria contribuído para a explosão artística das periferias seria aquele relacionado à gestão da pobreza. Nessa tese, a miríade de incentivos financeiros à produção artística das periferias estaria intrinsecamente relacionada as novas formas de governamentalização da população pobre e de gestão da pobreza. Isso se daria pelo acoplamento entre práticas e produções culturais e projetos assistencialistas cujos objetivos principais seriam “o combate à pobreza”, “a inclusão social” e “a pacificação de territórios violentos”. Para essa tese, a explosão de coletivos culturais nas periferias tenderia a ser um suporte necessário para a diminuição da elaboração crítica por parte da população periférica.

Para este livro, a chave interpretativa que observa na explosão de coletivos culturais nas periferias de São Paulo um recurso para a gestão da pobreza tem plausibilidade e se coaduna com algumas das 18 sub-motivações aqui levantadas. Cabe lembrar



que esta explosão de coletivos ocorre no mesmo tempo histórico do neoliberalismo e de suas políticas de incentivo à população pobre, das quais o incentivo à produção artística é uma delas. Cabe destacar, no entanto, que existem indivíduos e coletivos culturais nas periferias de São Paulo que buscam sair dos aprisionamentos ditados pela gestão da pobreza que visa docilizar a população periférica apresentando-lhes possibilidades de consciência política, de alternativas a trabalhos precarizados e a um mundo violento. Contudo, cabe novamente destacar, assim como o conceito *periféria* se encontra em disputa, a produção cultural das periferias de São Paulo também está em disputa. Em que pese a enorme quantidade de experiências desse tipo, é a ação política dos moradores das periferias que fará que, em termos históricos de médio e longo prazo, se possa afirmar que a explosão de atividades culturais nas periferias serviu para docilizar ou tornar mais crítica a população periférica.

### **Os coletivos culturais das periferias na encruzilhada: larô yê**

É possível realizar uma breve periodização da atuação dos coletivos culturais das periferias, ao menos a partir da década de 1990. Do final dessa década até mais ou menos 2003, havia uma presença autônoma nas quebradas em uma perspectiva de combater a violência, politizar a população e ocupar espaços. Entre 2004 e 2013 foi o grande momento de acúmulo de forças. Havia recursos públicos disponíveis e muita gente pôde ganhar seu sustento produzindo arte e cultura. Os coletivos estavam grandes e fortes.

A partir do ano de 2013, percebe-se um amadurecimento do movimento e a necessidade de aglutinar as iniciativas dispersas nos territórios. Com iniciativa do Fórum de Cultura da Zona Leste (FCZL) e de suas alianças com movimentos e artistas de outras regiões, foi criado o Movimento Cultural das Periferias

(MCP). Aos poucos, percebia-se que fazer política de maneira organizada era necessário. Aglutinando agentes sociais de várias quebradas, o MCP foi responsável pela escrita da Lei de Fomento à Cultura da Periferia, uma lei de iniciativa popular e redigida totalmente fora da câmara de vereadores. Se a escrita da lei foi penosa, a luta pela sua implementação também custou muita luta. A trama da burocracia municipal, somada às disputas políticas, dificultou e atrasou a implementação da lei, somente aprovada em 2016<sup>70</sup>. De maneira mais ampla, o MCP também compôs, juntamente a diversos coletivos culturais das periferias atuantes, frentes de lutas importantes, como Periferias com Dilma<sup>71</sup> e Periferias Contra o Golpe<sup>72</sup>.

---

70 Para um detalhamento das lutas dos movimentos culturais nos últimos anos, sugere-se os trabalhos de Renato Almeida & Marcello de Jesus (2021), Dennis de Oliveira (2021), Fórum de Cultura da Zona Leste (2019), Sílvia Lopes Raimundo (2017), Marcello de Jesus (2017) e Harika Maia (2014). Sugere-se também os vídeos do projeto (Re)memorar, do Coletivo CPDOC Guaianases.

71 Logo após o encerramento do primeiro turno da eleição presidencial de 2014, o candidato do PSDB, Aécio Neves, aparecia em primeiro lugar nas pesquisas. Ainda que com críticas ao PT, e preocupados com uma vitória da direita, quatro integrantes de coletivos culturais das periferias decidiram fazer um encontro e convocar diversas lideranças atuantes nas quebradas para conversar sobre as eleições. O encontro ocorreu uma sexta à noite, em Guaianases, em uma reunião denominada Sexta Socialista. Mais de 60 pessoas de várias quebradas compareceram. Foi debatido o que estava em jogo naquela eleição. Foi uma noite quente, árdua, e de muita discussão. Quando era uma hora da manhã, foi decidido manifestar apoio a candidata do PT e escrever um documento intitulado “Periferias com Dilma”. Os participantes assinaram. Na manhã de sábado coletivos de muitas periferias de São Paulo já tinham se somado ao documento. No domingo já eram mais de 700 assinaturas de todo o Brasil. A partir dessa frente, foi organizado um ato com Dilma Rousseff na Praça Brasil, em Itaquera. O ato definiu a virada daquela campanha a favor da candidata. Esta história, invisível, precisa ser contada. É arriscado afirmar que estas articulações definiram a eleição. No entanto, é fato que muito contribuíram para os rumos do país. Infelizmente, mesmo depois dessa mobilização fundamental, os coletivos seguiram sendo invisibilizados por uma classe média que tomou os postos da burocracia do maior partido de esquerda do país e colheu os frutos, em forma de cargos e status, de uma luta que não fez.

72 Em abril de 2016, quando o Congresso Nacional votou a favor do Impeachment de Dilma Rousseff, uma série de coletivos culturais e intelectuais das quebradas se reuniram para pensar ações contra o golpe em curso, explicando para a população seu caráter burguês e neoliberal. A frente se intitulou Periferias Contra o Golpe.

Contudo, nesse período que uma parcela do movimento cultural mais ampliado se organiza no MCP, percebe-se uma piora nas condições políticas e sociais do país. O pensamento reacionário começa a crescer na sociedade como um todo, ganhando espaços políticos e ideológicos. A defesa do bem público e de sociabilidades comuns feita pelos coletivos começa a perder espaço. A arte e a cultura das periferias passam para uma posição defensiva tentando evitar o desmonte. Já não era possível avançar.

Após o golpe de 2016 e com a chegada de políticos de extrema-direita ao poder institucional, a cultura passa a ser atacada institucionalmente. Cortam-se recursos. Cancelam-se editais. Desmontam-se as políticas públicas. Artistas passam a ser perseguidos. Dois eventos sintetizam o período: o fechamento do Ministério da Cultura<sup>73</sup> e as ameaças do Secretário Municipal de Cultura em 2017, André Sturm, ao ativista Gustavo Soares participante de um coletivo cultural de Ermelino Matarazzo<sup>74</sup>.

Em meio a esse processo, a sociedade brasileira ia mudando. Tudo o que era público passava a ser mal visto. Com os cortes nas políticas públicas e sem direitos trabalhistas, os apoios privados de bancos e fundações surgem ainda mais fortes como salvação. A propaganda do empreendedor privado fazia gerar consciências privatistas na sociedade como um todo e inclusive nas periferias. As tretas internas jogavam um ingrediente a mais em um cenário já precário. Na escas-

---

73 Um dos primeiros atos do governo federal de extrema-direita eleito em 2018 foi acabar com o Ministério da Cultura. A decisão foi um indicativo da maneira cruel como esse governo iria tratar a arte e os artistas em seu mandato.

74 Em reunião realizada em 2017, o então secretário ameaçou o morador da periferia: "vou quebrar sua cara", foram as palavras ditas. Nada mais revelador de como historicamente age e pensa a burguesia que desde aparelhou o Estado e o colocou a serviço da violência contra moradoras e moradores das periferias.

sez, cada um começou a puxar pro seu lado. Dificuldades econômicas gerando retrocessos políticos, e vice-versa.

Como se não bastasse, em 2020 a pandemia da Covid-19 aporta no Brasil. A política genocida do governo federal arrasa as periferias. Mortes e fomes se acumulam. Na impossibilidade do encontro e da sociabilidade, com o drama batendo nas suas portas, os coletivos formaram potentes redes de solidariedade nas quebradas, distribuindo cestas básicas e auxiliando de diversas maneiras famílias pobres de periferias e favelas.

Em meio a todas as adversidades, na eleição municipal de 2018 a junção entre movimentos de periferias e movimento negro elege uma candidatura para a vereança da maior cidade do país: a Mandata Quilombo Periférico, encabeçada por Elaine Mineiro, mulher negra moradora de Cidade Tiradentes e com uma longa e consistente atuação como artista e militante do FCZL e do MCP<sup>75</sup>. A eleição da Mandata certificou a potência dos coletivos da mesma maneira que expressou a consolidação da fase em que os coletivos vêm a necessidade de intervir diretamente na política institucional.

Diante do atual contexto, e planejando o futuro, ficam algumas questões a serem respondidas não pela teoria, mas pela ação política e pela história: onde e como as *sujeitas e os sujeitos periféricos* podem avançar politicamente? Como sobreviver fazendo arte, sem cair nas amarras do mercado e sem expor nas prateleiras do mercado de bens simbólicos um produto chamado *periferia*? Como não cair na cilada de afirmar-se como *periférico* falando somente da quebrada?

---

75 Sobre a atuação dos coletivos culturais das periferias na formulação de um novo planejamento urbano, nas disputas pelo orçamento da cidade e na consolidação do projeto da Mandata Quilombo Periférico, sugere-se a leitura da dissertação de mestrado de Gisele Brito (2021).

Como afirmar-se como periférico para, a partir dessa posição, falar do mundo? Conseguirá a arte periférica disputar mentes e corações tocados pelo pensamento reacionário? Conseguirá a arte periférica frear a barbárie levada a cabo pela militarização da gestão urbana e pela polícia assassina? Conseguirá a arte periférica combater o racismo reinante na sociedade? Conseguirá a arte periférica somar forças para a derrota do patriarcado? Os coletivos culturais das periferias conseguirão colocar como perspectiva de sua atuação a emancipação da classe trabalhadora e o fim do capitalismo? Como produzir arte sem cair na falácia do empreendedorismo? Como agir politicamente sem virar uma bolha fechada que não consegue dialogar com a população das quebradas? Como não cair nas armadilhas da institucionalidade públicos e lutar por uma transformação social mais ampla? Qual a melhor maneira de organizar a população da periferia? Como derrotar o fascismo? Dilemas, dilemas, dilemas...

De uma vez por todas sepultada a ideia de que é necessário “levar” arte e cultura para as periferias, para este livro, a questão principal que se coloca é como juntar e transformar em um movimento forte estes coletivos muitas vezes com interesses variados e atuações locais. A passagem da atuação no bairro para uma atuação ampliada em prol de objetivos comuns é o grande salto qualitativo que esses coletivos podem proporcionar para dar respostas críticas à sociedade como um todo. É evidente a importância dos coletivos culturais nas periferias no que se refere à organização da população e na busca pelo atendimento às reivindicações populares que ultrapassam e muito o âmbito da cultura. De fato, esses coletivos estão fazendo política, mas ainda

não foram capazes de colocar em prática toda a sua força e capacidade transformadora. Em parte, por problemas organizativos, em parte, pelas condições adversas.

Os coletivos culturais das periferias fizeram o que puderam em trinta anos de contexto histórico bastante desfavorável. Politizaram quando os partidos políticos não estavam. Criaram políticas públicas quando o Estado estava ausente. Tiraram milhões de jovens do crime quando a única opção era o tráfico. Geraram renda quando o trabalho nos moldes capitalistas massacrava. A arte e a cultura das periferias tocaram mentes e corações. Ousaram, transformaram, abriram janelas para o sonho e para a imaginação de que um novo mundo pleno de poesia é possível, ainda que estes versos de futuro tenham que ser escritos com lama e raiva.



# **Periferia como compreensão alargada e contemporânea de classe trabalhadora**

## **Trabalhador(a) e periférico(a)**

Historicamente, a relação entre *local de trabalho* e *local de moradia* é complexa e contraditória. No Brasil, a cisão entre os dois polos só passa a ser hegemônica após os processos de industrialização e urbanização que começam a ocorrer na passagem do século XIX para o século XX. Antes desse processo, os locais de produção da vida, de abrigo e descanso eram quase sempre os mesmos ou muito próximos. Desse modo, as organizações políticas ocorriam fundamentalmente nos territórios, que possuíam múltiplos usos. Foi assim nos quilombos negres, foi assim nas confederações indígenas, sempre atuando em rede e conformando aliança entre distintos povos (FERREIRA & FELICIO, 2021).

Com os processos de urbanização e industrialização, há uma cisão: local de trabalho e local de moradia se separam. Em me-



trópoles segregadas como São Paulo, essa cisão até hoje causa danos imensos decorrentes da distância e do tempo gasto em deslocamentos. No decorrer do século, dadas as condições impostas de separação entre esses dois polos, o operariado, por uma necessidade histórica, organizou-se principalmente no local de trabalho. No entanto, isso não quer dizer que não havia preocupação com o local de moradia. No final da década de 1970, por exemplo, a Oposição Sindical Metalúrgica organizava nos bairros<sup>76</sup> (GRAZIA, 2011). Nos anos 1980 a relação entre local de trabalho e local de moradia era muito mais evidente do que a cisão operada pelas análises clássicas dos estudos urbanos. Nos bairros, a mobilização era predominantemente realizada por mulheres, mas havia participação de homens também. Na fábrica a predominância era masculina, mas havia muitas mulheres trabalhadoras e muitas delas participando de atividades políticas. Havia um aprendizado constante entre fábrica e bairro no que tange a práticas organizativas. No entanto, o corte ocorrido nos anos 1990 (de que se tratará na sequência) e reatualizado a partir do golpe de 2016 e das reformas trabalhistas e da previdência foi a perda de referência do local de trabalho. Desse modo, o local de moradia ganhou mais sentido como local onde transcorre a vida e como prática organizativa. O local de trabalho ficou mais fluido. Para muitas, o local de trabalho é o próprio comércio em casa, a confecção de algum produto ou alimento para ser vendido para fora. O home office obrigado por conta da pandemia também fez confluir local de trabalho com local de moradia. A fluidez no urbano de trabalhadores

---

76 Entre 1978 e 1981, foram fundadas nos bairros pela Oposição Sindical Metalúrgica as seguintes Associações de Trabalhadores: Associação dos Trabalhadores da Zona Sul, A.T. do Ipiranga, A.T. da Região da Mooca, A.T. do Tatuapé, A.T. da Zona Norte, A.T. de Itaquera, A.T. da Vila Leopoldina (1982), A.T. de Santo André (1981).

que vendem sua força de trabalho para empresas como a Uber, a Rappi ou o Ifood nos leva a perguntar: qual é o endereço do local de trabalho de toda essa geração de precarizados?

Uma vasta literatura discorreu sobre como na passagem dos anos 1980 para os anos 1990 mudanças nas estruturas sociais em nível mundial redundaram em modificações organizativas da classe trabalhadora. Com a queda do Muro de Berlim, a implementação do neoliberalismo, o enfraquecimento do ideário comunista, a crise dos partidos de esquerda, dos sindicatos e dos movimentos sociais, e com as reconfigurações do capitalismo que atingiram e fragilizaram a classe trabalhadora, houve uma passagem que revelou uma diminuição do trabalho e do trabalhador enquanto temática política e acadêmica para uma maior ênfase nas formas organizativas nos locais de moradia. Se essa passagem é de fato verdadeira, cabem, no entanto, duas ponderações: a primeira é a de que o mundo do trabalho e o trabalhador continuaram existindo, mesmo que reconfigurados. A segunda é a de que, anteriormente à década de 1990, haviam existido inúmeras experiências de organização popular nos bairros. No entanto, essa organização não se autorrepresentava dissociada do mundo do trabalho. Eram trabalhadoras e trabalhadores se organizando nos bairros, nas vilas e nas favelas. O *povo* e o *movimento popular* eram a própria classe trabalhadora em movimento e assim se reconheciam.

Essa quebra não ocorreu só no Brasil. Denis Merklen, intelectual uruguaio radicado na França, vai apontar que neste país europeu, mais ou menos no mesmo período, houve uma passagem da problemática do *trabalhador* para a problemática do *morador* (MERKLEN, 2013). Os intelectuais franceses Stephane Beaud e Michel Pialoux, especialistas em sociologia

do trabalho, vão definir essa passagem como do *trabalhador* ao *imigrante* (BEAUD & PIALOUX, 2009).

Como já apontado em capítulos anteriores, os efeitos do neoliberalismo nas periferias de São Paulo nos primeiros anos da década de 1990 foram dramáticos: privatizações, aumento da pobreza, aumento do desemprego e violência transformada em genocídio<sup>77</sup>. Os raps dos Racionais MC's foram as maiores e mais potentes expressões artísticas daquele processo de desagregação social e desmoronamento das formas organizativas da classe trabalhadora.

Tomando por base aquele contexto de violência e pobreza desmesurada, serão apresentadas abaixo algumas possíveis explicações de por que o termo *periférico* aumenta sua potência enquanto categoria de representação e o termo *trabalhador* diminui seu espaço no imaginário das moradoras e moradores de bairros populares:

1. Verificava-se o fim do paradigma fordista, resultante das políticas neoliberais. O fim deste paradigma também decretou a crise da projeção de vida das classes populares, que por décadas se ancoraram no trinômio emprego registrado — casa própria — família. Todo um imaginário entrava em crise;
2. Verificavam-se índices de desemprego em massa na década de 1990. A experiência do emprego passa a ser cada vez menos realizada. Se não havia formas de inserção no mercado de trabalho, como seguir compreendendo-se como trabalhador? Mesmo para os que possuíam carteira assinada ou algum tipo de remuneração advinda do trabalho, seja

---

<sup>77</sup> Sobre o genocídio da população negra moradora das periferias, vale a leitura dos trabalhos de Claudia Adão (2018), Weber Lopes Goes (2018) e Denis Martins (2019).

ele formal ou não, entender-se como trabalhador expressava menos uma posição na estrutura econômica, ou uma capacidade revolucionária, e mais uma definição de ordem moral, cuja melhor expressão seria o binômio trabalhador-bandido, como exposto por Alba Zaluar (1985; 1994).

3. Verificava-se uma crise da crença no trabalho. Para os moradores de bairros populares, a experiência do desemprego era ruim, mas experiência do emprego nunca havia sido boa. Cristalizava-se um cansaço com relação às promessas de inserção na sociedade e ascensão social pelo mundo do trabalho, mundo este baseado na humilhação, na exploração e no enriquecimento dos patrões e do governo<sup>78</sup>.
4. A predominância de um discurso neoliberal que corroía a noção de trabalho ou mesmo deslocava a noção e o problema do trabalho, impondo o parâmetro do mercado e do empreendedorismo com a sua proverbial celebração das capacidades de cada qual ser dono de seu próprio destino e, melhor ainda, de seu próprio negócio.

Realizando o mesmo exercício, se tentará agora verificar algumas pistas sobre de que forma um imaginário urbano foi ganhando cada vez mais força entre moradoras e moradores de bairro populares, se comparado com o imaginário do mundo do trabalho:

- I. A violência e a pobreza – elementos sobre os quais se assentou a significação do termo *periferia* quando a população

---

78 Na década de 1990, lembro-me de um sambista do meu bairro que se orgulhava do desemprego e da sobrevivência por meio de pequenos bicos ostentando uma frase clássica: “Trabalhar pra que? Pra dar dinheiro pro governo?”.

dos bairros populares passa a popularizar seu uso – expressavam-se em um contexto urbano, e de maneira mais acentuada nos bairros populares desse contexto urbano. Logo, denunciar a *violência* e a *pobreza*, clamando por intervenções endógenas (por ação das próprias moradoras e moradores dos bairros populares) ou híbridas (poder público e sociedade civil), era diretamente acoplar essas discussões em bases territoriais e pontuando localizações. Por outro lado, elementos como violência e pobreza no bairro eram mais visíveis do que as opressões e explorações que se davam no mundo do trabalho, mais veladas e sofisticadas, com todo um aparato jurídico-estatal que as escamoteiam;

2. A *vivência* no bairro passa a ser mais palpável do que a *vivência* no trabalho. No bairro, acumulam-se experiências comuns. Entre os jovens, compartilham-se estilos e linguagens. Há toda uma postura ética que se constrói para a vida social. Em síntese, por conta do desemprego e da informalidade, a sociabilidade passa a ocorrer mais no bairro ou no universo urbano (deslocamentos, locais de consumo coletivo, áreas de lazer etc.) do que propriamente no local de trabalho.
3. As desigualdades territoriais expressariam melhor elementos étnico-raciais e geracionais que tendiam a ser escamoteados na categoria *trabalhador*, com maiores dificuldades de pautar a questão juvenil e a questão racial;
4. Na busca por um termo que positivasse sua existência no mundo, o *periférico* possuía uma capacidade maior do que o *trabalhador*, este estigmatizado por ser o objeto passível da exploração alheia.

Em 2011 realizei entrevistas na periferia leste de São Paulo sobre a relação entre o termo *periférico/a* e a categoria *trabalhador/a*<sup>79</sup>. Alguns entrevistados afirmaram que *periférico/a* escamoteia *trabalhador/a*, fato que seria uma perda política, pois a contradição principal ainda reside no mundo do trabalho. Outros entrevistados diziam que *periférico/a* complementaria *trabalhador/a*, apontando questões que somente o mundo do trabalho não daria conta. Fernando Alves, negro, pai de três filhos, com uma trajetória de oscilações entre emprego com carteira assinada e períodos de desemprego, afirmou “quanto mais eu trabalho mais eu desconfio da categoria *trabalhador*”.

A desconfiança de Fernando resume uma desconfiança bastante presente entre moradoras e moradores das periferias. Se analisada a obra dos Racionais MC's, principais intelectuais orgânicos das periferias nas últimas décadas, nota-se que são raríssimas as referências ao mundo do trabalho. Quando aparece, quase sempre expõe que o *mano* se cansou de uma vida de subordinação, ou retrata trabalhadoras e trabalhadores que, após muito suor, seguem na pobreza. Em nenhum momento a obra afirma “o trabalho dignifica o homem” ou “trabalhe pra ser alguém na vida”, frases presentes no imaginário popular.

Para a população pobre no Brasil, e fundamentalmente para a população negra, o trabalho remete à escravidão, à humilhação e à exploração. Já no momento histórico pós-escravidão, o trabalho vai representar uma condição na qual o negro foi alijado, dado que preterido e empurrado para condições de subemprego, formando um *exército de reserva negro*, morador de favelas e periferias, cujos corpos são os principais alvos do extermínio. Nessas condições históricas, é difícil defender o trabalho como algo emancipador ou o trabalhador como

---

79 As entrevistas citadas estão expostas na página 157 da versão original da tese.

fundamento da organização revolucionária. Com o mundo do trabalho ruindo, ficou mais fácil elaborar essa crítica. O contraponto é que esses intelectuais orgânicos, ao enfatizar modos de vida, relatos sobre as periferias e crítica ao racismo, tiveram dificuldade em analisar as estruturas econômicas e os regimes de acumulação. É uma discussão difícil em um terreno delicado.

De todo modo, enunciar *periferia* englobava também subempregados e desempregados. Na análise teórica, ambas as situações se enquadram no conceito de *classe trabalhadora*. Todavia, no plano vivido, as pessoas situadas nessa condição não se enxergavam enquanto trabalhadores. Havia uma cisão na classe que o termo *periferia*, enquanto guarda-chuva, foi capaz de recompor.

A partir deste ponto, o texto enfatizará como o termo *periferia* no decorrer da década de 1990 passa a ter mais visibilidade do que em épocas anteriores e por que se conforma como sendo um termo com forte crítica à sociedade.

### **Periferia enquanto denúncia, pacificação e união**

Na década de 1990 havia um genocídio em curso, que ocorria principalmente nas periferias. O principal alvo do genocídio eram (são) corpos negros masculinos. É por isso que a enunciação principal de *periferia* adotada nos anos 1990 partiu desse setor social. O termo *periferia* vai tomando novas formas e se tornando o mais adequado naquele momento histórico para alcançar os três objetivos pretendidos com certa urgência por seus enunciadores: *denunciar* as condições de vida; *pacificar* os territórios; e *unir* quebradas em guerra.

## Periferia enquanto denúncia

Naquela década de 1990, as medidas neoliberais aumentaram o desemprego, a pobreza e a violência. No mesmo processo, o neoliberalismo se afirmava como sistema ideológico pregando o individualismo, o consumismo e as privatizações. No discurso hegemônico, negava-se a existência das classes sociais e se afirmava o triunfo definitivo do capitalismo. Na mesma medida, não retratava os efeitos do neoliberalismo sobre a classe trabalhadora.

Diante desse cenário, a disseminação e o fortalecimento do termo *periferia* ocorreram por meio de uma dupla ruptura: por um lado, a nomeação das desigualdades não se deu por contradições no mundo do trabalho, como era de esperar, mas por contradições urbanas. Por outro lado, a afirmação de *periferia* denunciava o discurso do fim da história e do fim das classes, apontando as contradições sociais que a realidade apresentava, mas que o discurso neoliberal hegemônico ocultava.

Assim sendo, afirmar *periferia* naquele momento era mostrar para o todo da sociedade que havia uma parcela dela que estava invisibilizada e que não se beneficiava das virtudes do sistema econômico. Pelo contrário, afirmar *periferia* naquele momento era justamente apresentar as mazelas da sociedade. Nessa apresentação, as características ressaltadas da periferia eram a pobreza e a violência que existiam nos territórios. Naquele momento, *periferia* era apresentada como uma *denúncia* à sociedade.

No entanto, visibilizar a própria existência por meio de fenômenos estigmatizantes como *pobreza* e *violência* era colocar a própria autorrepresentação em um terreno pantanoso. Afirmar-se socialmente por meio da *violência* e da *pobreza* era, de partida, afirmar-se sobre termos que buscariam uma mutação



de sua característica original. Como colocado, afirmar-se por meio da *violência* e a *pobreza*, mostrando a *realidade* e a *verdade* como crítica ao pensamento hegemônico da sociedade, era uma forma de exigir atenção pública àquela problemática e incitar aos que padeciam daquela condição a superarem a mesma. Isto posto, o caráter dessa versão crítica do termo *periferia*, amparado nas bases citadas, nascia desde já com o germe da sua própria mutação. *Periferia continha e negava pobreza e violência*. A necessidade histórica de tentativa de abandono dessas características originais foi o motor que fez girar uma engrenagem na qual as atividades culturais foram o principal elemento de ressemantização dessa versão estigmatizante de *periferia*. Além de *pobreza* e *violência*, houve todo um processo social e histórico para que *periferia* passasse a significar também *cultura* e *potência*. A luta concreta por melhores condições de vida encerrava também uma luta contra a estigmatização.

Por outro lado, a saída proposta por moradoras, moradores e pelos/as intelectuais orgânicos dos bairros populares para dar conta de seu lugar no mundo a partir de categorias estigmatizantes como *violência* e *pobreza* tinha um duplo objetivo. Por um lado, realçava essas características, e isso servia para criticar o falso consenso social daquele momento e para vocalizar a exigência política de uma ação pública para superar aquele contexto de abandono. Por outro lado, e se contrapondo à visão

estigmatizante operada por parte da mídia<sup>80</sup>, superava a ótica da circunscrição dos problemas das periferias, como se tais fenômenos fossem endógenos e particularidades apenas desse espaço geográfico. Desde sempre, o discurso das moradoras, dos moradores e dos intelectuais orgânicos da periferia sobre a própria periferia, formulado em meados da década de 1990, apontava: o problema é a desigualdade social; o problema é o racismo; o problema é a sociedade como um todo; o problema é a polícia que vem de “lá” matar “aqui”; o problema são os políticos e os “*playboys*”. A periferia era onde em larga medida “se encontrava” o problema, mas ela não “era” o problema. O problema era a sociedade como um todo, mas a periferia explicitava os problemas que as centralidades ocultavam.

### ***Periferia enquanto pacificação***

Naquele contexto genocida da década de 1990, colocar a periferia nos debates públicos visava também pacificar esses territórios. Nesse ponto, uma verdadeira cruzada civilizatória foi protagonizada por uma série de agentes: organizações de

---

<sup>80</sup> Naquela época, programas televisivos sensacionalistas de grande audiência como o *Aqui Agora*; programas radiofônicos como os apresentados por Gil Gomes e Afanásio Jazadi, e jornais como o *Notícias Populares*, insistiam em apresentar os bairros populares como locais violentos, criando um ambiente de terror e aprofundando o estigma sobre essas populações. O impacto dos denominados programas policiais no imaginário da sociedade como um todo, e dos bairros populares mais especificamente, deveria ser estudado e denunciado com profundidade. Além de estigmatizarem, essas populações incitam ações violentas dos aparatos repressores do Estado e fazem um trabalho ideológico nas camadas populares de adesão a medidas autoritárias. A denominada virada conservadora da população mais pobre nos últimos anos se assenta no discurso securitário do combate à violência do qual esses programas sensacionalistas são uns dos principais pilares. Stuart Hall e outros autores (2013) comentam como, no caso inglês, o discurso sensacionalista de combate à violência tinha uma função política na luta de classes do Reino Unido das décadas de 1970 e 1980, justificando a repressão sobre os bairros pobres e fundamentando medidas autoritárias. O enredo escrito pelos autores faz total sentido no papel que esses programas cumpriram nas grandes cidades brasileiras nas últimas três décadas.

direitos humanos; redes contra o genocídio nas periferias<sup>81</sup>; organizações de familiares de presos, como a Amparar; organizações de denúncia, como as Mães de Maio<sup>82</sup>; movimento hip-hop; o PCC, dentre outros.

Assim sendo, naquele momento histórico, *periferia* alcançou uma abrangência e uma visibilidade inéditas por ser o termo mais adequado para a finalidade pretendida de pacificação, fundamentalmente por sua capacidade de aceitação por grande parte da população que se reconhecia nos atributos que o termo expressava.

### ***Periferia enquanto união***

O contexto violento da década de 1990 tinha como principais vetores a violência estatal, operada pela polícia, e paraestatal, operada por esquadrões da morte e justiceiros. No entanto, uma das facetas das matanças se relacionava aos conflitos internos às periferias, como disputas entre facções do tráfico, disputas entre gangues, rivalidades entre quebradas e assassinatos por motivos fúteis, bem em voga na época. Havia uma necessidade premente de denunciar a violência policial, mas também de *unir* moradoras e moradores das periferias. Com o tecido social esgarçado e fraturada internamente, as distintas quebradas não conseguiam se enxergar como fazendo parte de uma situação comum. Sobre a necessidade de união, Mano Brown expressou da seguinte maneira em uma entrevista em vídeo ao Jornal Le Monde Diplomatique. O trecho é longo, mas elucidativo:

---

81 Sobre a questão cabe destacar a atuação da Rede de Proteção e Resistência contra o Genocídio.

82 As Mães de Maio foram fundadas após os crimes de 2006. No entanto, fazem parte do contexto de denúncia da violência policial e do genocídio estatal contra negros e pobres.

Eu fiz o que era necessário pra uma época. Era prioridade de todos lutar pela raça, pela quebrada. Era uma bandeira única. Você não podia nem levar a discussão pra outras coisas pra não dividir. A bandeira era essa: periferia, pronto. Depois nós debate outras ideias, quem é corintiano, quem é palmeirense, quem é santista, quem é de Touro, quem é de Áries... Depois nós debate, mas o momento é esse: tem um genocídio acontecendo. Foi um momento que até inimigos se conversaram. Racionais uniu quebradas, uniu bairros que não se conversavam, que tinham guerras. Através dos shows dos Racionais os caras se uniram, indo até juntos para os shows dos Racionais comigo. Lideranças que andavam comigo e que começaram a conviver. Hoje as quebradas se conversam. Tinha briga de bairro aqui. A bala comia. Então foi tudo ali ... Essa conscientização aconteceu em todos os aspectos ... Nos becos, nos bares... Os caras cheirando e ouvindo Racionais louco ... Eu lembro... Altas horas da madrugada os caras loucão...todo mundo cheirado, bebendo e analisando as ideias dos Racionais entendeu? Eu lembro... A mudança acontece onde você menos espera, mas é lá que tem que acontecer (MANO BROWN, 2018)

De fato, ao consultar minhas memórias, lembro-me das inúmeras rixas existentes entre bairros nos 1980 e nos 1990, fundamentalmente entre os jovens. Algumas destas rixas se atualizavam em atividades de lazer, como nas disputas entre times de futebol de várzea; nos bailes (onde galeras de outros bairros não eram bem vindas); nas turmas de pichação; nos blocos e escolas de samba, dentre outras formas de demarcar espaço sob a égide de inúmeras concorrências. Quando criança, duas favelas localizadas ao redor do mesmo córrego, mas distantes um quilômetro uma da outra, tinham rivalidades persistentes: a favela da Vila União, no bairro da Vila União, e a favela do Jardim Cotinha, na Ponte Rasa.

Essas rivalidades no âmbito do lazer, que vez ou outra poderiam chegar às vias de fato, começam a virar tema de vida ou morte com a popularização das armas de fogo a partir da década de 1970. Com o desenvolvimento do mercado da droga, essa violência ganha mais intensidade, culminando com a mortandade dos anos 1990, em que o desarranjo societário propiciou as mortes por motivos banais. A demarcação de território se colocava como um dos pilares da violência entre moradores das periferias.

É nesse âmbito que toda uma narrativa orquestrada pelo rap, pelo samba, pela literatura marginal, dentre outras manifestações, passa a defender a união das quebradas. A partir desse momento, por exemplo, zona leste e zona sul passam a se reconhecer como fazendo parte de uma mesma história e condição. Esse entendimento comum propiciou sólidas alianças políticas que ainda hoje seguem em curso.

Além desse entendimento de união de distintas periferias de São Paulo, gestou-se também um reconhecimento mútuo de periferias e favelas de Fortaleza, Porto Alegre, Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, que passaram a se compreender como portadoras de uma história e um destino comum.

### ***Periferia enquanto classe trabalhadora***

Em formulação famosa, o rapper GOG afirmou: “Periferia é periferia em qualquer lugar”<sup>83</sup>. Tal sentido de pertença compartilhada conferiu alcance ao termo. Desse modo, afirmar

---

83 Ao que parece, a expressão “Periferia é periferia em qualquer lugar” surgiu pela primeira vez no rap “Brasília Periferia”, do rapper brasileiro GOG, lançado no álbum Dia-a-dia da periferia, no ano de 1994. Posteriormente, a expressão se popularizou ao virar o título do rap “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, composto por Edi Rock e presente no álbum Sobrevivendo no Inferno, dos Racionais MC’s, do ano de 1997.

*periferia* colocou sob o mesmo guarda-chuva uma parcela da população que, mesmo tendo diferenças internas, unificava-se por uma necessidade de pacificação dos territórios e contra alguns antagonistas comuns, expressos em classificações como *elites*, *racistas*, *burguesia*, *polícia*, *boys*, *patricinhas* ou *bairros ricos*.

Ao enfatizar *periferia* como o lugar principal da organização política e social dos mais pobres, se construía um significado de *periferia* como *local de moradia da classe trabalhadora sem trabalho*. Este sentido alargado da classe foi capaz de incluir situações de subemprego, desemprego, mulheres e homens trabalhadores, anciões, crianças, donas de casa, negros, brancos pobres, evangélicos, bandidos, e todas as formas de vivência no lugar. *Periferia* tinha virado um guarda-chuva capaz de incluir em seu cerne distintas situações. Diferentemente da categoria *trabalho*, melhor definida, *periferia* não possuía profundidade teórica. Essa fragilidade virou sua fortaleza, ao propiciar que diversas experiências fossem abrigadas em seu âmago. *Periferia* foi uma tentativa desesperada de dar unidade quando a classe estava se esfacelando.

Desse modo, ao passo que *periferia*, como termo, passava por mutações internas, *periferia* também fazia parte dos significados da noção de *classe trabalhadora*. Nesse caso, *periferia* foi a maneira mais adequada em que a classe encontrou para se representar em determinado momento histórico, definição esta engendrada por meio de relações sociais internas e por meio de embates e relações com outras classes sociais. Essa definição não se construiu necessariamente pelo reconhecimento de uma posição comum na produção econômica, mas pelo compartilhamento de costumes, modos de vida e condições sociais em determinados territórios. Nesse momento em que classe passou a ser representada também por *periferia*,

o componente racial e o componente urbano da situação da classe ganharam relevo.

Segundo o historiador E. P. Thompson (1979), a definição de classe não pode ser realizada *a priori*, como se os indivíduos se encaixassem em uma predeterminação do que seja a classe, por exemplo. A essa operação, chamada de definição estática, o historiador se contrapõe, buscando uma definição histórica (Thompson, 1979; 1987). *Periferia* foi uma das definições de *classe* engendradas em um dado momento histórico, talvez a mais potente, capaz de dar unidade a um amplo setor social habitante das áreas mais empobrecidas das cidades.

Neste ponto, cabe retomar um argumento: a partir dos anos 1990 ocorreram dois fenômenos simultâneos e relacionados: uma mudança quantitativa e qualitativa da produção artística produzida nas periferias e uma maior visibilização do termo *periferia*. Essa maior visibilização do termo *periferia*, juntamente aos novos significados que o termo passou a carregar, deve muito à produção artística e cultural. Nessas significações, *periferia* era um termo aberto ao futuro, um futuro que ainda seria escrito.

Ainda que não tenham extraído todas as consequências políticas da ressemantização do termo *periferia*, fundamentalmente sua capacidade de engendrar unidade, alguns autores discorreram sobre essa passagem de ampliação dos usos e significados do termo. Segundo o antropólogo José Guilherme Magnani:

[...] os moradores dos países periféricos retrabalham o que parte da cultura dominante. Cultura é objeto de disputa o tempo todo. Quando os autores jogaram fora o conceito de cultura os atores pegaram e fizeram da cultura categoria política.<sup>84</sup>

De acordo com Magnani, com o termo *periferia* ocorreu algo

---

84 Frase proferida em palestra realizada no seminário *Estéticas da Periferia*, em maio de 2011.

próximo: “quando *periferia* já não valia sociologicamente ela foi utilizada de maneira política pelos nativos”<sup>85</sup>. Segundo o autor, quando o termo passava por uma crise de significação, uma espécie de esvaziamento no que se referia à sua validade sociológica, foi capturado e ressemantizado por moradoras e moradores da periferia que, por meio dele, criticavam a desigualdade social existente na sociedade.

Segundo o sociólogo José de Souza Martins, o movimento cultural e político que se formou ao redor do hip-hop teve como um de seus principais logros construir uma identidade para o morador da periferia a partir de uma dupla recusa: em um âmbito, uma recusa da *cidade* que historicamente recusou a periferia. A segunda recusa, de acordo com Martins, verifica-se na ruptura com o binômio *operário-subúrbio*. Segundo o autor, a descoberta de “singularidades etárias e étnicas”, juntamente com a recusa da categoria “trabalhador” (MARTINS, 2001: 84) fez com que a nova geração desse espaço geográfico tenha substituído o antigo binômio por outro, no qual prevalece a categoria *morador* de um lugar com carências infraestruturais de nome *periferia*. Se bem o autor ressalta o característico dessa nova formulação proposta, aponta que a mesma pode ser redutora, uma vez que a periferia possuiria características multifacetadas.

A urgência na ênfase dos propósitos apontados de *denúncia*, *pacificação* e *união* pela parcela mais jovem das periferias no correr dos anos 1990 e por seus intelectuais orgânicos se não acobertou, ao menos minimizou outros processos que ocorriam nas quebradas, como a diversidade de *experiências* ou o mundo do trabalho. No entanto, e como já apontado, havia

---

85 Frase proferida em palestra realizada no seminário *Estéticas da Periferia*, em maio de 2011.



um genocídio em curso e todas as energias sociais daquele momento foram utilizadas para cessar a matança. Por outro lado, caber ressaltar que o crescimento da utilização de *periferia* como categoria de representação em detrimento de *trabalhador* não foi apenas uma escolha dos intelectuais orgânicos das quebradas, mas uma necessidade histórica derivada de processos históricos que ocorriam na realidade. *Periferia* alargou as fronteiras da classe trabalhadora para além daqueles e daquelas que tinham relação direta com o mundo do trabalho. Em um país como o Brasil, essa passagem é um salto qualitativo na organização popular. No entanto, o mesmo processo aos poucos engendrou um esvaziamento do uso do termo *trabalhador*. Aqui se deu o mesmo processo: a fragilização do termo *trabalhador* não foi uma decisão dos moradores das periferias ou de seus intelectuais orgânicos, mas um desdobramento dos ataques concretos que os trabalhadores sofreram em nível mundial com a implementação do neoliberalismo e a decorrente crise teórica e organizativa da classe trabalhadora.

Há aqui um paradoxo: não é possível defender o mundo do trabalho tal como foi historicamente organizado no Brasil. No entanto, a recusa ao mundo do trabalho teve por consequência a negação de *trabalhador* enquanto condição. Essa recusa da condição de trabalhador, também associada a trajetórias perdedoras, era a brecha que o sistema ideológico neoliberal queria para esparramar o termo *empreendedor*, muito mais associado ao esforço individual do que à luta coletiva. Muito mais referenciado ao empresário do que ao funcionário.

O *empreendedor* existe desde sempre no Brasil, mas não com essa classificação. Mulheres negras sempre inventaram formas de levar o sustento para casa. Pobres em geral sempre foram criativos na *sevirologia*, como dizia Mestre Soró. O problema

não é a prática de inventar formas de sobrevivência (ainda mais em tempos de desemprego generalizado). O problema é dar um verniz empresarial e falsamente empoderado a um termo que prega a competição, o individualismo e o ocultamento da exploração.

À guisa de síntese, *trabalhador* e *periférico* são formas distintas como historicamente a classe se apresentou, dependendo dos desafios colocados pelo contexto histórico. A ênfase na separação dessas duas esferas é uma narrativa liberal. Intelectuais orgânicos da nova geração como Paulo Galo, por exemplo, vêm enfatizando a necessidade de retomada da utilização em conjunto dos termos *trabalhador* e *periférico*, ênfase esta que o autor deste livro endossa. No processo histórico, *periferia* alargou o entendimento de *classe trabalhadora*, compondo com a categoria *trabalhador*. No entanto, o termo *periferia* também está em constante disputa e mutação, e bancos e fundações vêm jogando pesado para construir uma versão neoliberal do termo.

Por fim, cabe ressaltar que *classe trabalhadora* não é o universal que silencia ou aplaca as particularidades. *Classe trabalhadora* é também uma particularidade quando observamos a sociedade em sua totalidade. Esta particularidade intitulada *classe trabalhadora*, pelo seu tamanho e abrangência, é composta por situações heterogêneas, mas com interesses e finalidades em comum.



# O conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos*

A construção do conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos* se dá por meio do entrelaçamento entre um contexto histórico, uma gama de relações sociais e espaciais e um arcabouço conceitual. Todos esses três planos se mesclam e se condicionam. O conceito resulta de um determinado processo histórico, fruto de um de contexto temporal particular, com suas características e condicionamentos. Tem uma característica sincrônica fundamental em sua definição, porque é expressão de uma teia de relações sociais que envolvem e formam os indivíduos em seus espaços. Por fim, as condicionantes históricas e sociais formam processos individuais e coletivos que se transformam em um arcabouço conceitual que dá suporte e fundamento ao conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos*. A partir desse momento, o texto desloca sua ênfase para este terceiro ponto. Cada conceito que se tentará definir é um ponto na costura do entendimento do conceito *sujeitas e sujeitos periféricos* que, ao final, é o fruto de um bordado tecido pelas mãos vivas de quem habita o chão periférico.

**Sujeitas e sujeitos periféricos como um bordado formado por vários pontos: contribuições para a definição dos conceitos vivência, habitus, experiência, subjetividade, identidade e consciência periférica**

### **Vivência periférica**

A primeira dinâmica que se tentará conceituar é a *vivência*. De fato, as vivências de cada um dos seres humanos jamais serão exatamente as mesmas. Isso é um dado filosófico e epistemológico. No entanto, apesar da variedade de constructos sociais e subjetivos, ainda assim as possibilidades não são infinitas. Elas são limitadas pelo repertório cultural e econômico disponível. Cabe novamente afirmar que as limitações econômicas moldam o tipo de *experiência* cultural a ser usufruída e afirmada. Cabe lembrar também que, apesar das distintas *vivências*, não se pode afirmar que cada uma dessas *vivências* exista e se reproduza em um mundo à parte e isolado. Se existe diversidade, há também um entrecruzamento onde se reconhecem as *experiências* comuns e compartilhadas nas periferias. Este entrecruzamento faz possível a percepção de pertencimento a um espaço com características distintas de outros espaços da cidade. As *vivências* se formam por meio do convívio coletivo e pela historicidade das relações, ou seja, *vivências* pressupõem necessariamente a inserção dos indivíduos no meio social e uma história dessa relação dialética entre indivíduo – meio social – indivíduo. Como uma grande esponja, o indivíduo absorve todas as dinâmicas sociais que o circundam e as interioriza. A *vivência* é o plano básico. Todo esse arcabouço de relações vivenciadas e apreendidas, quando interiorizadas, forma *subjetividades periféricas*. Contudo, *vivência* também funda *habitus* e também funda *experiência*,

como se verá mais adiante. Partindo da mesma compreensão de que o espaço possui um arcabouço fundamental enquanto balizador das *vivências*, a assistente social Dirce Koga cunhou a expressão “territórios de vivência” (KOGA, 2021).

### **Habitus periférico**

Outro conceito importante de precisar é o de *habitus*. Para tanto, a referência principal é a teoria de Pierre Bourdieu, que tratou do tema em diversas obras (BOURDIEU, 1983; 2005; 2007; 2011). Para o autor, *habitus* seria um sistema de disposições historicamente construídas e seria levado a cabo por indivíduos formados e que agem em estruturas sociais. Uma boa síntese é entendê-lo como história incorporada. Esta história incorporada se manifestaria no corpo, na linguagem, nos códigos culturais e seria expressa de maneira quase inconsciente pelo indivíduo, de modo que o autor chegou a conceituá-lo como *inconsciência de classe* (BOURDIEU, 2005). Na constituição do *habitus*, os modos de vida, o convívio e a cultura de um determinado local são fundamentais. Ao representar códigos culturais típicos das periferias, o humorista Thiago Ventura levou ao paroxismo o que aqui se conceitua como um certo *habitus* periférico. O *habitus* se constitui por tudo aquilo que não sabemos explicar de que maneira aprendemos e que reproduzimos de maneira inconsciente. Para exemplificar o *habitus* periférico, relatarei em forma de cena uma situação que ocorreu em minha vida.

# Periférico é periférico em qualquer lugar

*"Era março de 2012. Fazia um mês que eu morava em Paris e o inverno europeu me congelava. Entre as burocracias do Estado francês que me deixavam amarrado a papeladas e filas, e certa solidão que me acometia, sintetizava que aquele não estava sendo um período fácil. Ainda no Brasil, o onipresente Tita Reis me havia passado o contato de uma amiga dele que também estava estudando em Paris. Formada na PUC e moradora do Itaim Paulista, a moça fazia seu mestrado por aquelas bandas. Entre idas e vindas de emails que nunca chegaram ao seu destinatário, por fim recebi um sinal de vida da moça, que me convidava para assistir a uma peça teatral em Saint-Denis. Marcamos de nos encontrar na estação de Gare du Nord, pra de lá ir de trem até o município vizinho. Uma moça do Itaim Paulista e um maluco de Itaquera se encontrando em Paris já era algo insólito. Devia ser a resultante do lulismo e da ascensão da classe C, pensei de maneira hilária comigo mesmo. Fiquei matutando que ir assistir a uma peça teatral num município estigmatizado da região metropolitana de Paris e fazer o rolê de trem, no famoso RER, deixava a situação ainda mais emblemática. Só podia ser rolê periférico, pensava comigo. Podíamos andar na Champs Élysées, dar uma volta pelo Arco do Triunfo, ver a Torre Eiffel iluminada*

ou observar a arquitetura de La Défense. Não, a amiga do Tita Reis tinha me chamado pra assistir a uma peça em Saint-Denis.

Encontramos-nos na Gare du Nord, assistimos à peça em Saint-Denis e fomos tomar um lanche. Como a lanchonete estava lotada, pegamos a batata frita e o refrigerante e fomos sentar na calçada.

Papo vai e papo vem, íamos quebrando o gelo de um primeiro contato. Contou-me de sua história e das dificuldades para se formar na PUC. Da decisão de ter que morar com amigas no centro de São Paulo para diminuir a distância do trampo e das dificuldades familiares. Contou-me que queria ter uma experiência de estudo na Europa e do esforço que fez para chegar até ali.

Falei-lhe que atravessar a cidade de São Paulo para chegar à USP tinha sido mais difícil que entender os textos que tive que ler na graduação. Contei-lhe que gostava de samba e que meu doutorado era em grande parte dedicado ao estudo da obra dos Racionais MC's e que queria entender melhor a atuação dos coletivos culturais das periferias de São Paulo.

Chegamos à conclusão de que tínhamos pelo menos vinte amigos em comum e que havíamos estado na mesma hora e no mesmo local em diversas situações na cidade de São Paulo. Concluímos também que era risível não termos nos conhecido antes e que era insólito só podermos trocar uma ideia em Saint-Denis, na periferia de Paris. Já que estava na França, me vieram à mente Pierre Bourdieu e suas formulações sobre gosto de classe e estilo de vida.

Tudo o que eu pensava absorto enquanto conversava se concretizou quando a moça falou pra mim sem rodeios:

— Você é mesmo um periférico!

Intuindo o que a moça queria dizer, mas surpreso com sua definição intempestiva e direta, perguntei, entre acanhado e confuso:

— Mas por que você está dizendo isso?



— *Você sai lá da ZL, estuda os Racionais, pega um saquinho de batata e um refri e vem comer no meio da rua... Isso só pode ser coisa de quem mora na periferia...*

*Reagi sem criatividade àquela acusação-constatação reveladora e balbuciei:*

— *Você também!*

*Tornamo-nos grandes amigos e, a partir dali, conversamos muito sobre as dores e as delícias de sermos estrangeiros-brasileiros-periféricos em terras europeias.<sup>86</sup>*

O *habitus* é aquilo que o indivíduo faz sem saber que faz e o porquê faz.

### **Experiência periférica**

Os costumes compartilhados, as *vivências* socialmente adquiridas, a percepção de situações comuns em determinado espaço geográfico e social vão conformar a *experiência*, entendida aqui como *vivência* historicizada. Segundo o historiador E. P. Thompson (1987), existem campos de *experiência* nos quais se processam a “formação da classe”. Quando construiu essa noção de *experiência*, o autor estava preocupado em compreender revoltas populares em um contexto pré-capitalista, cuja unidade da ação ocorria muito mais por costumes em comum do que por posições na esfera produtiva. Utilizando das ferramentas analíticas do autor para entender a periferia contemporânea, pode-se afirmar que condições compartilhadas de inserção no mundo do trabalho podem fazer parte de

---

86 Em entrevista realizada no ano de 2017, Elaine Mineiro, moradora da Cidade Tiradentes, também relatou a prática de tomar cerveja na calçada como sendo um hábito das classes populares moradoras das periferias. A cena descrita no texto e a cena relatada por Elaine na entrevista denotam costumes compartilhados e que afirmam a pertença a um dado setor social.

costumes compartilhados, mas estes costumes são fundamentalmente gerados por uma *experiência* cultural e urbana compartilhada produzida também dentro sistema capitalista. Percebadora de uma situação e de uma *experiência* urbana comum, a população moradora da periferia “formou-se tanto quanto foi formada” (THOMPSON, 1987), assim como construiu nesse processo de formação os termos que melhor lhe representariam, a partir de uma *experiência* compartilhada. A prática aqui discutida também se ancora em uma proposição de Eder Sader, que observou nos bairros populares uma sociabilidade fundada na solidariedade de classe (SADER, 1988).

Como já se discutiu neste capítulo, morar na periferia pode possuir diversas formas, adquirir distintos contornos e apresentar múltiplas facetas. No entanto, existe uma série de *experiências* comuns que contribuem para a formação de um sentido de pertencimento a uma situação social compartilhada. Cabe aqui uma passagem de como E.P Thompson definiu o conceito de *experiência*:

um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento: é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida. (THOMPSON, 1981, p. 112).

### **Subjetividade periférica**

As *subjetividades periféricas* se constroem por meio de processos de interiorização das relações sociais constituídas no convívio social em dadas condições geográficas, sociais e históricas. Longe de serem produções individuais internas, são objetividades interiorizadas. Interiorização de socializações

que ocorrem na família, na rua, na escola e se entrelaça com as particularidades geracionais, sexuais, raciais e de gênero de cada um dos indivíduos dentro de *experiências compartilhadas* em um dado espaço. A *subjetividade* se forma por meio do assujeitamento a condições exteriores que precedem a existência do indivíduo, que estão para além de sua vontade e o assujeitam. São dinâmicas exteriores a ele. Quando nascemos, o mundo já existia. A quebrada já tinha suas relações constituídas, sua materialidade e sua concretude. Essas relações não estavam dissociadas da sociedade em sua totalidade. De acordo com nosso crescimento e a partir de processos de aprendizado, fomos interiorizando essa exterioridade existente para além da nossa vontade. A *subjetividade* se formou dentro de nós a partir de nossa involuntária sujeição a condições externas que nos precedem. Se existe uma *subjetividade periférica* é porque existe uma *objetividade periférica*. Periferia é uma condição objetiva que modula as formações subjetivas.

É muito importante salientar a *subjetividade* dos indivíduos como resultante de relações sociais que o precedem e o envolvem. O tema das subjetividades ganhou protagonismo nas ciências humanas e na sociedade em geral. No entanto, há uma hegemonia liberal nesse debate e as subjetividades são mormente compreendidas como produtos individuais e egoicos, que nascem e morrem na psique ou nos sentimentos. Essa maneira de compreender as subjetividades se coaduna com uma leitura de mundo burguesa que preza pelas capacidades individuais, pelo esforço e pela meritocracia. Essa leitura é equivocada, pois oculta a produção social dos indivíduos. Inclusive o indivíduo burguês, que, com seus valores e imaginários, é um produto da sociedade, ainda que tente ocultar.

Isto posto, é de fundamental importância tratar de *subjetivi-*

*dades periféricas*. Por muito tempo a população pobre, moradora das periferias, de favelas, e principalmente a população negra, foi julgada como um pedaço de carne matável, esturpável ou mão de obra barata<sup>87</sup>. Houve e há uma luta intensa para a afirmação dos desejos, dos afetos e dos sentimentos desta população, cuja história de exploração e sofrimento psíquico necessitou e necessita de um intenso processo de cura. Cabe ressaltar: toda moradora ou morador das periferias possui *subjetividade*. Dessa forma, *subjetividade periférica* é uma condição tão alargada quanto a quantidade existente de moradoras e moradores desses espaços.

Todavia, cabe uma ressalva: *subjetividades periféricas* e *sujeitas e sujeitos periféricos* não são o mesmo fenômeno, como se observará ainda neste capítulo.

### **Identidade periférica**

Uma certa polêmica envolveu a tese de doutorado da qual este livro é resultante. Setores de esquerda de classe média acusaram a tese de *identitarista*. Setores mais próximos a teorias pós-modernas acusavam a tese de não fazer o debate das identidades. Bem antes de a tese ficar pronta, minha orientadora, Vera da Silva Telles, me avisou:

- Sua tese não é sobre identidade: é sobre outras coisas, e, se você entrar em um debate sobre identidades, você não sai mais.

De fato, não é uma tese que se construiu na chave da *identidade*, ainda que aborde o assunto. No entanto, algumas pessoas a leram dessa maneira, para afirmar ou criticar esse debate. No pós-defesa, vi-me surpreso em meio a um tiroteio teórico que dizia mais respeito a posições políticas de leitores

---

87 Lembro-me de uma conversa em Guaianases na qual o hoje co-vereador Julio César de Andrade afirmou: “o negro sempre foi visto como um pedaço de carne. O bom que agora existem teses que tratam das nossas subjetividades”.

do que propriamente a mim. Refletindo posteriormente, cheguei a pelo menos três conclusões parciais: 1) havia uma centralidade nesse debate que eu não havia me dado conta anteriormente; 2) havia uma imposição para que eu fizesse esse debate, e percebi que a transformação de *identidade* em algo totalizante e onipresente dizia mais sobre o estado atual das ciências sociais do que sobre as periferias; 3) o debate sobre *identidade* é geralmente muito mal feito, tanto por setores de esquerda de classe média (que negam a discussão) quanto por setores pós-modernos, (que só falam do tema)<sup>88</sup>.

Sobre a última questão, cabe ainda destacar que há uma tendência contemporânea de reduzir as lutas anti-opressões como sendo necessariamente lutas *identitárias* ou de *identidade*. A esquerda classe média faz isso, reduzindo o escopo da discussão do patriarcado e do racismo. No entanto, o campo pós-moderno também faz isso: sequestra a luta antirracista e a luta antipatriarcal na pauta das *identidades*. O patriarcado e o racismo são questões profundas e estruturais e a maneira como se apresentam na contemporaneidade está intrinsecamente conectada ao desenvolvimento histórico, político, econômico e cultural das sociedades capitalistas. Sintetizá-las a uma discussão de *identidade* reduz o debate. Por fim, cabe ressaltar: historicamente, a direita foi uma grande impulsionadora do debate das *identidades*, fundamentalmente por

---

88 Neste ponto cabe citar Silvio Almeida: “E como o identitarismo paralisa a esquerda? Tornando-a refém da política identitária, o que pode acontecer de dois modos: 1) quando a esquerda só fala de identidade; 2) quando a esquerda se recusa a falar de identidade” (ALMEIDA, 2019).

reivindicar atributos próprios seus, imaginados ou não<sup>89</sup>.

Feitas estas importantes ressalvas, fica a pergunta: mas, enfim, existe uma *identidade periférica*? Sim, existe uma *identidade periférica*. As *identidades* existem, são importantes e devem ser reivindicadas. Elas operam e tem consequências na realidade vivida. Elas mobilizam construções subjetivas relacionadas a como nos vemos e como os outros nos enxergam. Reafirmar *identidades*, pertencimentos e histórias é desejável e louvável em um mundo de apagamentos e silenciamentos. Cabe lembrar que a *identidade periférica* é composta por códigos culturais e práticas sociais que definem e diferenciam esse pertencimento em relação a outros. No entanto, o que conceituamos *identidade periférica* é ela mesma composta por outras *identidades* que compõem o território periférico. Em síntese, reivindicar uma *identidade periférica* é uma escolha, dentre outras possíveis *identidades* a serem reivindicadas por moradoras e moradores das periferias.

No entanto, findar a discussão na reivindicação de uma *identidade* pode fazer o debate ficar aprisionado em uma luta por reconhecimento. Para além do reconhecimento, há a necessidade da transformação social profunda que só o reconhecimento ou a reparação não darão conta. A busca por *identidades* é algo multiplicável e sem fim (EAGLETON, 2005) cuja infinitude é uma armadilha difícil de escapar (HALDER, 2019), ou um infinito looping que começa e termina nela mesma (ALMEIDA, 2019).

---

89 Sobre o assunto, cabe reproduzir um trecho da entrevista concedida pelo pensador Silvio Almeida ao Programa Roda Viva: “Quem que fica focado em identidade não é a esquerda, é a extrema direita. Quem que fica falando América para os americanos, essas coisas todas, supremacistas whitepower, ou seja, quem faz isso, a pauta identitária com foco nas identidades é a extrema direita”. (SILVIO ALMEIDA. Entrevista concedida ao Programa Roda Viva, 22/06/2020).

Quando os intelectuais orgânicos das periferias da década de 1990, expressos fundamentalmente pelo hip-hop, passaram a se afirmar como *periféricos*, havia uma busca por uma *identidade* que fosse capaz de unir a imensa maioria das populações moradoras das periferias na época assolada por pobreza e violência, necessitando encontrar saídas. Era necessário unir. No entanto, essa busca não se deu pela reivindicação de um essencialismo ou de uma ontologia localizada em um passado remoto e abstrato. Era uma busca de *identidade* baseada em condições sociais concretas e cujo objetivo era a superação daquelas condições por meio denúncia, da organização política e da cultura. Ou seja, a afirmação em uma *identidade* só fazia sentido como um momento importante para a transformação daquela população em *sujeitas* e *sujeitos* de sua própria história.

Como breve caracterização, pode-se afirmar que o momento de reivindicação de uma *identidade* periférica na década de 1990 foi caracterizado pela necessidade de união, pacificação e denúncia de um contexto. Era a periferia tentando se entender internamente em meio aos escombros dos processos organizativos centrados no mundo do trabalho e no movimento popular e vivendo o drama do genocídio e do neoliberalismo. No entanto, nessa década de 1990, esta afirmação de uma *identidade* periférica (posteriormente transformada em *sujeitas* e *sujeitos periféricos* e baseada na *consciência de pertencimento*, como se verá adiante) ainda era uma questão interna aos espaços periféricos.

Entre os anos 2002 e 2016 essa afirmação por uma *identidade* periférica se assenta em processos de *consciência de pertencimento* fundamentalmente quando o morador da periferia passa por mínimos processos de ascensão social. A

entrada de jovens periféricos nas universidades ou a ascensão em postos de trabalho faz com que estes jovens percebam que quanto mais sobem na escala social mais cercados estão por pessoas de outra classe social, outros locais de residência e quase sempre outra cor de pele. Quanto mais se sobe na escala social vemos menos gente como nós. Essa sensação de não pertencimento gera *consciência* e necessidade de afirmação de uma *identidade*. Seja na empresa ou na universidade, quanto mais cercados por moradores da região sudoeste, com suas *vivências* e *modus operandi*, mais necessário se torna se afirmar como *da quebrada*. Quanto mais cercados por pessoas da classe média, torna-se mais necessário afirmar a origem pobre. Quanto mais cercado por brancos, torna-se mais necessário se afirmar como negro. Cabe lembrar também que esses mínimos processos de ascensão social por parte de setores sociais desprivilegiados causaram terremotos subjetivos nos históricos agentes da dominação, que objetivamente fazem de tudo para manter as estruturas intactas. Na empresa, na universidade ou no partido político, é nítida a operação de deixar bem demarcado quem são os *estabelecidos* e quem são os *outsiders*.

Por outro lado, essa importante questão relacionada à *consciência de pertencimento* e afirmação de *identidade* relacionada a processos de ascensão social se desdobrou em outra questão que nós, moradores e atuantes nas periferias, ainda teremos que resolver melhor: é muito pequeno o grupo de periféricas e periféricos que ascendeu socialmente. Muitas vezes nem ascendeu, apenas teve um maior contato com outros setores sociais. No entanto, essa necessidade histórica de afirmação por parte deste grupo pequeno fez com que se criasse uma representação de periferia baseada nos gostos, usos e costu-



mes desta parcela, que se bem dialoga e compreende os sinais diacríticos da quebrada, por vezes diminui a complexidade dos significados e possibilidades de *ser periférico*, uma vez que baseados em suas próprias *vivências* e trajetórias. Em suma, a periferia é bem mais ampla e complexa do que os setores das periferias que circularam mais pela sociedade. E todos são periferia. No entanto, se os intelectuais orgânicos das quebradas, *sujeitas e sujeitos periféricos*, não tiverem uma capacidade de acolhimento e compreensão desta periferia ampliada, esses setores serão absorvidos por projetos políticos reacionários, que os acolhem.

Grandes parcelas das periferias escutam música sertaneja e frequentam igrejas evangélicas. Abrir um diálogo com estes setores populares é fundamental, assim como é fundamental criticar os cantores sertanejos financiados pelo agronegócio e os pastores fundamentalistas e conservadores. A luta é contra esses ideólogos, e não contra os setores populares.

Parcelas das periferias que acessaram as universidades ou que afirmaram uma consciência de pertencimento por meio do rap, do funk ou do samba precisam se defender dos ataques da burguesia, mas também precisam acolher quem pensa diferente dentro da própria quebrada. Virar as costas para esses setores é entregá-los de bandeja ao pensamento conservador, que os acolhe. Em alguma medida, de fato, as disputas são culturais. No entanto, insistir em uma oposição funk x sertanejo é politicamente limitado. Ao ampliarmos a análise, observamos que os inimigos são outros. Evangélicos e fãs do sertanejo são da classe trabalhadora, assim como nós. É necessário se aliar a estes setores para realizar aquela que segue sendo a principal disputa: a econômica.

## Consciência periférica

A produção de *vivências* e *experiências*, das quais o *habitus* e a *subjetividade* são resultantes, origina-se de relações sociais e contextos culturais e econômicos em dado espaço geográfico, conformando características próprias de determinado grupo social e tendo como desdobramento uma *experiência* social compartilhada internamente à quebrada. Ou seja, por mais que as *experiências* individuais não sejam necessariamente as mesmas, existe uma *consciência periférica de pertencimento* a um território precário que permite a prática política em comum. Mesmo que as categorias de representação reivindicadas sejam distintas, existe o reconhecimento do compartilhamento de códigos. Assim sendo, a *consciência periférica de pertencimento* pode ser um processo ativado na trajetória individual ou pode ser ativado por meio de processos coletivos. Essa *consciência* pode ser preenchida/percebida/ativada de várias maneiras. Por um lado, a própria *experiência* na quebrada pode gerar essa *consciência*. No entanto, a história tem demonstrado que os processos de *consciência de pertencimento* à periferia ocorrem na maioria das vezes a partir de uma *experiência* social com um *outro* urbano, na qual as características periféricas ficam ressaltadas.

Nesse âmbito, cabe salientar que a *consciência periférica de pertencimento* possui um forte componente urbano. Ela surge da *vivência* cotidiana de percepção de distribuição desigual de riqueza. Esta percepção também se comprova na *vivência* da *segregação socioespacial*, com demorados deslocamentos no trajeto trabalho-moradia; nas dificuldades no mercado laboral; na dificuldade de acessos a serviços públicos; na escassez de opções de lazer e cultura; na visível precariedade e pobreza dos bairros populares, dentre outras expressões da desigualdade facilmente perceptíveis. Morar na periferia é

ter perdido o jogo urbano. É não ter outra escolha a não ser habitar os territórios mais baratos. Em paralelo, questões de ordem simbólica e ideológica, racismos, estigmas, preconceitos de classe e interditos também reatualizam a *experiência periférica* ativando uma *consciência periférica de pertencimento*. Em síntese, quanto maior for o uso de distintas localizações da cidade e maior for o trânsito em territórios de sociabilidade burgueses, mais facilmente emergirá uma *consciência periférica*.

Não há dúvidas de que uma série de expressões culturais e artísticas das periferias, que passaram a ter maior visibilidade e alcance a partir da década de 1990, impulsionou toda uma geração a refletir sobre sua condição periférica, engendrando assim o que aqui conceituamos como *consciência periférica de pertencimento*.

Entrelaçadas com os processos de *consciência*, gerados a partir de expressões artísticas, estão as *vivências* de ordem prática. A partir deste ponto o texto relatará cinco exemplos de processos de *consciência* ativados por *vivências* pessoais. Cabe ressaltar nesses exemplos como a sociabilidade em espaços da burguesia da cidade faz emergir racismos e preconceitos de classe, incidindo na formação de uma *consciência periférica*.

Começo falando de minha experiência pessoal. Partindo de uma condição de homem branco não proprietário, vivendo em condições de pobreza estrutural e de moradia em um bairro popular periférico, inclusive em favela, a percepção mais aguda que tive de minha posição de classe foi por meio de meus anos de formação nas ciências sociais da Universidade de São Paulo. O fato que mais me chamava a atenção era a ausência de moradoras e moradores de bairros populares com quem eu pudesse dividir algum assunto urbano, alguma *vivência* particular ou algum elemento de um imaginário

compartilhado. Acabei fazendo amizades principalmente com os brancos pobres, com negras e negros e alunos oriundos do interior de São Paulo, com quem dividia alguma sensação de desterro. As longas distâncias no trajeto de casa, na Vila União, até a USP também aguçavam a minha percepção sobre as contradições da cidade e o meu lugar nela. Também observei uma hegemonia de setores da classe média em algumas organizações de esquerda, principalmente nos postos de direção. Sem negras e negros, sem brancas e brancos pobres oriundos das periferias, sem trabalhadoras e trabalhadores, fica difícil pensar e fazer uma transformação social profunda.

Como não tive maiores relações com a alta burguesia, meus parâmetros acabam sendo os dois citados: universidade e setores progressistas, ambos pertencentes àquilo que Pierre Bourdieu denominou *a fração dominada da classe dominante* (artistas, intelectuais, etc). Assim como eu, vários periféricos também tiveram processos de *consciência* ativados por meio de um contato com esses setores progressistas, fato que por vezes teve por desdobramento acharmos que o problema da sociedade eram esses setores, ou nos fez armamos um arcabouço conceitual de crítica dirigida contra eles. Esses setores médios podem fazer parte do problema, mas não são exatamente o problema. Para além desses setores, há uma camada social poderosa que sequer temos contato: a alta burguesia, os rentistas, banqueiros, os industriais, o setor financeiro. De todo modo, foi nos embates urbanos e nos estranhamentos de sociabilidade aqui apontados que se ativiou em mim uma *consciência periférica de pertencimento*, mais potente inclusive que a *consciência de classe* gerada nos três anos de minha juventude em que trabalhei no MC Donalds. Aqui novamente surgem as contradições entre o urbano e o

mundo do trabalho, que devem ser melhor compreendidas.

A USP também foi um divisor de águas nos processos de *consciência* de Douglas Rodrigues Barros, homem negro, morador da periferia da Região Metropolitana de São Paulo e importante pensador brasileiro. Colocando o problema sob o prisma da *identidade*, em uma entrevista concedida, o pensador demonstra como questões raciais, de classe e urbanas se entrelaçam nesse processo. O trecho é longo, mas vale a pena:

Indo direto agora pra questão da identidade eu posso contar uma pequena história, uma história ilustrativa que talvez dê concretude pra tudo isso que estou falando. A gente só se descobre no lugar da exclusão quando a imposição do olhar do outro nos coloca nesse lugar. Essa é uma discussão central pra noção de racialidade. Eu muito cedo me engajei no Movimento Negro. Como vocês sabem, eu sou morador de Itaquá, que é uma cidade na periferia de São Paulo que é inteiramente periferia (...). Essa cidade é a que apresenta o pior índice de IDH. Por exemplo: a minha rua não tem o esgoto (...). Mesmo estando no Movimento Negro, eu tinha muita dificuldade ali nos meus 15 anos de entender o que era o colonialismo, raça e racismo. Isso não significa, aliás, que eu não sofria racismo. Isso não significa, por exemplo, que a gente não tinha medo de sair sem documento e a polícia nos assassinar (...). Isso não significa que eu não tenha visto meu pai sofrer racismo. O problema é que eu não conseguia identificar aquilo como racismo. Eu só fui entender o que era racismo quando finalmente eu saí de Itaquá e fui pra USP, ali nos meus 16 anos, em um ato organizado pela Educafro (...). A gente tinha combinado de ocupar a FEA. A gente chega de ônibus na USP (...). A gente desce dos ônibus cheia de bandeiras bonitonas, aquela negraçada bonita, cheia de faixas e a gente vai marchando até o prédio da FEA, apitos, palavras de ordem (...). A gente sentou ali no vão. Enquanto os companheiros falavam ao microfone, eu de repente senti

moedas caindo no meu colo (...). Quando eu olho pra cima, tem alguns alunos da FEA tacando moedas na gente. Aí um deles pega e fala assim: - Toma aqui negada, não é dinheiro que vocês querem? Aí não deu outra: a gente levantou e foi correndo pra pegar os caras na porrada. Aí rapidamente chegaram seguranças negros, barraram a gente e chamaram a polícia. Nesse quiproquó todo, vai acontecer comigo o que aconteceu com o Mano Brown: - *Um dia um PM negro veio embaçar, e disse pra eu me pôr no meu lugar*<sup>90</sup>. Foi só aí diante dessa violência cujas raízes são coloniais, racistas, foi só aí que eu olhei pro meu passado e entendi tudo o que tinha ocorrido. Veja, foi só aí, fora de Itaquá, portanto distante do meu espaço seguro, periférico, diante de um outro espaço, com outras pessoas, que eu entendi o que era o racismo, a noção colonialista, viva, na intenção daqueles jovens burgueses. Só ali que todo meu passado ganhou sentido. Só ali que eu entendi porque as pessoas olhavam para o meu pai, que era negro retinto, como olhavam (...). Eu entendi que eu estava implicado em uma luta que não tinha mais retorno, e ali eu jurei pra mim mesmo que eu voltaria pra USP em outras condições, daria cursos...e que nenhuma polícia mais me barraria. Eu consegui, felizmente, mas quantos dos nossos não conseguem? (Entrevista concedida por DOUGLAS BARROS ao Podcast Ontocast. 05/02/2021).

A percepção de quebrada como lugar seguro também surge na narrativa de Mariana<sup>91</sup>, uma mulher negra retinta, de aproximadamente 40 anos, moradora de um bairro popular da zona leste localizado na transição entre periferia e subúrbio. Mariana é formada, fez diversos cursos de especialização, planeja fazer um mestrado, fala inglês, já viajou para diversos

---

90 Excerto do rap “Capítulo 4, versículo 3”, do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MC’s.

91 O nome é fictício.

países e trabalha em uma multinacional da área da saúde, recebendo um bom salário. Mariana transita entre a burguesia branca e se diz cansada: “às vezes eu não vejo a hora de voltar pra quebrada, de andar por lugares que eu conheço. Às vezes me dá vontade de ir pra África, pra estar em um lugar onde só exista gente preta”.

Sobre o assunto, percepções parecidas foram relatadas por Elaine Mineiro, mulher negra moradora da Cidade Tiradentes, e atualmente co-vereadora da cidade de São Paulo. Em seu relato, novamente dilemas raciais, de classe e urbanos se entrecruzam:

o racismo na periferia é diferente. Por mais que existam brancos e negros na quebrada, e que de fato nas relações o racismo se expresse, esse racismo não é o mesmo de outros bairros da cidade. Uma vez entrei em um restaurante na Vila Madalena. Todos no restaurante eram brancos de classe média e todos viraram seus rostos e olharam pra mim. Ali eu me senti uma estranha, pisando em um lugar que não era o meu. Eles disfarçaram o incômodo, mas deu pra perceber que pra eles eu era algo bem diferente (ELAINE MINEIRO, entrevista concedida ao autor, 2017).

O quinto exemplo é o de Alberto<sup>92</sup>, negro de pele clara, morador da periferia leste de São Paulo. Diferente dos outros exemplos citados, Alberto não vivenciou processos mínimos de ascensão social. Na juventude, Alberto era um assíduo ouvinte de rap. Também tem uma *vivência* em escolas de samba e no futebol de várzea. Nos últimos anos, como produto da ascensão do pensamento reacionário na sociedade, passou a defender a pena de morte, as ações violentas da polícia e virou evangélico. Empobrecido, e após passar muitos anos desempregado, Alberto realizou um curso de segurança

---

92 O nome é fictício.

privada e passou a trabalhar no ramo. Seu posto de trabalho é no Jardim Paulista, área nobre de São Paulo. A partir da experiência laboral e urbana, outras percepções foram surgindo: “mano, a gente trabalha para os ricos. Ali só tem rico. E ali é todo mundo branco e os segurança privada é tudo preto” (sic). Como relatou um amigo comum entre Alberto e eu: “Alberto escutou rap, Alberto mora na quebrada. Por mais que ele repita o discurso conservador, a vivência prática faz Alberto tomar consciência de algumas questões”.

O sexto exemplo é Vânia, jovem branca, de aproximadamente 20 anos, moradora da Cidade Tiradentes. Vânia aprofundou sua *consciência de pertencimento* ao começar a trabalhar na Barra Funda. Os longos trajetos aguçaram sua percepção de distribuição desigual da riqueza na cidade e o encontro cotidiano com outra classe social evidenciava e reforçava de maneira estigmatizante sua condição de pobreza e o marcado estigma com relação ao seu bairro de moradia, questão esta que nem sua pele clara conseguiu desfazer. Cansada do vai e vem cotidiano em más condições. Cansada de ganhar pouco e cansada de ser obrigada a lidar com pessoas distintas do seu círculo social e com outro arcabouço simbólico, Vânia preferiu largar o emprego. Sentia-se mais segura no seu local de moradia, mais acolhedor e culturalmente melhor decifrável, ainda que isso lhe gerasse desemprego.

Os seis exemplos apresentados demonstram que a *consciência periférica de pertencimento* tem evidentes entrelaçamentos com questões urbanas, raciais e de classe. Ao que parece, racismos e dominações de classe são mais facilmente perceptíveis a partir de uma configuração espacial da cidade. Essa *consciência* adquire contornos ao se defrontar com outras situações e só foi possível de ser ativada por causa de uma



experiência prática. Quando compartilhada coletivamente, essa *consciência* adquire força e sentido.

Uma certa *consciência periférica de pertencimento* tem operado politicamente em diversos níveis da vida nacional. Cabe apontar, à guisa de exemplo, discussões realizadas no Conselho Municipal de Cultura de São Paulo. Depois de muitos debates, “o que deu unidade de ação foi *periferia*”, segundo consenso geral. Para a construção da unidade na diversidade, os Racionais já tinham dado a letra: “Na periferia a alegria é igual, é quase meio-dia a euforia é geral”<sup>93</sup>.

### **O conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos***

A intenção deste ponto do texto é precisar o conceito, avançando nos argumentos da tese publicada em 2013. Não se pretende modificar a conceituação original presente na tese, mas sim complexificá-la de acordo com um aprofundamento do debate e amplia-la à medida que novos usos forem sendo incorporados com o decorrer do tempo.

A canção “sujeito periférico” foi gravada pelo cantor e compositor Tita Reis em um CD homônimo no ano de 2011. Mesmo sem ter composto um rap, ao falar de si mesmo e de sua trajetória, bem como do compartilhamento de experiências comuns, Tita utilizou o adjetivo *periférico*. Este texto sustenta que se não houvesse todo um movimento de afirmação e de rompimento de estigmas, dos quais um dos principais propulsores foi o movimento cultural, a canção de nome “Sujeito Periférico” não haveria existido, pelo menos não com esse nome. Vale observar que aqui se brinca com o fato de a canção ter contribuído para a formulação do pesquisador de um conceito que nomeasse um processo social que gerou a própria canção como tal.

---

<sup>93</sup> Excerto do rap “Fim de Semana no Parque”, do álbum Raio-X Brasil, dos Racionais MC’s.

## O conceito de *sujeito*

O conceito de *sujeito* tem uma longa história em vários campos da produção do conhecimento. Da filosofia à psicanálise, diversos autores se debruçaram sobre o debate, que possui um alcance e uma profundidade que este livro não se propôs e nem conseguiria realizar. De todo modo, conforta o nosso sentimento de limitação saber que *sujeito* é um conceito que não foi totalmente delineado e resolvido em obras de autores como Karl Marx, Alain Badiou, Étienne Balibar ou Louis Althusser.

No entanto, este trabalho parte de cinco premissas básicas para a constituição de sujeitos políticos em distintos tempos históricos nas periferias de São Paulo. Esses sujeitos políticos podem ser *populares*, com formas próprias de ação política fundamentalmente ocorridas entre as décadas de 1970 e 1980, ou *periféricos*, com formas próprias de ação baseadas entre as décadas de 1990 e 2020. Seguem abaixo cinco premissas de constituição de *sujeitos* nesses dois ciclos históricos (ou em qualquer outro).

### Cinco premissas básicas de constituição de *sujeitas* e *sujeitos*

**I - Assujeitamento** como condição formadora da *sujeita* e do *sujeito* – o *assujeitamento* supõe a sujeição da *sujeita* e do *sujeito* a alguma situação ou condição. A *sujeita* e o *sujeito* são frutos de uma condição histórica e de relações sociais que os precedem. Ambos estão atrelados a essa situação e estão subjugados pelas circunstâncias. Estão em posição inferior. Assim sendo, *sujeitas* e *sujeitos periféricos* também se constituem pelo *assujeitamento* às condições e situações periféricas da qual fazem parte, estão entrelaçados e não

podem controlar. O *assujeitamento* é elemento necessário da constituição da *subjetividade* sobre a qual se discorrerá na sequência.

**2 – Subjetividade** como base da *sujeita* e do *sujeito* – as palavras *subjetividade* e *sujeito* derivam da mesma raiz semântica. Ambas são oriundas da palavra do latim *subjectus*, ou *posto debaixo*. A *subjetividade* designa a dimensão de elementos intangíveis que constituem o ser humano, mas sempre derivada de uma *experiência compartilhada* em relações sociais. Esses elementos seriam normas, formas de ver, sentidos, sentimentos, idiosincrasias e particularidades que formariam uma determinada subjetividade. A *subjetividade periférica* é portadora de elementos cognoscentes constituídos por sua posição periférica.

A *subjetividade periférica* possui as bases necessárias para a formação de *sujeitas* e *sujeitos periféricos*. Contudo, *subjetividades periféricas* e *sujeitas* e *sujeitos periféricos* não são a mesma categoria, como se definirá no decorrer do texto.

**Códigos culturais compartilhados** - Outra premissa importante para a formação de *sujeitas* e *sujeitos políticos* são *códigos culturais compartilhados*. Esses *códigos culturais* são expressões de formas e modos de vida particulares em determinados espaços. Esses modos de vida podem conter ações políticas e podem propiciar formas organizativas.

**Consciência de pertencimento** – entendida como elaboração intelectual que permite a compreensão de uma posição urbana compartilhada a partir de um dado território. Esse processo avança para além da *vivência* e do *habitus*. Esse processo de *consciência*, que também é um processo de

sensibilização, propicia a iniciativa política no espaço a partir de uma análise do funcionamento das estruturas sociais e de uma compreensão da totalidade dos espaços urbanos. Cabe ressaltar que tal processo não abarca a totalidade da população.

**Agir político:** ato de apoderar-se da própria história, tornando-se sujeita ou sujeito político a partir da ação em prol do território. Nessa acepção, a *sujeita* e o *sujeito* são conhecedores/fazedores. São indivíduos que propõem objetivos e praticam ações. Que dominam algo. Que conhecem algo. Que se propõem a conhecer algo, em contraposição ao que é objeto do conhecimento alheio. Que pratica ações a partir do conhecimento que detém. Torna-se interessante notar que, no caso deste estudo, a ação de conhecer algo ou dominar algo se coaduna com a própria ação de se saber conhecedor de algo ou de tomar posse de algo. Ou seja, no caso da formação de *sujeitas* e *sujeitos* políticos, a condição de conhecedor e o ato de reconhecer-se na condição de conhecedor se constituem em um mesmo processo. Cabe lembrar que esse processo não abarca a totalidade da população.

### ***As sujeitas e os sujeitos populares***

Como já exposto, as cinco premissas básicas de constituição de sujeitos podem ocorrer entre *sujeitas e sujeitos populares* e *sujeitas e sujeitos periféricos*. Partindo destas premissas, cada tempo histórico possui formas próprias. Os sujeitos políticos, cuja atuação ocorreu fundamentalmente entre as décadas de 1970 e 1980, este livro conceitua como sendo *sujeitas e sujeitos populares*. Em grandes traços, a atuação política dessa geração se centrou em conquistas por

meio da pressão sobre o Estado na organização mediante movimentos sociais e populares. As principais categorias de representação reivindicadas eram classe trabalhadora, popular e povo. Esse período, que foi também marcado pela luta contra a ditadura e pelo ascenso do movimento de massa, foi um período de grande efervescência organizativa nos bairros populares. Essas *sujeitas e sujeitos populares* e o tempo histórico no qual atuaram merecem estudos mais aprofundados.

Cabe lembrar que a diferenciação entre *sujeitas e sujeitos populares* e *sujeitas e sujeitos periféricos* é um esforço de compreensão de práticas políticas. A tentativa de diferenciação é maior no plano conceitual. Na realidade vivida, os planos coexistem. Mesmo na contemporaneidade, pode-se afirmar que existem maneiras de atuação que são mais *populares* do que *periféricas*<sup>94</sup>. Há que se ressaltar também que as formas propriamente *periféricas* de atuação possuem continuidades com as formas *populares*.

De todo modo, mesmo compreendendo enlaces e coexistências, a partir deste ponto se tentará conceituar de maneira mais precisa o que se entende por *sujeitas e sujeitos periféricos*.

Partindo das cinco premissas básicas acima pontuadas, o texto se desdobrará em três formas gerais de compreensão conceitual de *sujeitas e sujeitos periféricos*.

A primeira forma se refere a processos ocorridos em nível individual.

A segunda forma apresentará características históricas e contextuais de atuação política de *sujeitas e sujeitos periféricos*.

---

94 Sobre diferenças na forma de atuação política de distintas gerações, cabe a leitura do TFG de Ana Cristina Morais, *Periferias: do ativismo a militância*(FAU/USP), 2018.

A terceira forma abordará definições e utilizações do conceito *sujeitas e sujeitos periféricos*.

### **Processos individuais de formação de *sujeitas e sujeitos periféricos* entrelaçados com processos coletivos**

Conceituar *subjetividades e sujeitas e sujeitos periféricos* é uma operação que deve necessariamente levar em consideração dinâmicas que ocorrem na vida concreta dos indivíduos habitantes destes locais. Como já apontado no título da tese na qual este livro se baseia, há um processo de formação de *sujeitas e sujeitos periféricos e de subjetividades periféricas*, fenômenos só possíveis de serem compreendidos a partir da teia de relações vividas, das construções conceituais e das constrições estruturais ocorridas a partir da década de 1990.

Imbricados com processos socio-históricos que ocorriam nas periferias entre as décadas de 1990 e os anos 2000, uma série de agentes sociais buscou incidir nesses territórios tentando superar estigmas, vergonhas, preconceitos e condições de *violência e pobreza* que os caracterizavam. No plano de compreensão de cada um dos indivíduos, a formação enquanto *sujeita* ou *sujeito periférico* ocorre em três momentos:

#### **1) Assume sua condição de *periférica* ou *periférico*;**

Esse assumir-se como se faz na passagem de *periférico em si* a *periférico para si*.

O *periférico em si* é uma posição vivida, mas não percebida pelo morador da *periferia*. Esse momento se sintetiza no âmbito das *vivências*, da formação de um *habitus* e de uma *subjetividade*.

Esse morador passa a ser *periférico para si* quando percebe sua condição por meio de uma *experiência social comum e compartilhada*. Este tornar-se *periférico para si* se imbrica com

processos de *consciência de pertencimento periférico* e/ou de construção de *periférico* enquanto categoria de representação.

No entanto, ser um *periférico para si* pode redundar em *estigma* ou *orgulho* dessa condição. Para este livro, a constituição de uma *sujeita* ou *sujeito periférico* passa necessariamente pela posse do *orgulho*.

## **2) Tem orgulho de sua condição de periférica ou periférico;**

Essa condição se constitui por meio da passagem do *estigma* ao *orgulho*.

Como se sabe, historicamente a experiência da pobreza possuiu uma carga estigmatizante em nosso país. Como relatado, houve um tempo histórico em que morar nas periferias era motivo de *vergonha* e de *estigma*. No meio urbano, ela se caracterizou pela utilização de uma série de artifícios com vistas a escamotear sua situação, como, por exemplo, a ocultação do local de moradia. Este segundo elemento que caracteriza a constituição da *sujeita* e do *sujeito periférico* se constitui pela superação do estigma representado pela condição *geográfico/social* expressa pela moradia em bairros populares. Esse *estigma* desaparece, sendo substituído pelo *orgulho* de pertencer a essa condição, orgulho este que baseia na existência de características como o coletivismo e a solidariedade; na potência criativa dessa população e na posse de uma habilidade exigida para habitar a periferia. No entanto, este segundo momento, que podemos caracterizar como o de posse de *orgulho*, ainda está no nível da utilização de uma categoria de representação, ou de uma *identidade*. Ela tem seus limites políticos, representadas na ênfase de protagonismos e de reconhecimento. A constituição plena de *sujeitas e sujeitos periféricos* pressupõe um passo além.

### **3) Age politicamente a partir da condição de periférica ou periférico;**

Esse momento se caracteriza por meio da passagem da passividade à ação.

O argumento central dessa passagem é a que afirma que só se completa a constituição de uma *sujeita* e *sujeito periférico* se houver uma ação política por meio dessa condição. Assim sendo, a condição de *sujeitas* e *sujeitos periféricos* define-se por uma prática.

Assim sendo, a *sujeita* e o *sujeito periférico* devem reconhecer-se como pertencendo a uma coletividade que compartilha códigos, normas e formas de ver o mundo; devem portar o *orgulho* de ser periférico; devem possuir senso crítico com relação à forma como a sociedade está estruturada; e devem agir para a superação das atuais condições.

### **Características históricas e contextuais da atuação política de *sujeitas* e *sujeitos periféricos***

Conceituar formas próprias de atuação política de *sujeitas* e *sujeitos periféricos* passa necessariamente por tentar caracterizar condições sociais, ideológicas, simbólicas e formas de luta de um tempo histórico que começa a partir da década de 1990. Este tempo histórico é marcado fundamentalmente pelo advento do neoliberalismo; pela reestruturação produtiva; pela fragilização das formas organizativas da classe trabalhadora; pelo desmonte dos direitos sociais; pela fragilização dos Estados nacionais; dentre outras características.

Nas periferias urbanas, ao genocídio e à pobreza da década de 1990 sucedeu-se um período de melhora relativa nas condições de vida com o advento do *lulismo*. Posteriormente, uma onda reacionária tomou a sociedade brasileira redundando



na eleição de um presidente de extrema-direita. As periferias urbanas seguem pobres e precárias. Cada vez mais se observa a crise econômica e social do país durante e após a pandemia do Coronavírus. No entanto, é fato que as periferias atuais já não são como nas décadas de 1970 e 1980. O mundo mudou. Hoje as pessoas são mais diferentes. Há mais opções de repertório cultural. As pessoas, mesmo os mais pobres, passam mais tempo com seus celulares. O mundo é mais individualista e há uma ode à subjetividade.

Após a apresentação das cinco precondições para a formação de sujeitos políticos; dos processos individuais de formação de *sujeitas e sujeitos periféricos*, e após uma breve apresentação de características do período histórico que vai de 1990 até 2020, mais ou menos, serão apresentadas algumas formas próprias das *sujeitas e dos sujeitos periféricos* que embasam a ação política destes, compreendendo-os como sujeitos históricos, forjados por determinadas circunstâncias ocorridas nos territórios populares a partir da década de 1990. São elas:

### **1) Utilização de periferia como classe;**

*Periferia* passou a ser utilizada como totalidade abarcadora de distintas localidades com situações sociais próximas, sendo uma expressão de classe trabalhadora em um momento histórico em que se necessitava de uma categoria unificadora, mas “trabalhador” se fragilizava enquanto categoria de representação.

### **2) Periferia, periférica, periférico e favela como posicionamento político;**

Por mais que esses termos tenham sido empregados por alguns grupos nos anos 1970 e 1980, é incontestável que sua disseminação ocorreu nos anos 1990 e 2000. Termos que

expressam situações geográficas e sociais como *periferia* e *favela* tornaram-se fundamentalmente um posicionamento político na sociedade e uma forma de ver o mundo.

### **3) Periferia vira conceito;**

Há uma evidente tentativa de sistematização do conceito *periferia*, tirando-o da condição de termo impreciso para o de uma explicação sobre condições urbanas, sociais, raciais e de classe. Esse esforço se coaduna com o processo de contar a própria história sem a necessidade de mediadores<sup>95</sup>.

### **4) Do estigma ao orgulho;**

Nas últimas três décadas houve um processo social de combate aos estigmas, preconceitos e vergonhas com relação ao local de moradia. *Periferia* e *favela* passaram do estigma ao orgulho, da fragilidade à potência. Essa passagem se coaduna a um processo ocorrido em nível mundial de levantes de vozes subalternizadas por meio da defesa de signos culturais e étnico-raciais.

### **5) Sistematização da própria história;**

Uma maior possibilidade de acesso a recursos técnicos e tecnológicos, somada ao crescimento de atividades culturais, jornalísticas, memorialísticas e ao ingresso na universidade, permitiu que essa geração tivesse maior possibilidade de sistematizar o conhecimento sobre a sua própria história, aprofundado em temáticas e se contrapondo a narrativas dominantes.

---

<sup>95</sup> Para uma proposta de definição do conceito *periferia*, sugere-se a leitura do artigo: “Contribuições para a definição dos conceitos *periferia* e *sujeitas* e *sujeitos periféricos* (D’ANDREA, 2020a).

## **6) Fim da necessidade de mediadores;**

A possibilidade de construir uma narrativa sobre a própria história ocorreu por mudanças tecnológicas e sociais. Essas mudanças incidiram na possibilidade dessa geração de prescindir de mediadores na política, na academia, no jornalismo, na arte, entre outras esferas, passando ela mesma a se representar. Como advoga um slogan de vários segmentos sociais: “nada sobre nós sem nós”.

## **7) De objeto de estudo a sujeito do conhecimento;**

O acesso à universidade possibilitou que a população periférica questionasse o papel de objeto de estudo que lhe era relegado. De elemento passivo sobre o qual se construíam as grandes teorias ou de informante privilegiado, a moradora e o morador da periferia têm a possibilidade de sistematizar o conhecimento produzido também na universidade.

## **8) Relação distinta com o mundo do trabalho;**

Produtos de um tempo no qual o trabalho assalariado perdeu espaço na sociedade e os direitos trabalhistas estão sendo combatidos, essa geração possui uma fluidez muito maior em sua relação com o trabalho. Alguns têm caracterizado esse momento histórico como “pós-emprego”. É o mundo dos bicos, dos freelas, dos jobs, da informalidade e da exigência de que a capacidade pessoal supere as impossibilidades estruturais. Esse contexto tem dificultado a organização política centrada no combate ao capital. Por um lado, a esfera produtiva mudou. Por outro, muitos incorporaram a ideia de que são gestores do próprio tempo ou da autoexploração, disseminando a ideologia do empreendedorismo. Há, no entanto, aqueles que, em meio à terra arrasada, seguem propondo formas coletivas de produção e garantia de direitos.

## **9) Era digital;**

Houve uma notável intensificação do uso de meios digitais e tecnológicos. Esses acessos produziram modificações na sociabilidade e na maneira como se operacionaliza a política. Ainda não é possível mensurar o impacto das redes sociais nas formas de vida das periferias e da sociedade como um todo. Nota-se uma digitalização das formas de controle e também um aprofundamento da exploração por meio do intitulado capitalismo de plataforma.

## **10) Organização em coletivos;**

O coletivo como forma organizativa passou a se disseminar. Vários podem ter sido os motivadores históricos. Por um lado, o coletivo permite relações de confiança mais profundas do que outras formas organizativas, fundamentalmente em um tempo no qual os indivíduos buscam segurança afetiva. O coletivo também é mais rápido e fluido para a tomada de decisões, em um tempo onde a realidade é mais cambiante e exige respostas rápidas. Também nos coletivos há uma busca por horizontalidade. Cabe também ressaltar que coletivo enquanto forma é mais adequada ao formato dos editais, que é para onde parte da luta política ocorreu nas últimas décadas. Confiança, rapidez, horizontalidade, financiamentos. Nessas quatro questões o coletivo parece ser mais apropriado do que o movimento, o partido ou a classe.

## **11) Arte e cultura como política;**

Nas últimas décadas houve um aumento quantitativo e uma modificação qualitativa das produções artísticas e culturais nas periferias urbanas. Essas produções adquiriram maior importância na militância e no ativismo político assim como muitas vezes se transformaram na própria atuação política.

## **12) Relevância dos debates sobre opressões raciais e de gênero;**

As lutas contra o patriarcado e contra o racismo ganharam força, visibilidade e alcance em nível mundial. O alcance desses debates nas últimas décadas talvez tenha sido um dos maiores avanços da sociedade brasileira nos últimos anos. Nas periferias, esse impacto foi determinante em formas organizativas. O debate racial é indissociável de uma necessidade histórica de ressemantização do termo/conceito *periferia*. Ainda que espaços sejam heterogêneos racialmente e no que tange a matrizes culturais, foi a intelectualidade negra presente nesses espaços que, ao defender a própria vida e impulsionar sua autoestima, impulsionaram também a modificação das visões sobre as periferias, processo esse que acabou atingindo outras matrizes étnico-raciais presentes nas periferias. Assim como a luta antirracista, a luta contra o patriarcado protagonizada por mulheres tem sido uma das principais formas organizativas nas periferias, servindo de porta de entrada de amplas parcelas da juventude para a mobilização política.

## **13) Consciência ecológica e por direitos de LGBTQIA+;**

A luta contra a destruição do planeta passou a ter mais reverberação, assim como a luta empreendida pela população LGBTQIA+ por direitos e visibilidade. Vale destacar que a produção artística das periferias produziu intelectuais orgânicos dessa luta, como é caso da cantora Linn da Quebrada.

## **14) Agentes e processos sociais de um dado tempo histórico;**

Essa geração interagiu e interage com distintos processos sociais, como o neoliberalismo, o lulismo e o conservadorismo,

e com agentes sociais como as ongs, o pcc, os evangélicos e as milícias, dentre outros.

### **Definições do conceito *sujeitas e sujeitos periféricos***

A definição do conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos* é uma tentativa de objetivação sociológica de processos sociais ocorridos nas periferias urbanas paulistanas nas últimas décadas. Em passagem acima, este texto demonstrou quais são os processos passíveis de ocorrerem, em nível individual, para a formação de *sujeitas e sujeitos periféricos*. Incorporando o argumento de Eder Sader (1988), e atualizando-o para as complexidades do Brasil contemporâneo, este livro corrobora a ideia de que esses agentes sociais – *sujeitas e sujeitos periféricos* –, não partem de uma definição prévia do que seja a política, mas formulam essa definição a partir de sua atuação. Cabe ainda ressaltar que *experiência* e *prática* política não se dão de maneira autônoma às constrições estruturais que permeiam a sociedade. Como em uma relação dialética, *experiência* e *prática*, inseridas e decorrentes de um determinado contexto histórico, mudam paulatinamente as estruturas com sua ação, ação esta que é moldada e pressionada pela estrutura social. Essas *sujeitas e sujeitos periféricos* produzem os tempos históricos ao mesmo tempo em que são moldados por esses mesmos tempos e por suas características contextuais, como já apontado.

A partir das constrições das estruturas e dos contextos históricos, parcelas da população das periferias, fundamentalmente jovens, buscaram incidir na melhoria das condições de vida de seus espaços. É de se notar uma mudança qualitativa e quantitativa das produções artísticas e culturais, organizadas por coletivos culturais. No entanto, ações práticas nos espaços periféricos podem ocorrer em distintas pautas: na luta por

moradia, por saúde, por educação, por cultura, por transporte público, por melhores condições de trabalho, contra o capitalismo, contra o racismo, contra o patriarcado, dentre outras frentes de luta. Cabe lembrar também que, nas últimas décadas, o principal produtor e veiculador de uma narrativa ressemantizadora de *periferia* foi o movimento artístico e cultural, que também auxiliou no processo social de tomada de *consciência de pertencimento* a um determinado espaço por parte de moradoras e moradores. Quando essa tomada de *consciência* foi motivo de *orgulho*, e não de *vergonha*, construiu-se um novo entendimento de si próprio. Quando o indivíduo portador desse *orgulho* agiu politicamente no espaço para a superação das desigualdades urbanas, econômicas, sociais, raciais, de gênero e contra todo tipo de opressão, conceitua-se neste livro como *sujeita e sujeito periférico*.

Seguem na sequência outras possíveis definições e usos do conceito *sujeitas e sujeitos periféricos*:

1. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades que, após assumir sua condição, agem para a melhoria das condições de vida nos espaços periféricos;
2. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades que se tornaram sujeitos políticos e sujeitos históricos a partir de suas atuações nos espaços periféricos;
3. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades que fazem um uso político do conceito *periferia*;
4. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades que se transformam em intelectuais orgânicos das periferias, manifestando os interesses das quebradas;

5. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades moradoras das periferias que não aceitam ser base e nem aceitam que a formulação política ocorra fora dos espaços periféricos;
6. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades que elaboram, narram e contam a sua própria história sem a necessidade de intermediários;
7. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades que foram estudar nas universidades;
8. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades que passam da condição de objeto à condição de sujeitos do conhecimento;
9. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades moradoras das periferias com autonomia de pensamento, definindo-se e definindo o mundo a partir de suas *experiências* próprias;
10. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos e coletividades que lutam para superar a condição de assujeitamento às condições precárias para se tornarem sujeitos que transformam a própria história;
- II. *Sujeitas e sujeitos periféricos* como indivíduos ou coletividades que curam suas dores a partir de uma melhor compreensão de si, de sua história e de seu lugar no mundo.

### **O conceito de *sujeitas periféricas***

O conceito de *sujeitas periféricas* foi incorporado ao conceito de *sujeitos periféricos*, tornando-se um conceito só, mas com



duas variantes. Vale a pena discorrer sobre a historicidade e a construção desse conceito.

Quando o autor deste livro escrevia seu doutorado, teve por intenção criar um conceito que desse conta da especificidade feminina e outro conceito para a especificidade masculina de uma geração de jovens periféricos. A primeira ideia foi conceituar *sujeitas e sujeitos periféricos*. No entanto, foi alertado de que o vocábulo “sujeitas” tinha uma conotação de sujeição e submissão bastante acentuada em relação ao seu homônimo masculino. Por precaução, tomou a decisão de, no conceito *sujeitos periféricos*, contemplar as especificidades femininas e masculinas (questão que hoje o autor compreende não ser possível). No entanto, com a disseminação do conceito, algumas mulheres e militantes LGBTQIA+ passaram a se definir como *sujeitas periféricas*. O autor avalia que não pode desenvolver esse conceito, cabendo essa tarefa às mulheres que dele fazem uso. Assim, o conceito *sujeitas e sujeitos periféricos* como hoje utilizado é uma tentativa de abarcar um processo histórico que perpassou a todas e a todos, mas não dirime as especificidades de gênero.

### **Usos de *Sujeitas e Sujeitos Periféricos***

As definições propostas de *sujeitas e sujeitos periféricos* avançam e refinam as proposições realizadas na tese da qual este livro deriva. Nessa senda, as 10 maneiras como o conceito pode se apresentar, como acima apresentadas, fazem parte do enquadramento conceitual e histórico anteriormente exposto.

Com o correr dos tempos, e com a disseminação do conceito, muitos foram os usos dados. Alguns desses usos foram incorporados nas definições deste livro, outros usos, ainda que existam, fragilizam uma conceituação mais precisa. A partir deste ponto se fará uma breve problematização acerca de usos e definições.

## **Diferença entre *subjetividades periféricas* e *sujeitas e sujeitos periféricos***

Muitas vezes o uso corrente dos conceitos tendeu a confundir *subjetividades periféricas* e *sujeitas e sujeitos periféricos*. Várias vezes foi citada a posse de um *habitus* ou de uma *vivência* como fazendo parte daquilo que aqui se conceitua como *sujeita* ou *sujeito periférico*. A posse de atributos subjetivos formados por relações sociais forma *subjetividades periféricas*, mas não necessariamente *sujeitas* e *sujeitos periféricos*. Toda *sujeita periférica* e todo *sujeito periférico* possui uma *subjetividade periférica*, mas nem todo indivíduo portador de uma *subjetividade periférica* é uma *sujeita* ou *sujeito periférico*. A *subjetividade periférica* é uma condição compartilhada por toda moradora e todo morador das periferias, ainda que cada indivíduo possua uma *subjetividade periférica* a partir da maneira como as relações que o circundaram formaram essa *subjetividade* própria e individual. Logo, a condição de *subjetividade periférica* é mais alargada que a condição de *sujeita* e *sujeito periférico*. A formação de *sujeitas* e *sujeitos periféricos* é derivada de processos individuais, coletivos e históricos específicos, como já apontado neste livro.

### ***Sujeitas e sujeitos periféricos* é um conceito urbano**

Quando trata de *sujeitas e sujeitos periféricos*, este livro está tratando de moradoras e moradores das periferias. É um conceito eminentemente urbano. Nos últimos anos, pôde-se verificar a utilização de *sujeitas e sujeitos periféricos* para designar outras possíveis *periferias* em relação a outras diversas centralidades simbólicas, ideológicas ou derivadas de relações de opressão. Ainda que se compreenda o uso, o autor deste livro enfatiza que a origem do conceito é urbana e parte da condição de moradoras e moradores das periferias.

### **Sujeitas e Sujeitos Periféricos é um conceito histórico**

Outra utilização corrente se refere à designação *sujeitas e sujeitas periféricas* para definir todo e qualquer habitante das periferias em qualquer momento histórico. Ainda que se possa compreender o uso, ele é impreciso, ao estar, na verdade, definindo *subjetividades periféricas*. O conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos* é histórico e foi criado para definir práticas políticas surgidas fundamentalmente a partir da década da década de 1990.

Isto posto, para finalizar este capítulo, segue uma citação extraída do TCC de um *sujeito periférico*: “O assumir-se como sujeito periférico é como recuperar a autoestima e se libertar da síndrome de vira-lata” (JESUS, 2017: p. 82).





# Dilemas das periferias contemporâneas e os desafios para o novo ciclo histórico

## Cena 6

---

# A periferia real

*"Nos primeiros dias do ano de 2021, em uma localidade da periferia da zona leste de São Paulo, um grupo de moradores procurou o líder do PCC na região. O tema da reunião era pedir providências com relação ao barulho provocado por jovens em suas motos, prática que aumentava nas festividades de fim de ano. Segundo os moradores, o bairro era formado por trabalhadores que queriam dormir, pois acordavam cedo. Idosos também reclamavam, pois já não conseguiam descansar. Toda negociação realizada anteriormente com os jovens das motos havia sido em vão.*

*Depois da conversa entre moradores e o líder do PCC na região, este pediu um tempo pra pensar e consultar seus parceiros. Pouco tempo depois, procurou os moradores e ditou a sentença: - qualquer pessoa está autorizada a dar madeirada em quem passar nas ruas fazendo barulho com as motos. Os próprios moradores trataram de gravar um áudio no whatsapp avisando: - o partido autorizou, então qualquer morador pode dar madeirada em motoqueiro fazendo barulho. O áudio se espalhou rapidamente para milhões de celulares de várias quebradas da Grande São Paulo."*

---

A cena apresenta alguns dos principais problemas das periferias contemporâneas. De um lado, a posse de mercadorias, nesse caso a moto, como fundamento de status e potência para uma juventude instigada pelo consumo, mas com pouco acesso a ele e com raras oportunidades de acesso ao trabalho e ao estudo. Por outro lado, os desejos de moradores mais velhos de poderem descansar e repor suas energias para as jornadas de trabalho. O conflito geracional está instalado, e talvez este seja o conflito mais patente existente hoje nas periferias urbanas.

O conflito geracional expressa, pelo menos, outras duas questões: a falta de locais adequados para o lazer da juventude e o problema do adensamento demográfico que permeia as periferias urbanas contemporâneas. Além disso, essa curta cena nos apresenta as formas atuais de mediações de conflitos nas quebradas e a popularização das redes sociais e das tecnologias de baixo custo. A periferia real com seus problemas reais está muito distante das projeções abstratas de intelectuais de classe média. No entanto, a geração periférica que entrou na universidade também corre o risco de se afundar em debates

que pouco ou nenhum sentido fazem para as demandas concretas da população.

### **Cinco crises como condições de produção da tragédia da pandemia**

Na atualidade, pelo menos cinco crises acometem a sociedade brasileira. Essas crises se apresentam de maneira mais dramática nas periferias, os territórios que mostram aquilo que os centros escondem.

A primeira crise é a econômica, expressa pelo aumento do desemprego, da informalidade, da fome e da miséria. As reformas trabalhista e da previdência aprovadas nos últimos anos incidiram diretamente na precariedade das condições atuais, expressando um contexto mundial de desmonte da seguridade social e da sociedade salarial. É comum moradores das periferias passarem de casa em casa pedindo alguma coisa para comer ou inventando os mais diversos arranjos para obterem alguma renda.

A segunda crise é a social, expressa pelo desmonte do Estado e das políticas públicas. A PEC do teto de gastos incide nesse de maneira cruel na vida das periferias: é o remédio que falta no posto de saúde, é a falta de merenda na escola, é o fechamento dos serviços de assistência social, é a falta de transporte público. Nesse projeto neoliberal, incentiva-se a precarização para posterior privatização dos serviços.

A terceira crise é a política, visualizada por uma escalada autoritária sem precedentes e pela quebra dos preceitos básicos da democracia e do judiciário nos últimos anos. Juiz com poder ilimitado e presidente ameaçando golpe foram a tônica dos últimos anos. A já combatida democracia liberal burguesa foi atacada de várias formas e abandonada por grandes parcelas da população que se negam a participar do jogo eleitoral, seja



se abstendo, seja votando em branco ou nulo.

A quarta crise, porém não menos importante, é a ambiental-sanitária, evidenciada pelos altos índices de desmatamento das florestas, pela mudança climática, pela insegurança alimentar, pelo fato de 35 milhões de pessoas viverem sem acesso a água potável e cerca de 100 milhões não possuem serviço de coleta de esgoto.

Por fim, a crise urbana é notável pela baixa qualidade de vida nas grandes cidades, pela marcada segregação socioespacial entre grupos sociais, pela, cada vez, mais acelerada privatização dos espaços públicos, pelo dado de que 18 milhões de pessoas moram em favelas no Brasil, entre outras situações dramáticas decorrentes da atual maneira como estão organizadas nossas cidades.

Essas cinco crises já estão colocadas há alguns anos e se tornaram as condições de produção da tragédia da pandemia, cujo alto grau de letalidade ocorreu por decisões políticas que só foram possíveis devido à derrota histórica que a classe trabalhadora brasileira sofreu nos últimos anos. A existência do Sistema Único de Saúde, mesmo que precarizado, e das redes de solidariedade, evitaram que a tragédia fosse ainda maior. No entanto, é necessário que as redes de solidariedade perdurem no tempo e consigam dar um salto político e organizativo<sup>96</sup>.

### **A atualidade de três agentes sociais: PCC, evangélicos e coletivos culturais**

No que tange aos três agentes citados no decorrer deste livro que aumentaram sua importância e presença nas quebradas a partir do contexto violento da década de 1990, cabe ressaltar que o PCC segue possuindo o monopólio legítimo da violência. Nada se faz sem a anuência do partido. Cabe lembrar que a fac-

---

96 Sobre a relação entre periferia e pandemia, sugere-se a leitura do livro *40 ideias de periferia: história, conjuntura e pós-pandemia*. (D'ANDREA, 2020).

ção também opera tribunais voltados a estimar penas e punir indivíduos a partir de denúncias e reclamações da população. Outro dado importante de salientar é o que o PCC se tornou um dos agentes imobiliários da cidade, ao organizar ocupações e decidir quem pode e quem não pode morar em várias favelas sob seu domínio.

Por sua vez, os evangélicos obtiveram um crescimento exponencial nas últimas décadas, aumentando seu patrimônio, sua participação na política, seu poder de influência, sua capacidade de impor valores na sociedade e sua quantidade de fiéis. Nas periferias este crescimento é evidente. Muitas vezes reproduzindo discursos reacionários e machistas, os setores fundamentalistas das igrejas evangélicas capilarizaram nas quebradas discursos de ódio, fake news e negacionismo. No entanto, cabe lembrar que o universo evangélico é imenso e pleno de contradições internas. No âmbito da atuação nas periferias, os evangélicos têm propiciado acolhimento espiritual, emocional e psicológico, além de, e principalmente, suporte material, expresso em distribuição de cestas básicas, indicações de emprego e visitas a presos, dentre outras ações. Se há alguma pretensão de se superar o modelo evangélico, essa superação não se dará somente com discursos, mas sim com presença e prática política cotidiana.

Por sua vez, os coletivos culturais, mesmo atacados política e economicamente, seguem fazendo seu labor, que vai desde a distribuição de cesta básica até a organização dos trabalhadores da cultura por programas e editais do governo. Em paralelo, por meio de suas atividades artísticas, esses grupos das periferias seguem realizando luta ideológica, por valores ou por hegemonia, compreendendo que a arte é uma esfera indispensável da totalidade humana. Em perspectiva histórica, os coletivos culturais ajudaram

as periferias em uma de suas maiores conquistas: a possibilidade de falar de si.

### **O papel da ideologia dominante no contexto de crise**

O desmonte da sociedade salarial provocou uma desagregação da classe trabalhadora e uma série de desarranjos nas quebradas. Com a diminuição dos recursos, é notável o nível de concorrência e disputa entre diversos grupos sociais que compõem as periferias e a classe trabalhadora. Há concorrência por postos de emprego e por editais, em um cenário no qual a miséria é crescente e a falta de perspectiva é a tônica. Em paralelo às dificuldades materiais que se colocam, há todo um aparato ideológico em ação que dificulta a compreensão enquanto classe dos trabalhadores moradores das periferias. Essa distância entre a posição social de fato e a posição social atribuída é o espaço onde opera a ideologia, enquanto falsificação da realidade. Nesse ponto, a propaganda “Nova Classe Média” operou uma distorção nas formas de pensar e de agir. Na narrativa, o pobre deixou de ser pobre, sem na realidade ter deixado de ser pobre.

Falsear a análise da realidade é uma operação ideológica. Apresenta-se um hiato entre as verdadeiras condições e as representações que se fazem dessas condições. Não há maior nível de sofisticação na vitória do opressor do que quando ele vence e convence o perdedor de que foi ele quem venceu. Essa operação diminui o potencial de revolta dos perdedores ao mesmo tempo em que os assimila no projeto dominante. Coadunado com um contexto histórico no qual o debate das subjetividades foi hegemonizado pelo discurso liberal meritocrático, o que se observa é uma

tentativa de se mostrar vencedor. Essa narrativa também chegou às periferias. Para se livrar da ética de sofrimento do catolicismo das CEB's ou do trabalhador explorado e perdedor, todo discurso passou a ser positivado: o empoderamento das identidades, o consumo de marcas, a teologia da prosperidade. Mesmo rodeada pelas águas sujas das enchentes, ameaçada pela polícia e passando fome, o discurso é o de que a favela venceu. Na fragilidade de um projeto próprio, parcelas das periferias embarcaram no projeto e no discurso dominante.

Preparar as bases de um projeto político formulado nas periferias deve partir da compreensão das potencialidades e das subjetividades de seus moradores, assim como da realidade concreta. Deve se evitar o paternalismo, a comiserção e o coitadismo na mesma medida em que o discurso triunfalista e falsificador da realidade. Ambos não nos ajudam.

## **Desafios para o novo ciclo histórico**

### ***O entrelaçamento de Classe, Gênero e Raça no Território***

Em um país como o Brasil, é impossível dissociar os debates de raça e classe. Separar essas discussões é um discurso liberal, mas que tem ressoado em diversos setores progressistas. Grande parte da classe trabalhadora é negra. Os mais precarizados internamente à classe trabalhadora são negras e negros. Em paralelo, por mais que cada vez mais se estruture no Brasil uma burguesia negra, a grande maioria de negras e negros brasileiros pertence à classe

trabalhadora, é pobre e mora nas periferias urbanas<sup>97</sup>.

A convivência entre negros pobres e brancos pobres nas periferias é um dado demográfico e uma constatação nas *vivências* cotidianas. No entanto, e infelizmente, o compartilhamento do espaço e da classe social não impede que o racismo esteja presente. Brancos pobres não sofrem das diversas formas de racismo cotidiano que diretamente afetam a população negra. Brancos pobres também possuem maiores possibilidades de ascensão social e de inserção no mercado de trabalho. A erradicação do racismo nas periferias passa por uma mobilização ativa da população, de movimentos sociais, coletivos culturais e organizações da sociedade civil. Passa também pela consolidação de uma educação antirracista no âmbito formal e no âmbito informal. No entanto, mesmo que, supostamente, a periferia internamente avance passos consideráveis na erradicação do racismo, ainda assim faltaria mudar as estruturas econômicas da sociedade capitalista que fundamentam o racismo. Como se sabe, o racismo é estrutural. Assim sendo, a racialização dos corpos é um critério imperioso de seletividade no aces-

---

97 No que tange a distribuição racial nas periferias, cabe ressaltar que, segundo o Censo Demográfico de 2010 (muito ultrapassado, porém único disponível sobre o assunto), a população do município de São Paulo naquele ano era de 11.253.503. Desse total, 3.433.281 se autodeclararam pardos e 736.083 se autodeclararam pretos, totalizando 4.169.364 negros na cidade de São Paulo, o que representaria pouco mais de 37% da população total do município. De acordo com a divisão proposta neste livro, a cidade de São Paulo se divide em quatro grandes padrões territoriais: centro tradicional, área central-sudoeste, subúrbios e periferias. A partir dos dados e da divisão territorial proposta, pode-se depreender algumas informações: 51,21 % da população do município vive nas periferias, o que a revela como condição quase que predominante. Se se mantivesse a definição hegemônica de periferia (aquela que inclui os subúrbios dentro das periferias), as periferias perfazeriam 82% da população. Baseando-se na proposta territorial deste livro e nos dados disponíveis, verifica-se que 68,38 % do total da população negra vive nas periferias. No entanto, quando se observa o total da população das periferias, a população negra perfaz 49,49 %. Agradeço a Felipe Duarte Toledo o trabalho de somar a quantidade de população negra distrito por distrito a partir dos dados do Censo do IBGE de 2010. Cabe explicar que, quando finalizada esta soma de distrito por distrito, a quantidade de negras e negros aumentou em quase 2 mil pessoas em relação ao dado apresentado do total da população negra. Para os cálculos utilizados neste livro se utilizou o segundo dado, extraído a partir da soma. Por fim, cabe lembrar que se espera ansiosamente os dados do próximo Censo do IBGE.

so às diversas estruturas sociais. Em momentos de bonança econômica, aumento de empregos e maior possibilidades de ingresso no mercado de trabalho, a classe trabalhadora como um todo aumenta sua participação na estrutura produtiva. No entanto, em momentos de ajustes programados ou crises do capitalismo, com aumento de desemprego e precarização, serão negras e negros os primeiros a serem retirados da estrutura (FERNANDES, 2008). E quanto maior for o ajuste, mais o branco pobre passa a ser afetado também. Em tempos de neoliberalismo, com desemprego em massa, a desorganização da classe trabalhadora fica mais evidente, assim como aumentam as tensões sociais e raciais devido ao menor número de postos de trabalho. Foi assim na década de 1990. É assim atualmente. A busca pelos escassos recursos redundava em uma guerra interna à classe trabalhadora.

Sobre o assunto, cabem algumas considerações. Graças à luta, ao sangue e ao suor de milhões de negras e negros na história deste país, o debate racial ganhou na contemporaneidade uma importância nunca antes vista. Sendo impossível impedir o avanço do debate, setores liberais da sociedade com muito peso e influência trataram de cooptá-lo e, infelizmente, tiveram muito sucesso. A estratégia liberal consiste em pinçar três, quatro ou cinco negros e dar visibilidade aos “eleitos” com o discurso ideológico de “pretos no topo”. Por um lado, vendem a ilusão de que o sistema oferece oportunidades e de que a responsabilidade é individual. Para ter sucesso basta querer. Essa ilusão empurra irmãs negras e irmãos negros à depressão e à culpa quando não conseguem sair da pobreza. Em paralelo, a hipervisibilização do “preto que deu certo” é também uma forma de esconder milhões de negras e negros que seguem morando em favelas, que seguem inseridos em trabalhos precarizados,

que seguem sendo mortos e encarcerados pela polícia.

Por seu lado, ilude-se o branco pobre que aceita as migalhas da burguesia branca aproveitando-se da racialização do mercado de trabalho. Não há saída para o branco pobre a não ser a total ruptura com a burguesia branca, ou estará eternamente condenado ao “privilégio” da servidão. A emancipação do branco pobre só ocorrerá por meio de uma aliança de classe com os negros pobres em defesa de interesses mútuos. É urgente e necessária uma aliança inter-racial e de classe no território<sup>98</sup>.

Com a mesma ênfase é fundamental que se discuta a *experiência* das mulheres moradoras das periferias. Historicamente, as mulheres têm sido protagonistas de movimentos populares responsáveis por uma série de conquistas. Ainda que houvesse a participação de homens, é inegável que quantitativa e qualitativamente a presença das mulheres foi fundamental nesses processos de organização popular. Relacionado a esse processo está a manutenção do cotidiano sem o qual nada existiria, processo este historicamente intitulado como *reprodução da vida*. Cuidados com a família, com os filhos, com o lar, relações com a vizinhança, relações com equipamentos públicos (creches, escolas, postos de saúde) e privados (mercados, feiras etc.) sempre foram protagonizadas por mulheres. Por sua vez, superposto aos cuidados coletivos e à fundamental presença em processos organizativos, as mulheres moradoras das periferias em sua grande maioria auferem renda, seja trabalhando fora (muitas vezes nos mais baixos postos da estrutura econômica ou na informalidade) seja vendendo produtos ou serviços no próprio

---

98 Sobre a necessidade de alianças inter-raciais e de classe, sugere-se a leitura dos livros *Armadilha da identidade* (2019), de Asad Haider; *Lugar de negro, lugar de branco?* (2019), de Douglas Rodrigues Barros (2019) e *Raça, Classe e Revolução* (2020), de Jones Manoel.

bairro<sup>99</sup>. Se a condição da mulher branca pobre moradora de periferia é difícil, a condição da mulher negra pobre moradora de periferia é ainda mais difícil. Na grande maioria dos casos, as famílias negras são mais pobres que as famílias brancas. Às dificuldades materiais advindas da pobreza estruturada pela sociedade de classes soma-se o racismo constitutivo das relações horizontais no próprio território; o racismo estrutural como impeditivo ao acesso a determinados espaços sociais; a preferencial repressão por parte do Estado; ao machismo que mata, reprime e limita, e uma série de outras experiências. A condição da mulher negra, pobre e moradora de periferia é a mais reveladora de como funciona a sociedade. Por meio de sua experiência de múltiplas opressões se escancaram as estruturas sociais. É por isso que quando mulheres negras pobres se movem, toda a estrutura social se move junto (BARBOSA, 2019).

## Três tarefas

### 1. Organizar as quebradas;

Organizar as quebradas tem uma pergunta como pressuposto: qual periferia queremos? Esta pergunta nos leva diretamente a perguntar qual cidade queremos e qual sociedade queremos. Não queremos uma periferia de barbárie, com mortes violentas, espaços interditos e inseguros, com casas apertadas e mal construídas. Não queremos também o modelo high-tech financeirizado dos novos centros urbanos, sem uma viva alma que os percorra, como é o caso da Berrini. Não nos seduz também os nichos culturais, a modinha, os bairros onde tribos usufruem

---

99 Vários trabalhos têm debatido a experiência e a condição da mulher trabalhadora moradora das periferias. Sobre o assunto sugerem-se os livros *Notas Sobre a Fome* (2019), de Helena Silvestre; *Mulheres e Periferias como Fronteiras: o tempo-espaço das moradoras do Conjunto Habitacional José Bonifácio* (2021), de Carolina Freitas e *O ponto zero da revolução* (2019), de Silvia Federici.



a cidade como uma diversão. O estilo Vila Madalena de ser não contempla nossos anseios. As pessoas não se encontram uma vez por semana nas periferias para se divertir: as pessoas moram nesses locais e se encontram todos os dias, às vezes de maneira harmoniosa, às vezes de maneira conflitiva. As pautas de lutas são muitas e os problemas concretos são sempre o melhor ponto de partida. Faltam remédios nos postos de saúde e o ensino público está cada vez mais precarizado. Uma consulta no SUS demora muito e a passagem de ônibus é cara. A polícia tem sempre uma postura intimidatória e o preço dos alimentos não para de subir. Todos esses problemas advindos de uma política de desmonte do Estado e pelas leis do mercado são caminhos para a organização popular. A precariedade da vida também incide diretamente nas relações sociais. Por fim, as periferias não serão salvas por uma ode a ascensão individual, por protagonismos ou políticas de reconhecimento. Para realizar as transformações estruturais que as periferias necessitam será necessária muita participação e organização política.

Na sequência, o texto apresentará duas premissas conceituais de organização das quebradas. Em seguida tratará da proposta das *casas de conselhos*<sup>100</sup>.

## O Bem estar geral

A organização popular e política no território periférico deve também internalizar que toda luta é a luta de cada um, e se mobilizar contra todos os tipos de opressões. A premissa é o

---

100 As propostas aqui apresentadas estão descritas de maneira aprofundada no artigo “A urgência de organizar as periferias em tempos de crises”, escrito por Tiaraju D’Andrea, Arisleni Santos, Brenda da Silva, Denise Bergamo e Felipe Duarte. O artigo se insere em um esforço coletivo realizado pelo Centro de Estudos Periféricos de formular reflexões e propostas para a melhoria das condições de vida nas periferias. Esse esforço resultou nos onze artigos que compõem o livro *Reflexões Periféricas: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas*, publicado pela Dandara Editora no ano de 2021.

*bem estar geral*<sup>101</sup>. Desse modo, a organização no território deve ter como pressuposto a luta antirracista, a luta antipatriarcal, a luta pelos direitos da população lgbtqi+, assim como deve defender e se aliar com indígenas, imigrantes e refugiados. As pautas ecológica e do meio ambiente também devem ser prioridades. O *bem estar geral* pressupõe que todes devem ser responsáveis pelo bem estar de todes.

### A equidade radical

O pressuposto da equidade radical é a igualdade entre os seres humanos no âmbito econômico e a defesa das diversidades culturais. Luta-se por uma equidade radical nos espaços periféricos e também pela não hierarquização entre os territórios da cidade e da sociedade. O fim das desigualdades territoriais é uma pauta mobilizadora que ocorre em conjunto com a equidade radical entre homens e mulheres, entre negros e brancos e pressupõe o desaparecimento das classes sociais e da exploração no mundo do trabalho.

### Casas de Conselhos

As Casas de Conselhos são espaços pensados para a sociabilidade, o encontro, a partilha e a permanência. São locais de acolhimento, de proteção e de fortalecimento dos laços sociais. A ideia é de que se transformem em locais de referência para a comunidade. As Casas de Conselhos podem ser montadas em garagens, ocupações culturais, associações de moradores, salões paroquiais ou qualquer outro espaço com uma mínima

---

101 O conceito de *bem-estar geral* foi extraído do samba “Mutirão de amor”, composto por Zeca Pagodinho, Sombrinha e Jorge Aragão, que nos apresenta a seguinte letra nos primeiros versos: “cada um de nós deve saber se impor/e até lutar em prol/do bem estar geral/apagar da mente todo mal pensar/saber se respeitar/se unir pra se encontrar/por isso eu vim propor/um mutirão de amor”.

infraestrutura. Pensada como uma estrela de quatro pontas, as casas de conselho teriam por missão estimular quatro tipos de atividades: materiais, educativas, artísticas e afetivas.

O lado material provê alimentação, roupas, medicamentos, dentre outras necessidades básicas da população. Inspira-se na distribuição de cestas básicas e máscaras pelas redes de solidariedade formadas na pandemia; nos cafés da manhã comunitários instituídos pelos Panteras Negras; nos comedores populares organizados nas periferias argentinas; no Bem Viver dos indígenas bolivianos, nas hortas comunitárias e na economia solidária que já há muito tempo vem sendo estimuladas nas quebradas do Brasil. Sem o provimento das necessidades materiais é difícil realizar qualquer tipo de vínculo com a população mais pobre e efetivar um projeto político duradouro no tempo.

O lado educativo, nos pressupostos paulofreireanos, observa a educação como um ato de amor. Desse modo, toda relação social tem sua função pedagógica nos valores e laços que constrói. Concomitantemente, o lado educativo das Casas de Conselhos propõe cursos, debates, conversas, filmes, dentre outros possíveis suportes pedagógicos, para estimular o conhecimento sobre nossa realidade social. Sugere-se também a criação de bibliotecas comunitárias e o estímulo à leitura.

O lado artístico pressupõe o incentivo a toda e qualquer atividade artística. A arte estimula a criatividade, humaniza os seres humanos e contribui para a expressão das *subjetividades*. A arte tem contribuído para a criação de novas formas de fazer e pensar a política. As batucadas populares organizadas nas quebradas, por exemplo, têm sido uma atividade de grande potência.

O lado afetivo pressupõe que nenhuma atividade humana vale sem o afeto. Nesse sentido, as Casas de Conselho devem estimular a periferia como espaço do sentido coletivo, da ajuda mútua,

do pertencimento e do comum. Em uma sociedade que induz à competição, ao individualismo e ao consumismo, a solidariedade, o cuidado e a reconstrução dos laços sociais devem ser a tônica. Hoje, como sempre, o afeto é revolucionário.

Por fim, cabe novamente destacar, a organização nos bairros deve estar inserida em uma atuação política e organizativa em rede que una várias quebradas e que pretenda, por fim, incidir na macroestrutura do país. É tarefa de *sujeitas e sujeitos periféricos* serem os protagonistas desta organização das quebradas, colocando a serviço do povo a arte, a criatividade, a inteligência e a prática política que caracteriza esta geração.

## 2. Reorganizar as esquerdas;

Em um comício ocorrido às vésperas do segundo turno da eleição de 2018, Mano Brown sentenciou: a esquerda se afastou das periferias. Naquele momento, o rapper vocalizava um fato sentido já há muito tempo. Por um lado, parcelas da esquerda apostaram suas fichas em ganhar eleições e em ocupar cargos dentro da máquina pública. Por outro lado, um setor elitista da esquerda seguia em abstrações teóricas atribuindo a si mesma a capacidade de conduzir as massas. Ao mesmo tempo, um amplo setor da esquerda de caráter popular seguiu organizando a população das quebradas durante os últimos vinte anos, com seus erros e seus acertos. Essa organização se expressa no movimento de moradia, nos saraus, nas batucadas, nos cursinhos populares, nos sindicatos, na igreja progressista, dentre inúmeras iniciativas. Mesmo com toda essa mobilização, o pensamento reacionário ganhou espaço nas quebradas. No entanto, essa derrota histórica não quer dizer que tenha faltado trabalho de base. Infelizmente setores de classe média da esquerda, com pouca ou nenhuma relação com as quebradas, fizeram essa leitura da “falta de trabalho

de base”, leitura esta que se tornou hegemônica. Cabe lembrar que, talvez, onde falte “trabalho de base” seja em algum desses setores, que querem ser revolucionários, mas não sabem andar de metrô. A classe trabalhadora está cansada de ter que ficar ensinando tudo.

Cabe lembrar que “esquerda” é um termo amplo e que tem suas contradições internas. Assumir o termo é importante. Ser de esquerda é, na essência, lutar por justiça social, contra as desigualdades e para que todo ser humano seja livre. No entanto, como o termo ficou marcado por representar uma pequena-burguesia ilustrada, muita gente se afastou dele. É tarefa histórica ampliar o significado de ser de “esquerda” para amplos setores da sociedade. Para isso é necessário superar o elitismo de parcelas da esquerda. Para tanto, é necessário seguir avançando no projeto teórico e prático do marxismo favelado. O marxismo favelado é necessariamente antipatriarcal, antirracista e anti-imperialista, e propõe uma análise da totalidade da sociedade na qual a interpretação começa dos espaços periféricos das grandes cidades. O marxismo favelado não nega os avanços teóricos e científicos de toda a humanidade. Pelo contrário, os incorpora na medida em que faça sentido para as lutas de cada local e na sua relação com o global. O marxismo favelado é potente, na medida em que é chave analítica das contradições da sociedade ao mesmo tempo em que se torna ferramenta prática de produção de luta.

Reorganizar as esquerdas passa por superar as perspectivas eleitoreiras e reformistas, ainda que, quanto mais progressista for o governo, melhor é, pois pressupõe e possibilita uma margem política maior. No entanto, em qualquer circunstância, os movimentos sociais e populares devem manter sua autonomia organizativa. Reorganizar as esquerdas pressupõe formar um amplo movimento que una todas as quebradas precarizadas e

todos os setores da classe trabalhadora. O sectarismo em nada nos ajuda. Pressupõe também uma ética de justiça baseada nos valores, na sabedoria e nas *experiências* acumuladas de luta do povo brasileiro. Ser de esquerda é defender pressupostos, ideias e valores. Desse modo, há uma amplitude de setores sociais que podem e devem invocar pertença a esse espectro político. No entanto, seria salutar para os necessários processos de transformações das estruturas sociais de nosso país que a condução política desses processos fosse realizada por *sujeitas e sujeitos periféricos*, moradores das periferias urbanas brasileiras, que são os locais onde vive a maioria da população. Estas *sujeitas e sujeitos periféricos*, com sólida *vivência* na quebrada, conhecimento dos procedimentos e capacidade de teorização, são intelectuais orgânicos que formam o elo necessário para a consolidação de uma frente de massas à esquerda. Os desafios são muitos. Há que se reconstruir o país, pois o pensamento e a ação política reacionária cresceram muito nos últimos anos.

### **3. Vencer o projeto político neoliberal;**

O neoliberalismo se impôs enquanto projeto societário porque conseguiu convencer corações e mentes de que seu projeto era o melhor. Desse modo, convenceu amplas parcelas das quebradas de que era melhor pagar um plano de saúde barato do que defender o SUS, de que a escola pública não compensava, de que o carro era o verdadeiro símbolo de status e de que tonar-se patrão de si próprio seria a saída para o desemprego. Por meio da ideologia da violência, também convenceu muita gente de que a redução da maioridade penal era necessária, que bandido bom era bandido morto e que o pessoal dos direitos humanos defendia vagabundo. Assim como o capitalismo brasileiro necessitou da ditadura militar para impor seu projeto sem resistência, o ajuste

programado pelo projeto neoliberal contemporâneo necessita do fascismo para criminalizar e perseguir quem o contesta. Ambos os projetos andam de mão dadas.

O projeto neoliberal (e fascista) se ergueu também por causa de uma poderosa máquina de propaganda financiada por agências estrangeiras e nacionais que pagaram grupos políticos, ONGs e personalidades, enfatizando a propaganda nas redes como meio principal da disseminação de fake news, discursos de ódio, ideologia da violência e negacionismo, dentre outras bandeiras. Também se disseminou nas quebradas por meio de produtoras de conteúdos de direita, que entraram nas favelas e grandes redes de televisão com conteúdo fundamentalista.

Romper essa estrutura pressupõe a organização e a união na quebrada. A palavra do vizinho bem informado e bem formado politicamente deve valer mais do que o meme do zap. A conversa na beira de campo deve valer mais do que o vídeo editado com mentiras. A luta é cotidiana. Para quem está de fato na quebrada, o “trabalho de base” se faz todo dia e toda hora. No entanto, fazer este enfrentamento ideológico no território requer também estrutura. Neste ponto, setores da esquerda mais bem posicionados podem auxiliar.

Juntamente ao trabalho cotidiano de organização das quebradas, *sujeitas e sujeitos periféricos* tem contribuído muito e podem contribuir ainda mais na organização da cultura, com base nos termos gramscianos. Desse modo, é necessário ampliar uma frente progressista de batalha das ideias que envolva publicação de livros, fundação de editoras, filmes, músicas, canais de televisão, forma-

ção de youtubers e de conteúdo para ocupar as redes sociais<sup>102</sup>.

### **A construção do futuro a partir das periferias por meio da tríade vivência, teoria e projeto**

Um projeto político elaborado por *sujeitas e sujeitos periféricos* deve levar em conta, pelo menos, três elementos que se superpõem, se entrelaçam e só fazem sentido em conjunto.

#### **Vivência**

O primeiro elemento é a *vivência*, compreendida como somatório de situações internalizadas por um indivíduo a partir de modos de vida próprios e particulares das periferias urbanas das grandes cidades. O aprendizado a partir das *vivências* se transforma em *experiência*, que é a *vivência* historicizada. Essa *experiência* produz a capacidade de compreender práticas específicas e produção de imaginários. A *vivência*, enquanto compreensão de modos de vida, é elemento fundamental e indispensável para a leitura do mundo e construção de um projeto. No entanto, só a *vivência* não nos salvará.

#### **Teoria**

Faz-se necessário construir uma teoria que parta da *vivência* ao mesmo tempo que explique quais são os arranjos estruturais que produzem aquelas *vivências*. Desse modo, enfatiza-se a produção de uma teoria que parta desde onde os pés vivem e que ao mesmo tempo explique porque os pés vivem de dada maneira. Uma teoria que não seja uma composição abstrata oriunda de outros

---

102 Além do trabalho ideológico realizado por poetas, rappers e artistas, como já apontado no decorrer deste livro, cabe destacar o trabalho atual de pensadoras e pensadores que fazem das redes sociais, um terreno ocupado pela direita, sua principal trincheira de ação. Desse modo, cabe lembrar e aprender com a dedicação de Laura Sabino, Chavoso da USP, Sabrina Fernandes, Galo de Luta, Rita Von Hunty, Jones Manoel, Leticia Parks, Funkeiros Cults, DimitraVulcana, Juliane Furno, dentre outros produtores de conteúdo de esquerda na internet.



setores sociais e pretende encaixar a realidade em um sistema pré-dado, mas que, por outro lado, não glorifique o empirismo. A essa produção de conhecimento organizada em uma teoria que parte da *vivência* e da *experiência* para explicar o mundo conceituamos aqui como *epistemologia periférica*.

## Projeto

Se olhado em perspectiva histórica, nos últimos trinta anos a tarefa das *sujeitas e dos sujeitos periféricos* foi a de contribuir para a compreensão de nossas origens, de uma *identidade* e de uma *consciência de pertencimento* a um território baseada em *experiências* comuns e compartilhadas. Com um melhor entendimento de quem somos, agora necessitamos saber o que queremos, agora necessitamos saber para onde vamos.

Transformar as periferias passa necessariamente por transformar o mundo, começando pelas periferias. É necessário reconstruir o país da catástrofe neoliberal. A tarefa é enorme, mas quem disse que seria fácil? Para essa grande mudança será necessário o engajamento de grande número de pessoas. Precisamos de um movimento de massa onde a classe seja a protagonista, composta por uma variedade de agentes dispostos à mudança e irmanados em um projeto comum anticapitalista, antipatriarcal e antirracista. Nessa tarefa serão necessárias mulheres e homens, negros e brancos, jovens e velhos, LGBTs e heterossexuais. Essas *sujeitas e sujeitos periféricos*, que fazem a história em condições não escolhidas, começarão pelas periferias urbanas e tomarão todo o país, sendo as protagonistas do novo ciclo que se inicia.

## Síntese do livro

O neoliberalismo implementado no Brasil a partir da década de 1990 provocou desemprego, aumento da pobreza, da violência e um genocídio passou a ser perpetrado contra moradores das

periferias, principalmente contra jovens negros.

Resultante desse processo, também há uma crise dos partidos políticos, dos movimentos populares e dos sindicatos. Muitos jovens das periferias urbanas passam a se organizar politicamente em coletivos culturais e artísticos. As atividades artísticas também contribuíram para superar o contexto de violência e estigma sobre as periferias.

A partir dos anos 2000, os coletivos passam a ter recursos financeiros oriundos do Estado, isso os fez crescer. Nesse momento histórico também há um aumento de moradoras e moradores das periferias, fundamentalmente jovens, que ingressam nas universidades. Estas moradoras e moradores das periferias buscam ressemantizar o conceito *periferia*, incomodados com a maneira como eram definidos, assim como seus espaços. Para tanto, tomam o conceito em suas próprias mãos. Essa tomada de posição também faz parte de um processo de contar a própria história. *Periferia* vira um conceito político e as *subjetividades periféricas* se tornam *sujeitas e sujeitos periféricos*.

Com a chegada ao governo do pensamento reacionário, em 2016, houve um ataque político e financeiro aos coletivos culturais. Também diminui o acesso de jovens das periferias nas universidades. Resultante da fusão entre neoliberalismo e fascismo, o país acumula uma série de crises, penalizando principalmente os mais pobres. A pandemia arrasa ainda mais as quebradas. A classe trabalhadora havia sofrido uma derrota histórica. *Sujeitas e sujeitos periféricos* percebem que a questão não é só uma disputa de narrativa. O problema não é só lutar para contar uma história. A questão principal é fazer a história. Passam então a aprofundar a organização política em vários âmbitos: partidos, movimentos e coletivos. Nesse processo, percebem que é necessário formular um projeto político que pense e mude o país a partir das quebradas.



## Referências Bibliográficas

ADÃO, Claudia Rosalina. *Territórios de Morte: Homicídio, Raça e Vulnerabilidade Social na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

ALMEIDA, Renato & JESUS, Marcello. “Desafios para a Cultura de Periferia na cidade de São Paulo”. In D’ANDREA, Tiaraju (Org.). *Reflexões Periféricas: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas*. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

ALMEIDA, Renato. *Juventude e Participação: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo*. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). São Paulo: PUC/SP, 2009.

\_\_\_\_\_. “Culturas de Periferia na Periferia”. In: *Le Monde Diplomatique Brasil*, Ano 5. Edição 49. Agosto, 2011.

ALMEIDA, Ronaldo & D’ANDREA, Tiaraju. “Estrutura de Oportunidades em uma Favela de São Paulo” In: Marques, Eduardo & Torres, Haroldo. (orgs.) *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

\_\_\_\_\_. & D’ANDREA, Tiaraju. “Pobreza e Redes Sociais em uma Favela Paulistana” In: *Revista Novos Estudos*, São Paulo: Cebrap, n° 68, mar, 2004.

\_\_\_\_\_. & DE LUCCA, Daniel. “Situações Periféricas: Etnografia Comparada de Pobrezas Urbanas” In: *Revista Novos Estudos*, São Paulo: Cebrap, n° 82, nov., 2008.

\_\_\_\_\_. “Pluralismo Religioso e Espaço Metropolitano”. In: MAFRA, Clara & ALMEIDA, Ronaldo. (orgs.) *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

ALMEIDA, Silvio. “Prefácio da edição brasileira”. In: HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida ao Programa Roda Viva da TV Cultura. São Paulo. 22/06/2020. <https://www.youtube.com/watch?v=L15AkiNmoIw>

ARANTES, Paulo. “Documentos de cultura, documentos de barbárie”. In: ARANTES, Paulo. *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. “Esquerda e direita no espelho das ONG’s”. In: ARANTES, Paulo. *Zero à Esquerda*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

ARANTES, Pedro. “Em Busca do Urbano”. In: *Revista Novos Estudos*, São Paulo, nº 83, março de 2009.

AZEVEDO, Jô& BARLETTA, Jacy. “O CEDEM e os documentos dos clubes de mães da região Sul (SP)”. *Cadernos Cedem*, Marília, v. 2, n. 2, p. 133-146, 2011.

BARBOSA, Eliete Edwiges. *Negras Lideranças Mulheres ativistas da periferia de São Paulo*. São Paulo: Editora Dandara, 2019.

BARLETTA, Maria Célia Tanus. *O Caso do Instituto de Cidadania Empresarial: um estudo sobre a lógica, o imaginário e o discurso empresarial face à ação social de caráter público*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

BARROS, Douglas. *Lugar de negro, lugar de branco? Esboço para uma crítica à metafísica racial*. São Paulo: Editora Hedra, 2019.

\_\_\_\_\_. “A crítica da Metafísica Racial”. Entrevista concedida ao Podcast *Ontocast*. Wenderson Ribeiro, Natan Oliveira, Gabriel Carvalho recebem Douglas Rodrigues Barros. 05/02/2021.

BEAUD, Stéphane & PIALOUX, Michel. *Retorno à Condição Operária*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009

BIONDI, Karina. *Proibido roubar na quebrada*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.

\_\_\_\_\_. & MARQUES, Adalton. “Memória e historicidade em dois ‘comandos’ prisionais”. In: *Lua Nova*, v. 79, p. 39-70, 2010.

BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade/Fapesp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Distinção*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. “Esboço de uma teoria da prática” In ORTIZ, Renato (Org.) FERNANDES, Florestan (Coord.). *Pierre Bourdieu Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Editora Ática, 1983.

BRITO, Gisele. *Depois que o barro acaba: cultura e novas utopias nas periferias de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2021.

CAMARGO, Cândido et al. *São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza*. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia. A Longa Busca da Cidadania*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2006.

CASTELLS, Manuel (org.). *Imperialismo y Urbanización en América Latina*. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

\_\_\_\_\_. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CHAMONE, Aline Maria Macedo. *Um estudo sobre os Saraus da Periferia: espaços para “aprender na amizade e na liberdade”*. Dissertação de Mestrado. FE/USP, 2016.

CORREIA, Ana Paula. *Mulheres da Periferia em movimento: um estudo sobre outras trajetórias do feminismo*. Dissertação (mestrado) em Ciências Sociais. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2015.

D’ANDREA, Tiaraju (org.). *Reflexões Periféricas: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas*. São Paulo: Editora Dandara/Centro de Estudos Periféricos, 2021.

\_\_\_\_\_. *40 ideias de Periferia: história, conjuntura e pós-pandemia*. São Paulo: Dandara Editora, 2020.

\_\_\_\_\_. “Contribuições para a definição dos conceitos *periferia* e *sujeitas* e *sujeitos periféricos*”. *Revista Novos Estudos Cebrap*, n 116, 2020a.

\_\_\_\_\_. “Paraisópolis: expressão visceral das relações de classe no Brasil”. <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/595191-paraisopolis-e-uma-expressao-visceral-das-relacoes-de-classe-no-brasil-entrevista-especial-com-tiaraju-d-andrea-2>. Instituto Humanitas/Unisinos, 2019.

\_\_\_\_\_. “As escolas de samba pensam o Brasil”. In: [www.blog-daboitempo.com.br](http://www.blog-daboitempo.com.br), 2019

\_\_\_\_\_. “Breves comentários sobre os sambas enredos do carnaval 2017 no Rio”, In: [https://noisy.vice.com/pt\\_br/article/ae38j/sambas-enredos-2017](https://noisy.vice.com/pt_br/article/ae38j/sambas-enredos-2017), 2017.

\_\_\_\_\_. “Fim de Semana no Parque: Vinte Anos”. In: *Le Monde Diplomatique Brasil*, v. 7, p. 37-37, 2013.

\_\_\_\_\_. “De la pérdida al caos: representaciones de la ciudad de São Paulo en el samba y en el rap”. In *Boletín Música*, v. 31, p. 26-40, La Habana: Casa de las Américas, 2012.

\_\_\_\_\_. “O Real Panorama da Pólis: conflitos na produção do espaço em favelas localizadas em bairros de elite de São Paulo” In: *Pós FAUUSP* v.19 n.31. São Paulo, 2012b.

\_\_\_\_\_. “Ciudades em conflicto y sus representaciones: tópicos sobre la organización popular en dos contextos latinoamericanos. Texto não publicado”. Apresentado no *XXIX LASA Congress*, 2010.

\_\_\_\_\_. *Nas tramas da segregação: o Real Panorama da Pólis*. Dissertação (Mestrado) em Sociologia. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

\_\_\_\_\_. “Visões de Paraisópolis: violência, mídia e representações”. In: *Revista Sexta-Feira* nº 8 *Periferia*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

\_\_\_\_\_. *Redes Sociais em Cidade Tiradentes*. São Paulo: relatório, Cebrap/Finep, 2005.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DURHAM, Eunice. “A sociedade vista da periferia”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n 1, v.1, São Paulo: Anpocs, 1986 (a).



\_\_\_\_\_. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas”. In: Cardoso, Ruth (org). *A Aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1986 (b).

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

EDI ROCK. “O que a gente faz é música negra”. Entrevista concedida a Moncau, Gabriela. In: *Revista Caros Amigos*, nº 181, p. 38-40, abril, 2012.

FELTRAN, Gabriel. *Irmãos: Uma História do PCC*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. *Fronteiras de Tensão. Política e Violência nas Periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp: CEM: Cebrap, 2011.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FERREIRA, Maria Inês Caetano. *Trajetórias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite da Capital paulista*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

FERREIRA, Joelson & FELICIO, Erahsto. *Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil*. Arataca (BA): Teia dos Povos, 2021.

FÓRUM DE CULTURA DA ZONA LESTE. *Nem um passo atrás/ Fórum de Cultura da Zona Leste*. São Paulo: Forma Certa Gráfica Digital, 2019.

FREITAS, Carolina. *Mulheres e Periferias como fronteiras: o tempo-espaço das moradoras do Conjunto Habitacional José Bonifácio*. São Paulo: FAUUSP, 2021 (Coleção Caramelo).

FRÚGOLI, Heitor. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. *Revista de Antropologia*, v 48, n 1, São Paulo: USP, 2005.

FUKUYAMA, Francis. *Confiança. Valores Sociais e Criação de Prosperidade*. Lisboa: Gradiva, 1996.

GARCIA, Walter. “O novo caminho de Edi Rock”. In: *Le Monde Diplomatique Brasil*, v. 7, p. 36-36, 2013.

GARLAND, David. “As Contradições da Sociedade Punitiva: o Caso Britânico” In: *Revista de Sociologia e Política*, n° 13, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, novembro de 1999.

GODOI, Rafael. *Fluxos em Cadeia: As Prisões em São Paulo na Virada dos Tempos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

GODOI, Rafael. “Prisão, periferia e seus vasos comunicantes em tempos de encarceramento em massa”. Texto apresentado no seminário Crime, violência e cidade. São Paulo: FFLCH-USP, 2009.

GOES, Weber Lopes. *Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl*. São Paulo: Liber Ars, 2018.

GRAZIA, Giuseppina. “O Movimento Operário e as Associações de Trabalhadores de São Paulo”. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.25/26, p.133-147, 20 sem. de 2010 e 10 sem. de 2011.

HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

HALL, Stuart; CRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, Jhon & ROBERTS, Brian. *Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order*. Basingstoke: PalgraveMacmillan, 2013

HIRATA, Daniel. *Sobreviver na Adversidade: Entre o Mercado e a Vida*. Tese (Doutorado) em Sociologia. São Paulo: FFLCH/USP, 2010.

\_\_\_\_\_. “Vida Loka”. In: CABANES, Robert; GEORGES, Isabel; RIZEK, Cibele; TELLES, Vera (Orgs). *Saídas de Emergência*. São Paulo: Boitempo, 2011.

JESUS, Marcello Nascimento de. *A margem da cultura: o conceito de periferia na aplicação da lei 16.496/2016 em São Paulo-SP*. Monografia em Geografia. Instituto Federal de São Paulo, 2017.

IBGE. *Censo Demográfico Brasileiro de 2010*. <https://censo2010.ibge.gov.br/>

KOGA, Dirce. “Construção de conhecimento em Serviço Social: embates a partir do território de vivência” In ARREGUI, Carola & KOGA, Dirce (Orgs.). *Construção de Conhecimentos em Serviço Social: entre periferias, territorialidades, narrativas, experiências e cartografias*. São Paulo: EDUC, 2021.

KEHL, Maria Rita. *A fratria órfã*. São Paulo: Olho D’água, 2008.

KOWARICK, Lúcio. *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. (org. 1979).

\_\_\_\_\_. *Escritos Urbanos*. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. e MARQUES, Eduardo (orgs.). *São Paulo: novos percursos e atores. Sociedade, Cultura e Política*. São Paulo: Ed. 34; Centro de Estudos da Metrópole, 2011.

LIMA DA SILVA, Livia. *A literatura fora do lugar: a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) em Estudos Culturais. São Paulo: EACH/USP, 2016.

LOPES, Charleston. *Racionais MC's: do denunciamento deslocado à virada crítica (1990-2006)*. São Paulo: FFLCH/USP, 2015. (dissertação de mestrado em literatura brasileira).

MAGALHÃES, José César. *O Mercado da Dádiva: Formas Biopolíticas de um Controle das Populações Periféricas Urbanas*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

MAIA, Harika Merisse. *Grupos, redes e manifestações: a emergência dos agrupamentos juvenis nas periferias de São Paulo*. Tese (Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais – PUC/SP, 2014.

MANOEL, Jones & LANDI, Gabriel. *Revolução Africana: uma antologia do pensamento marxista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

\_\_\_\_\_. *Raça, Classe, Revolução. A luta pelo poder popular nos Estados Unidos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MARICATO, Ermínia (org.). *A produção da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Editora Alfa – Omega, 1982. (orig. 1979).

MARQUES, Eduardo. “Os espaços sociais na metrópole nos 2000” In: *A Metrópole de São Paulo no Século XXI: Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades*. São Paulo: Editora Unesp/Centro de Estudos da Metrópole, 2015.

\_\_\_\_\_. *Redes Sociais, Segregação e Pobreza*. São Paulo: Editora Unesp/Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

\_\_\_\_\_ & TORRES, Haroldo. *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MARTINS, Denis de Paula Carvalho. *Vidas nuas e necropolítica no distrito do Jardim Ângela (São Paulo, Brasil): desigualdade, racismo e genocídio no território*. Tese (Mestrado). Faculdade de Artes e Ciências Humanas - USP, 2019.

MARTINS, José de Souza. “Depoimento”. In: *Espaço & Debates*, n 42, Periferia Revisitada. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 2001. p. 75 a 84.

MEDEIROS, Jonas. “Conhecimento situado, gênero e raça: Uma experiência de campo na zona leste de São Paulo”. In: *Plural Revista de Ciências Sociais*. v.26 n° 1 | ISSN 2176-8099 | primeiro semestre de 2019.

MERKLEN, Denis. *Pourquoi brûle-t-on des bibliothèques?*. Villeurbanne : Presses de l'enssib, 2013

MILLER, Peter; ROSE, Nikolas. *Governing the present. Administering Economic, Social and Personal Life*. Polity Press: Cambridge, 2008.

MONTEIRO, Thiago Nunes. *Como pode um povo vivo viver nesta carestia: O Movimento do Custo de Vida em São Paulo (1973-1982)*. Humanitas-Fapesp: São Paulo, 2017.

MORAIS, Ana Cristina da Silva. *Periferias: do ativismo a militância*. Trabalho final de Graduação, FAU - USP, 2018.

NÓS MULHERES DAS PERIFERIAS. “Manifesto”. In: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br/manifesto/>. Acessado em 01/08/2019.

NÚCLEO TEATRAL FILHAS DA DITA. <https://www.facebook.com/Filhas.da.Dita/>

OLIVEIRA, Francisco. *Crítica a Razão Dualista. O ornitórrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Acauam. “O evangelho marginal dos Racionais MC’s”. In: Racionais MC’s. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Dennis de (Org). *Periferias Insurgentes: ações culturais de jovens nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021.

\_\_\_\_\_. *Racismo Estrutural: Uma Perspectiva Histórico-Crítica*. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PEÇANHA, Érika. *É tudo nosso! Produção Cultural na Periferia Paulistana*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo. FFLCH-USP, 2011.

\_\_\_\_\_. *Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: USP, 2006.

PEREIRA, Alexandre. *A maior zoeira. Experiências juvenis na periferia de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: USP, 2010.

POCHMANN, Marcio. *Nova Classe Média? O Trabalho na Base da Pirâmide Social Brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2012.

RACIONAIS MC’s. *Sobrevivendo no Inferno/Racionais MC’s*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RAIMUNDO, Silvia Lopes. *Território, Cultura e Política: movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada*. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

RAMOS, Izabela Nalio. *Entre “perifeminas” e “minas de artilharia”:* participação e identidades de mulheres no hip hop e no funk. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, 2016.

RESENDE, Juliana. “Racionais MC’s vão além da negritude”. Periódico não encontrado, 1993.

RIBEIRO, Fabiana Valdoski. *A produção do lugar na periferia paulistana*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

RIBEIRO JR, Amaury. *A Privatária Tucana*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

RIZEK, Cibele. “Práticas Culturais e Ações Sociais: Novas Formas de Gestão da Pobreza”. In: *Cadernos PPG-AU*. Ano 10. Número Especial. Capes/MINC/FAU/UFBA, 2011. p. 127-142.

\_\_\_\_\_. “FACES DO LULISMO: políticas de cultura e cotidiano na periferia de São Paulo”. In: SINGER, André & LOUREIRO, Isabel (Orgs.) *As Contradições do Lulismo: a que ponto chegamos?*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

ROVIDA, Maria. *Jornalismo das Periferias: o diálogo social nas bordas urbanas*. Curitiba: Editora CRV, 2020.

SADER, Éder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALLES, Paula Ribeiro. *CPV: História. Documentação e Comunicação Popular*. São Paulo, 1 edição, 2020.

SCIRÉ, Rachel. *Ginga no Asfalto: figuras de marginalidade nos sambas de Germano Mathias e nos raps do Racionais MC's*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019. (Dissertação de Mestrado em Filosofia/Estudos Brasileiros).

SECCO, Lincoln. *História do PT. 1978-2010*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

SILVA, Brenda da. “*Faz isso por nós, faz essa por nós*”: reflexões sobre a periferia como sistema cultural e a universidade pública contemporânea”. Dissertação (Mestrado) em Mudança Social e Participação Política. São Paulo: EACH/USP, 2019.

SILVA, Kaio; SILVA, Rafael e PEÇANHA, Érica. “Recomendações para projetos acadêmicos em periferias e favelas: considerações a partir do censo realizado pelo IEA-USP”. Trabalho apresentado no 1 Congresso de Cultura e Extensão da USP, 2021.

SILVESTRE, Helena. *Notas Sobre a Fome*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

TELLES, Vera da Silva. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

TELLES, Edward. O significado da raça na sociedade brasileira. 2012 (2004). Disponível em: <http://www.princeton.edu/sociology/faculty/telles>.

THOMPSON, Edward Palmer. *Tradicón, revuelta y conciencia de clase*. Barcelona, Editorial Critica, 1979.



\_\_\_\_\_. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3 Volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOMMASI, Lúvia. *Empreendedorismo e ativismo cultural nas periferias brasileiras*. Hermes. Journal of Communication. 13, 167-196, 2018. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it>.

\_\_\_\_\_. “Culturas de Periferia: Entre o Mercado, Os Dispositivos de Gestão e o Agir Político.” *Anais do XVIII Congresso da ALAS* (Associação Latinoamericana de Sociologia). Buenos Aires: ALAS, 2011.

\_\_\_\_\_ & VELAZCO, Dafne. “A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária”. *Anais do 35º Encontro Anual da ANPOCS*. São Paulo: Anpocs, 2011.

TORRES, Haroldo. “A Fronteira Paulistana”. In: *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

VAL, Ana Paula do. “Economia da Cultura Comum”. In: *Teoria e Debate*, Edição 101. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2012.

VARELLA, Drauzio. *Prisioneiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *Carcereiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WACQUANT, Loic. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. “O lugar da prisão na nova administração da pobreza”. In: *Revista Novos Estudos*, n° 80, 2008b, p. 9-19.

\_\_\_\_\_. *Parias Urbains*. Paris: Éditions La Découverte, 2006.

\_\_\_\_\_. *As Prisões da Miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

YÚDICE, George. *El Recurso de la Cultura. Usos de la cultura en la era global*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ e Revan, 1994.

ZENI, Bruno. “O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva”. In: *Revista Estudos Avançados*, v 18, n° 50, São Paulo, 2004.

### **Álbuns consultados**

GOG. *Dia-a-dia da periferia*, 1994.

RACIONAIS MC´S. *Holocausto Urbano*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

\_\_\_\_\_. *Escolha Seu Caminho*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1992.

\_\_\_\_\_. *Raio-X Brasil*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993.

\_\_\_\_\_. *Racionais MC´s* (coletânea). São Paulo: Zimbabwe Records, 1994.

\_\_\_\_\_. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997.

\_\_\_\_\_. *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.

\_\_\_\_\_. *1000 trutas 1000 tretas Racionais MC's*. São Paulo: Ice Blue/Cosa Nostra, 2006.

\_\_\_\_\_. *Racionais MC's 25*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica/Boogie Naípe, 2014.

\_\_\_\_\_. *Cores e Valores*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica/Boogie Naípe, 2014.

VÁRIOS AUTORES. *Coletânea Consciência Black Vol. 1*. São Paulo: Zimbabwe Colors, 1989.

### **Entrevistas realizadas**

DALVA DA SILVA. Aposentada. Branca. Moradora da Vila União, periferia leste de São Paulo. Ao redor dos 70 anos. Militante do movimento popular de saúde, das Comunidades Eclesiais de Base e do Partido dos Trabalhadores entre as décadas de 1970 a 1990. Entrevista concedida ao autor em 2012.

ELAINE MINEIRO. Co-vereadora na Câmara Municipal de São Paulo pela Mandata Quilombo Periférico (PSOL). Negra. Moradora de Cidade Tiradentes, periferia leste de São Paulo. Ao redor dos 38 anos. Militante da UNEAFRO e do Movimento Cultural das Periferias. Atriz, fotógrafa e sambista. Entrevista concedida ao autor em 28/09/2017.

FERNANDO ALVES DA SILVA. Filósofo. Negro. Morador da Vila

União, periferia leste de São Paulo. Ao redor dos 43 anos. Articulador comunitário no futebol de várzea e no samba. Entrevista concedida ao autor em 2011.

Também foram realizadas ao redor de trinta entrevistas com variados níveis de sistematização. Estas entrevistas são citadas no decorrer do texto. Sobre a metodologia destas entrevistas e de sua utilização, ver o item *Procedimentos de Pesquisa* na *Introdução* do livro.

### **Eventos presenciados citados no livro**

*Estéticas da Periferia. Arte e Cultura nas Bordas da Metrópole.* Seminário realizado no Parque do Ibirapuera. Organizadores: Ação Educativa, SESC, PMSF, Embajada de Espanha en Brasil, Centro Cultural da Espanha-SP. 02 a 08/05/2011.

*Turnê Racionais 30 anos.* Show realizado no Credicard Hall, São Paulo. 12/10/2019.

### **Letras de músicas citadas**

JORGE ARAGÃO. “Mutirão de Amor”. Autores: Zeca Pagodinho, Sombrinha e Jorge Aragão. In: CD *Jorge Aragão Ao Vivo Convida*. Gravadora Indie Records, 2002.

TITA REIS. “Sujeito Periférico”. Autores: Tita Reis, Renato Gama e Luciano Carvalho. CD *Sujeito Periférico*. Produção Independente, 2012.

ZECA PAGODINHO. “Deixa a vida me levar”. Autores: Serginho Meriti e Eri do Cais. In: CD *Deixa a vida me levar*. Gravadora Universal Music, 2002.

## **Materiais audiovisuais consultados**

EDI ROCK. *Entrevista concedida a TV UOL*, 2018. Disponível no You Tube.

KL JAY. *Entrevista concedida ao jornalista Alexandre Potascheff para a Trip TV*, 31/10/2016 Disponível no You Tube.

MANO BROWN. *Entrevista em vídeo concedida ao Programa Roda Viva*. São Paulo: TV Cultura, ago/2007.

\_\_\_\_\_. *Entrevista concedida a Revista Trip*, 08/12/2016. Disponível no YouTube.

\_\_\_\_\_. *Entrevista em vídeo concedida ao Programa One RPM live*, 2016. Disponível no YouTube.

\_\_\_\_\_. *Entrevista em vídeo concedida ao jornal Le Monde Diplomatique*. Publicada em 27/02/2018. Disponível no You Tube.

RACIONAIS MC'S. *Entrevista concedida ao Programa VMB*. São Paulo: MTV, 20/08/2012. Disponível no YouTube.

\_\_\_\_\_. *Entrevista concedida ao repórter André Caramante, no Red Bull Music Academy Festival São Paulo*. 05/06/2017. Disponível no YouTube.

\_\_\_\_\_. *Mil Trutas, Mil Tretas*. São Paulo: Cosa Nostra, 2006.

## **Programa televisivo citado**

METRÓPOLIS- TV Cultura, 05/05/2011.

## **Sítios consultados**

[www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br)

[www.soma.am](http://www.soma.am)

[www.yahoo.com.br](http://www.yahoo.com.br). Acessado em 05/11/2012.



Fontes: Sherika e Calluna

Papel: Pólen 80g/m<sup>3</sup>

Impressão: Gráfica Forma Certa



*"Uma importante chave para pesquisadores refletirem sobre o território urbano"*  
Silvia Lopes - Geógrafa

*"Leitura fundamental sobre a periferia produzida por um sujeito periférico"*  
Renato Almeida - Filósofo

*"Essa marcante narrativa contribuiu para a Lei de Fomento à Cultura das Periferias"*  
Monica Gomes - Militante da cultura

*"A tese sujeito periférico foi usada por nós, trabalhadores da Cultura"*  
Fernando Ferrari - Militante da cultura

*"Uma leitura obrigatória para entender a sociedade de hoje!"*  
Harika Maia - Cientista Social

*"Parabéns D'Andrea por nos mostrar algumas saídas"*  
Sandro Oliveira - Sociólogo

*"Uma leitura que mudou tudo pra mim"*  
Brenda Barbosa - Educadora Popular

*"Essa tese elevou nossa autoestima!"*  
Marcello de Jesus - Geógrafo

*"É um conceito vivo, correndo a boca pequena pelas quebradas"*  
Gisele Brito - jornalista

*"Este livro é sobre nós, para nós e com nós"*  
Tita Reis - músico



Menção honrosa no Prêmio de  
Musicologia da Casa de las  
Américas, 2016.  
La Habana, Cuba

ISBN: 978-65-88586-19-8



FUNDAÇÃO  
ROSA  
LUXEMBURGO  
BRASIL E PARAGUAI

DANDARA  
EDITORA

